2 CONGRESSO BRASILEIRO DE PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

CBPVE

SÃO LEOPOLDO
RS

RUBRA COGNITIVA

WWW.VIDEOESTUDANTIL.COM.BR

JOSIAS PEREIRA – ROGÉRIO PERES

ELIANE CANDIDO – Mª JEANE CANDIDO

(ORGANIZADORES)

COLABORADORES

Adailton Fonseca Moreira
Ademir Bandeira Silva
Álvaro Fraga Moreira Benevenuto Jr
Amanda Menger
Ana Patrícia Amorim
Ana Paula Necchi Ribeiro
Andréa Rodrigues da Silva
Benival Vilaça Ferreira Júnior
Camila Cruz da Silva
Camila da Silveira Silvério
Cristiane de Jesus da Cunha Luna
Cristina Domingues Lemos
Diego Comerlato Walter
Enéri Franck Queiroz
Fátima Luciana dos Santos
Gerusa Cristina de Souza
Gregorio Galvão de Albuquerque
Indiara Tainan Passos dos Santos
Jaqueline Antunes da Silva
José Francisco Duran Vieira
Josiane de Moraes Brignol
Karine Ferreira Sanchez
Kelly Bianca Clifford Valença
Koraiça Prince Tessari de Lima
Lidiane Aparecida de Almeida
Luciana Domingues Ramos
Luciana Tubello Caldas
Luciane Benites Hersing
Luiz Claudio Motta Lima
Maira Ferreira
Marcelo Machado
Márcia Cristina Lauermann Jung
Maria Beatriz Dias da Silva Maia Porto
Maria Emília Lubian
Mariana Bueno de Fraga
Mariana Linck Wasum
Marilete Boy Oliveira
Marina Vicentina Ribas Pinto
Marlon Fraga Nunes
Marta de Almeida Oliveira
Maurício Mailan Lange
Meiry Soares da Costa Pereira
Nara Regina Locatelli Schitezky
Neemias de Oliveira Steinle
Nelson Peres Garcia Júnior
Paula Dombkowitsch Arpini
Pedro Henrique dos Santos Bertoldi
Regina Trilho Otero Xavier
Roberto Silva da Silva
Rosa Maria Silva Coitinho
Rozeli Lemos de Melo
Sandra Regina de Freitas Amaral
Tânia Cristina Medeiros Cardoso
Vera Nácia Duarte Franco
Vilsiane Pereira
Yves de Sousa Silva

RUBRA COGNITIVA
2018

Coordenação e Organização
Josias Pereira, Rogério Peres, Eliane Candido, Maria Jeane Candido.

Editora
Rubra Cognitiva

Copyright © 2018
Josias Pereira, Rogério Peres, Eliane Candido, Maria Jeane Candido.

Capa
Rogério Peres

Diagramação
Eliane Candido

Revisão Pedagógica
Eliane Candido e Maria Jeane Candido

ISBN - 978-85-93973-01-7

ANO - 2018

O 2º Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil (CBPVE) realizado em novembro de 2017, na cidade de São Leopoldo, é uma iniciativa da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), do curso de Cinema e Audiovisual e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT). Contou com o apoio e correalização da Coordenação do Curso de Pedagogia e do Curso de Realização Audiovisual da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS).

Todos os direitos reservados.
É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito dos autores.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98
e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

São Leopoldo/RS, 2018.

SUMÁRIO

SEM SALA DE CINEMA, MAS A ESCOLA PRODUZ FILMES HÁ 20 ANOS.....3

DE PROJETO A PROGRAMA: A TRAJETÓRIA DO EDUCAVIDEO - ESCOLA DE CINEMA.....9

A PRODUÇÃO DE CURTAS-METRAGENS COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO.....17

AÇÃO PEDAGÓGICA E A EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....21

DIÁLOGOS ENTRE A ARTE E AS NOVAS TECNOLOGIAS: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DA DISCIPLINA DE ARTES COM PRODUÇÃO DE CURTAS-METRAGENS.....30

A PRÁTICA DE VIDEOAULAS NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA.....33

UM RECORTE TRANSVERSAL ENTRE A PRODUÇÃO DE VÍDEO O ENSINO DA MATEMÁTICA FINANCEIRA NA ESCOLA RURAL.....40

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA EJA: DESAFIO, COMPROMISSO E RECOMPENSA.....48

PROJETO 1, 2, 3: FILMANDO: RESULTADOS E PARCERIAS ENTRE MÍDIAS CONTEMPORÂNEAS E O CURRÍCULO PREVISTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....55

OS JOVENS E O FAZER CINEMA – PROJETO AUDIOVISUAL PARA JOVENS.....58

A PRODUÇÃO AUTORAL DE VÍDEOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E SIGNIFICATIVA.....65

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO DE CURTAS-METRAGENS ACESSÍVEIS AO PÚBLICO SURDO.....75

UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR ENTRE O CINEMA E O PENSAMENTO COMPUTACIONAL: PRODUÇÃO DE ANIMAÇÃO NO SCRATCH.....91

VAMOS FAZER UM FILME? CAMINHOS POSSÍVEIS NA PARCERIA ENTRE PROFESSORA E EQUIPE GESTORA PARA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....97

O JOGO DO MESTRE: CINEMA, EDUCAÇÃO E VERDADE.....104

PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....110

A EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL: O SEU POTENCIAL PEDAGÓGICO E SUA DIMENSÃO POLÍTICO CULTURAL NA FORMAÇÃO DO ALUNO.....117

DA REALIDADE À FICÇÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PRODUÇÃO DE CURTA-METRAGEM.....124

NOSSA ESCOLA FAZ CINEMA–OFICINA LUZ, CÂMERA, GUSMÃO.....132

A LITERATURA COMO ALIADA DO CINEMA ESTUDANTIL.....135

FESTIVAL DE CINEMA ESCOLAR DE ALVORADA: TRAJETÓRIA E DESAFIOS.....140

O AUDIOVISUAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM AS TURMAS DE ALUNOS DAS CLASSES ESPECIAIS.....143

RELATO DE EXPERIÊNCIA.....146

AÇÃO! VALORIZANDO AS PEQUENAS COISAS EM BUSCA DE UM FUTURO MAIS SOLIDÁRIO.....149

UMA PROPOSIÇÃO DIDÁTICA: CIÊNCIAS NA TELA - UMA ALTERNATIVA COM VÍDEOS NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS.....153

REDESCOBRINDO A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHARES EM AÇÃO.....161

PRODUÇÃO AUTÔNOMA DE CINEMA NA SALA DE AULA EM ESCOLA PÚBLICA..168

A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE: PASSOS PARA UM MUNDO MELHOR.....171

PROGRAMA ULBRA FOME DE LER INCENTIVANDO A LEITURA ATRAVÉS DAS MÍDIAS DIGITAIS.....175

RELEITURA, DISCUSSÃO, ADAPTAÇÃO E TEATRO DE SOMBRAS SOBRE O TEXTO "UM CASO DE AMOR OU UMA TRAGÉDIA MATEMÁTICA".....177

OLHE EM DIVERSOS ÂNGULOS FILME GRAVADO EM 2017 - TURMAS: 7A2 E 8A2 (SÉTIMO E OITAVO ANO).....180

AMOR E AMIZADE FILME GRAVADO EM 2017 – TURMA 8A1 (OITAVO ANO).....184

TUDO POR UM MOMENTO FILME GRAVADO EM 2017 – TURMAS 9A1 (NONO ANO).....187

O REFLEXO DO RECURSO AUDIOVISUAL NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....193

QUANDO EU CRESCER: MOVIMENTOS EM REDE E APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL ESCOLAR.....198

PRIMEIRAMENTE: RESPEITO À DIFERENÇA.....203

EU FAÇO CINE NA ESCOLA - ESCRITA E REESCRITA A PARTIR DA PRODUÇÃO DO AUDIOVISUAL EM AMBIENTE DE SALA DE AULA.....206

"MAL ME QUER & BEM ME QUER": ESTIMULANDO O DEBATE LGBT POR DENTRO DA ESCOLA.....210

AUTONOMIA E INCLUSÃO: UMA VIA TORTUOSA.....212

PROTAGONISMO JUVENIL – MOSTRA MÁRCIA DE CINEMA.....216

PROJETO CINECRAS: O CINEMA COMO FERRAMENTA NO FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS.....222

O TEOREMA DE PITÁGORAS E A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL.....226

O QUARTETO GUASCA – APRENDIZAGENS COM OS HERÓIS DE GALPÃO.....228

TIME F.....230

A PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA.....232

SEM SALA DE CINEMA, MAS A ESCOLA PRODUZ FILMES HÁ 20 ANOS

Dr. Álvaro Benevenuto Jr.
Universidade de Caxias do Sul (UCS)
afmbenej@ucs.br

Resumo

Ao entrar no seu vigésimo ano, o Festival de Cinema Estudantil Astro, promovido pela Escola São Rafael, em Flores da Cunha (RS), é foco deste artigo que se propõe a apresentar um breve histórico do evento em si e a refletir como tem se processado a apropriação das técnicas da produção audiovisual pelos participantes do certame. Esta observação participante, embasada na metodologia etnográfica de Goffman, começou em 2008, teve sua primeira etapa incluída no relatório do estágio de pós-doutoramento do autor (2014) e continua sendo realizada *in locus*, visando a sobrevida do certame, o qual está incluído na agenda das atividades oficiais extraclasse da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São Rafael.

Palavras-chave: produção audiovisual, vídeo estudantil, Festival Astro, cinema estudantil

Resumen

Al entrar en su vigésimo año, el Festival de cine estudiantil astro, promovido por la escuela de São Rafael, en Flores da Cunha (RS), es el centro de este artículo que propone presentar una breve historia del evento en sí y reflejar cómo se ha procesado la apropiación de las técnicas de producción audiovisual por los participantes de esta competición. La observación participante, basada en la metodología etnográfica de Goffman, comenzó en 2008, tuvo su primer paso incluído en el informe de la etapa doctoral del autor (2014) y sigue recluido, con el objetivo de la manutención del festival, que se incluye en el orden del día de las actividades oficiales extraclase de la Escuela primarias y secundarias São Rafael.

Palabras clave: producción audiovisual, video estudiantil, Festival Astro, cine estudiantil

1. Cena 1 - Queremos fazer cinema – Ext/Int. Dia

Minha mãe quer que eu estude, meu pai quer eu trabalhe
Minha vó quer que eu me mude, mas eu já fiz o que pude
Já fiz teatro experimental, oficina de poesia marginal
Seminário de meditação transcendental, curso de sanduíche natural
Eu faço vídeo! Vídeo!
Eu faço vídeo!
Vagabundo é a puta que pariu!

(PLANETA, R.; HUBERT; MADUREIRA, M. Rap do vagabundo. Casseta e Planeta (LP), 1989)

As frases da música do grupo multimídia de humoristas carioca Casseta&Planeta é um bom ponto de partida para reunir os ingredientes que ajudam a descrever a arena onde surgiu o Festival de Cinema Estudantil Astro, em 1999, a saber:

1. Flores da Cunha, localizada na Encosta Superior Nordeste da Serra Gaúcha, região de colonização italiana, com cerca de 10 mil habitantes à época, com economia referenciada na vitivinicultura, na metalurgia e no setor de transportes de carga;
2. Uma escola estadual que funciona nos três turnos e a única a oferecer a formação média;
3. Um grupo de pessoas preocupadas com a história, preservação do patrimônio histórico e da cultura italiana, especialmente a partir da música;
4. Um grupo de estudantes do ensino médio com interesse em fazer algo diferente daquilo que era proposto como atividades de aula;
5. A inexistência de salas de cinema na cidade (quando havia alguma projeção de filme - ou vídeo – isso acontecia no salão paroquial da igreja matriz).

Agreguem-se a estes ingredientes, os temperos da facilidade de acesso a equipamentos de realização de vídeos independentes, possível a partir das ofertas que a indústria eletroeletrônica do entretenimento apresentou a partir da década de 1980, com o lançamento do VHS. (BENEVENUTO JR., 2005, 2009, 2014) e a necessidade de manter o interesse dos alunos nas atividades escolares e de construção de seu futuro profissional.

Ingredientes e temperos na travessa, surge o Festival de Cinema Estudantil Astro, organizado como uma atividade do Grêmio Estudantil São Rafael e com a participação de um pequeno grupo de alunos da Escola São Rafael, que produziu três filmes do gênero ficção. Eles foram exibidos no auditório da Escola, com solenidades de exibição e de premiação da melhor obra, seguindo o ritual dos festivais de cinema: com avaliação de júri, solenidades com o requinte e cerimoniais característicos.

Conforme relatos dos criadores do evento (BENEVENUTO JR.(b), 2009), as equipes eram compostas por quem gostava de cinema e queria fazer seu próprio filme. Geralmente eram grupos de amigos que seguidamente iam até Caxias do Sul (ou Porto Alegre) para ir ao cinema e que já possuíam equipamento VHS.

Nos anos seguintes o Festival foi ganhando corpo. Passadas três edições, houve a apresentação de cinco filmes produzidos pelos estudantes que, para chegar na tela, tiveram que passar pela burocracia da inscrição, sob coordenação do Grêmio Estudantil. Nos anos seguintes, o Festival ganhou a feição de competição séria. Em cada edição, percebia-se a inclusão cada vez maior das famílias dos participantes na busca de recursos para viabilizar as produções; a movimentação da cidade com as gravações (reservas de locações em prédios comerciais, trancamento de ruas pra gravações de cenas, entre outras), e o aumento da plateia nas sessões de exibição dos filmes concorrentes. A comunidade adotou o Astro como um evento na sua agenda anual.

Em 2004 a comunidade de Flores da Cunha aderiu ao programa de fomento à pesquisa, preservação e melhoramento dos bens da cultura italiana, promovido pelo projeto de cooperação internacional URB-Al da Comunidade Europeia, que desenvolveu ações dirigidas à qualificação do turismo e resgate da memória. Em Flores, inspirado no Astro, esta ação resultou na criação do Núcleo de Produção Audiovisual Maria Della Costa – NPAV, com o propósito de armazenar imagens e produzir audiovisuais acerca da cultura ítalo-brasileira. Além desta função, o NPAV também foi apoiador do Festival Astro, sendo o responsável pelo aperfeiçoamento das produções estudantis. Nesse tempo, o Astro tinha a participação de 10 a 12 obras a cada edição.

1.2. Cena 2 – Fazer cinema como atividade de aprendizagem – Int.- Dia

O NPAV começou a ser desativado em 2009, enfrentando problemas operacionais, de manutenção dos equipamentos e de financiamento. Ele era um dos principais pilares de apoio operacional do Astro. Foi quando a administração do NPAV e a Escola buscaram o apoio da

Universidade de Caxias do Sul para evitar a interrupção do festival, que já integrava o calendário de eventos da cidade, além de ser um programa adotado carinhosamente pela comunidade florense.

A demanda de manter o Festival Astro foi o primeiro desafio. Sem o apoio integral do NPAV, que já não tinha equipe de operadores, nem mesmo equipe (nem serviços contratados) de manutenção de equipamentos, as primeiras edições desta segunda fase da competição exigiram atitudes imediatas de apagar incêndios para dar continuidade ao certame daquele ano e pensar as trilhas a serem exploradas nas próximas edições.

Consciente de que as produções seriam afetadas pelas carências técnico-operacionais daquele momento, mantiveram-se a quantidade de doze produções na competição, enquanto uma equipe formada pela direção e professores escola e da universidade pensavam os caminhos a serem explorados para qualificar a realização anual do Astro.

A solução encontrada foi a de incluir a competição no calendário acadêmico da escola, alojando-o no rol de atividades extraclasse. Manteve-se a responsabilidade de organização com o Grêmio Estudantil (que tem o apoio logístico e financeiro do Conselho de Pais e Mestres - CPM).

Foram programadas atividades para a preparação dos professores das diversas disciplinas e a preparação dos estudantes candidatos – aqueles matriculados no ensino médio – passou a acontecer com a oferta de oficinas de roteiro e de fotografia, com apresentação de teorias e de práticas, quando necessárias.

Paralelo a esta ação, indicou-se que a escola adquirisse equipamento de gravação. Além de ter a infraestrutura para a realização das obras, ela estava garantindo a isonomia aos concorrentes. Neste intervalo de tempo, o festival foi divido em duas etapas: a primeira consiste em ampla concorrência para a inscrição de roteiros e a segunda consiste na execução dos 15 roteiros selecionados por uma comissão de avaliação externa (formada por estudantes universitários).

Nesta direção, buscou-se alternativa para a montagem das peças concorrentes. Com a preocupação de manter a isonomia para os participantes e, conscientes de que a edição interfere diretamente na qualidade do filme exibido, a comissão definiu pela contratação de um fornecedor local deste serviço. É uma das obrigações que os participantes têm que observar rigorosamente, sob pena de desclassificação no certame.

Passado o período de reorganização do Astro, ele agora responde com eficácia aos critérios de participação, de qualificação e de acesso a equipamentos equilibrado aos diversos grupos interessados, garantindo igualdade de condições de disputa para quem quer produzir seu filme.

Com estas decisões, a partir da observação participante, percebeu-se que as temáticas abordadas nos roteiros têm maior atrelamento com questões da vida contemporânea, com seus temores, superações, identidade e memória.

2. Cena 3 – Para observar o fenômeno em campo

A produção audiovisual alternativa está cada vez mais presente em nosso cotidiano. Especialmente depois que as indústrias do entretenimento investiram na produção de dispositivos diversos para a captura de imagens e sons, possibilitando ao cidadão registrar, armazenar e organizar a exibição de momentos de sua vida pública e privada, que, a seu juízo, merecem ser compartilhadas com outras pessoas próximas ou desconhecidas, através da internet ou de outros ambientes de divulgação. Antes, porém, é interessante destacar que este tipo de produção tem seus registros assentados na história do cinema e da televisão, como uma maneira de dispor conteúdos diferentes daqueles produzidos pelos *majors* destas indústrias, que nem sempre respondem ao gosto de uma audiência exigente, ou não!

Este texto retoma os apontamentos realizados durante os quatro anos seguidos de trabalho com grupos de jovens e adolescentes interessados em aprender a produzir suas peças audiovisuais. Os bastidores destas arenas onde ocorreram as experiências de aprendizagem de realização audiovisual constituem os ambientes para refletir sobre a aplicabilidade das metodologias tradicionais do ensino de audiovisual e suas adaptações para os jovens e adolescentes interessados pelo setor. Para seguir esta trilha, será descrita a arena onde estas atividades se desenvolveram. O que pauta a observação participante são as orientações de Goffman (1974) a partir de sua proposta do *frame analysis* que indica a presença do pesquisador no campo, sempre com seu diário; fazer os apontamentos logo que se encerra a atividade – escrever sem a preocupação com correção e a racionalidade do texto – e promover a leitura dos apontamentos após a análise contextual e histórica do evento.

É assim que os momentos relatados a seguir são um recorte de uma observação que acontece há mais de duas décadas de trabalho de campo do pesquisador, realizado em ambientes agrícolas, envolvendo trabalhadores e pequenos proprietários rurais gaúchos e paranaenses, participantes dos movimentos sociais em favor da reforma agrária e/ou em defesa de melhores condições de trabalho e vida no campo; em ambientes de alto grau de vulnerabilidade socioeconômica; em escolas de ensino fundamental e médio e em cursos de pós-graduação (especialização). São experiências pautadas pela aprendizagem compartilhada do conhecimento e difusão das técnicas da produção audiovisual digital por jovens e adolescentes que vivem na fronteira da marginalidade. Tais projetos proporcionam a oportunidade de expressar sentimentos e opiniões a respeito da vida ou do fazer profissional de cada pessoa.

3. Cena 4 – Ida a campo - oficinas: procedimentos da experiência

A competição se qualificou e a preparação dos estudantes também ganhou sua complexidade. As oficinas de produção, que antes não tinham tanto valor - apesar de serem bem frequentadas – ganharam o status de atividade de sala de aula. E com o início do modelo de ensino técnico profissionalizante, em 2013, a escola optou pela área do audiovisual/indústria criativa, incentivando ainda mais a participação dos estudantes no Astro.

Nas primeiras oficinas da nova configuração do Astro, a partir de 2010, aplicou-se a metodologia tradicional de produção audiovisual, seguindo os croquis de produção das sinopses, roteiros literários (documentos apresentados para a primeira seleção dos curtas-metragens que participariam do Festival), roteiro técnico e mapa de produção (documentos a serem apresentados para o corpo de jurados, quando do julgamento final do concurso).

Os apontamentos do caderno de campo (2009-2014) das primeiras oficinas indicam que os participantes não apreendiam os pontos abordados nas duas primeiras etapas das oficinas, tal era a quantidade de informações e de detalhes a serem observados/trabalhados para a realização audiovisual (BARBEIRO, 2002; KELLINSON, 2007). Pudera, a metodologia escolhida era muito mais técnica do que a aplicada nas oficinas anteriores (produção de roteiros bem menos burocráticos e pouco detalhados).

No ano seguinte, aconteceu um abrandamento nas cobranças dos resultados das oficinas. Porém, os conteúdos trabalhados nas duas edições realizadas – a etapa da construção da sinopse e do roteiro literário e a etapa de construção do roteiro técnico – não foram alterados: a complexidade foi a mesma. Foram feitas algumas mudanças na forma de apresentação dos documentos e na cobrança de entrega dos mesmos. Esta mudança de atitude gerou a apresentação de sinopses e roteiros literários mais criativos. Porém, os roteiros técnicos continuaram imprecisos e mal elaborados.

Este mesmo procedimento foi mantido para as edições de 2012 e 2013. Apesar das complicações nas etapas de elaboração dos documentos, os curtas-metragens exibidos nessas duas edições do concurso apresentaram melhor qualidade narrativa que os das edições de 2009 e 2010, anos

nos quais as oficinas seguiram os trâmites burocráticos indicados pelos manuais da indústria do audiovisual.

Já em 2013, após o exame das anotações do caderno de campo (2009-2014) e da análise dos roteiros classificados para a segunda fase da competição, isto é, os 12 classificados para serem rodados, propôs-se adotar uma metodologia menos exigente em relação à burocracia e investir mais em exercícios de criatividade da turma, que está acostumada à escrita de texto corrido, não dividido em imagem e som (como é a estrutura do roteiro técnico).

O resultado dos roteiros inscritos na primeira etapa do Festival de 2013 surpreendeu a comissão organizadora: foram 35 textos (sinopses e roteiros literários) apresentados. Superou em cerca de 35% a quantidade de inscrições dos anos anteriores, quando as candidaturas giravam em torno de 25 textos.

Para uma atividade que mistura os períodos de classe e extraclasse, o índice de interesse e de participação demonstra resultado satisfatório. Para os professores e direção da escola, este dado subsidiou a escolha da área de audiovisual como proposta para implantar o ensino técnico, conforme as normas da Secretaria de Educação do Estado.

Para a pesquisa acadêmica, este resultado demonstra o acerto em adequar a metodologia das oficinas, extraindo muito da burocracia proposta pela indústria do audiovisual, apostando na forma criativa de realizar um curta-metragem para o Festival.

E na edição de 2014, as oficinas preparatórias aconteceram durante o primeiro semestre, seguindo o novo modelo de atuação dos facilitadores. E com uma inovação: os professores da escola foram convocados a participar dos encontros, como forma de ampliar a compreensão dos processos pelos quais passam a realização audiovisual e assim, poder colaborar mais com os estudantes que pretendem desenvolver seus roteiros.

4. Cena 5 – Pensando nos créditos

A história da apropriação do audiovisual como instrumento de prática da liberdade de expressão para as lutas sociais demonstra que ele é uma das ferramentas mais eficientes para alcançar grandes faixas de audiência, apesar das limitações de exibição, à época do sistema analógico. A partir da digitalização e do desenvolvimento das redes sociais na internet, a divulgação dos conteúdos ficou mais acessível. Se de um lado, a rotina de produção das peças audiovisuais ganhou simplicidade, por outro, a fidelização da audiência ficou mais complicada, pois as várias telas existentes hoje aumentam a concorrência entre os produtores de conteúdos digitais.

A experiência relatada neste trabalho qualitativo mostra que os jovens estão abertos e ávidos por aprendizagem e são simpáticos ao audiovisual. A observação do Festival Astro revela que a produção de conteúdos audiovisuais implica receber informações teóricas e técnicas básicas constituintes do ambiente no qual se pretende trabalhar para compreender minimamente os condicionantes para compor o conteúdo digital que se quer transmitir no suporte selecionado.

Neste sentido, a metodologia compartilhamento destas informações ganha relevância, especialmente quando o espaço de aquisição das técnicas é composto por jovens nativos digitais (PRENSKY, 2001), que já trazem alguns conhecimentos teóricos e técnicos do audiovisual: a simplificação das etapas tradicionais da produção incomoda e tira a criatividade dos autores juvenis.

A observação revela o amadurecimento da consciência e da responsabilidade que permeiam a produção e a difusão audiovisual. Os estudantes que participaram dessas edições consecutivas do Festival Astro (2010-2014) se comportaram assim: na primeira vez, as atividades burocráticas mais complicadas identificadas como o preenchimento de planilhas complexas - apesar de serem adaptadas

conforme a demanda dos estudantes do ensino médio – foi realizada com certo desleixo, porque era uma tarefa obrigatória. No ano seguinte, quando não foi cobrada a obrigatoriedade de preencher os formulários, aqueles participantes relapsos – que faziam a oficina pela segunda vez, se apresentaram muito mais dedicados e compenetrados nas tarefas criativas e de produção do curta.

Refletir sobre a metodologia das oficinas de realização audiovisual exige do pesquisador a atenção redobrada para as características dos grupos inscritos nas atividades, a inserção de preocupações com as questões éticas. Também exige o exercício constante da criatividade para que o compartilhamento e difusão dos conteúdos teóricos e técnicos da realização audiovisual se completem.

O aproveitamento das oportunidades de produção de conteúdos digitais sempre revelará novas necessidades. Embora não seja uma novidade, pois a necessidade de atualização constante já existia no mundo analógico – como comentado - a convergência tecnológica e a execução dos conteúdos digitais por não especialistas do setor quebram paradigmas, pois os produtores especialistas deixam de serem os únicos profissionais a produzir obras audiovisuais e disponibilizá-las nos ambientes virtuais. É nesta hora que a alfabetização audiovisual digital, ganha a importância e atividades de aprendizagem, para jovens e adolescentes, respeitando as diferenças regionais, socioeconômicas e culturais tornam-se relevantes.

Há ainda a necessidade de aprofundar metodologias de trabalho para acelerar os processos de apropriação das técnicas, a exemplo das experiências relatadas.

Referências

BENEVENUTO JR., Álvaro(b). Diário de campo. Caxias do Sul, 2009-2014.

BENEVENUTO JR. Álvaro. **De canal comunitário a POA TV**: estratégias e politicas de ação da comunidade na TV a cabo em Porto Alegre. São Leopoldo, 2005. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) - UNISINOS, São Leopoldo.

BENEVENUTO JR., Álvaro. A digitalização do espectro e a oportunidade transmidiática: apontamentos sobre as alternativas da comunicação contemporânea. Texto apresentado ao GT 12 - Economia Política da Comunicação. **Congresso Ibercom**, XI, 2009.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis.** New York: Haper&Row, 1974.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo**. Os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BENEVENUTO JR, Álvaro. **Das ruas para a sala de jantar**: a TV Bancário de Porto Alegre. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Novas Tecnologias) - Faculdade dos Meios de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

KELLINSON, Catherine. Produção e Direção para TV e Vídeo. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

PRENSKY, Marc. **Digital natives. Immigrants native.** 2001. Disponível em: <http://marcprensky.com/marcs-archive/>. Acesso em: 20 out. 2017.

DE PROJETO A PROGRAMA: A TRAJETÓRIA DO EDUCAVIDEO - ESCOLA DE CINEMA

Amanda Menger [1]
amandamenger@gmail.com

Resumo

O presente artigo "De projeto a programa: a trajetória do Educavideo – Escola de Cinema" é um resgate da história e do percurso do programa Educavideo, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Gramado, desde 2011. O objetivo é apresentar a História do programa, com seus obstáculos, dificuldades e vitórias e também as perspectivas futuras em relação à formação de uma Escola de Cinema em Gramado. O artigo também destaca as mudanças na estrutura e na forma de trabalho ao longo dos anos, bem como as atividades realizadas.

Palavras-chave: Festival de Cinema de Gramado; Educavideo; Produção Audiovisual; Cultura de Cinema.

Introdução

É praticamente impossível pensar na História do Cinema no Brasil e, por consequência, no Rio Grande do Sul, sem citar o Festival de Cinema de Gramado. Desde a década de 1970, o cinema nacional, e posteriormente o latino-americano, se encontra em Gramado. O festival trouxe fama e reconhecimento para a cidade serrana e passados mais de 40 anos continua sendo um dos principais eventos do calendário turístico gramadense.

No entanto, mesmo sendo fundamental para o cinema gaúcho e nacional e para a economia da serra, o Festival não conseguiu estimular a formação de uma cultura de cinema na região e também a criação de um polo de produção audiovisual. Esta realidade começou a ser mudada em 2011, com a criação do Educavideo.

Em seu sétimo ano de existência, o Educavideo entra em uma nova fase. De um projeto tornou-se um programa, e hoje é encarado como o início de uma Escola de Cinema em Gramado. A proposta é a profissionalização e para isso, diversas ações têm sido realizadas, como a aprovação de um Estatuto (conforme a previsão em decreto que cria o programa, GRAMADO, 2016), a elaboração de um currículo com a disposição dos conteúdos por módulos/ciclos, e o estabelecimento de diretrizes para a seleção de novos alunos, procedimentos para as filmagens e o uso de equipamentos. Outro ponto é a discussão e a definição de cursos que deem continuidade ao processo iniciado pelo Educavideo, como cursos de Formação Inicial e Continuado (FICs) de nível médio, de extensão, para quem já possui ou está no Ensino Superior ou mesmo Tecnológicos de Ensino Superior, utilizando-se para isso a estrutura da Universidade Aberta do Brasil (UAB) que abriu polo em Gramado em 2017 (GRAMADO INAUGURA, 2017).

---

[1]Jornalista e Professora de História na rede Municipal de Gramado e integrante do programa Educavideo – Gramado. Especialista em História da Arte e mestre em Educação Universidade do Sul de Santa Catarina.

Como surgiu o Educavideo

O incentivo à produção audiovisual em nível escolar é o objetivo do Educavideo desde o seu início, em 2011. A proposta teve origem com um grupo de 23 alunos, com idades entre 13 e 15 anos, de três escolas da rede municipal de Gramado, orientados pela professora Denise Foss, na época coordenadora do programa Cultura na Escola da Secretaria Municipal de Educação. Naquele ano, os alunos participaram da etapa de Gramado do projeto "Laboratório: experimentação e produção audiovisual de curta metragem". O projeto fazia parte da plataforma pedagógica do Festival Nacional de Curtíssima Metragem – Claro Curtas. Foram realizadas atividades também em Porto Alegre e Santa Maria. Naquele ano foram produzidos quatro vídeos: "Futebol", "O outro lado", "Imaginário e Realidade" e "Volta e Meia".

Entre 2008 e 2011, o Instituto Claro, promoveu o projeto Claro Curtas. A proposta era composta de duas atividades: a formação de professores para a produção audiovisual e o festival onde estes trabalhos eram apresentados, com premiação para as categorias de Ensino Fundamental e Ensino Médio. O projeto tinha financiamento do Ministério da Cultura e do Sistema Pró-Cultura, do Estado do Rio Grande do Sul (CLARO, 2017 e TRAJETÓRIA, 2016).

Com a participação no projeto "Laboratório", em 2012 o Educavideo estruturou-se e deu início às produções de curtas-metragens. As atividades eram realizadas por meio de núcleos nas escolas: EMEF Dr. Carlos Nelz – CAIC, EMEF Presidente Vargas, EMEF Maximiliano Hahn e EMEF Mosés Bezzi. As filmagens eram feitas com celulares e não havia equipamentos de áudio e nem de iluminação. Mesmo com as dificuldades de estrutura, neste ano o Educavideo integrou a programação paralela do Festival de Cinema de Gramado. Naquele ano, a noite do Educavideo não era exclusiva, sendo realizada no Teatro Elizabeth Rosenfeld. Segundo o Boletim Número 1 da Pauta Assessoria (2012), que realizava a assessoria de imprensa do Festival, a noite que antecedia a cerimônia de abertura era voltada à comunidade de Gramado, com a apresentação do longa-metragem vencedor da edição de 2011 e também os filmes do Educavideo. A entrada era um 1 kg de alimento não perecível.

Em 2012, o Educavideo possuía 44 alunos e teve seis filmes indicados para o 11º Festival de Cinema Estudantil de Guaíba: "Crianças para sempre" e "Esquadrão Kito", da EMEF Maximiliano Hahn, "A Festa de Aniversário" e "Ela!?", da EMEF Dr. Carlos Nelz – CAIC, "Mentes Insanas" da EMEF Mosés Bezzi, "Palhaçada Demoníaca", da EMEF Presidente Vargas (6 curtas, 2012).

Ainda em 2012, o Educavideo participou do Edital 01/FAC-Pro-Cultura/SEDAC-RS. O objetivo era buscar recursos para a qualificação técnica da equipe de professores e alunos. Estes recursos foram aplicados no primeiro semestre de 2013 e deram resultados: foram produzidos 11 curtas-metragens para exibição no 41º Festival de Cinema de Gramado. Destes, três filmes tiveram como tema: "Gramado 100 anos", os demais foram de temática livre (FEIJÓ, 2013).

A edição daquele ano foi a primeira em que o Educavideo ganhou uma noite exclusiva para a exibição de seus curtas-metragens, no entanto, ainda fazia parte da programação paralela do Festival e foi realizado no Teatro Elizabeth Rosenfeld. Outra novidade é que a iniciativa Cinema nos Bairros, que exibem longas-metragens, nas comunidades durante o Festival de Cinema passou a ser organizado pelo Educavideo. Com esta mudança, além do longa-metragem, também passaram a ser exibidos os curtas produzidos pelos alunos, ampliando a repercussão dos vídeos feitos pelos adolescentes (EDUCAVIDEO NO FESTIVAL, 2013).

Outra novidade do festival de 2013 foi a realização da Mostra de Vídeo Estudantil, promovida pelo Educavideo, dentro da programação paralela do evento. A atividade era composta pela exibição de filmes produzidos por estudantes de outros municípios, de forma não competitiva. A Mostra foi realizada no Teatro Elizabeth Rosenfeld, no dia 16 de agosto de 2013 (PROJETO EDUCAVIDEO, 2013).

O ano de 2013 foi marcado ainda pelos primeiros prêmios recebidos pelas produções em festivais de vídeo estudantil. Quatro obras foram indicadas e duas receberam premiações. "O Início",

produzido pela EMEF Maximiliano Hahn ficou com o 2º lugar em Destaque Documentário e "Desilusão Amorosa", do núcleo da EMEF Mosés Bezzi ficou com o Destaque Fotografia (EDUCAVIDEO É PREMIADO..., 2013).

Destaque naquele ano também foram as oficinas, oito no total, sobre todas as áreas da produção cinematográfica. As capacitações foram voltadas para professores da rede municipal e ministradas por profissionais de cinema. Os 40 alunos do Educavideo também participaram das oficinas. A iniciativa teve apoio da Secretaria de Turismo, que contratou os profissionais de cinema por meio do Festival de Cinema (INICIAM OFICINAS..., 2013).

O crescimento do projeto e a transformação em programa

A cada ano o Educavideo ganha mais expressão e atenção do poder público. O ano de 2014 foi importante para esta expansão com a criação de uma turma diferente, o Avançado, mesclando alunos de escolas diferentes. Nos anos de 2012 e 2013, as atividades eram realizadas em núcleos escolares. Em 2014, estes núcleos continuaram com os alunos que estavam começando. O Avançado passou a ser formado por alunos que já frequentavam o projeto em anos anteriores e passou a ser realizado na ExpoGramado, unindo estudantes de escolas diferentes (TRAJETÓRIA, 2016).

Outra mudança importante de 2014 foi a participação ao longo de todo o ano de profissionais de cinema. Eles realizaram oficinas de formação para alunos e professores e ainda acompanharam as filmagens. No 42º Festival de Cinema o Educavideo passou a fazer parte da programação oficial. A noite que antecede a abertura é dos alunos. Em sessão realizada no Palácio dos Festivais eles exibem suas produções. No primeiro ano foram dez filmes (DEZ CURTAS..., 2014).

Naquela edição do Festival o Educavideo ganhou um incentivo às produções: a primeira câmera fotográfica profissional, uma Nikon D3100. A empresa foi patrocinadora do evento e fez a doação ao projeto (NIKON APOIA..., 2014). Os eventos "Cinema nos Bairros" e "Mostra de Vídeos Estudantis" também fizeram parte da programação paralela, assim como em 2013. No final de 2014, a GramadoTur, a autarquia criada para cuidar dos eventos em Gramado, anunciou a parceria com a Secretaria Municipal de Educação para ampliar as atividades do Educavideo a partir de 2015.

Como a criação de uma turma com alunos de diversos alunos mostrou uma interação interessante entre os alunos de comunidades e, portanto, de realidades diferentes, a partir de 2015, o Educavideo deixou de ser feito em Núcleos Escolares e centralizou as atividades. Com a parceria com a GramadoTur, o espaço para as aulas foi transferido por completo para a ExpoGramado. Além disso, a autarquia disponibilizou recursos, por meio do Festival de Cinema, para a contratação dos profissionais de cinema para a realização das oficinas e acompanhamento das filmagens e da edição dos filmes (EDUCAVIDEO INICIA..., 2015).

No Festival de Cinema de 2015 os alunos novamente apresentaram seus filmes e puderam também acompanhar várias palestras. Uma delas foi com o curador do festival Rubens Ewald Filho. Publicamente ele elogiou o Educavideo e a proposta de trabalho do então projeto: "Fiz uma palestra para as crianças envolvidas e fiquei morrendo de inveja. Se a minha escola tivesse isso, teria facilitado e muito a minha vida. A percepção deles é diferenciada, sem medo, além de serem crianças do interior, com outra história de vida". (GALLAS, 2015).

Em 2015, seis curtas-metragens do Educavideo foram selecionados e exibidos no 9º Curta Cabo Frio, no Rio de Janeiro: "O Tabuleiro", "Canções de uma sonhadora", "Cindy Pop", "Revelações de Família", "Troféu: A enrascada" e "Quem é o lobo?" (TEIXEIRA, 2015). Além deste festival, o Educavideo participou de outros eventos na área estudantil, como o Festival de Cinema Escolar de Alvorada (Fecea). Os filmes "Troféu: A enrascada", "O Tabuleiro", "Cindy Pop" e "Canções de uma sonhadora" levaram 15 indicações, o que resultou em três troféus, Melhor Ator por "Quem é o lobo?";

Melhor Som direto para "Cindy Pop" e Melhor Mix de Som para "O Tabuleiro". (FESTIVAL DE CINEMA..., 2015 e MENGER, 2016).

Em 2016, o Educavideo realizou as aulas de março a julho na ExpoGramado. Devido ao início das atividades do Natal Luz[2], as aulas passaram a ser realizadas na sede da Secretaria Municipal de Educação, também com três turmas, como no ano anterior: uma no período da manhã, outra à tarde, misturando alunos novos e que já faziam parte do programa, e à noite, com a turma do Avançado, com alunos que cursavam o Ensino Médio e anteriormente frequentaram a rede municipal.

No 44º Festival de Cinema foram exibidos 11 curtas-metragens produzidos pelos alunos. Na programação paralela foi realizado novamente o evento Cinema nos Bairros e mais uma edição da Mostra de Cinema Estudantil (CURTAS DO SÃO LÉO..., 2016). A novidade foi a realização do 1º Seminário Cinema na Escola. O evento tratou de experiências envolvendo a produção audiovisual e a aplicação da Lei 13.006/2014 (FEIJÓ, 2016).

Ainda durante o Festival de 2016, o então prefeito Nestor Tissot anunciou que o Educavideo passaria a ser um programa, instituído por decreto de 20 de julho de 2016. O decreto garante a continuidade das ações educativas e dá as bases para a transformação do Educavideo em uma Escola de Cinema, ampliando as possibilidades de atuação, inclusive com a instituição de cursos em nível técnico profissionalizante (EMOÇÃO MARCA..., 2016).

O ano de 2016 fechou com prêmios. No Festival de Cinema Escolar de Alvorada (Fecea) o Educavideo teve os 11 curtas produzidos no ano selecionados para exibição no evento, bem como 19 indicações de premiação. Ao todo foram três troféus no Fecea: "A Volta do Tabuleiro" ganhou como Melhor Direção de Arte na categoria Anos Finais do Ensino Fundamental e "Memórias do Sr. Paulo", também com Melhor Direção de Arte, mas na categoria Ensino Médio. Já o vídeo "Foi Assim" levou o prêmio de Melhor Curtíssimo, para filmes de até 3 minutos. Já no Festival de Guaíba foram duas indicações de Melhor Filme para "Ursinho da Vovó" e "Memórias do Sr. Paulo" (MENGER, 2016B).

Novos desafios: a criação da escola de cinema

A transformação do Educavideo em programa amplia os horizontes de atuação. Com isso, também crescem as expectativas em relação às atividades que podem ser realizadas. Como o decreto de criação do Programa Municipal Escola de Cinema Educavideo prevê a criação de um estatuto, este foi um dos desafios assumidos pela equipe em 2017. Isso porque é a partir deste documento que a estrutura deve ser criada. Ele é a base para que as novas ações possam ser realizadas. É preciso uma previsão legal sobre como funciona o Educavideo, como ele se mantém, quem trabalha e quem pode participar como aluno. Um dos pontos chave do decreto é que ele direciona para o Educavideo toda a atividade relacionada ao cinema no município, seja o aprendizado, a produção, assim como a fruição e ainda a formação de professores para atuarem com o audiovisual, seja no próprio programa ou nas escolas ou outras instituições de ensino não formal em que atuem.

Dentro deste regramento, a equipe tem pensado e organizado a estrutura do próprio programa. Até então, não havia uma distinção efetiva entre o conteúdo que deve ser trabalhado com os alunos de cada um dos níveis: Iniciante, Intermediário e Avançado, nem o tempo de duração de cada um dos módulos e os requisitos para progressão. Outra questão importante é a definição do calendário letivo, do início das atividades (até 2015, o ano do Educavideo não seguia o letivo, iniciava em agosto e terminava em julho do ano seguinte, o que levava a muitas desistências durante as férias escolares), bem como os critérios para seleção e o número de vagas abertas a cada novo ciclo de trabalho.

[2] O Natal Luz é um conjunto de eventos promovidos pela Prefeitura Municipal de Gramado, por meio da GramadoTur para comemorar o Natal. São realizados espetáculos musicais e teatrais, desfiles, entre outras atividades entre os meses de outubro e janeiro. O Natal Luz teve início em 1986 e hoje é um dos maiores eventos realizados no município juntamente com o Festival de Gramado.

De forma geral, o formato que está se pensando é o de manter os módulos em Iniciante, Intermediário e Avançado. O primeiro módulo seria para alunos de 12 a 14 anos, que estejam cursando o 7º ano do Ensino Fundamental. Nesta fase seriam abordadas questões teóricas e ainda experimentação. A duração prevista é de um ano. O Intermediário seria composto por egressos do Iniciante ou alunos com mais de 15 anos. Este módulo teria como conteúdo a apropriação da linguagem cinematográfica e trabalharia a partir da definição de equipes. A duração desta fase é de dois anos. O Avançado, por sua vez, seria constituído com alunos egressos do Intermediário. O conteúdo abrangeria um aprofundamento nas questões teóricas e técnicas da linguagem de cinema e a atuação se daria por meio de projetos. A duração seria de até três anos. Um diferencial proposto é a criação de uma produtora experimental, a exemplo do que ocorrem nos cursos de ensino superior. A produtora atuaria com estagiários e com demandas internas e solicitações externas.

A proposta que está em elaboração sugere que os professores sejam da rede municipal e estejam à disposição do programa em 100% de sua carga horária junto à Secretaria Municipal de Educação. O próprio programa possibilitaria aos professores a formação e para isso utilizaria também a estrutura de cursos que pode ser ofertada por meio do polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Neste sentido, acredita-se na possibilidade de realização de cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), de extensão, Tecnólogos de Nível Superior e pós-graduações, entre outras modalidades previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996 e GRAMADO, 2017). Uma ação neste sentido foi realizada em setembro, com a Oficina de Formação de Professores (EDUCAVIDEO PROMOVE..., 2017).

Salienta-se que esta estrutura, assim como a organização dos professores que atuarão no programa, formas de manutenção e recursos que serão disponibilizados, passa pela conclusão do Estatuto e a aprovação do mesmo, seguindo um trâmite legal para isso. A expectativa é que este trabalho seja concluído e passe pelas instâncias de aprovação ainda este ano e entre em vigor em 2018.

A definição da estrutura organizacional e curricular do Educavideo é vista como uma necessidade, não só em função do aumento de interessados em participar, com demandas apresentadas pelas redes estadual e particular, bem como de organizações que oferecem atividades educacionais não formais, mas também pela parceria estabelecida entre o município e o Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Audiovisual (SAVI). Os recursos são provenientes do projeto "Olhar Brasil", que prevê a criação de um Núcleo de Produção Audiovisual no município. O Educavideo recebeu equipamentos para a produção de filmes com alta qualidade, com câmeras fotográficas, lentes, iluminação, ilha de edição, programas de edição, um estúdio de som, entre outros materiais, totalizando R$ 560 mil em investimentos (CONFIRMADA A VINDA..., 2017). Com este aporte de equipamentos, a expectativa é ampliar a oferta de vagas, possibilitando que outros públicos também tenham acesso à produção audiovisual.

O ano de 2017 tem se destacado também pelas produções. Os alunos da turma do Avançado assumiram dois desafios importantes e que se transformam em marcos para o programa. O filme "Para sempre você" é o primeiro média-metragem do Educavideo. Com 24min42s, a produção é também uma obra histórica, pois o enredo se passa no final dos anos 1960 até o início de 1980, no Brasil. Além de um volume maior de cenas, a produção também exigiu uma pesquisa detalhada em relação ao contexto social e político da época, comportamento, figurino, cabelo e maquiagem, trilha sonora, objetos e locações (ROSSA, 2017).

Os alunos também iniciaram a produção do primeiro documentário. A proposta é contar a história da Corrida pela Vida – Gramado, promovida pelo Instituto do Câncer Infantil e que completou 20 anos em 2017. A produção foi um convite do organizador do evento, Fabio Bertoluci, e teve início no final de agosto, com o acompanhamento dos preparativos, bem como da corrida em si. A fase agora é de entrevistas, roteirização e edição. A previsão é que o documentário seja exibido no Festival de Cinema de Gramado de 2018 (EDUCAVIDEO FALARÁ..., 2017).

Considerações finais

A caminhada do Educavideo completou seis anos em 2017. Ao longo do tempo é possível perceber o crescimento das atividades e como elas impactam na vida dos alunos, dos professores e da comunidade gramadense. A transformação do projeto em programa via decreto, proporciona não apenas a continuidade, mas também a ampliação das ações realizadas. Desta forma, abre-se a possibilidade de o Educavideo ser a base para uma formação em audiovisual que compreenda outros níveis de escolaridade. Vários alunos e ex-alunos já trabalham na área ou tem interesse em continuar os estudos após o Ensino Médio, cursando Cinema ou faculdades afins.

Outra possibilidade é a criação de um polo regional de produção audiovisual, como uma "nova" vocação para uma região que já possui como uma de suas marcas o Festival de Cinema. Para que estas propostas se tornem realidade, o primeiro passo é a organização da estrutura, trabalho que já foi iniciado e deve ser concluído até o final deste ano.

O viés da profissionalização, para o qual o Educavideo pode vir a direcionar os seus participantes, soma-se a outros, de forma que o programa contribua para uma formação integral dos seus alunos. É inegável que o mundo está cada vez mais digital e que os jovens tem contato com isso em grande parte de seu tempo. Ao instrumentalizá-los para a utilização destas mídias, como é o caso do audiovisual, por meio da linguagem cinematográfica, propicia-se aos adolescentes o desenvolvimento de diversas habilidades, do senso crítico, da autonomia e da coletividade. O Educavideo também estimula o lado crítico em relação aos produtos midiáticos que os alunos consomem, proporcionando avaliações em relação à atuação, aos aspectos técnicos, ao contexto da produção e ainda à distribuição/veiculação.

O programa é ainda um espaço para que os adolescentes possam se expressar. Isso porque uma das características do Educavideo é a liberdade de pensamento e atuação que os alunos têm, ou seja, os temas são sugeridos por eles mesmos, de acordo com suas vontades e assim, representam suas realidades e visões sobre os mais diversos assuntos. Essa independência na escolha dos rumos de ação é um dos motivos que leva o programa a crescer e a despertar o interesse de mais jovens.

Referências

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

Boletim #1 Festival de Cinema de Gramado. Pauta Assessoria. Publicação em 30 de julho de 2012. Disponível em: http://pautaassessoria.com.br/boletim-1-festival-de-cinema-de-gramado/. Acesso em 25 set.2017.

CLARO, Instituto. Claro Curtas. Disponível em: https://www.institutoclaro.org.br/projetos/claro-curtas/. Acesso em 25 set.2017.

CONFIRMADA A VINDA de equipamentos para o Educavideo. Prefeitura Municipal de Gramado. Disponível em: http://www.gramado.rs.gov.br/noticia/1280/confirmada-vinda-de-equipamentos-para-o-educavideo. Acesso em 27 set.2017.

CURTAS DO SÃO LÉO EM CINE serão exibidos na mostra estudantil em Gramado. Jornal VS. Publicado em 20 ago.2016. Disponível em: http://www.jornalvs.com.br/_conteudo/2016/08/noticias/regiao/382925-curtas-do-sao-leo-em-cine-serao-exibidos-na-mostra-estudantil-em-gramado.html. Acesso em 25 set.2017.

DEZ CURTAS do Educavideo serão lançados no Festival de Cinema. Rádio Gramado News. Disponível em: http://www.radiogramadonews.com.br/dez-curtas-do-educavideo-serao-lancados-no-festival-de-cinema/. Acesso em 25 set.2017.

EDUCAVIDEO É PREMIADO em Guaíba. Gramado Site. Publicado em 3 dez.2013. Disponível em https://www.gramadosite.com.br/cultura/autor:GramadoSite/id:285016. Acesso em 25 set.2017.

EDUCAVIDEO FALARÁ da Corrida pela Vida. Jornal de Gramado. Publicado em 28 jul.2017. Disponível em: http://www.jornaldegramado.com.br/_conteudo/2017/07/noticias/regiao/2148186-educavideo-falara-da-corrida-pela-vida.html. Acesso em 27 set.2017.

EDUCAVIDEO INICIA atividades de 2015. GramadoTur. Publicado em 25 maio 2015. Disponível em: http://gramadotur.net.br/educavideo-inicia-as-atividades-de-2015/. Aceso em 25 set.2017.

EDUCAVIDEO NO FESTIVAL de Cinema. Gramado Site. Publicado em 19 ago.2013. Disponível em: https://www.gramadosite.com.br/noticias/autor:GramadoSite/id:118436. Acesso em 25 set.2017.

EDUCAVIDEO PROMOVE oficina de formação em audiovisual. Educavideo Gramado. Publicado em 19 set.2017. Disponível em: http://www.educavideogramado.com.br/educavideo-promove-oficina-de-formacao-em-audiovisual/. Acesso em 27 set.2017.

EMOÇÃO MARCA sessão do Educavideo em Gramado. Gramado Site. Publicado em 26 ago.2016. Disponível em: https://www.gramadosite.com.br/noticias/autor:GramadoSite/id:299361. Acesso em 25 set.2017.

FEIJÓ, Laize. Projeto Educavideo tem programação dentro do 41º Festival de Cinema de Gramado. M1 Notícias. Postagem em 6 ago.2013. Disponível em: http://www.m1noticias.com.br/m1/php/view.php?not=13119. Acesso em 25 set.2017.

_____. O cinema como meio de aprendizado na Educação. Unicos. Publicado em 30 ago.2016. Disponível em: http://www.unicos.cc/o-cinema-como-meio-de-aprendizado-na-educacao/#.WcliQ2hSzIV. Acesso em 25 set.2017.

FESTIVAL DE CINEMA Escolar de Cinema de Alvorada divulga lista de indicados. O alvoradense. Publicado em 11 nov. 2015. Disponível em: http://oalvoradense.com.br/variedades/cinema/festival-de-cinema-escolar-de-alvorada-divulga-lista-de-indicados-para-a-mostra. Acesso em 25 de set.2017.

GALLAS, Laura. Rubens Ewald Filho faz suas apostas como favoritos ao prêmio Kikito. Diário de Canoas. Publicado em 9 ago.2015. Disponível em: http://www.diariodecanoas.com.br/_conteudo/2015/08/entretenimento/200314-rubens-ewald-filho-faz-suas-apostas-como-favoritos-ao-premio-kikito.html. Acesso em 25 set. 2017.

GRAMADO, Prefeitura Municipal. Decreto 097/2016, 20 de julho de 2016. Dispões sobre a Criação do Programa Municipal Escola de Cinema – Educavideo no Município de Gramado.

GRAMADO INAUGURA Polo da UAB. Prefeitura Municipal de Gramado. Disponível em: http://www.gramado.rs.gov.br/noticia/1199/gramado-inaugura-polo-da-uab. Acesso em: 25 set.2017.

INICIAM OFICINAS de cinema. Gramado Site. Publicado em 26 set.2013. Disponível em https://www.gramadosite.com.br/cultura/autor:GramadoSite/id:119536. Acesso em 25 set.2017.

MENGER, Amanda. Educavideo leva três prêmios em Alvorada. Educavideo Gramado. Publicado em 21 nov.2016. Disponível em: http://www.educavideogramado.com.br/educavideo-leva-tres-premios-em-alvorada/. Acesso em 25 set.2017.

_____ b. Educavideo é selecionado no Festival de Guaíba. Educavideo Gramado. Publicado em 9 nov.2016. Disponível em http://www.educavideogramado.com.br/educavideo-e-selecionado-no-festival-de-guaiba/. Acesso em 25 set.2017.

NIKON APOIA Festival de Cinema de Gramado e apresenta câmeras HDSLR para produção de filmes. Nikon Brasil. Publicado em 6 ago.2014. Disponível em: http://www.nikon.com.br/about-nikon/press-room/press-release/hyig3u0a/Nikon-apoia-Festival-de-Cinema-de-Gramado-e-apresenta--câmeras-HDSLR-para-produção-de-filmes.html. Acesso em 25 set.2017.

PROJETO EDUCAVIDEO tem programação dentro do 41º Festival de Cinema de Gramado. Gramado Site. Publicado em 7 ago.2013. Disponível em: https://www.gramadosite.com.br/noticias/autor:GramadoSite/id:118031. Acesso em 25 set.2017.

ROSSA, Letícia. Talentos de Gramado em evidência no Educavideo. Jornal de Gramado. Publicado em 18 ago.2017. Disponível em: http://www.jornaldegramado.com.br/_conteudo/2017/08/noticias/regiao/2160446-45-festival-de-cinema-celebra-o-passado-e-aplaude-as-melhores-producoes-de-2017.html. Acesso em 27 set.2017.

TEIXEIRA, Alessandro. Curta Cabo Frio começa no dia 12 com extensa programação. Alessandro Teixeira. Publicado em 20 set.2015. Disponível em: http://www.alessandroteixeira.com.br/2015/10/curta-cabo-frio-comeca-no-dia-12-com.html. Acesso em 25 de set.2017.

TRAJETÓRIA Educavideo Gramado. Gramado em Foco. 29 ago.2016. Disponível em: http://www.gramadoenfoco.com.br/gramado/2016/08/29/educavideo-de-gramado/. Acesso em: 25 set.2017.

6 Curtas Gramadenses no Festivídeo Guaíba. Gramado site. Postagem de 3 out.2012. Disponível em: https://www.gramadosite.com.br/cultura/autor:GramadoSite/id:111546. Acesso em 25 set.2017.

A PRODUÇÃO DE CURTAS-METRAGENS COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO

Ana Patrícia Amorim
patyleaozinha@gmail.com

Rosa Maria Silva Coitinho
rosinha.coitinho@hotmail.com

Resumo

O desejo de integrar projetos escolares com o uso da tecnologia, e realizar a inclusão de alunos com deficiência física e síndrome de *down*, nos motivou a execução do projeto em questão, o qual retrata duas práticas atípicas no ambiente escolar: inclusão e cinema.

Palavras-chave: inclusão; curta-metragem; projeto; proposta pedagógica; aprendizagem; tecnologia.

Introdução

No ano de 2016 a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Álvaro Luis Nunes participou do Projeto São Léo em Cine, cujo objetivo era produzir um ou mais curta-metragem associado a alguma proposta pedagógica. É de conhecimento dos profissionais da educação que para oferecer um ensino adequado às necessidades do aluno, a escola precisa saber o que pretende, envolvendo a equipe e a comunidade na concretização dos seus projetos. A forma como os conteúdos são abordados certamente influenciará no resultado final, sendo uma das responsáveis pela aquisição do conhecimento pelo aluno ou não.

Enquanto profissional da educação, afirmo que a variação das práticas requer muito mais do que simples mudanças na execução das aulas, visto que temos a nossa frente uma geração de crianças e jovens que já não se enquadram mais naquele perfil um tanto estático dos estudantes das décadas de oitenta e noventa. A criança e o jovem de hoje, desde muito pequeno, já mantém uma relação muito íntima com *tablets* e *smartphones*, fato que desencadeia no aluno a necessidade de também associar o uso de tais recursos ao ambiente escolar frequentado por ele. Porém para que a tecnologia seja adequada à aprendizagem, faz-se necessário pensar nas práticas pedagógicas e desenvolvê-las de acordo com os avanços tecnológicos.

A proposta do projeto desenvolvido pela Secretaria Municipal de São Leopoldo oportunizou aos professores criarem, junto aos alunos, roteiros de curtas para então alinhar o conhecimento dos temas abordados ao uso da tecnologia.

Alguns estudos apontam o uso da tecnologia como o responsável por crianças apresentarem um raciocínio muito rápido; porém, em contrapartida, afirmam que essa mesma tecnologia traz uma geração mais retraída e menos criativa, pois brincam sozinhas em suas casas, apenas com o *tablet* e/ou *smartphone* sem um contato com outras crianças.

Ao desenvolver a produção de curta-metragem como prática pedagógica tal fator já não é preocupante, pois permite aos alunos realizar a prática do projeto coletivamente.

Desenvolvimento

No presente ano, nossa instituição aderiu ao Projeto São Léo em Cine, e começamos a desenvolvê-lo com turmas de 8º e 9º anos. Os alunos entusiasmaram-se com a proposta e iniciaram a montagem dos roteiros para dar início ao processo de criação de curtas-metragens.

A direção da escola, a partir do desenvolvimento do Projeto de Política de Paz, sugeriu à professora coordenadora que propusesse aos alunos a criação de um curta que viesse a abordar a prática do *bullying* na escola. Associado ao projeto citado, as Políticas Inclusivas, destacam-se na EMEF Álvaro Luís Nunes, visto que muitas vezes os alunos de inclusão são alvo da prática de *bullying*.

Em uma das turmas de 9º ano, das quais estava desenvolvendo o projeto de curtas, havia dois adolescentes de inclusão: Luís, diagnosticado com paralisia cerebral e deficiência intelectual, e Éderson, portador de síndrome de *down*. Ambos acompanhavam as movimentações dos colegas envolvidos com as gravações dos curtas que estavam sendo criados e demonstravam-se entusiasmados com a execução do Projeto, apesar de pouco se comunicarem verbalmente. A postura, curiosidade e expectativa de ambos foram tantas que em determinado momento surgiu uma vontade coletiva para colocá-los a atuarem de forma significativa.

Pensando na relevância dos Projetos de Política de Paz e Políticas Inclusivas na escola associada à gravação de um curta, surgiu então a ideia de uma releitura de um dos episódios do programa de entretenimento Chaves, onde seria destacada a prática do *bullying* entre eles. A construção do roteiro deu-se com a participação dos alunos envolvidos que apresentaram sugestões de trabalhar a inclusão e viver a experiência da diferença, demonstrando a capacidade de vencer os preconceitos, valorizando assim o que cada um pode ser e ter de melhor.

Após o desenvolvimento do roteiro foi agendado os dias para ensaio e gravação do curta. Com a autorização dos responsáveis iniciariam as atividades a partir das 17h30min horas, após o término do horário da escola.

Os dois atores convidados: Luis e Éderson estiveram sempre acompanhados pelas suas mães, e vale ressaltar a contribuição delas em todo o processo, acompanhando os ensaios e gravações de forma solícita, contribuindo de forma destacável para a realização do curta.

A gravação do curta-metragem "Brincadeira, só que não!" foi em uma das salas de aula da escola, onde em um primeiro encontro só fizemos a leitura das falas e movimentação dos personagens nas cenas.

Na sequência do desenvolvimento do projeto, foram agendados mais dois horários para serem realizados mais ensaios com prova de figurino, de alguns personagens, que se caracterizaram como a turma do Chaves: Chiquinha, Chaves, Nhonho, Professor Girafales, Kico, Paty, e por fim, realizamos num terceiro dia a gravação propriamente dita. Os ensaios e filmagens tiveram o envolvimento de todo o grupo, demos muitas risadas durante as gravações, por conta de piadas e erros de gravação.

A forma encontrada para que os dois adolescentes fossem incluídos como protagonista na história contada foi através de placas de "curtir" e "não curtir" as falas dos personagens durante o desenrolar da aula. Foi notável o sentimento de pertencimento deles ao grupo. Não poderíamos colocá-los simplesmente para dizer que estavam inclusos, pois poderia gerar uma experiência de isolamento, desencadear tristeza e angústia, em vez de promover liberdade, autonomia e alegria ao participar do curta. Para finalizar o curta foi colocada uma música em que todos os personagens cantam e dançam e espontaneamente virou uma festa.

Nosso objetivo foi alcançado quando levamos em conta a especificidade dos sujeitos envolvidos e não mais as suas deficiências e limitações, realizamos assim um trabalho enriquecedor para todos.

Como complemento da atividade executada, realizamos o I Festival de Curtas Alvinho, no qual o referido curta-metragem foi selecionado como 2º lugar, recebendo assim o troféu e a indicação para o festival municipal São Léo em Cine. Além disso, o objetivo maior foi alcançado, visto que organizamos sessões no auditório da escola, nas quais a coordenadora do Projeto Políticas de Paz exibiu o curta-metragem a todos os alunos de 1º a 9º ano, focando na importância do respeito ao outro, independente das diferenças.

Afirmamos que trabalhar com curtas-metragens como ferramenta pedagógica, oportuniza almejar de forma mais válida os objetivos propostos pela escola, criando assim um ambiente de muito maior envolvimento do aluno e despertando nesse o interesse por trabalhar questões desde aprendizagem intelectual às de vivência e conduta.

Figura 1: Alunos Luís e Éderson durante o momento de caracterização

Figura 2: Preparando o figurino das personagens

Figura 3: Alunos caracterizados e cenário pronto para o início das gravações

Resultados e Discussão

O trabalho desenvolvido com curta-metragem na EMEF Professor Álvaro Luis Nunes foi muito bem-sucedido, visto que a constante busca por projetos inovadores e significativos que venham a agregar as práticas pedagógicas é um desejo constante da instituição e de seus componentes (professores e alunos). Como já relatado, por ser uma prática inovadora nessa instituição, afirma-se que os objetivos almejados foram atingidos, pois houve engajamento dos alunos durante todo o processo desde a construção de roteiro, até a edição do curta-metragem. As profissionais envolvidas sentiram-se satisfeitas com o resultado final, o qual aliou, de forma efetiva, a execução de todas as etapas que envolvem a gravação de um curta-metragem à proposta pedagógica de utilizar a

tecnologia como um recurso pedagógico de sucesso. Além de todo o conhecimento tecnológico adquirido ao utilizar o curta-metragem como ferramenta de trabalho escolar, o aluno também se torna beneficiado pelo fato de estar trabalhando a sua desenvoltura e desinibição.

Considerando essa prática como proposta pedagógica inovadora na rede municipal de São Leopoldo, sugerida pela Secretaria Municipal de Educação, salientamos que o trabalho com curtas-metragens oportuniza um amplo crescimento ao aluno no aprendizado, utilizando recursos tecnológicos de uso não comum no âmbito escolar. Dessa forma, tornando-se interessante que os profissionais da educação despertem-se para o desejo de adaptar-se a essa prática, pois a tecnologia associada às práticas pedagógicas, quando bem empregada, é um grande aliado do professor e dos alunos.

Referências Bibliográficas

BELONNI, Maria L. **O que é Mídia-Educação**. Editora Autores Associados. Brasil.

RANGEL M. **Educação com Tecnologia – Texto, Hipertexto e Leitura**. 1ª Ed. Brasil. Editora Wak, 2012.

Revista Nova Escola, **Tecnologia na Educação**. Disponível em: http://acervo.novaescola.org.br/blogs/tecnologia-educacao/ Acesso em: 05 de setembro de 2016.

AÇÃO PEDAGÓGICA E A EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ana Paula Necchi Ribeiro[1]
profeananecchi@gmail.com

Márcia Cristina Lauermann Jung[2]
marciacljung@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar e dialogar sobre a ação pedagógica e as produções de vídeos estudantis realizadas na educação básica: da educação infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental nos anos de 2016 e 2017. Perpassar pelos caminhos da Educação Audiovisual e incluir nesta trajetória a parceria com a Educação Musical é tanto um desafio instigante como uma fonte de produção significativa e colaborativa de aprendizagem para educandos e educadores. Criar, construir e dialogar através da escuta sensível, foram propostas metodológicas amplamente eficazes neste processo. Perceber que a educação Audiovisual transpõe o uso de recursos midiáticos e tecnológicos não é só uma afirmativa perspicaz, mas também dialógica no contexto educacional atual. Portanto, entende-se a relevância de educadores e educandos atuarem como protagonistas de suas histórias de vida. Permite-se experimentar, acima de tudo, o poder criativo e educativo do fazer artístico escolar expressado através: da imagem, da palavra falada e escrita, da música e do vídeo educacional. Tendo a produção de filmes estudantis como recurso principal, pois que tem a possibilidade de integrar todos os outros em si mesmo.

Palavras-chave: Educação. Produção Audiovisual. Produção Musical. Aprendizagem.

Introdução

Pretende-se apresentar e dialogar sobre a ação pedagógica e as produções de vídeos estudantis realizadas na educação básica: da educação infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental nos anos de 2016 e 2017.

É importante citar que ao perpassar pelos caminhos da Educação Audiovisual e incluir nesta trajetória a parceria com a Educação Musical, vivencia-se tanto um desafio instigante como uma fonte de produção significativa e colaborativa de aprendizagem para educandos e educadores.

Considera-se nas proposições dialógicas e reflexivas sobre a educação audiovisual, ao destacar Candido (2016), que as:

> [...] vivências midiáticas e cotidianas desenvolveram momentos de encantamento, trabalho coletivo, participação significativa, interatividade e aquisição de vários conhecimentos que vieram a contribuir para ampliar a qualidade do trabalho educacional. (CANDIDO, 2016, p. 01).

Trata-se, portanto, da reflexão realizada a partir da ação pedagógica voltada para a produção audiovisual na educação básica, a qual possibilita visualizarmos o desenvolvimento da aprendizagem de forma significativa e colaborativa.

---

[1] Autora: Formanda em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Leopoldo/RS.
[2] Coautora: Pós-graduanda em Metodologia do Ensino de Artes, Faculdade São Luís. São Leopoldo/RS.

Deste modo, entende-se que, enquanto profissionais da educação, é emergente estarmos atentos aos sentimentos e às necessidades das crianças e adolescentes com os quais convivemos diariamente nos diferentes papéis que a escola desempenha: escolar, social e cultural.

Metodologia da ação pedagógica na vivência da educação audiovisual

De acordo com Candido (2017):

> Não existem receitas prontas quando se trata de seres humanos. Observamos suas vivências, carências e necessidades para ofertarmos momentos envolventes, através do afeto, de um olhar sensível e otimista, além de uma diversidade de recursos lúdicos e tecnológicos a fim de estimular a curiosidade e o prazer de aprender. (CANDIDO, 2017, p. 04).

Criar, construir e dialogar através da escuta sensível foram propostas metodológicas amplamente eficazes durante o processo que envolveu a produção de vídeos estudantis com crianças da educação infantil e dos anos iniciais da educação básica.

Fundamentação teórica

Dialogar sobre a prática docente é sempre uma oportunidade para promover as mudanças necessárias, Candido (2015), nos conduz para a reflexão de que:

> Com a chegada das TICs nas escolas, demanda-se dos professores uma nova postura para agirem como colaboradores das ações educativas. Conhecer outras formas de ensinar e aprender, de construir e reconstruir os conhecimentos, de interação e comunicação, torna-se fundamental para seu crescimento pessoal e profissional. (CANDIDO, 2015, p. 142).

Assim, destaca-se a relevância de compreendermos, de acordo com a visão de Boll (2013) que:

> As discussões educativas, em geral, corroboravam com paradigmas piagetianos e freirianos e, [...] outra perspectiva busca [...] alternativas para que o foco no processo de construção da aprendizagem se destacasse. (BOLL, 2013, p. 02).

Desta forma, é importante que uma descrição mais detalhada sobre o trabalho desenvolvido em sala de aula se faça presente em forma de relato e que contemple, ainda, a estrutura e a forma nas quais se firmaram as condições para o desenvolvimento de filmes com a educação básica do município de São Leopoldo, onde as professoras atuam como concursadas e são lotadas, em seus cargos de origem, na Educação Infantil, ainda que desempenhem algumas de suas funções pedagógicas em diferentes etapas de ensino.

Breve relato de experiências pedagógicas e a educação audiovisual

Considerar o educador que se dispõe a estar aprendendo um novo recurso, novas possibilidades de estar produzindo conhecimento em sala de aula e trocando experiências, é um dos objetivos deste trabalho de escrita reflexiva.

Educação Infantil

Em 2016, ao ingressar no mundo da produção de vídeos estudantis, produzimos, em parceria com Berçário II e o Infantil III-B (professora Marinês Silva) na EMEI Antônio Leite o documentário, intitulado: Chega! É o Fim do Zum Zum Zum! Bem representado pela própria sinopse, Necchi e Silva (2016) nos contam que o filme:

> É um chamado à comunidade no combate ao Mosquito Aedes Aegypti. [...] Para combater tal vilão, se faz necessária a ajuda de TODOS. [...] Neste combate diário, todos são protagonistas e a idade não influencia. Somente a força de vontade, coragem e consciência de que toda ação é importante. Nossos personagens principais são cheios de vontade e criatividade. A ação acontece no Bairro Campina - Vila Antônio Leite onde surgiram vários focos e suspeitas de doenças transmitidas pelo Mosquito Aedes Aegypti. Então todos são convocados a fazer seu papel. Mobiliza-se uma caminhada de conscientização onde nossos atores, Berçário II e Infantil III B, vão pelas ruas entregando panfletos informativos e conversando com os moradores do bairro sobre a importância do seu papel neste combate e assim recrutando mais soldados para nossa luta. Mostra ainda que ações fáceis, do dia a dia, são suficientes para acabar com este mal mundial. (NECCHI e SILVA, 2016).

A produção da linguagem cinematográfica, os testes sonoros, a construção da escrita do roteiro e a retomada de processos que compõem a construção da fala, bem como, a constituição da identidade da criança como sujeito se estabeleceu nas relações vivenciadas entre as duas turmas envolvidas: Berçário II e Infantil III-B.

Musicalmente, na ação pedagógica supracitada, aconteceu a criação de uma trilha sonora original, que se fez presente nas filmagens do vídeo cantadas à capela, pois não foi possível conseguir, em tempo, uma parceria para construção da linha melódica e instrumental da mesma. Deste modo, as crianças convidadas participaram cantando a letra da música, de autoria da professora Ana Necchi, da turma Berçário II, turno manhã.

Em 2017, as professoras Márcia Jung, no turno da manhã e Ana Necchi, no à tarde, envolveram-se com o Infantil II da EMEI Jardim Verde na produção do vídeo estudantil Caixa de Brinquedos: um Universo Infantil, como nos conta Necchi (2017) ao apresentar a sinopse do mesmo:

> Inspiradas pelo Projeto da turma intitulado Caixa de Brinquedos: Um Universo Infantil e apaixonadas pelo mundo encantador da música, das histórias e do brincar, as crianças da turma Infantil II 2017 exploraram inúmeras possibilidades de criação audiovisual através da produção de uma história coletiva. Com um enredo carismático esta produção cinematográfica estudantil nos conta, de maneira divertida e alegre, a história dos meninos João e Vitor e do cachorro Totó que, acompanhados da família, vão se aventurar no Parque Social e desvendar os mistérios de uma Caixa de Brinquedos e do Mundo da Imaginação. Criar, Cantar, Narrar, Construir: são verbos que relatam este especial momento vivenciado pelas crianças João e Vitor, seus colegas de turma, sua família e o tão amado cachorro Totó. Todos, motivados pelo encontro com um Avião de Verdade trazendo Ossos Deliciosos, logo fazem amizade com os pilotos, demonstrando que afeto e gentileza nunca são demais nas nossas relações sociais. O Vídeo Estudantil Caixa de Brinquedos: Um Universo Infantil é uma produção colaborativa que parte das construções sociais das crianças e das interações que elas estabelecem umas com as outras. É uma fonte de inspiração para espalharmos mais gentileza, criatividade e amor por onde passarmos. Com a alegria da infância, deixamos o nosso convite para cantarmos e brincarmos juntos, fortalecendo e construindo vínculos de convivência saudáveis. Cante, brinque e entre para o nosso Universo Infantil ao clicar no Play! (NECCHI, 2017).

Conforme as considerações de Lima (2008):

> [...] A linguagem cinematográfica pode ser suporte de obras que colocam crianças num local de destaque, de protagonismo por mérito delas. Pode mostrar crianças fazendo arte e questionando o mundo de forma independente do universo dos adultos. (LIMA, 2008, p. 50).

Vivenciar o processo criativo que envolveu a concepção desta produção audiovisual educativa foi instigante e motivadora para adultos e crianças. Desde a escolha do tema, a escrita colaborativa que promoveu a criação do texto coletivo, destacou: as narrativas gravadas em áudios, as sessões de

fotografia, as filmagens de cenas combinadas anteriormente, a criação de um roteiro cinematográfico acessível ao entendimento infantil e a criação de uma trilha sonora original, que se fez presente nas filmagens do vídeo, cantada pelas professoras e crianças envolvidas, estabelecendo uma parceria incrível entre a educação audiovisual e a educação musical.

Deste modo, as crianças destacaram-se durante todo o processo atuando e colaborando com suas escolhas e sugestões. O engajamento das crianças na construção de sua própria história escolar foi uma das premissas desta ação pedagógica que envolveu tanto a educação audiovisual na educação infantil como também a educação musical.

Anos Iniciais

Relata-se a atuação da professora Ana Necchi como Articuladora Pedagógica do Programa Novo Mais Educação 2017 da EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff, no turno da manhã.

A vivência desta nova experiência permite que a professora atue com 120 crianças que estudam nos anos iniciais da educação básica (segundos, terceiros, quartos e quintos anos) e articule o fazer pedagógico com os professores mediadores nas áreas de matemática e letramento e com os professores facilitadores nas áreas complementares: Futsal, Dança e Banda.

Através desta atuação e do desejo das crianças e dos professores mediadores de letramento e matemática foi possível pautar a prática pedagógica do Programa Novo Mais Educação 2017, no turno da manhã, na produção de vídeos estudantis.

Partindo das curiosidades sobre português e matemática debatidas entre os alunos, foi possível elencarmos, juntos, a linha temática para os dois filmes: um mais voltado para o letramento (O livro de receitas) e outro envolvendo a pergunta mais escutada nas aulas de matemática (Estudar Matemática? Para quê?).

Por consequência de suas escolhas os níveis de ensino se uniram para dialogar entre si, criando o roteiro de seus filmes, estabelecendo os locais em que as cenas seriam filmadas, combinando os figurinos, organizando os materiais, ensaiando e gerenciando as gravações.

Faz parte integrante do processo de criação de filmes o trabalho de edição dos mesmos. Nesta etapa, as crianças participaram escolhendo fotos e cenas de acordo com suas opiniões sobre qualidade de imagem, filmagem e sonoridade. Informa-se que, no vídeo estudantil O livro de receitas, as edições principais foram realizadas pela professora mediadora Marina da Rocha e a edição final (de revisão) foi realizada pela professora e articuladora pedagógica Ana Necchi. E no outro filme (Estudar Matemática? Para quê?), todas as edições e revisões finais de edição foram realizadas pela professora e articuladora pedagógica Ana Necchi.

Educação Audiovisual e a Educação Musical: ações pedagógicas significativas

A escola tem um papel mediador sociocultural nos processos de apropriação da linguagem audiovisual e usos de diferentes suportes para criação, expressão e comunicação.

Dentro do projeto Caixa de brinquedos: Um Universo Infantil, pensamos em desenvolver atividades de musicalização; no nosso cotidiano e na produção final do vídeo, pois a música está presente nesse universo onde o brincar também se constitui nas canções, nas danças, nos jogos, nas expressões corporais, na afetividade e nas brincadeiras de roda.

Maurice Martenot, compositor e pedagogo francês do século XX tinha sua proposta de musicalização baseada no canto e nos movimentos ritmados. Ele defendia que a união do som e da melodia contribuíam para o desenvolvimento do sentido rítmico pela sensação do balanço do corpo, a afetividade contida no sentimento de segurança e amor em uma magia do ritmo musical e no desenvolvimento da memória musical por meio da repetição de canções.

Porcher (1982) acreditava no efeito de socialização que a música proporciona e, ao mesmo tempo, de individualização da pessoa (utilizando a comunicação musical para expressar-se, para dar à auto expressão um valor de comunicação, quer dizer, uma espécie de universalidade sensível, através do diálogo musical, da improvisação feita por várias crianças, a criação coletiva que implica o surgimento de um código mais ou menos explícito e estruturante).

A música no ambiente escolar foi desenvolvida dentro do projeto e trabalhada numa atmosfera de afeto, onde as vivências das crianças com o brincar e seus brinquedos, seus sentimentos e trocas de experiências foram ouvidos e valorizados para as construções audiovisuais e musicais.

A produção musical ocorre por meio de dois eixos - a criação e a reprodução- estas garantem três possibilidades de ação: a interpretação, a improvisação e a composição. Durante o desenvolvimento do projeto surgiu a ideia de criar uma música que interpretasse o trabalho desenvolvido no projeto Caixa de brinquedos: Um Universo Infantil e a partir desta concepção fizemos a composição da canção "Caixa de Brinquedos". Essa canção tem muito significado para nossos alunos, pois ela relata a exploração do universo infantil através dos brinquedos, das vivências com os mesmos e com seus amigos, das brincadeiras da exploração de materiais, das histórias, do mundo imaginário infantil.

Cita-se, Kehrwald (2016) que:

> É na infância que se desenvolve as construções simbólicas que permitem o transito entre o real e o imaginário e asseguram a compreensão de que as produções pessoais são fonte de domínio e saber sobre a escrita diferenciada da arte e fonte de prazer pelo envolvimento afetivo que proporcionam. (KEHRWALD, 2016, p. 31).

Este trabalho, além de trazer práticas diferenciadas através do uso da tecnologia audiovisual pouco ainda utilizadas nas escolas, proporcionou-nos o desafio de incluir o material audiovisual, o qual foi produzido a partir das experiências cotidianas do Projeto Caixa de Brinquedos: um Universo Infantil, em conjunto com as crianças e estagiárias da turma Infantil II, que nos auxiliaram em todos os momentos e que nos trouxeram mais que um desafio: uma aprendizagem significativa para educadores e crianças.

Recursos midiáticos versus materiais pedagógicos tradicionais

A ação pedagógica voltada para a produção de vídeos estudantis também utiliza como ferramentas principais de trabalho: o bloco de notas (pois as melhores ideias surgem em lugares e situações inesperadas) do smartphone, a câmera digital, a filmadora, o tripé, o pau de self e o microfone para uma melhor captação de sons e imagens. Segundo Candido (2017, p. 04), a prática da educação audiovisual acontecendo, nas escolas municipais de São Leopoldo, "[...] mostrando outras fontes e instrumentos de aprendizagens, que vão muito além do quadro e giz, do caderno e lápis".

Quando planejamos nossas aulas que incluem a educação audiovisual, nos importamos mais em ouvir e coletar informações relevantes do que propriamente em darmos uma aula com um repertório pronto e estático. Esta aula é sempre uma surpresa para os educandos e também para nós educadores.

Deparamo-nos com um planejamento flexível que inclua a organização do espaço de forma estética e fisicamente apropriada para o uso criativo do mesmo, bem como, para os registros fotográficos, sonoros e filmagens. Através desta ação que é sempre planejada anteriormente, mas que nunca terá um resultado estanque, que surgem os primeiros esboços de um roteiro cinematográfico escolar.

E um dos exercícios mais eficazes para o professor que se dispõe a trabalhar com a produção de vídeos estudantis é a escuta sensível, seja revendo as tomadas de cena, seja escutando os áudios gravados e percebendo as frases não ditas pela emoção do momento e que aparecem nas entrelinhas e nas diferentes tonalidades da voz.

Percebe-se que, na área da educação audiovisual, tão importante quanto fazer escolhas é ser parte ativa em um ambiente multicultural que possibilite a presença do senso criativo, da troca de experiências, da colaboração e da autorreflexão como fontes de inspiração e que promovam uma ação pedagógica dialógica e significativa para que toda a comunidade escolar seja envolvida.

Resultados

Perceber que a educação audiovisual transpõe o uso de recursos midiáticos e tecnológicos não é só uma afirmativa perspicaz, mas também dialógica no contexto educacional atual. Entenda-se que a produção do vídeo estudantil, em especial no vídeo produzido em 2017 na educação infantil "Caixa de Brinquedos: Um Universo Infantil" percorreu caminhos inimagináveis: construindo a aprendizagem de forma significativa e colaborativa.

Neste percurso envolto no universo infantil, destacamos algumas ações pedagógicas voltadas para a produção audiovisual e musical que se fizeram presentes no cotidiano escolar das crianças do Infantil II da EMEI Jardim Verde: as crianças realizaram suas próprias escolhas ao elaborar a história contada no vídeo de forma coletiva; as famílias se envolveram com as vivências escolares de seus filhos, colaborando com a confecção do figurino e do cenário para as gravações; a equipe diretiva, a secretária, as funcionárias, as estagiárias e demais colegas da escola auxiliaram, cada uma com suas possibilidades, a transformar o ambiente escolar num set de filmagem; durante todo o processo de criação a escuta sensível esteve presente, oportunizando que as crianças da Educação Infantil pudessem se expressar e que suas opiniões fossem respeitadas na elaboração desta ação pedagógica; as crianças destacaram-se como seres críticos e responsáveis ao envolverem-se com a criação do roteiro do filme, estabelecendo a ordem das filmagens e os locais que seriam utilizados na escola como set de filmagem; ao longo do trabalho criativo, as crianças tiveram acesso pelo *YouTube* à outros vídeos estudantis realizados por escolas do município de São Leopoldo, enriquecendo este momento cultural.

É interessante pensarmos o quanto nesta fase a criança está experimentando o seu potencial autônomo e o quanto é importante que ela seja respeitada nestas experiências para a sua constituição enquanto sujeito crítico e responsável por suas próprias escolhas de vida. É esta uma das maneiras pelas quais a Educação Audiovisual transpassa pela prática pedagógica voltada ao prazer em aprender e também ao prazer de ensinar: é uma troca justa entre crianças e adultos, onde todos se envolvem com a construção do conhecimento e promovem a aprendizagem colaborativa através do uso das mídias e tecnologias da informação tão presentes na sociedade e, agora, também no dia a dia da escola.

Discussão

Encontra-se nos questionamentos de Lima (2008), as minhas próprias indagações no que se refere à produção audiovisual com crianças da Educação Infantil:

> Como poderemos ter uma produção e uma visão de mundo menos controladora por parte dos adultos? Como seria compreender a criança sem julgar, sem ironizar ou considerar sua fala fantasiosa ou motivo de graça? Uma das maiores dificuldades desta proposta é aceitar o universo infantil com tudo que faz parte dele: a agitação, o caos, a falação, a arbitrariedade. (LIMA, 2008, p. 50).

Em diálogo sobre a importância da aprovação do Projeto de Lei por votação unânime em duas seções ordinárias na Câmara de vereadores que, Candido (2017) nos informa que:

> Até o presente momento aguardamos o atual prefeito sancionar e promulgar a LEI que inclui o festival no Calendário de Eventos do Município, criado pela Lei Nº 5358/2003. Será denominado de **Programa Educacional São Léo em Cine – Festival de Vídeo Estudantil**, uma promoção da Secretaria Municipal de Educação, a realizar-se anualmente, no mês de outubro. (CANDIDO, 2017, p. 04).

A partir da premissa de que as Escolas Municipais estarão amparadas por LEI ao realizarem suas produções de vídeos estudantis e que as mesmas poderão se assim desejarem, participar do Programa Educacional São Léo em Cine – Festival de Vídeo Estudantil, tornar-se uma proposta de ação pedagógica que inclui as escolas desde a educação infantil até os anos finais/EJA da educação básica municipal.

Pereira (2008) registra, em seus apontamentos, que:

> [...] a afetividade é fundamental como motor da ação. Se não nos interessarmos por alguma coisa, nada fazemos certamente, mas isso não é senão um motor e não a fonte das estruturas do conhecimento ". Construir conhecimento é construir significados, é neste ponto que a produção de vídeo pode contribuir. Quando um aluno produz um vídeo, está também adquirindo vários conhecimentos ao mesmo tempo, dando significado as informações anteriores. (PEREIRA, 2008, p. 158).

Então é lançado o desafio aos professores da rede municipal, para os que se dispõem a aprender a utilizar na sua prática pedagógica, ações reflexivas que visem dar voz, vez e visibilidade ao trabalho que estão realizando e, desta forma, garantir também a oportunidade de divulgar suas produções para apreciação fora dos muros escolares.

Questiona-se a boa vontade para aprender e instiga-se o desejo, através deste relato de experiência e deste debate reflexivo sobre a ação pedagógica, para que os demais professores se aventurem por esta incrível experiência, repleta de significados e aprendizagens: a produção de vídeos estudantis na educação básica.

Conclusão

Deste modo, é imprescindível reforçar a ideia de Candido (2015) sobre a relevância de que os docentes estejam conectados não só à realidade do aluno, mas inclusive às demandas sociais, tecnológicas e culturais em constantes e avançadas transformações. A referida autora nos instiga a pensar:

> Portanto, o professor precisa manter-se atualizado para acompanhar a nova visão de educação exigida neste Terceiro Milênio, na qual o aluno é sujeito de sua aprendizagem e capaz de processar conhecimentos se tiver como aliado uma pessoa igualmente comprometida em modernizar-se. Dessa forma, as tecnologias podem ser vistas como um instrumento que

> proporciona uma nova maneira de trabalhar na educação favorecendo a construção do conhecimento, a troca de informações e as novas aprendizagens; não somente informatizar a escola ou fazer o aluno aprender informática. (CANDIDO, 2015, p. 138).

Para tanto, pretende-se que educadores e educandos atuem juntos como protagonistas de suas histórias de vida: experimentando, acima de tudo, o poder criativo e educativo do fazer artístico escolar, expressado através: da imagem, da palavra falada e escrita, da música e do vídeo educacional. Utilizando-se da produção de filmes estudantis como recurso principal, pois que tem a possibilidade de integrar todos os outros em si mesmo.

Referências

ALVES, Mirella Aires. **Música e ação na educação infantil**. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2015.

BOLL, C.I. **Sabedoria digital e informática educativa múltiplos "eus" contemporâneos enunciando numa mesma rede dialógica**. In Educação a distância.../ org. Mill, Reali. São Carlos: EdUFSar, 2016.

CANDIDO, E. B. **De repente, trinta.** Roquette-Pinto: a revista do vídeo estudantil. Pelotas, n. 02, Agosto. 2017. Disponível em: https://videoestudantil.com.br/revista. Acesso em: 24/09/2017.

CANDIDO, E. B. **Educando pela imagem.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL, 01. Pelotas, 2016.

CANDIDO, E. B. Internet na sala de aula: simples tecnologia ou importante recurso de aprendizagem? In. VARGAS, D.; VICENTE, G.; EIDELWEIN, M. P. (Orgs). **Educação com Tecnologias.** Porto Alegre: Cidadela, 2015. p. 135-150.

CANDIDO, E. B. **O festival é amparado por lei municipal.** Roquette-Pinto: a revista do vídeo estudantil. Pelotas, n.1, março. 2017. Disponível em: https://videoestudantil.com.br/revista. Acesso em: 24/09/2017.

NECCHI, Ana. **Blog - Portfólio de Aprendizagem PEAD/UFRGS:** Vídeo Estudantil: considerações sobre espaço e tempo no ambiente escolar. São Leopoldo, publicado em 03 de novembro de 2016. Acessado em 28/09/2017 no link https://ananecchiportfoliopead.blogspot.com.br/2016/11/video-estudantil-consideracoes-sobre.html

NECCHI, Ana e JUNG, Márcia C. L. **Produção de Vídeo Estudantil - Caixa de Brinquedos: um Universo Infantil.** EMEI Jardim Verde, São Leopoldo, publicado no dia 18 de setembro de 2017. Acessado em 28/09/2017 no link https://www.youtube.com/edit?o=U&video_id=09aBR16CUH4

NECCHI, Ana e MACIEL, Mariana C. S. **Produção de Vídeo Estudantil: Estudar Matemática? Para quê?** EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff – Programa Novo Mais Educação 2017, turno da manhã, São Leopoldo, publicado em 17 de setembro de 2017. Acessado em 28/09/2017 no link https://www.youtube.com/edit?o=U&video_id=3BB0heNcqUI

NECCHI, Ana e ROCHA, Marina da. **Produção de Vídeo Estudantil: O livro de receitas.** EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff – Programa Novo Mais Educação 2017, turno da manhã, São Leopoldo, publicado em 17 de setembro de 2017. Acessado em 28/09/2017 no link https://www.youtube.com/edit?o=U&video_id=36Y4fkIqthA

NECCHI, Ana e SILVA, Marinês. **Sinopse do Vídeo Estudantil: Chega! É o Fim do Zum Zum Zum!** EMEI Antônio Leite, São Leopoldo: 2016.

PEREIRA, Josias (Org.) **Gravidez? Agora não. Obrigado** - Novas Tecnologias de informação e comunicação em redes educativas - Diálogos entre praticantes da Educação. Londrina: ERD Filmes, 2008.

PEREIRA, Josias (Org.) e LIMA, Mariana. **Cinema e Criança: elementos para uma mídia reflexiva**. - Novas Tecnologias de informação e comunicação em redes educativas - Diálogos entre praticantes da Educação. Londrina: ERD Filmes, 2008.

PONSO, Caroline Cao. **Música em Diálogo: Ações Interdisciplinares na Educação Infantil.** Porto Alegre: Sulina, 2014.

PORCHER, Louis. **Educação Artística: Luxo ou necessidade?** Ed. Summus Editorial, 1982.

RIBEIRO, J. da S. **O estudante de EaD em contextos de mudança.** In: Educação a distância, qualidade e convergências: sujeitos, conhecimentos, práticas e tecnologias/ org. Daniel Mill, Aline Reali. São Carlos: EdUFSar, 2016.

DIÁLOGOS ENTRE A ARTE E AS NOVAS TECNOLOGIAS

UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DA DISCIPLINA DE ARTES COM PRODUÇÃO DE CURTAS-METRAGENS

Benival Vilaça Ferreira Júnior[1]
benival.ferreira@ifba.edu.br

Camila Cruz da Silva[2]
camilacdasilva@hotmail.com

Resumo

O presente artigo consiste num relato de experiência com produção de vídeos em sala de aula, na disciplina Artes, com estudantes do ensino médio do Instituto Federal da Bahia, *Campus* Vitória da Conquista. Levanta discussão teórica que agrega a importância da relação entre juventude e novas tecnologias, reconhecendo o espaço escolar como lócus propício ao desenvolvimento da leitura e crítica dos meios. Evidencia algumas experiências baseadas nas produções exibidas na sétima edição do CURTA 5 - Festival Estudantil de Curtas, ocorrida em novembro de 2016, a partir de um olhar para as atividades desenvolvidas por este projeto de extensão, reconhecendo a pertinência de ações que permitam aos jovens assumirem a função de protagonistas, produtores de vídeos, assim como consumidores atentos e críticos.

Palavras-chave: Arte. Curta-metragem. Educação.

Abstract.

This article is an experience report with the production of videos in the classroom, in the Arts course, with high school students from the Federal Institute of Bahia, Campus Vitória da Conquista. It raises a theoretical discussion that adds the importance of the relationship between youth and new technologies, recognizing the school space as a propitious locus for the development of reading and media criticism. It evidences some experiences based on the productions exhibited in the 7th edition of SHORT 5 - Short Student Festival, held in November 2016, based on a look at the activities developed by this extension project, recognizing the pertinence of actions that allow young people to take the role of protagonists, producers of videos, as well as attentive and critical consumers.

Keywords: Art. Short film. Education.

Introdução

Este relato é produto da experiência com produção de curtas-metragens na disciplina Artes proposto aos alunos dos primeiros anos do Ensino Médio Integrado, no Instituto Federal da Bahia - IFBA, *Campus* Vitória da Conquista. Seu público-alvo é composto por adolescentes entre 14 e 15 anos. Apesar do crescente avanço tecnológico na comunicação, a utilização de novas tecnologias no contexto escolar permite a criação de situações de ensino cada vez mais complexas e ricas, possibilitando que a atividade criativa do aluno seja valorizada e que ele possa perceber diferentes formas de aprender

---

[1] Professor do IFBA – Instituto Federal da Bahia, Campus Vitória da Conquista.
[2] Professora Mestre do IFBA – Instituto Federal da Bahia, Campus Vitória da Conquista.

novos conhecimentos e de compreender a realidade que está inserido. Diante da proposta de promover, também, a inserção de novas tecnologias às práticas pedagógicas, é promovido pelo IFBA, *Campus* Vitória da Conquista, através da COPEX – Coordenação de pesquisa e extensão, o projeto CURTA 5 – Festival Estudantil de Curtas, que possui como principal objetivo de incentivar e promover novos talentos na área cinematográfica e estimular o desenvolvimento e a produção audiovisual de cunho educativo e cultural, aberto à comunidade, possibilitando a criação, reflexão e difusão do cinema "amador" com a participação da sociedade, roteiristas, cineastas e pesquisadores do audiovisual e da Educação.

Material e métodos

O vídeo é considerado forma de manifestação artística, componente das artes visuais que apresenta formato e linguagem própria. Utiliza-se de códigos verbal/textual (uso da palavra), icônico/imagético, sonoro/som (músicas, ruídos) simultaneamente, formando uma combinação harmoniosa de diferentes elementos. Trata-se, portanto, de linguagem multifacetada e híbrida, que permite a expressão de mensagens, sentimentos e ideias por intermédio de diversos recursos.

Para organizar o trabalho, definimos uma estrutura para a montagem de vídeos na modalidade curta-metragem, com o tempo máximo de 05 minutos e a temática livre. Orofino (2005) mostra essa sequência, delimitando as seguintes etapas: roteiro (definição da pauta, construção do roteiro propriamente dito, definição do gênero), pré-produção, produção e edição. Esses momentos auxiliam na construção do texto imagético, permitindo a previsibilidade das ações a serem implementadas, assim como o envolvimento dos adolescentes.

Resultados e discussões

A partir do trabalho desenvolvido, chegamos a três resultados: o primeiro – a partir da apresentação da proposta de criação de um vídeo foram criadas situações desafiadoras que possibilitaram o surgimento do desejo e da necessidade de aprender, da vontade de mudar, de ser protagonista, num processo em grupo, como sugere o *construtivismo*. Por intermédio de leituras e análise de filmes, ao longo das aulas, levamos os alunos a aprender mais sobre si e sua forma de se relacionar com seus pares, e a curiosidade de descobrir os caminhos para se construir um curta-metragem. O Segundo – em um ambiente formal, como uma escola técnica, observou-se que os estudantes ficaram ansiosos para entregar o vídeo. Quando este foi entregue, fizemos uma exibição somente com eles. No momento dessa primeira mostra, foi interessante perceber as reações dos adolescentes ao se verem na tela. Um misto de vergonha, felicidade, surpresa.

Após o momento da primeira mostra, abriu-se uma discussão onde cada aluno teve a oportunidade de relatar suas experiências, desafios e conquistas. Percebeu-se nas falas que a produção audiovisual era, até pouco tempo, privilégio de poucos. Hoje, no entanto, criar, produzir, editar e difundir conteúdos audiovisuais estão ao alcance da faixa etária dos adolescentes. Com um simples celular ou uma *webcam*, é possível captar imagens e sons. A forma não convencional dos formatos didáticos disponibilizados para se trabalhar com Artes no ensino médio, certamente ajudou a atrair o interesse desses jovens e, justamente por estar distante de seu cotidiano, apresentou resultados surpreendentes em cada um dos dias aos quais foram dirigidos.

Aprender sobre câmera, enquadramento, *storyboard*, *storyline*, roteiro e edição foi muito importante e prazeroso, mas aprender tudo isso não faria o menor sentido se os participantes não vissem o audiovisual como uma linguagem, como uma forma de expressão de suas ideias, vontades, opiniões, de suas maneiras de ver o universo ao seu redor. O Terceiro – dos 16 vídeos produzidos em sala de aula, conseguimos inscrever 06 na sétima edição do CURTA 5 – Festival Estudantil de Curtas

do IFBA, dos quais 02 foram finalistas e premiados. Dentro dessa perspectiva, é importante ressaltar que os indivíduos (agentes) inseridos na realidade do Instituto Federal da Bahia em Vitória da Conquista encontram-se em realidades bastante diversificadas: a grande parte dos alunos são oriundos de municípios que não possuem produção e expressão artísticas tão comuns nas metrópoles, excetuando a mídia televisiva e a internet; não possui nenhuma sala de cinema ou teatro; nenhum museu com conceito de curadoria, seja das artes visuais mais tradicionais ou da flexibilidade artística que goza a arte contemporânea. Esta situação dificulta o desenvolvimento de um fazer ou mesmo de uma absorção artística voltada para o mundo contemporâneo que pode contribuir com o diálogo entre os saberes e as várias áreas de conhecimento.

Promover aprendizado, experimentação, descondicionamento do olhar, reflexões críticas sobre os conteúdos produzidos e ampliação do repertório técnico e teórico desses novos criadores é uma das maneiras de valorizar essas novas fronteiras de expressão e participação social. Para tanto, torna-se fundamental oferecer oportunidade para que esses novos criadores audiovisuais possam aprimorar os conceitos teóricos e a prática, intensificar a produção local e a difusão dessas expressões, unindo os saberes do universo cinematográfico tradicional às novas dinâmicas do universo digital.

Conclusões

A leitura, liberdade de expressão, planejamento, criatividade e organização durante as etapas básicas para a produção de um vídeo são fundamentais e importantes. A proposta de produção de um produto audiovisual permitiu aos adolescentes uma aproximação a todo esse processo de interpretação e leitura crítica da mídia, na medida em que os alunos foram estimulados a refletir sobre a constituição do vídeo, percebendo suas funções e modos de operacionalização.

A atividade desenvolvida mostrou que é possível, também, lançar propostas de produção de audiovisuais com adolescentes do Ensino Médio, dando oportunidade para a expressão da criatividade nos diferentes momentos que envolvem a construção de uma peça videográfica.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**/ Arte. Brasília, MEC, 1997.

DUARTE, R. M.; LEITE, C.R.; MIGLIORA, R. **Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê**. Revista Brasileira de Educação, Campinas, v. 11, n. 33, pg. 497-509, 2006.

KELLNER, Douglas, SHARE, Jeff. **Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação**. Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol. 29, n. 104, p. 687-715, out. 2008.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

SERRA, Floriano. **A arte e a técnica do vídeo: do roteiro à edição**. São Paulo: Summus, 1986.

A PRÁTICA DE VIDEOAULAS NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Jaqueline Antunes da Silva
jaqueline.antunes@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar um projeto de pesquisa de mestrado que buscará analisar se a prática com videoaulas na educação Matemática pode auxiliar no aprendizado dos alunos. A motivação da pesquisadora para desenvolver tal trabalho se deu a partir de sua experiência em sala de aula, com vistas a ensinar a Matemática de maneira estimulante e descontraída. O texto apresenta o problema da pesquisa, os objetivos gerais e específicos, uma análise da tecnologia na sociedade contemporânea e a metodologia a ser utilizada que será pela abordagem qualitativa do tipo participante.

Palavras-chave: videoaulas, tecnologia, educação Matemática

Abstract

He present article aims to present a master's research project that will seek to analyze if the practice with videotapes in Mathematics education can aid in student learning. The motivation of the researcher to develop such work was based on her experience in the classroom, with a view to teaching mathematics in a stimulating and relaxed way. The text presents the research problem, the general and specific objectives, an analysis of technology in contemporary society and the methodology to be used that will be by the qualitative approach of the participant type.

Keywords: videotapes, technology, education Mathematics

Introdução

Os dados estatísticos apresentados pelo Ministério da Educação, assim como a simples observação do cotidiano das escolas, estão a demonstrar que a educação no país requer profunda reflexão em todos os sentidos, principalmente no fazer diário do professor em sala de aula.

Segundo pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), órgão governamental vinculado ao Ministério da Educação, 40% (quarenta por cento) dos estudantes da 5ª a 8ª série que se afastaram da escola tiveram o desinteresse como motivo principal (Moran, 2007, p. 7).

Na sociedade do conhecimento, onde a informação está em todos os lugares, a escola e o professor adquirem um novo papel, deixam de serem os detentores do conhecimento, para se transformarem em mediadores desses saberes. O maior desafio está em mediar essas informações de forma a despertar o interesse dos alunos que se encontram imersos em tecnologias digitais muito mais interessantes do que a sala de aula.

Na minha prática diária como professora da disciplina de Matemática para turmas de alunos do Ensino Médio de duas Escolas Estaduais do município de Pelotas-RS, constato que é necessário

empregar outra maneira de trabalhar os conteúdos da disciplina de modo a facilitar a aprendizagem dos alunos e os tornem mais felizes.

Ademais, já tive pequena experiência com a produção de videoaula de forma muito empírica e sem o conhecimento que hoje possuo adquirido nas aulas do Curso de Mestrado.

Nesse sentido, a produção de videoaulas sobre conteúdos da disciplina de Matemática é vista por mim como um elemento adicional de minha didática, por ser o vídeo um recurso que faz parte do dia-a-dia dos alunos, acrescido do fato que o aluno tem acesso a videoaula não só no ambiente escolar, mas também em qualquer lugar, momento e quantas vezes desejar acessá-la.

A videoaula destaca-se por propiciar um modelo bastante dinâmico com som e imagem, o que poderá ser um facilitador na aprendizagem. Com som e imagens é possível contextualizar conteúdos de forma divertida, com recursos de fala e edição de vídeo, fazendo com que desperte a atenção do aluno.

Desta forma, esse artigo apresenta a pesquisa que pretendo realizar no curso de mestrado. A questão que se buscará responder é a seguinte: Como a prática com videoaulas na educação Matemática pode auxiliar no aprendizado dos alunos?

Nesse sentido, para responder a questão que norteará a pesquisa, o estudo terá o seguinte objetivo geral: Analisar como a prática com videoaulas na educação Matemática pode auxiliar no aprendizado dos alunos.

Terá como objetivos específicos:

- Observar a prática com videoaulas na disciplina de Matemática.
- Descrever a prática com videoaulas na disciplina de Matemática.
- Identificar a relação professor/aluno após o uso da videoaula.

Tecnologias na sociedade contemporânea

O uso das tecnologias na sociedade contemporânea faz parte do dia a dia de todas as pessoas. Utilizamos diferentes ferramentas tecnológicas como, por exemplo, a televisão, o rádio, o *tablet*, o *smartphone*, dentre outros.

As relações humanas sofreram profundas modificações com o uso das redes sociais através das plataformas digitais, como por exemplo: *Whatsapp, Facebook, Twitter*, dentre outros. Pode-se iniciar e terminar um relacionamento, obter notícias em tempo real, conversar com pessoas que se encontram a longa distância umas das outras, compartilhar vídeos.

De acordo com matéria veiculada no jornal Hoje[1], da emissora rede globo, nos dias 17 e 18 de julho de 2017, atualmente mais de 100 milhões de brasileiros estão conectados nas redes sociais. Diante disto, percebe-se que as tecnologias vêm transformando significativamente as relações do homem com o mundo.

Segundo Lévy (1996), a era atual das tecnologias da informação e comunicação estabelece uma nova forma de pensar sobre o mundo que vem substituindo princípios, valores, processos, produtos e instrumentos que mediam a ação do homem com o meio.

A semelhança com o que ocorre numa aldeia, a tecnologia oportuniza a ocorrência de uma comunicação tão ampla no planeta, que todos se conectam. A abolição das distâncias e do tempo, bem como a velocidade cada vez maior que ocorre no processo de comunicação em escala global, nos leva

[1] https://www.youtube.com/watch?v=xInTpqVPJMM acessado em: 18/07/2017.

ao processo de retribalização, onde barreiras culturais, étnicas e geográficas são relativizadas. A conectividade nos torna próximo e ao mesmo tempo distante uns dos outros, como destaca MacLuhan (1972).

A evolução dos sistemas, da internet e dos celulares corroboram as ideias do autor, haja vista que a comunicação ocorre de maneira quase instantânea e em lugares absolutamente distantes. Com isso, são geradas aproximações culturais.

Os meios de comunicação, segundo Mcluhan (1996), exercem fundamental papel na sociedade, uma vez que influenciam os indivíduos. Tais meios podem transmitir mensagens positivas ou negativas. Esses meios atuam como extensões do ser humano. A mensagem de qualquer meio traz mudança de padrões, tendências ou paradigmas que acabam por se introduzir e fazer parte da vida humana.

Ainda, segundo o autor, as tecnologias são, portanto, consideradas extensões do ser humano. São artefatos produzidos pelo homem, que nasce apenas com seus sentidos, entretanto, no decorrer da vida, vai construindo e incorporando ferramentas que aperfeiçoam tais sentidos às denominadas "extensões".

Para Lévy, (1999):

> A tecnologia não é nem boa, nem má isto depende do contexto, dos usos e dos pontos de vista, tampouco neutra, já que é condicionante ou restritiva, uma vez que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades. Não se trata de avaliar seus impactos, mas de situar o seu uso, haja vista que muitas vezes enquanto discute-se sobre possíveis usos de dada tecnologia, algumas formas de usar já se impuseram. (LÉVY, 1999, p. 26).

Para Mcluhan (1996), a introdução de qualquer meio ou tecnologia implica em consequências pessoais e sociais, uma vez que esses novos padrões e novos comportamentos tornam outros meios obsoletos, criando novos conceitos de arte e, ao mesmo tempo, criando novos papeis de desempenho na sociedade.

A escola como espaço de discussão, construção e produção de conhecimento, não pode ficar exclusa desse processo, devendo apropriar-se dessas tecnologias e aplicá-las a ação educativa. Diante disso, a escola tem que estar equipada com recursos tecnológicos e os professores capacitados para trabalhar com esses recursos.

Nesse aspecto, é importante saber, que a prática pedagógica com o uso das tecnologias precisa efetuar-se de forma a ampliar os saber dos alunos, tornando-os seres críticos, capazes de analisar sua realidade social, histórica e cultural, criando possibilidades para transformá-la, corroborando, assim, as ideias de Freire (1983):

> Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de "distanciar-se" dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se. (FREIRE, 1983, p. 17).

Ora, como integrar essas ferramentas pedagógicas digitais na sala de aula para que essas tecnologias tenham efeito no ensino e na aprendizagem do aluno? "As tecnologias sozinhas não mudam a escola, mas trazem mil possibilidades de apoio ao professor e de interação com e entre os alunos" (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2003, p.14). Cabe ao professor apropriar-se e utilizar-se desses recursos de forma que o educando construa o seu próprio conhecimento.

Diante disso, quando analisamos o vídeo digital, percebemos o grande interesse das crianças, adolescentes e adultos sobre esse recurso, e como pode ser uma interessante ferramenta no ensino e na aprendizagem dos alunos.

De acordo com o site do *youtube*[2], este possui mais de um bilhão de usuário no mundo. No Brasil, essa plataforma de vídeos do *google*, é acessada por 82 milhões de usuários, o que representa 80% das 102 milhões de pessoas com acesso a internet no país.

No contexto da globalização, tornou-se muito fácil fazer um vídeo. Qualquer pessoa com o celular ou uma câmera fotográfica digital consegue fazer um vídeo, os recursos tornaram-se mais baratos. Além disso, os vídeos podem ser expostos na internet, em um canal do *youtube*, ou em uma tv ou computador.

Corroborando as ideias de Moran (2009)[3]:

> Os vídeos também são um grande instrumento de comunicação e de produção. Os alunos podem criar facilmente vídeos a partir do celular, do computador, das câmaras digitais e divulgá-los imediatamente em blogs, páginas web, portais de vídeos como o YouTube. Os computadores e celulares deixaram de ser apenas ferramentas de recepção. Hoje, são também de produção. Uma criança pode tirar fotos ou fazer vídeos com um celular e publicá-los na internet. Professores e alunos podem ter acesso a inúmeros vídeos prontos e assisti-los no momento ou salvá-los para exibição posterior. Ao mesmo tempo, todos podem editar, produzir e divulgar novos conteúdos a partir do computador ou do celular. Entramos numa nova era da mobilidade e da integração das tecnologias, como nunca antes foi possível. (MORAN, 2009).

Ademais, quando analisamos a produção de vídeo feita por estudantes, segundo Pereira (2012), percebemos que essa produção contribui para apresentar a realidade do aluno e a simples exibição de um vídeo já modifica a relação professor-aluno.

Pereira aponta que essa produção e exibição de vídeo também cria hostilidade em alguns professores que acham que é perda de tempo exibir vídeo sem analisar o seu conteúdo didático.

O professor, acostumado a utilizar livros, lousa e caneta para transmitir os conteúdos de sua disciplina em sala de aula, não pode ficar alheio a utilização de vídeos, computador, internet, televisão e até mesmo do celular, haja vista que tais recursos fazem parte do dia-a-dia dos estudantes fora do espaço escolar.

Segundo Pereira, em palestra ministrada no I Congresso de Produção de vídeo Estudantil realizado em Pelotas- RS em 2016, o vídeo possibilita a alunos e professores experimentarem realidades diferenciadas do dia-a-dia de uma sala de aula.

Pesquisas como a de Pereira (2012) apontam que professores de diversas áreas quando produzem vídeo comentam a mesma coisa, isto é, a relação professor-aluno ficou modificada e assim contribuiu para o processo de aprendizagem isso por gerar prazer e estimular outras habilidades e contribuir para uma aula fora do padrão de ensino bancária.

Segundo Freire (1987) na educação bancária,

> O 'saber' é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1987, p. 67).

Conforme se observa, o vídeo é uma ferramenta importante e que pode contribuir no processo ensino-aprendizagem.

---

[2] http://tecnologia.ig.com.br/2016-10-05/youtube-usuarios.html acessado em: 28/06/17.
[3] http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=16&idCategoria=8 acessado em: 28/04/16.

Metodologia

Toda investigação nasce de algum fato ou problema observado ou sentido.

No meu caso, o estudo que pretendo desenvolver nasce da necessidade de saber se a prática com videoaulas na educação Matemática pode auxiliar no aprendizado dos alunos, tornando as aulas mais atrativas e contextualizadas para os estudantes.

Para Gil (2007, p.17), pesquisa é definida como o procedimento racional e sistemático que visa obter respostas aos problemas que são propostos. Acrescenta, ainda, o autor, que a pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Na mesma linha, Cervo e Bervian (2006) destacam que a realização de uma pesquisa requer métodos e técnicas. Segundo estes autores, o método concretiza-se como o conjunto das diversas etapas e passos que devem ser dados para a realização da pesquisa. Esses passos são as técnicas.

De forma mais simples e didática, Gerhardt e Silveira (2009) definem que uma pesquisa só tem início se existir uma pergunta, uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta. Desse modo, pesquisar é buscar ou procurar resposta para alguma coisa.

Assim, nesta parte do trabalho será abordada, a partir do embasamento teórico, a classificação da pesquisa que será desenvolvida e os procedimentos metodológicos a serem utilizados nessa investigação, descrevendo a técnica de coleta e análise dos dados, especificando brevemente os passos a serem seguidos durante a pesquisa.

De acordo com Gil (2007), algo que o pesquisador deve definir preliminarmente é a abordagem a ser utilizada, isto é, se esta será quantitativa ou qualitativa.

Nesse sentido, no estudo que pretendo realizar será explorada, fundamentalmente, a abordagem qualitativa, pois é o método de investigação científica que analisa o subjetivo no objeto de estudo, analisando suas particularidades e experiências individuais. Nesse estudo, não haverá preocupação com a representatividade numérica.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009) a pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização.

Acrescido a isso, cabe salientar, que na área da educação, Gil (2007) entende que a abordagem qualitativa apresenta-se mais adequada. Outra razão que justifica a escolha dessa abordagem está relacionada ao fato de que tendo em mãos os dados qualitativos, é possível melhor descrever, compreender e explicar o objeto de estudo.

Para que se desenvolva uma pesquisa é necessário selecionar o método de pesquisa a ser utilizado. Assim, conforme as características da pesquisa, o pesquisador seleciona dentre as diversas modalidades de pesquisa a que melhor atenda a tais características.

Para a realização do estudo, entendo que a estratégia de pesquisa mais adequada é a pesquisa participante. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), este tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas.

Ademais, de acordo com Brandão (1984), trata-se de um enfoque de investigação social por meio do qual se busca plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com objetivo de promover a participação social para o benefício dos participantes da investigação.

Desse modo, dentre os tipos de pesquisa qualitativa, a pesquisa participante é o tipo que entendo será o mais adequado para responder à questão de pesquisa que norteará o estudo.

No que se refere a coleta e análise de dados, cabe salientar os aspectos mencionados a seguir. O processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas e estanques.

> Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente, de maneira que, por exemplo, a Coleta de Dados num instante deixa de ser tal e é Análise de Dados, e esta, em seguida, é veículo para nova busca de informações. As ideias expressas por um sujeito numa entrevista, *verbi gratia*, imediatamente analisadas e interpretadas, podem recomendar novos encontros com outras pessoas ou a mesma, para explorar aprofundadamente o mesmo assunto ou outros tópicos que se consideram importantes para o esclarecimento do problema inicial que originou o estudo. (TRIVIÑOS, 1987, p. 137).

Desse modo, a pesquisa será realizada junto a duas turmas de alunos do primeiro ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual do município de Pelotas-RS, onde a pesquisadora desenvolve suas funções na qualidade de docente da disciplina de matemática.

Nas duas turmas serão apresentados os conteúdos inicialmente, logo após será apresentada a videoaula, explicando os mesmos conteúdos de forma descontraída, com imagens do cotidiano dos alunos, música, tudo isso dentro de uma estória. Ademais, essas videoaulas ficarão à disposição dos alunos dessa turma em um canal do *YouTube* criado pela professora.

Logo a seguir, será realizado um instrumento de avaliação em ambas as turmas, para identificar os resultados de cada aluno. Acrescido a isso, será aplicado um questionário aberto e uma entrevista semiestruturada, contendo algumas perguntas comuns a todos os alunos entrevistados e outras formuladas à medida que se desenvolver a entrevista.

As turmas possuem, em média, 35 (trinta e cinco) alunos. Uma das características peculiares para a escolha das turmas alvo do estudo é o fato de que alguns alunos têm apresentado desmotivação para com as atividades escolares.

Serão produzidas 04 (quatro) videoaulas sobre os conteúdos curriculares **exponencial e logaritmo**, sendo 2 (duas) videoaulas de cada assunto.

A escolha desses assuntos decorre do fato de que irei aplicar as videoaulas no terceiro trimestre do corrente ano, período em que serão abordados esses conteúdos. Acrescido a isso, a escolha desses temas se deve, também, ao fato de se tratar de assuntos de difícil compreensão por parte dos alunos, verificando-se normalmente a ocorrência de muitas reprovações. Logo após, terminada essa etapa, os dados coletados serão preparados para serem analisados e interpretados, gerando-se as correspondentes conclusões.

Considerações finais

A pesquisa de mestrado que ora proponho realizar, pretende reunir um conjunto significativo de informações, fruto de estudo e pesquisa, para constatar se a prática da videoaula na educação matemática poderá auxiliar na aprendizagem do aluno.

Verifica-se, no entanto, que há insuficiência de bibliografia relacionada ao tema, fato que, se por um lado dificulta a realização do presente trabalho, por outro, representa um estimulante desafio com vistas a trazer cada vez mais à luz o emprego de videoaulas na educação Matemática.

Os vídeos poderão contribuir para orientar e dar maior liberdade aos alunos nativos digitais. Tal sistemática corrobora as afirmações de Rancan (2011), no sentido de que a escola recebe uma nova geração de alunos, os alunos digitais. Trata-se de uma geração que se comunica, realiza atividades e busca informação na Internet e que, apresenta-se ávida por poder estudar com uso das mesmas ferramentas que utilizam para se relacionar com seus amigos.

Referências

BRANDÃO, C. R. 1981. **Pesquisa Participante**. São Paulo: editora Brasiliense.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Editora Paz e terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. 120 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad.Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.264 p.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Nacional, 1972. 348 p.

_____**. Os meios de comunicações como extensões do homem**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1996. 407 p.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 7. ed. São Paulo, SP.: Papirus, 2003

MORAN, José M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2007. 174 p.

PEREIRA, J.; JANHKE, G. **Produção de vídeos nas escolas: educar com prazer**. Estudo de caso Escola Independência/Pelotas. Pelotas: ErdFilms, 2012.

RANCAN, G. **Origami e tecnologia: investigando possibilidades para ensinar geometria no ensino fundamental**. 2011. 80f. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática – Programa de Pós-Graduação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UM RECORTE TRANSVERSAL ENTRE A PRODUÇÃO DE VÍDEO O ENSINO DA MATEMÁTICA FINANCEIRA NA ESCOLA RURAL

Josiane de Moraes Brignol
josianepmoraes88@gmail.com

Resumo

O presente trabalho busca apresentar o projeto de mestrado a ser desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa será desenvolvida com duas turmas, 7º e 8º ano do ensino fundamental de uma escola rural do município de Capão do Leão no 2º trimestre letivo de 2018. Neste período serão produzidos pelos estudantes vídeos com duração de até dez minutos, os quais abordarão uma matemática financeira relevante a suas vivências. Esta pesquisa tem como objetivo analisar como a produção de vídeo pode contribuir no ensino da matemática financeira. Dentro deste estudo pretende-se discutir a matemática financeira básica, incentivar a produção vídeo no ensino da matemática e refletir sobre os aspectos que a produção de vídeo traz para o ensino da matemática na escola rural. Ao associar à produção de vídeo com a matemática financeira busca-se essencialmente desenvolver um conhecimento financeiro básica para lidar com situações cotidianas, de forma a driblar as armadilhas financeiras suscetíveis as famílias com poucas instruções na área.

Palavras-chave: produção de vídeo; matemática financeira; escola rural.

Abstract.

The present work seeks to present the master's project to be developed in the Post Graduate Program in Mathematical Education of the Federal University of Pelotas. The research will be carried out with two classes, 7th and 8th years of elementary school in a rural school in the city of Capão do Leão in the second quarter of 2018. During this period, the students will produce videos, lasting up to ten minutes, which will treat a financial mathematics relevant to their experiences. This research aims to analyze how video production can contribute to the teaching of financial mathematics. This study intend to discuss the basic financial mathematics, encourage video production in the teaching of mathematics and to reflect on the aspects that the video production brings to the teaching of mathematics in the rural school. By associating video production with financial mathematics, seeks to develop a basic financial knowledge to deal with everyday situations, in order to avoid the financial traps that families with few instructions in the area are susceptible.

Keywords: video production; financial math; rural school

Introdução

A rede pública mesmo com alguns problemas estruturais proporciona ricas experiências didáticas dentro e fora da sala de aula como a que se oportunizou através da participação do I Festival de Vídeos Estudantis no município de Capão do Leão no ano de 2016.

A ideia chamou atenção e causou curiosidade. Neste momento uma das escolas rurais do município visualizou uma grande oportunidade de os alunos realizarem um trabalho onde possam

expor suas ideias e conhecimentos, onde os mesmos assumem o papel de criadores de suas próprias histórias. No anseio de aproximar e ampliar a afinidade entre educador/educando e despertar o gosto pela matemática a escola envolveu os alunos no festival.

A partir desta experiência de trabalhar com vídeos como responsável e orientadora dá base e origem ao projeto que busco desenvolver no ano letivo de 2017 na escola E.M.E.F Profª Delfina Bordalo de Pinho, localizada na área rural do município do Capão do Leão que é a produção de vídeos estudantis relacionados aos conteúdos de matemática trabalhados durante os anos finais do ensino fundamental. Esta pesquisa envolverá alunos do 7º e 8º anos. Durante este período a intenção é criar vídeos que unifiquem a teoria e a prática relacionadas ao conteúdo de matemática financeira listada como componentes do conteúdo programático de matemática na escola que se propõe a realização deste estudo.

Impulsionada pelo grande interesse, admiração e curiosidade dos alunos pelos "famosos *Youtubers*" que se apresentam através das mais variadas mídias, seja pelas redes sociais ou até mesmo pelas biografias resolvi atrelar esta motivação ao conhecimento para que os alunos construam seus próprios vídeos de matemática financeira de forma a colaborar com a construção do conhecimento de forma diferente. Visto que essa prática ainda não foi explorada na referida escola.

Devido à vontade em aprender mais sobre o assunto e tornar mais didático o ensino da matemática, em especial da matemática financeira decidi me aperfeiçoar nos quesitos necessários para realizar uma produção de vídeo matemática acreditando em uma nova prática para o ambiente escolar dentro desta disciplina. Nas palavras de Freire (1996, p.55) "Como professor crítico sou um "aventureiro" responsável, predisposto a mudança à aceitação do diferente." E para que haja subsídios para uma mudança efetiva buscarei investigar as contribuições que a produção de vídeo pode trazer para o ensino da matemática financeira sendo este um tema intrínseco na sociedade contemporânea capitalista.

A formação do estudante integrada com a presença das tecnologias como a utilização de vídeo gera uma experiência valiosa, pois traz sintonia entre a prática e a teoria. Como afirma Moran (1995, p.27) "O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos." Essa sinergia traz subsídios sólidos para a educação multimídia dos jovens da área rural para que tenham brilho no olhar, o despertar da criatividade e a união entre alunos e professores.

O envolvimento com as tecnologias é algo intenso e presente na vida dos alunos mesmo sendo estes da área rural. Conforme Borba, Silva e Gadanidis (2015, p.77) "tecnologias móveis como laptops, telefones celulares ou *tablets* tem se popularizado consideravelmente nos últimos anos em todos os setores da sociedade". Sabendo dessa dissimilação das tecnologias acredita-se que além de pertinente, a construção de vídeos estudantis voltados para a área da matemática vai gerar um novo olhar, tanto para a escola quanto para o ensino da disciplina. E, por conta disso, é estabelecido, o desafio de tornar perene e estrutural os avanços obtidos na matemática. O intuito é de aumentar significativamente o sentimento de pertencimento à escola. A esperança em um processo diferente, colaborativo e criativo de aprendizagem que alimente o ímpeto dos alunos e reafirme a carreira docente dos educadores. De acordo com D'Ambrosio (1996, p.80) "A escola não se justifica pela apresentação de conhecimento obsoleto e ultrapassado e muitas vezes morto. Sobretudo ao se falar em ciências e tecnologia".

Será essencial apresentar através da produção de vídeo que se amplia a relação do estudante com o seu mundo e com a sua realidade, afinal, quando se trata de anos finais do ensino fundamental lidamos com pré-adolescentes e adolescentes com seus medos e inseguranças que só desejam ser compreendidos pela sociedade.

Participar de vídeos caseiros de matemática financeira, trazendo a liberdade de criar e se reinventar torna os educandos donos de suas ações e os transforma em bem mais do que expectadores o que vem a somar no ensino da matemática. Nas palavras de Pereira e Janhke (2012, p.7):

> Quando aprendemos a fazer um vídeo estamos aprendendo a "escrever a linguagem videográfica". E assim nos tornamos críticos na leitura (recepção) de "textos videográficos". Ou seja, simplesmente não engolimos os "textos videográficos goela abaixo". Ficamos capazes de "pensar" sobre o que o vídeo apresenta.

Este pensamento é estendido a área rural que por sua vez revela suas peculiaridades como a amizade, a cumplicidade que sem dúvida são singulares e propiciam grandes impressões positivas. De acordo com Fernandes e Molina (2005):

> Esta visão do campo como um espaço que tem suas particularidades e que é ao mesmo tempo um campo de possibilidades de relação dos seres humanos com a produção das condições de existência social confere à Educação do Campo o papel de fomentar reflexões que acumulem força e espaço no sentido de contribuir na desconstrução do imaginário coletivo sobre a visão hierárquica que há entre campo e cidade; sobre a visão tradicional do jeca tatu, do campo como lugar do atraso. (FERNANDES; MOLINA, 2005, p. 68).

Como todo o jovem moderno o adolescente rural também quer estar inteirado nas inovações tecnológicas que o mundo oferece e que nem sempre são possíveis devido às condições estruturais ou às baixas condições financeiras.

Oportunizar o contato, a criação, a reflexão, a edição de vídeos que abordem histórias sobre a matemática financeira os insere em um contexto atual, de investigação e que gera a oportunidade de uma educação financeira básica que qualifique decisões autônomas e que garanta perspicácia ao lidar com o dinheiro. De acordo com Skovsmose (2008, p.37) "A autonomia intelectual é caracterizada em termos da consciência e da disposição dos alunos para recorrer às suas próprias capacidades intelectuais quando envolvidos em decisões julgamentos matemáticos". Pois além de criar seus próprios vídeos, vão poder desfrutar de um acervo dentro da escola que servirá a eles ou para outros educandos que tiverem curiosidade ou necessidade de assistir a esta produção audiovisual.

Mesmo com um universo imerso em tecnologias, ainda existe certa carência de produções de vídeos de matemática que unam a teoria e a prática em um mesmo momento. Conforme Trojack e Silva (2013, p.3) "ainda vemos muitos professores despreparados para lidar com as tecnologias em sala de aula, alguns por falta de oportunidade, outros por falta de equipamentos e outros ainda, por falta de envolvimento." Neste sentido persigo a pesquisa sobre a produção audiovisual para o ensino de matemática de maneira que esta venha enriquecer a prática de ensinar e desmistificar o grande preconceito que os alunos carregam sobre esta disciplina tão importante no nosso cotidiano. Este trabalho objetiva analisar como a produção de vídeo pode contribuir no ensino da matemática financeira. E para chegar a esta análise durante o processo de pesquisa se pretende discutir a matemática financeira básica, incentivar a produção vídeo no ensino da matemática e refletir sobre os aspectos que a produção de vídeo traz para o ensino da matemática na escola rural.

Metodologia

A pesquisa em questão possui cunho qualitativo. Segundo Genhard e Silveira (2009, p.32) "A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais." A abordagem é um estudo de caso sobre a realização de vídeos feita na referida escola. Segundo Triviños (1987, p. 133), o Estudo de Caso "é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente". Já segundo Gil (2008) o Estudo de Caso consiste no estudo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu conhecimento, o que vem de encontro com o referido projeto que foi analisar como foi a realização e os benefícios gerados pela produção dos vídeos construídos para o festival.

A ideia é introduzir a produção vídeo na matemática financeira aliando a teoria e a prática durante o segundo trimestre letivo do ano de 2018 nas turmas de 7º e 8º anos do ensino fundamental.

Segundo Moran (2013, p.28) "Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos". E para se cumpra os objetivos desta pesquisa de forma satisfatória em síntese segue o cronograma da realização do projeto durante o período de 2018 a 2019:

1º Ação (março a maio) – escrita para a qualificação;

2º Ação (de junho a agosto) – roteirização, animação, gravação dos vídeos de até dez minutos, em grupos de 5 alunos abordando situações da matemática financeira, envolvendo investigação, desenvolvida pelos alunos pesquisados e conduzida pela pesquisadora;

3º Ação (de setembro a novembro) – edição, organização, catalogação do material gravado em CDs ou DVDs para disponibilização de todo grupo escolar interessado em seu acesso. Avaliação final de todo processo em conjunto com as turmas participantes com culminância de uma amostra de trabalhos.

Tabela 1: Cronograma do Projeto

	Meses/2018										**2019**
Etapa	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Jan/Abr**
Roteiro				**x**							
Gravação					**x**	**x**					
Animações						**x**					
Revisão						**x**					
Edição							**x**				
Catalogação							**x**				
Avaliação							**x**				
Exposição							**x**				
Dissertação								**x**	**x**	**x**	**x**

Resultados e discussões

- Evolução das tecnologias digitais no ensino da matemática.

Durante muitos anos o ensino da matemática no Brasil se restringiu ao uso de poucos recursos, mas nos últimos trinta anos a forma acelerada com que as inovações tecnológicas vêm tomando espaço abriu inúmeras alternativas para o enriquecimento da educação matemática. Este período divide-se em quatro fases marcadas por perspectivas teóricas entre outros aspectos. (BORBA, GADANIDIS e SILVA, 2015).

A primeira fase tem início nos anos de 1980 onde já era falado sobre a utilização de calculadoras simples, científicas e computadores. De acordo com Motta (2009, p.56) "A tecnologia na educação passou a ter seu funcionamento racional ao final da década de 60, como forma de integrar a educação ao crescimento econômico ao qual passava o Brasil." As pessoas em geral começam a usar a expressão "tecnologias informáticas" (TI) para tratar sobre computador ou software.

A segunda fase começa nos primeiros anos de 1990 com o acesso e popularização dos computadores pessoais. Neste momento professores, pesquisadores e alunos veem a máquina com outra expectativa. Muitos começam a usar o computador pela primeira vez outros ainda não tiveram oportunidade, o medo e a insegurança barrou a utilização de muitos indivíduos e a relação com a TI se tornou um misto entre os que vislumbraram novas possibilidades didáticas e pedagógicas e os que não acreditavam nos seus benefícios para a humanidade.

Vários softwares educacionais foram criados nesta fase pelas empresas, governos e pesquisadores. Os professores precisaram sair de suas zonas de conforto para adaptarem-se a nova realidade do uso de novas tecnologias na sala de aula. Conforme Borba, Gadanidis e Silva (2015, p.24) "Parte fundamental do nosso trabalho é buscar novos tipos de problemas e diversificados tipos de soluções com o surgimento de uma nova tecnologia".

A terceira fase estreia com a chegada da internet. Na educação ela tem papel bastante importante já que facilita a comunicação entre educadores e educandos, possibilitando a realização de cursos à distância para a formação continuada de professores através de e-mail, chats, fóruns entre outros ambientes virtuais. Surge e se firma uma nova expressão devido a informalidade de comunicação ocasionada pela internet que é "tecnologias da informação e comunicação" (TIC).

Nestas circunstâncias acontece uma reflexão sobre questões bastante relevantes como, por exemplo: como organizar cursos online? Como a matemática é transformada em ambientes virtuais? A educação matemática se amplia e potencializa diante das interações virtuais mediadas pelas tecnologias digitais e continua se desenvolvendo com novas possibilidades da quarta etapa.

A quarta fase do uso de tecnologias em educação matemática iniciada em 2004 permeada por uma internet rápida. A partir de então cada vez mais a qualidade de conexão e oportunidades com o acesso à internet têm crescido e transformando a comunicação online em algo essencial a maioria dos cidadãos. Nesta fase o termo comum usado é "tecnologias digitais" (TD) trazendo em suma alguns aspectos em destaque tais como: GeoGebra, multimodalidade, novos designs e interatividade, tecnologias móveis ou portáteis, performance, performance matemática digital.

As quatro fases de tecnologias digitais foram se qualificando ao longo desses trinta anos, tornaram-se mais rica uma após a outra, complementando-se a cada novo progresso, uma apoiando a outra e não se excluindo, pois muitas das "velhas" tecnologias ainda são utilizadas.

- O uso de tecnologias na educação.

Nas atividades cotidianas lidamos a todo o momento com as mais variadas tecnologias e a cada época novas surgem ou são recicladas. A sociedade necessita que sejam formados cidadãos capazes de lidar de forma mais amistosa e proveitosa com as inovações tecnológicas. De acordo com Gallo e Pinto (2010, p.1) "A escola é um dos espaços mais privilegiados de elaboração de práticas e de projetos de conhecimento, de intervenção social e de vida." Desta forma entende-se que apostar no uso das tecnologias através de vídeo proporciona um novo caminho para o ensino da matemática.

Mesmo com muitos avanços tecnológicos e a disseminação da internet a educação ainda apresenta muitos entraves quanto ao uso de tecnologias diferentes, colaborativas e adaptadas ao aluno. O avanço do mundo digital é carregado de inúmeras possibilidades que ainda deixa um caminho incerto para as intuições de ensino que não sabem o que ensinar ou adotar como certo diante de tantas variações. (MORAN, 2013)

O uso de tecnologias iniciou desde o surgimento das civilizações, todos os tempos dão evidência a um tipo de tecnologia aos dias de hoje, pois tudo que utilizamos em nossa vida pessoal ou profissional. Conforme Kenski (2012, p. 19) "tecnologia é o conjunto de tudo isso: as ferramentas e as técnicas que correspondem aos usos que lhes destinamos, em cada época".

Introduzir a tecnologia na educação de forma contextualizada, aliada ao ensino das diferentes áreas da educação proporciona uma aprendizagem sem o foco apenas tecnológico criando uma possibilidade natural de aprender sem exaltar a tecnologia. Conforme Horn e Staker (2015, p.107) "O erro mais comum cometido pelas escolas com a tecnologia é se apaixonar pela própria tecnologia." Ao contrário disso compreende-se que seu uso como ferramenta de ensino traz um significado maior para a educação.

- A produção vídeo e ensino da matemática financeira.

Paralelamente se intenciona trazer a autoestima, a importância da pesquisa, do conhecimento constituído de forma criativa, pois de acordo com Pereira e Janhke (2012, p.7) "Diante de um vídeo a sensação é de estarmos diante da realidade", esta realidade possibilita que o aluno aproxime a matemática das compras, dos financiamentos, do cartão de crédito da família, saindo do universo abstrato e construindo uma simulação da realidade.

Desenvolver a matemática financeira aliada a produção de vídeo, a uma situação de investigação criada pelos estudantes e relevante as suas vidas, os auxilia a constituir uma formação básica e consciente sobre as finanças presentes no cotidiano. Desta forma a escola estará auxiliando na formação de um cidadão crítico, que sabe refletir e lidar minimamente com seus recursos monetários. Nas palavras de Skovsmose (2007):

> Um cenário para investigação é aquele que convida os alunos a formular questões e a procurar explicações. O convite é simbolizado por seus "Sim, o que acontece se...?". Dessa forma os alunos se envolvem no processo de exploração e explicação. O "Por que isto?" do professor representa um desafio, e os "Sim, por que isto...?" dos alunos indicam que eles estão encarando o desafio e estão em busca de explicações, o cenário de investigação passa a constituir um novo ambiente de aprendizagem. No cenário de investigação os alunos são responsáveis pelo processo. (SKOVSMOSE, 2007, p. 21).

A relação que se pretende construir através do vídeo e da matemática financeira é uma relação hibrida de cumplicidade, amizade, de investigação para a construção do conhecimento de forma colaborativa entre professor e educando de modo que ao trabalhar com esta metodologia o aluno se sinta motivado. Conforme Moran (2013, p. 48) "Os jovens adoram fazer vídeos, e a escola precisa incentivar ao máximo a produção de pesquisas em vídeos pelos alunos. A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica.". Conclui-se que desta forma a integração da comunicação entre a escola e o aluno através do vídeo se faz muito importante, pois desta forma é estimula a parte sensorial do estudante.

Conclusões

Observando a motivação dos alunos no I Festival de Vídeos do Capão do Leão comecei a indagar se o uso da matemática não poderia ser inserido no tema dos vídeos, ou seja, os alunos produzirem vídeos de conteúdos matemáticos. Portanto a proposta como já foi descrito é que para o ano letivo de 2018 se construa vídeos com o conteúdo específico de matemática financeira produzidos pelo 7º e 8º ano e que após esta experiência juntamente com a professora responsável pelas turmas, se organize uma videoteca na escola com outros conteúdos matemáticos presentes na lista de conteúdos programáticos da escola para que assim todos os alunos da escola ou comunidade tenham acesso e a possibilidade de assistir quando tiverem necessidade e que ainda vejam a disciplina de matemática como um todo de forma mais amistosa e interessante.

A intenção é criar vídeos que integrem a teoria e a prática e que facilitem a compreensão dos conteúdos matemáticos de forma mais atrativa. Conforme Moran (2013, p.60) "Quando focamos mais na aprendizagem dos alunos do que no ensino, a publicação da produção deles se torna fundamental". A partir da criação deste material, divulgação no meio escolar, os alunos estarão

envolvidos na aprendizagem e percebendo a importância, a utilização de seu trabalho neste meio. Além disso, a escola Bordalo, como é chamada carinhosamente pretende continuar incentivando a participação dos estudantes nos próximos festivais do município, assim como já faz para o segundo festival da cidade que acontece neste ano de 2017 e a este congresso a que escrevo. Esta atividade proporciona a interação com estudantes de outras escolas que também integraram o festival, deixando claro que no campo ou da cidade se pode ter experiências diversificadas, valiosas, e intensas e que as grandes conquistas estão disponíveis a todos e ainda que o grande diferencial está no empenho, na dedicação, na luta de cada um em conquistar o melhor independente do conteúdo a ser abordado nos vídeos estudantis.

Referências

BORBA, M. C.; SILVA, R. S. R.; GADANIDIS, G. **Fases das tecnologias digitais em Educação Matemática: sala de aula e internet em movimento**. 1º edição; 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. – (coleção tendências em Educação matemática).

D'AMBRÓSIO, U. **Educação matemática da teoria à prática.** Campinas, SP: Papirus, 17º edição, p.80, 1996.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. **O campo da Educação do Campo**. IN: MOLINA, M. C. e JESUS, S.M.S.A. (Orgs.). Por uma educação do campo – contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo ed. Brasília, DF: Articulação Nacional "Por uma Educação do Campo", 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática da educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GALLO, P.; PINTO, M. G. **Professor, esse é o objeto virtual de aprendizagem**. Revista Tecnologias na Educação – ano 2 – número 1 – Junho de 2010. Disponível em: < http://tecnologiasnaeducaçao.pro.br/> . Acesso em: 01 de out. de 2016.

GERHARDT, T. E. e SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HORN, M. B., STAKER, H. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. [Tradução: Maria Cristina Gularte Monteiro; revisão técnica: Adolfo Tanzi Neto, Lilian Bacich]. – Porto Alegre: Penso 2015.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

MOTTA, M. S. **Módulo de: Tecnologia de informação e comunicação e a educação matemática.** 1º edição, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2009.

PEREIRA, J.; JANHKE, G. **Produção de Vídeo nas Escolas: Educar com Prazer** – Estudo de Caso na Escola Independência / Pelotas. 2012.

SKOVSMOSE, O. **Educação crítica: incerteza, matemática e responsabilidade**. Tradução de Maria Aparecida Viggiani Bicudo. São Paulo: Cortez, 2007.

SKOVSMOSE, O. **Desafios da Reflexão em Educação Matemática Crítica**; tradução; Orlando de Andrade Figueiredo, Jonei Cerqueira Barbosa. – Campinas, SP: Papirus, 2008 - (Coleção Perspectiva em Educação Matemática).

TROJACK, C. L.; SILVA, S. **Produção de vídeos digitais na educação matemática**. VI Congresso Internacional de Ensino da Matemática. ULBRA – Canoas – Rio Grande do Sul – Brasil – 16,17 e 18 de outubro de 2013 – Minicurso.

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA EJA:
DESAFIO, COMPROMISSO E RECOMPENSA

Karine Ferreira Sanchez[1]
kakasanchez_rs@yahoo.com.br

Resumo

O presente texto visa registrar a vivência da produção de vídeo estudantil, mais especificamente na modalidade EJA- Educação de Jovens e Adultos, de uma escola pública periférica do município de Rio Grande. A experiência traz duas produções, quais sejam do ano de 2015 e do ano de 2016, cujos nomes são "O Último Olhar" e "Vá e Frente!". Neste trabalho argumento sobre a importância da realização destas produções, mesmo significando renunciar outros métodos e conteúdos da disciplina por mim trabalhada, Artes. Relato também as dificuldades, de toda ordem, que tenham sido encontradas. E investigo as possibilidades de crescimento e perpetuação da prática em minha escola, tendo em vista o êxito das propostas e o reconhecimento da comunidade escolar diante das produções concluídas. Anuncio importantes constatações de autores acerca da linguagem cinematográfica como propulsora de desenvolvimento dos sujeitos. Perpasso também questões relativas à necessidade de uma constante reciclagem da educação pública à frente das demandas massivas e massacrantes da mídia que tem atingido a maioria dos jovens.

Palavras-Chave: EJA. Produção Audiovisual. Experiências.

Introdução

Nos tempos atuais, mesmo em países subdesenvolvidos, as ferramentas para produção de audiovisual estão acessíveis como nunca antes estiveram. Entendendo audiovisual como produto com imagem e som, de preferência apresentando uma narrativa ou um testemunho acabamos por concluir que audiovisual pode ser qualquer coisa cuja gravação contenha os dois registros, cujo próprio nome aponta. O dispositivo comum para captação de vídeo, no entanto, é o mesmo utilizado para uma variedade de outras coisas de ordem individual do usuário, em geral o telefone celular que disponibilize toda a parafernália tecnológica, juntamente com a recriação de identidades em redes sociais, que temos visto saltar aos olhos e ouvidos todos os dias. É importante salientar aqui que essa possibilidade de audiovisual como registro de um momento não carrega em si as técnicas e a poética da construção de uma narrativa que almeje ser considerada um "filme".

Numa era tão emergentemente digitalizada como a nossa não é de surpreender que, pelo menos para uma parte da população, um produto comum para entretenimento, formação de opinião e ensino continue a ser o audiovisual nas redes de televisão com seus filmes e programas, vídeos da internet, dispositivos como Netflix, etc. Tendo em vista essa realidade massiva, arrebatadora, e irrefutável na prática, faz-se cada vez mais difícil fazer contato com os estudantes pelos meios tradicionais. Isso nos instiga a ceder ao "Novo", o que também não é simples para muitos trabalhadores da educação, e mesmo para diversos estudantes. Como tudo o que é novo a entrada de novos interesses e métodos no nosso cotidiano deve ser permeada por cautela, compreensão e aprendizado.

---

[1] Professora de Artes da rede municipal de Rio Grande (E.M.E.F. PORTO SEGURO); Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal de Rio Grande – FURG. E-mail:

É visível que a produção de vídeos estudantis tem se popularizado nas escolas públicas, e que a naturalização do processo está trazendo uma mudança significativa nas esferas mais íntimas da escola, como a avaliação, por exemplo. Mas o ponto mais significativo desse processo é a manutenção da motivação dos estudantes em estar e ser na escola. Numa escola que acompanhe as contemporaneidades, sabendo fazer a conexão dessas "modernizações" com o plano e trabalhos de aula, e focando em três aspectos centrais da produção de vídeo: a confiança na coletividade, o comprometimento e a importância da criação original. Em janeiro deste ano fui contemplada com a publicação de meu relato de trabalho sobre a experiência com vídeos estudantis na minha escola no decorrer de 2016.

O referido texto, intitulado "Aula de Artes para além do desenho: audiovisual na construção coletivo-colaborativa" está disponível em http://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/files/2017/03/2-Karine-Produ%C3%A7%C3%A3o-de-v%C3%ADdeo-estudantil-no-Brasil.pdf. Já no texto desenvolvido agora trago, mais especificamente, a experiência da produção de vídeo estudantil com alunos da modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos, que pude vivenciar no ano de 2015 e 2016. Sem dúvida o aspecto mais importante do processo de produção foi a expectativa com o produto final, e a questão da competitividade. Na pós-produção, por sua vez, o aspecto mais relevante foi a ascensão da autoestima nos estudantes.

Experiências práticas na EMEF Porto Seguro

Em 2015 por ocasião do II Festival de Vídeo Estudantil promovido pela parceria do curso de Cinema e Animação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, na pessoa do Professor Josias, e a Secretaria Municipal de Educação de Rio Grande – SMEd/NTM nasceu a vontade e a possibilidade de realizar o primeiro vídeo que ganhou a proporção desejada através do próprio festival. Como minha atuação principal é na EJA da minha escola, como professora de Artes, elenquei a turma de 4ª etapa (referente a 8ª série ou 9º ano) e propus a produção do vídeo. As conversas e os preparativos tomaram mais tempo do que a produção em si, mas compreendemos que nas primeiras vezes que tentamos algo novo é natural que isso aconteça. Em 2016 repeti o processo, na terceira edição do Festival, obtendo igualmente êxito no reconhecimento do nosso trabalho. Uma das adversidades no início do processo foi lidar com o fato de que não conseguimos atingir todos os alunos, alguns deles não se interessavam pela pré-produção, causando assim uma dispersão dos estudantes. Mas isso foi logo contornado com o apoio da direção da escola na colaboração de reuniões apenas com aqueles que estavam trabalhando. Acredito que para uma criação ser verdadeiramente coletiva seu conteúdo e método deve ser acordado entre todos, e cada um deve poder escolher fazer aquilo para o que se sente mais qualificado. No caso em questão, posteriormente os outros acabaram participando como atores, ou na pós-produção.

De uma forma geral sempre encontraremos algumas resistências ao novo, exemplificadas, entre outras formas, pela timidez. Além disso, na EJA é muito presente a questão da baixa autoestima, o que faz com que qualquer proposta que aparente certa complexidade para ser realizada seja vista como árdua e improvável. Mas logo que o material vai ganhando forma os envolvidos se tornam mais confiantes, consequentemente mais responsáveis, e o "filme" ganha mais organizadores. Outro desafio a ser tratado com cautela na produção de vídeo na escola, em especial na EJA é a aceitação da renúncia de outros conteúdos do cronograma da disciplina. Digo "em especial na EJA" por que o calendário letivo é semestral, sendo assim naturalmente todas as disciplinas trabalham menos e/ou de forma mais apressada os conteúdos tradicionais. Quando usamos o tempo de aula para um trabalho extra, estamos aceitando a ausência de várias aulas convencionais, muito embora seja possível vincular os conteúdos disciplinares nos vídeos e, claro, especialmente em Artes, ter no vídeo um produto artístico por si só.

Colocados os desafios no processo da proposição e produção dos vídeos me detenho agora aos aspectos facilitadores e que favoreceram o trabalho. Como escrevi no meu relato anterior, acima referido é sabido o caráter de contraposição à coletividade, companheirismo, participação, esportiva

que a questão da competitividade carrega. Mas mais uma vez preciso afirmar que é evidente que esse aspecto é um dos principais propulsores para os estudantes produtores dos vídeos. A meu ver isso se torna ainda mais promissor, congruente e profícuo por se tratar de estudantes da EJA, que como já afirmado costumam ter uma considerável carga de baixa-estima. Dessa forma um desafio, uma oportunidade para mostrar "o seu melhor" torna-se tão significativo que o caráter politicamente incorreto da competição se anula. Presenciamos a motivação, a potência, a verdadeira "segunda chance" que, por excelência, a modalidade da EJA deve oferecer.

Em relação à construção das histórias, evidenciadas por roteiros cuja criação é dos estudantes, é notável a dramaticidade pela qual se sentem atraídos. Dessa forma a violência é muito presente na temática principal das narrativas. Observei também que essa não é uma constante específica da EJA. Em 2016 os roteiros criados pelas outras turmas de alunos regulares do turno da manhã também demonstram esse viés. Em vários vídeos de outras escolas o processo se repete. Podemos supor que a propensão da faixa etária da adolescência, juntamente com seu contexto social, colabora nessa predileção. Sabemos que algumas tendências da educação, e certamente alguns eventos e festivais sobre assuntos estudantis que pregam os "bons costumes" e a não-incitação de cenas indesejáveis, por vezes acabam fugindo da realidade dos sentimentos dos jovens , de sua subjetividade, e até da objetividade, dependendo do contexto local, momento e informação que vivenciam, formando um paradigma entre a realidade e o processo de criação. O que é crucial e oportuno salientar é que, cada vez mais, a escola deve promover o debate sobre questões polêmicas, privilegiando a desalienação. Quando o indesejável é inevitável ele deve ser trabalhado pelas instâncias formais, e não deixado por baixo dos panos. Ele deve ser admitido como real, e deve promover sua própria potência de superação, sendo trazido para problematizar e não levado a ser velado. Então se tivermos que retratar a violência, como já o fizemos, é claro que sempre de forma crítica, não nos privemos disso, apenas tenhamos cautela para proporcionar a interpretação mais correta possível de nossa narrativa.

Portanto, e mais ainda, a produção de vídeo se afirma como método de aprendizagem e de geração de debates sobre questões sociais relevantes, elevando o aspecto educativo do ponto de partida onde o estudante assiste para aprender para o ponto onde o estudante produz para ensinar, formando um processo dialógico desejável na esfera filosófica da educação de nosso tempo.

Fundamentação teórica

Percebemos que fazer, orientar, ensinar, acompanhar, coordenar a produção de vídeos na escola não é o mesmo que ter sua própria produção individual e independente. Várias demandas estão aí envolvidas e devem ser saciadas privilegiando, em primeiro lugar, a educação dos estudantes e não o rígido cumprimento e execução de um roteiro. Além disso, a escola possui regras próprias, horários e protocolos. Muitas vezes nossos vídeos exigem cenas externas aos muros de nossa instituição, e podemos estar lidando com jovens menores de idade que precisarão de autorização para atividade externa à escola. Outras vezes boas ideias podem envolver custos e dificilmente encontraremos tempo e condições para buscar patrocínios. Fazer vídeo estudantil significa realizar o possível artisticamente, esculpindo nosso tempo e espaço reais, aproveitando o ensejo para promover criatividade e conhecimento, fomentando nos jovens a oportunidade de investigar e criar a partir de sua própria cultura, de sua região, de seu tempo.

Aprofundando as questões acerca dos aspectos educativos necessários a uma saudável manutenção da prática do educador trago Freire, na obra "O Educador: vida e morte" quando fala sobre os sonhos possíveis na educação. Embora no texto que cito o tema não seja exatamente esse, ele se torna conveniente e proveitoso ao que trago aqui, pois disserta sobre a prática do educador. Ele diz:

> Uma outra pergunta que eu me venho fazendo de alguns anos pra cá, se faz em torno do que eu chamo um lugar na educação ou na prática educativa para os sonhos possíveis. Corro o risco de parecer ingênuo, mas na verdade nada aí é ingênuo, eu diria a vocês. Ai de nós, educadores, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis. E o que é que eu quero dizer com sonhar o sonho possível? Em primeiro lugar, quando eu digo sonho possível é porque há na verdade sonhos

> impossíveis, e o critério da possibilidade ou impossibilidade dos sonhos é um critério histórico-social e não individual. (FREIRE, 1982, p. 99).

Dessa forma compreendemos que é essencial na educação o sonhar, de preferência sonhar o realizável, não por desesperança num sonho mais alto, mas por emergência. Sabemos que Freire nos orienta, a todo o momento, para uma educação libertadora, em contragosto da educação domesticadora. Ele quer nos desamarrar dos métodos "bancários" de ensino-aprendizagem, e deixar clara a impossibilidade da neutralidade na educação. A desalienação política e social dos educandos devem ser um foco de todas as disciplinas, de todo o projeto pedagógico. E a diversidade de métodos para tanto deve colaborar no processo. Nos nossos vídeos é entregue ao aluno a brecha para a criação individual e coletiva, juntamente com sugestões de temas e, ocasionalmente, um certo polimento para que a produção e o produto final, sejam por si só educativos, motivos de sonho e realização. Adapto a fala de Freire por acreditar na associação entre sua diretriz e o trabalho crítico-criativo que é a realização dos vídeos.

> O sonho viável exige de mim pensar diariamente a minha prática; exige de mim a descoberta, a descoberta constante dos limites da minha própria prática, que significa perceber e demarcar a existência do que eu chamo espaços livres a serem preenchidos. O sonho possível tem a ver com os limites destes espaços e estes limites são históricos. Por exemplo, os limites de espaços que a minha geração teve não são os limites que a geração de agora está tendo e de que eu vim participar. São outros os limites, como são outros os sonhos e alguns deles são os mesmos, na medida em que alguns problemas de ontem são os mesmos de hoje no Brasil. (FREIRE, 1982, p. 100).

Essas falas do mestre Freire nos levam a refletir e a consolar nossos anseios quando nos jogamos ao Novo em nossa vivência na escola. Há uma série de fatores que colaboram para que a realização de pequenos sonhos seja possível, e especialmente o ato de sonhar seja possível como, por exemplo, o apoio da própria escola e dos pais de alunos. Percebo que na EJA essas condições e motivações de trabalho, fazer o diferente através do sonho, desalienar politicamente, produzir um trabalho de arte para além da arte, não é mais um "extra", tem crescido como necessidade primeira. Tanto pelo novo formato de vida dos jovens, conectados a tudo e a nada ao mesmo tempo, como pela primordialidade de estimular o aluno mais velho.

O tempo-espaço em que as notícias arrebatadoras não param de nos atravessar, tanto que por vezes parecem deixar de ser arrebatadoras, em que presenciamos profundas decepções com a humanidade, em que corremos o risco de deixar de lado a empatia, banalizando o mal, faz com que se sobressaia a imposição de se trabalhar valores de vida, liberdade e respeito. Os produtos artísticos audiovisuais que temos feito em nossa escola almejam ser mais do que narrativas dramáticas, ainda que utilizando esse recurso literário. A realidade, tal como tem se dado na educação doméstica ou escolar nos instiga a aprofundar, cada vez mais, conteúdos polêmicos e reais, abrir nossos olhos e os olhos de nossos educandos, na perspectiva do desenvolvimento gradativo de crítica, ética e fraternidade.

> Eu agora diria a nós, como educadores e educadoras: ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina. (FREIRE, 1982, p. 101).

Ainda que nem sempre esteja sendo possível realizar um trabalho verdadeiramente interdisciplinar na produção dos vídeos na EJA, vale dizer que os próprios dispositivos da produção audiovisual, com a diversidade de suas etapas e as distintas necessidades de conhecimentos, técnicas e intuições instigam o atravessamento de diversas áreas do conhecimento, e o encontro de uma disciplina "dentro" da outra. Para ilustrar um conceito de interdisciplinaridade, que confirma o que temos tentado realizar na escola trago a obra "Os Sentidos da Interdisciplinaridade", do autor Humberto Calloni:

> [...] ainda que não possamos generalizar uma concepção de interdisciplinaridade, cujo entendimento possua um caráter de universalidade, o certo é que há uma compreensão comum, por parte dos seus diversos estudiosos, da inadiável necessidade de se resgatar a comunicação, o diálogo, a relação de sentidos e significados entre os múltiplos setores do conhecimento (...) objetivando uma percepção de conjunto, de interfaces dinâmicas, de enredamento numa totalidade significativa. (CALLONI, 2006, p. 15).

A possível interdisciplinaridade testemunhada na produção dos vídeos não é feita com esforço, uma vez que está intrínseca no processo. Podemos averiguar que se trabalham aspectos técnicos, artísticos, linguísticos e históricos. Mesmo assim a realização de vídeos estudantis dificilmente carrega o peso da categoria "cinema", muito mais pela dimensão do que pelo método. Entretanto é pertinente fazermos referência a autores que tratam seriamente a temática do cinema, e encontrar neles elos com a produção na escola, não tão absurdos quanto possa parecer. O vídeo na escola tem possibilidades múltiplas, e carrega consigo alternativas e perspectivas ético-estéticas a partir da experiência vivenciada na arte do imaginário. Ao assistirmos um audiovisual emprestamos nosso tempo e atenção ao que acontece na tela, traçamos um acordo invisível entre produtor e espectador. As duas instâncias devem respeitar-se e cumprir o acordo, qual seja, o da comunicação. O alcance do vídeo, dessa forma, estimula sentimentos como o da afetividade ou da revolta, e, portanto também o da ética. A arte é assim responsável por parte imprescindível da constituição do sujeito.

Em "A Experiência do Cinema: antologia", Munsterberg coloca que:

> O horror que vemos nos dá realmente arrepios, a felicidade que presenciamos nos acalma, a dor que observamos nos provoca contrações musculares; todas as sensações resultantes – dos músculos, das articulações, dos tendões, da pele, das vísceras, da circulação sanguínea e da respiração – dão o sabor da experiência viva ao reflexo emocional dentro da nossa mente. (MUNSTERBERG, 2008, p. 52).

Marcel Martin, autor de "A Linguagem Cinematográfica", salienta também as competências da capacidade realística do vídeo, quando diz:

> A imagem fílmica proporciona, portanto, uma reprodução do real cujo realismo aparente é, na verdade, dinamizado pela visão artística do diretor. A percepção do espectador torna-se aos poucos afetiva na medida em que o cinema lhe oferece uma imagem subjetiva, densa e portanto passional da realidade: no cinema o público verte lágrimas diante de cenas que ao vivo não o tocariam senão mediocramente. (MARTIN, 2007, p. 25).

Para fortalecer o vínculo sobre os aspectos relevantes da educação às possibilidades do audiovisual, centro deste trabalho, trago também o autor Jean Claude Carriére, que tanto colaborou no seu "A Linguagem Secreta do Cinema", para uma introdução a esse meio de arte aos não-iniciados. O trecho que trago aqui elucida a necessidade de repensar a própria linguagem audiovisual, visto que todas as linguagens podem esmaecer diante de uma sociedade que não para de se reinventar. Então também a arte deve ter a cautela, mesma da educação, para manter-se ativa, para atrair o espectador, para nele fazer alguma diferença.

> Nosso século testemunhou a invenção de uma linguagem e diariamente observa a sua metamorfose. Ver uma linguagem ganhar vida, uma verdadeira linguagem apta a dizer qualquer coisa, e participar, mesmo que como espectador, desse contínuo processo de descoberta me impressiona por ser um fenômeno singular que deveria estimular serniólogos, psicólogos, sociólogos e antropólogos. Mas talvez essa linguagem tenha se tornado familiar demais para nós - muito pouco observada até - para continuar a manter nosso interesse. (CARRIÉRE, 1995, p. 48).

A continuidade de um trabalho de produção ou apreciação de vídeo na escola não pode cair nesse desinteresse, por isso a necessidade de reinventar mecanismos, ferramentas, procedimentos e temáticas. Arrisco pensar que na escola isso se torna mais fácil do que na produção artística comercial ou de vanguarda, porque os alunos estão em constante metamorfose, e estão na escola de passagem, mais ainda na EJA com seu calendário semestral, logo vêm outros e outros e outros. A efemeridade com que trabalha o professor, quando ouve seus educandos, quando dialoga com eles, não o deixa cair na "mesmice". A reciclagem é automática. E na produção de vídeo isso é, felizmente, inevitável.

Considerações finais

Encaminhando para o encerramento deste texto registro as sinopses dos dois vídeos curtas-metragens produzidos pelas turmas de formandos da EJA, dos dois últimos anos, e que deram origem às pretensões de solidificar a cultura da produção de vídeos estudantis nesta modalidade da escola: O ÚLTIMO OLHAR, da turma 4ª etapa da EJA, 2015, retrata uma história de amor entre dois jovens cujas famílias não apoiavam o romance. Configurando-se como uma releitura de "Romeu e Julieta", atualizado e regionalizado, o curta aborda a intolerância de alguns pais diante das escolhas dos filhos, o sonho romântico e a ousadia de que é capaz um amor incondicional. Revela também a violência urbana, e a tragédia que dela pode verter. VÁ EM FRENTE, da turma 4ªetapa da EJA, 2016, revela uma história baseada em fatos reais, na qual há a superação de um jovem cheio de sonhos, porém imerso em um mundo de desmotivação, depressão e desesperança. Conflitos psicológicos e mágoas familiares o levam a uma tristeza que o impede de seguir em direção aos seus objetivos. Porém o contato prático com o futebol renova suas expectativas e lhe dá novo gosto de viver. Passa a valorizar-se, e aceitar o carinho e apoio das pessoas. Mesmo quando parece que o pior acontece, seguir em frente é fundamental, e continuar acreditando é a única alternativa. Nosso vídeo testemunha, de certa forma, o despreparo emocional dos jovens de hoje, diante de um mundo competitivo e cheio de informações. Confirmando o objetivo da Educação de Jovens e Adultos queremos dizer que todos nós podemos! Todos nós merecemos! Neste mesmo ano (2016) demos início, em minha escola, a uma nova tradição: um festival de audiovisual interno à escola, para divulgar e estimular a produção de vídeo estudantil.

É satisfatório atestar que as produções continuam. No corrente ano, 2017, mais uma produção está encaminhada, desta vez envolvendo alunos interessados de todas as etapas da EJA. Trata-se de um documentário sobre o bairro Parque Marinha, produto final proposto pelo projeto sobre mídias e meio ambiente da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Rio Grande - SMMA, aproveitando também o aniversário de 280 anos de nossa cidade. Este, por outro lado, não irá competir no IV Festival de Vídeo Estudantil de Rio Grande (UFPel/SMEd), mas no momento está sendo planejado com carinho, e irá complementar nossa produção, ocupando o lugar do vídeo da EJA de 2017.

A recompensa por todos os desafios e preocupações relacionados às questões como interesse dos estudantes, prazos de finalização dos vídeos, e qualidade do produto final se perpetua a partir das Mostras e no aprendizado adquirido, tanto técnico como poético das produções que ficam disponibilizadas e podem ser copiadas e apresentadas em diversas ocasiões. Essa recompensa se dá em todos os envolvidos nos vídeos. Podemos concluir que a produção de vídeo é uma atividade promissora para os estudantes e comunidade escolar em todas as etapas da produção, e sua continuidade na EJA tem excelente justificativa. Em nossa escola ela tem promovido compromisso, senso de coletividade, senso estético, aumento de autoestima, pertencimento e respeito pelo ambiente escolar. Podemos supor assim que a produção de vídeos também tem resultados éticos mais operativos e enérgicos do que as aulas tradicionais, carregando ainda a vantagem de se ter um produto que não é efêmero, e que pode ser interpretado e reinterpretado por diversas pessoas em diversas ocasiões. É possível dizer que didaticamente se produz um recurso didático antes, durante, depois e para além de um depois da produção, pois o vídeo fica. Os próximos sempre poderão assisti-lo, aprender com ele, e expressar a vontade, a potência de ação, de também produzir num processo cíclico desse sonho possível que é a produção de vídeos estudantis.

Referências bibliográficas

CALLONI, Humberto. **Os Sentidos da Interdisciplinaridade**. Pelotas: Seiva, 2006.

CARRIÉRE, Jean Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação. O Sonho Possível** in Brandão, Carlos Rodrigues. O Educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MUNSTERBERG. Hugo, in XAVIER, Ismail. **A Experiência do Cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 2008.

PROJETO 1, 2, 3: FILMANDO

RESULTADOS E PARCERIAS ENTRE MÍDIAS CONTEMPORÂNEAS E O CURRÍCULO PREVISTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ms. Yves de Sousa Silva[1]

Drª Kelly Bianca Clifford Valença[2]

A questão que originou o Projeto 1, 2, 3: Filmando! foi o lugar do aluno na construção do conhecimento, num contexto de escola municipal de regime integral, cuja realidade carrega consigo um constante desafio dada a escassez de investimentos. A integralização do currículo oficialmente proposto na Educação Básica, muitas vezes, contribui para que o lugar do desenvolvimento de potenciais como a criatividade seja negligenciado. Destarte, o aluno de escola pública, na tessitura que compõe a boa parte das instituições de ensino do país, com muita dificuldade ocupa um lugar de protagonismo social.

Deslocar esses jovens do que é possível denominar como 'margem social' para o 'centro', foi uma reivindicação dos próprios discentes, tomando como base a criação e o desenvolvimento de vídeos curtas-metragens, apontados como instrumentos didáticos potenciais à ampliação de conhecimentos construídos na tentativa de superar a perspectiva disciplinar, isto é: dissociada de integração com outros saberes.

Nesta tessitura, o trabalho em pauta foi realizado na Escola Municipal de Tempo Integral Mônica de Castro Carneiro, situada em uma das regiões mais carentes e violentas de Goiânia, com alunos da Educação Básica, sobretudo da disciplina geografia, que perpassam a faixa etária dos 8 aos 14 anos.

O Projeto em pauta fundamentou-se na desmotivação dos alunos frente ao contexto escolar no qual estavam inseridos. Esta conjuntura envolvia problemas não só de ordem financeira, como também pedagógica, ao passo que não tomava a realidade dos estudantes como ponto de partida para se pensar o processo de ensino-aprendizagem. Assim, após um trabalho denominado por alguns autores brasileiros como 'escuta sensível', a exemplo de Tavares (2003), percebi que havia, naquele cenário, uma carência de ações capazes de promover a ampliação dos conhecimentos curriculares de uma maneira dinâmica, considerando escolhas e preferências do grupo.

Após muitas discussões buscando responder à pergunta: 'como fazer uso dos recursos e condições disponíveis, de modo estimulante e criativo?' chegou-se ao consenso de que a elaboração de vídeos curtas-metragens seria uma maneira de contemplar os objetivos aqui descritos, dada a possibilidade de criação de roteiros envolvendo temas diversos e protagonização dos estudantes.

Detectamos que, devido o regime escolar adotado na instituição ser de regime integral, havia carga horária disponível para a implementação de uma proposta de trabalho mais dinâmica, onde fosse possível aliar questões pedagógicas e curriculares às atividades onde eles pudessem se ver protagonizando experiências fílmicas. Este desejo foi crescendo com o decorrer dos trabalhos de tal modo que a força de vontade envolvida atraiu estudantes de outras turmas, promovendo um alcance maior do que o esperado inicialmente.

Convidamos funcionários da escola – a exemplo de professores e merendeiras – a participarem de algumas produções, desenvolvemos pesquisas fílmicas e bibliográficas e começamos a dedicar um olhar mais crítico e investigativo diante de visitas ou passeios que envolviam exibições de imagens fixas e/ou em movimento. Nesta tessitura, alguns curtas-metragens foram produzidos

---

[1] Professor efetivo da Secretaria Municipal de Educação e Esporte (SME) de Goiânia
[2] Professora efetiva da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG).

fora dos muros da escola. Durante todo esse processo procuramos manter em mente a reflexão proposta por Martins (2007) ao afirmar que:

> Sem uma visão crítica e sem um sentido de responsabilidade, as pessoas podem ser manipuladas pela crescente diversidade de imagens – de arte, publicidade, ficção e informação – que, de modo aparentemente inofensivo, invadem e acossam nosso cotidiano. A ideia de que as imagens têm vida cultural e exercem poder psicológico e social sobre os indivíduos é o bordão que ampara a cultura visual. (MARTINS, 2007, p. 73).

Uma vez adotada a proposta de elaboração de vídeos curtas-metragens, as seguintes etapas de trabalho foram desenvolvidas:

- Levantamento de recursos técnicos disponibilizados pela escola;
- Rodas de conversas, discussões e planejamentos sobre temas adotados pelos alunos, bem como maneiras de explorá-los fílmica e pedagogicamente;
- Criação e elaboração escrita de roteiros, culminando com o processo de 'Roteirização', isto é: a transformação de uma ideia em formato audiovisual;
- Escolhas de personagens, cenários, figurinos e adereços;
- Ensaios e filmagens;
- Exposição dos filmes dentro e fora da comunidade escolar (incluindo o espaço digital);
- Visitas a outras escolas municipais da cidade com o objetivo de os alunos explicarem o processo de trabalho a outros estudantes. Além das etapas aqui descritas, os alunos participaram de aulas expositivas teórico-práticas envolvendo análises de filmes, noções de fotografia, filmagem e edição de vídeo, performance corporal e oratória.

A associação de conteúdos pedagógicos à experiência aqui tratada, ressignificou o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, ampliando a perspectiva disciplinar via de regra adotada a maior parte do tempo nas instituições de ensino de Educação Básica do país. Além disto, também favoreceu o desenvolvimento da autoestima e empoderamento social dos jovens envolvidos, já que potenciais basilares ao exercício da cidadania na contemporaneidade foram amplamente explorados, a exemplo do trabalho em equipe, da criatividade, do exercício da retórica e da leitura de mundo e construção de sentidos diante de imagens cotidianas.

Os resultados deste Projeto têm sido expostos em eventos como: Festivais de Vídeos Curtas-Metragens, Jornais, Livros e Congressos, de modo que os alunos, sempre que possível, tem prestigiado pessoalmente. Estes meios de sociabilização do trabalho deram visibilidade à Escola e, com frequência, temos recebido convites para apresentar os resultados em outros espaços.

Neste sentido, o relato em questão também discorre sobre uma parceria estabelecida com a Universidade Federal de Goiás, onde pudemos compartilhar a experiência com mais de 100 estudantes do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG), um Colégio de Educação Básica da Rede Federal de Ensino.

Os resultados audiovisuais do Projeto também foram publicados no espaço digital e podem ser conferidos pelo público em geral. Além disto, recebemos alguns prêmios e monções pelo trabalho aqui narrado.

Mediar o processo ponderando escolhas que fugissem da proposta, auxiliando ajustes necessários e evitando que o trabalho não perdesse de vista o diálogo com o processo pedagógico constituíram o papel do professor. Somado a isto, houve empenho em contribuir com a construção do conhecimento relativo às técnicas aqui pressupostas, uma vez que os estudantes não possuíam tal repertório e nem tão pouco a Escola dispunha de todos os equipamentos necessários, tais como computadores que possibilitassem edições audiovisuais. Diante de tantos desafios, este processo se deu de maneira paulatina e colaborativa, contando com o apoio e equipamentos pessoais do grupo.

Assim, protagonismo, empoderamento social, criatividade e autoestima deram vez à atitude desmotivada e, muitas vezes, passiva que os estudantes apresentavam diante do trabalho pedagógico antes da implementação do Projeto. Para além da transformação constatada na comunidade, essa experiência ajudou na promoção do deslocamento de uma área disciplinar, no ensino da Geografia, a uma consciência que já não o reconhece como suficiente para uma formação integral, se dissociado de outros saberes.

Referências

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto,1997.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MARTINS, Raimundo. Porque e como falamos da cultura visual? Visualidades - Revista do programa de Mestrado em Cultura Visual. Goiânia, v. 4, n. 1 e 2, p. 65-79, dez. 2007.

MITCHELL, William. Não existem mídias visuais. In: DOMINGUES, Diana (Org.). Arte, ciência e tecnologia: passado presente e desafios. São Paulo: UNESP / Itaú Cultural, 2009. p. 167-177.

RAJAH, Niranjan. Entre arte e ciência: tecnologia de internet e arte baseada na rede. In: DOMINGUES, Diana (Org.). Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: UNESP, 2003, p. 167-180.

SANTOS, Milton. Por uma geografia nova. Da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2004.

TAVARES, Maria Tereza. Uma escola: texto e contexto. In: GARCIA, Regina (Org.). Método: a pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 43-61.

OS JOVENS E O FAZER CINEMA – PROJETO AUDIOVISUAL PARA JOVENS

Koraiça Prince Tessari de Lima
kora.prince@gmail.com

Resumo

O artigo traz um pouco da aproximação entre o fazer Cinema, através do diálogo das oficinas de produção como educação não formal, especifica do projeto Audiovisual para Jovens, realizado via ProAC ICMS em 2012, na cidade de Mogi das Cruzes com a análise do filme produzido pelos participantes "Quando a Brisa já não Sopra", e da análise do filme "Diagrama do útero"), produzido posteriormente por uma das participantes do projeto.

Palavras-chave: produção audiovisual, oficinas de vídeo com jovens, curtas-metragens.

Abstract

The article brings a bit of the approximation between making Cinema, through the dialogue of production workshops as non-formal education, specifically the Audiovisual for Young People project, carried out via Proac ICMS in 2012 in the city of Mogi das Cruzes with the analysis of the film Produced by the participants "When the Breeze does not blow", and the analysis of the movie "Diagram of the uterus"), produced later by one of the project participants.

Keywords: audiovisual production, video workshops with teenagers, short films.

Introdução

A disciplina Entre cinemas, infâncias e escolas, do programa de Pós-Graduação em Educação, realizada em formato de cineclube e comunidade de aprendizagem CINEMA-ESCOLA-INFÂNCIA, propôs a exibição e análise de diversos filmes, nacionais ou internacionais, de curta e longa-metragem, além de discussões sobre o Cinema dentro da Escola e da sala de aula.

A Lei nº 13.006 de 2014 acrescenta § 8o ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.

> Art. 1o O art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 8o:
> Art. 26. § 8o A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais." (NR) (BRASIL, Lei nº 13.00, 2014).

Porém, a regulamentação da Lei ainda não foi desenvolvida, deixando uma brecha em que a Escola, a Universidade e os produtores tentam dialogar e unir conhecimentos e experiências.

No livro Cinema e Educação: a Lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas - da organizadora Adriana Fresquet -, Maria Teresa de Assunção Fretas, no texto "O cinema na formação de professores: uma discussão", comenta:

> Parece fato consumado que não podemos mais pensar o cinema na escola apenas pelo aspecto ilustrativo de seu conteúdo imagético. Também não cabe mais a visão do professor como decodificador ou explicador do filme, visto que, mesmo nas cidades onde não existem cinemas (uma realidade cada dia mais presente na realidade brasileira), as pessoas já possuem uma certa cultura audiovisual, seja ela via TV, locadoras ou internet. Temos sim uma cultura polifônica de imagens que, longe de representar uma educação do olhar, cria apenas uma profusão de informações que nos impedem de pensar. Essa explosão de imagens apenas distrai o espectador, impedindo a sua reflexão e levando muitas vezes a ver sem enxergar. Esse contexto exige de nós pensarmos o papel pedagógico da arte e mais especificamente do cinema na escola. (FRETAS, in FRESQUET, 2015, p. 96).

O presente artigo traz um pouco da aproximação entre o Cinema, o fazer Cinema, através de oficinas de produção como educação não formal, com a análise dos dois filmes ("Quando a Brisa já não Sopra" e "Diagrama do útero").

Metodologia

O artigo é resultado da disciplina FE-194 – Entre cinemas, infâncias e escolas, do programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Educação da Unicamp.

A metodologia utilizada parte da pesquisa teórica para embasar a análise de atividades que já aconteciam – as oficinas de produção audiovisual, com filmes feitos por jovens, além da análise de um filme realizado durante uma dessas oficinas e outro filme feito por uma das participantes, enviado a uma mostra de cinema, anos depois.

As referências teóricas foram autores da área de televisão e cinema, da área de educação, além de artigos da área de educomunicação. Além disso, pesquisa no que tratam Leis Federais, como a Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Análises e discussões

- Quando os projetos Audiovisual "EmPodera" para Jovens, se cruzam.

Em 2012 o projeto Audiovisual para Jovens - via Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo – ProAC, com patrocínio da empresa ArcelorMittal e Kimberly-Clarck e apoio da UNICEF, realizado pela empresa Educom.Arte, papillon Produções artísticas e apoio do Instituto Ideia Coletiva -, ofereceu 3 oficinas de produção audiovisual para jovens, uma delas em Mogi das Cruzes.

As oficinas abordaram, em 12 encontros cada, as diversas áreas de uma produção audiovisual, como roteiro, direção geral, direção de fotografia e arte, produção, som e trilha sonora, elenco e edição.

> O cinema está na escola também de formas bem menos interessantes, mas eventualmente necessárias: ocupando o lugar do professor que faltou, acolhendo as crianças em uma sala fechada em dia de chuva ou na sala com ar-condicionado em dias de extremo calor. (MIGLIORIN, 2015, p. 17).

Felizmente, nesse projeto, as oficinas contavam com a presença espontânea dos jovens, fora da escola. Os assuntos eram trabalhados de forma teórica, por diversos profissionais das respectivas áreas falando sobre suas experiências, técnicas, criação, mostrando trechos de filmes, e também prática, com exercícios feitos pelos alunos, como criação de roteiro, produção e análise de fotografias, jogos de cena, exercícios de musicalização, etc.

Nesse processo, um roteiro era escolhido pelo grupo e desenvolvido, com *decoupage*, plano de direção, *storyboard*, testes de elenco, ensaios, pré-produção, culminando da gravação propriamente dita, com as funções todas sendo realizadas pelos participantes do projeto, com o acompanhamento dos profissionais e arte-educadores. Então, a edição era feita por um membro do projeto e foi realizado um evento de encerramento, com a exibição do filme, *making of*, entrega de certificados, fotos da turma, recebendo os familiares dos participantes e o público em geral.

O objetivo era, além de aproximar os jovens do cinema, tanto na etapa da produção, quanto na formação de público – através da ampliação de repertório, uma vez que havia acesso a curtas-metragens e trechos de filmes não comuns aos participantes e ampliação da janela de exibição do curta-metragem produzido, com a mostra do projeto e com a inscrição deste filme em festivais e mostras nacionais - ; e mais que isso, proporcionar uma experiência de vida, fomentando a autoestima, responsabilidade, trabalho em equipe, proatividade, valorização da cultura local e sensação de pertencimento, criatividade e expressão artística, além da troca de experiência entre os jovens e os educadores.

Com este e outros projetos semelhantes, como o Curta Jovem, O Curta que a gente quer fazer e Nosso Curta, muitos filmes de curta-metragem foram produzidos e exibidos, dentre eles, "Quando a Brisa já não sopra", com a participação de Bianca Rêgo como produtora e diretora de arte e que – 5 anos mais tarde, envia outro filme autoral "Diagrama do útero" a uma mostra de cinema com a temática do empoderamento feminino, o Projeto EmPodera!, produzido pela mesma equipe do projeto Audiovisual para Jovens. Esse é um exemplo da continuidade do trabalho tanto dos participantes de projetos de formação, quanto dos educadores envolvidos.

Quando a brisa já não sopra

Sinopse:

Um jovem e um passado o qual ele está preso, uma insistente ideia de mantê-lo presente; memórias que não se apagam e não são deixadas em paz. Com dificuldade de voltar a trilhar sua vida com tranquilidade, Cícero é como um arranha-céu derrubado que não pretende reergue-se. Com o recomeço batendo à porta ele decide transformar suas aflições e angústias em um livro, surgindo assim a oportunidade de superar os problemas e sua tristeza. Agosto de 2012.

O filme começa com o diálogo entre um casal de adolescentes, Beatriz e Cícero, entende-se que a menina pode ter alguma doença grave, eles falam de amor com palavras e olhares em tom de despedida. Há o uso de super *closes*, enquadramento que aproxima o espectador das personagens, geralmente usado após algum tempo de filme, para que a aproximação seja feita aos poucos.

Na sequência seguinte há movimentos de câmera *travellings* passando por livros, desenhos e discos, finalizando com o rapaz – Cícero - deitado na cama, parecendo triste, em primeiro plano. Seu amigo chega para tentar animá-lo. A trilha sonora de fundo é simples e singela, voz e violão, com a letra "vem comigo, amor, segura na minha mão, vamos seguir a primavera"...

A terceira sequência é uma pequena festa na sala de um amigo, com a trilha sonora "eu sei, 10 mil vezes a mesma canção, algo que pudesse me fazer sentir, o que eu só sentia com você...", com *off* do rapaz dizendo que sente a alegria dos amigos emanando e chegando até onde sua namorada – Beatriz - está.

Na quarta sequência, Beatriz aparece no quarto conversando com Cícero, dizendo que gostaria que ele estivesse feliz. A fala é como se estivesse lendo uma carta, ele escuta pensativo. Beatriz está de branco e desaparece na próxima cena, dando certeza que é imaginação do rapaz. Ele está de preto, e em seguida começa um *off* seu falando sobre a vontade de ser feliz e de viver. Então, O amigo aparece e fala que ele perdeu a festa do dia anterior. Assim percebemos, junto com o personagem, que foi só imaginação, que não esteve de fato na festa. Ele continua sozinho no quarto, com mais um *off*. Beatriz reaparece, lendo um texto escrito no caderno. O cenário apresenta também um violão.

Na sequência quinta, os amigos estão na sala vendo um filme de terror, ele toca a mão da menina que havia imaginado estar junto na festa, assim como fez com as mãos de Beatriz, demonstrando seu carinho na primeira sequência.

Na sequência seguinte, ele está no quarto, já mais claro, usando camisa xadrez e estuda sentado na escrivaninha, cheia de livros e desenhos, mostrando o violão ao fundo. Seu amigo aparece e comenta que há 2 meses eles não saem (lembrando o espectador que foi somente imaginação a cena da festa). Pergunta se ele escreveu a história sobre a Beatriz, eles falam da dor da perda, e da potência da vida na dor e na criação da história. O amigo lê um trecho da história enquanto há *off* do rapaz, entrando a trilha sonora "A brisa já não sopra", composta especialmente para o filme.

Quando há um Diagrama do Útero

Sinopse:

Um documentário poético constituído de imagens de arquivo que propõe reflexões sobre nossa sociedade, sobre a própria mulher e suas indecisões, sobre como se encaixar ou se desvencilhar desses rótulos que nos perseguem desde o "É uma menina", disse o doutor.

Um jantar com conversa agradável entre homens e mulheres, quando o assunto fica mais sério, uma das mulheres dá sua opinião, numa frustrante tentativa de participar da conversa, não aprovada pelos homens. Letreiro: “Mulheres, conheçam seus limites”. Título do filme: “Diagrama do Útero”.

Cenas de mulheres em situações de trabalho como passar roupa, arrumar a casa, costurar, cuidar de bebê, criança ou cachorro, ou situações de lazer como dançar, tocar piano, parque de diversões, fumar cigarro, estar de biquíni na praia em comercial de cerveja.

Então volta a locução falando cinicamente sobre o cérebro da mulher e do homem. Seguida de um depoimento da Sylvia Plath, falando sobre a dificuldade de escolher entre ter marido e filhos, ou viajar, estudar e conhecer outras coisas do mundo, enquanto escutamos seu depoimento, cenas históricas de manifestações feministas dos anos 60.

Quando a brisa sopra longe

Sinopse:

O enredo é clássico e linear, apresentando o contexto (casal jovem apaixonado), o problema (a morte de Beatriz), o desenvolvimento (Cícero lidando com a dor da perda, através da criação de desenhos, músicas e da história sobre ela, e deixando livre sua imaginação, se vendo em cenas felizes com os amigos), desfecho (finalização da história e decisão de retomar as atividades com os amigos).

Trabalha assuntos como amizade, paixão, morte e sentimentos e emoções, dor da perda, romantismo, separação, saudades, superação.

O interessante é o paralelo com a oficina de produção audiovisual, pois os jovens são convidados a participar do projeto, os interessados se inscrevem e após seleção, recebem a notícia sobre o início dos encontros. Chegam, portanto, na maioria das vezes, ansiosos, a maioria se dizendo apaixonado pelo cinema e pelas artes. Mais alguns encontros da oficina e recebem um desafio (o problema), de criar um roteiro, e escolher um único para a efetiva produção, se dividirem nas funções necessárias como direção, elenco, fotografia, arte, produção, captação de som. Nesse momento, são tirados de sua zona de conforto, assim como Cícero, com a partida de sua namorada.

> Há no dispositivo uma dimensão lúdica que no trabalho na escola é bem-vinda; há uma tarefa a cumprir, um desafio a realizar. O dispositivo instaura uma crise desejada por quem dele participa. Uma crise nas formas de ver e perceber: antes de soluções há uma suspensão das soluções conhecidas. (MIGLIORIN, 2015, p. 79).

Então, há o momento de deixar a imaginação fluir, de desenhar, tocar violão, escrever histórias, esse é o paralelo com o processo de pré-produção do filme, quando os participantes ensaiam, pensam nos enquadramentos, movimentos de câmera, figurinos, cenários, objetos, maquiagem, trilha sonora, etc.

Cada turma dos projetos possui um perfil diferente, de acordo com as referências dos participantes, da cidade e região atendida, das idades e do apoio da família, comunidade escolar, bairro, etc. Esta turma de Mogi das Cruzes possuía mais repertório cinematográfico e principalmente musical. Alguns jovens tocavam instrumentos e gostavam de compor e de cantar. Com a orientação e parceria do pai de um deles, que era proprietário de estúdio de som, a trilha sonora foi originalmente composta e executada especialmente para o filme, incluindo os versos e arranjos.

O personagem principal, Cícero, era como qualquer um daqueles jovens, sonhador e criativo, por isso a equipe de direção de arte, composta também por Bianca Rêgo, montou seu quarto com muitos livros, desenhos e um violão. Pensaram na mudança do humor expressada no figurino – ora preto, ora com cores mais vivas, pensaram nas falas exatas de Cícero e de Beatriz, nas palavras das cartas e da história escrita por Cícero. Metalinguisticamente, os jovens se viam nele, nas suas roupas, nos objetos do quarto, na sua criatividade e sensibilidade, nos sentimentos, na história sendo escrita por ele.

No texto Sensações, Afetos e Gestos, que participa do livro Narrativas Sensoriais, organizado por Osmar Gonçalves (2014), Denilson Lopes Silva comenta sobre a importância desses elementos, "(...) que ao olhar um filme, objetos, espaços, luz, figurinos, maquiagem possam ter tanta importância quanto os personagens, seus movimentos e a montagem". (p. 67).

A produção teve também apoio de outra mãe, que emprestou a casa e diversos utensílios para compor a locação e o cenário. Os participantes emprestaram roupas, cadernos, fizeram desenhos, estiveram presentes de diversas formas, até mesmo quando eram demandados a estarem para fora do "set de filmagens", pois o quarto e a sala não comportavam cerca de 40 jovens e 8 educadores ao mesmo tempo. Durante as gravações puderam errar, tentar de novo, acertar, experimentar, e fizeram o melhor que podiam nas condições disponíveis.

O filme foi então editado e finalizado pelo projeto e posteriormente exibido no evento de encerramento, no qual os 4 compositores das trilhas sonoras executaram duas músicas ao vivo para a plateia de cerca de 300 pessoas.

Já o curta "Diagrama do útero" traz recortes de cenas de filmes antigos, cenas de comerciais ou programas de TV, áudios de depoimentos e músicas antigas.

Também fazendo um paralelo da composição do filme com o contexto de criação de Bianca, temos um filme com recortes de sons e imagens de outros filmes, uma pesquisa sobre a temática que

lhe interessa muita, a luta feminista, justamente no momento em que Bianca entra na faculdade, um momento da vida com novos horizontes.

No texto Um Campo Difuso de Experimentações, do livro Narrativas Sensoriais, organizado por Osmar Gonçalves (2014), Beatriz Furtado comenta sobre as novas tecnologias e experimentações dos alunos com câmeras acessíveis durante o ensino fundamental ou ensino médio.

> O cinema foi desde sempre um lugar de experimentações e implicações de tendências estéticas. No mais das vezes essas questões são motivadas por novos aparatos tecnológicos embora, sobretudo, resultem das investigações e dos processos de criação de artistas, teóricos e realizadores. Ainda que tenha sido assimilado como produto industrial e, portanto, submetido à lógica e às regras do mercado cinematográfico, jamais perdeu sua capacidade de experimentação e a radicalidade da arte, criando para si diferentes campos, circuitos e movimentos. (FURTADO, in GONÇALVES, 2014, p. 27).

Bianca comenta: "Basicamente tudo mudou desde o primeiro semestre na faculdade, também por que eu mudei, como pessoa." Comecei o curso querendo ser escritora e achando que meu único interesse seriam as aulas de roteiro e acabei me apaixonando por várias fases da produção. Hoje, trabalho muito mais com Montagem e Direção e meus interesses se abrangeram muito, inclusive para a área acadêmica.

Diagrama do Útero foi realizado para a aula de Comunicação Visual, ministrada pelo professor Paolo Gregori que propôs uma atividade fílmica em que ele distribuiria para cada grupo da sala uma cor, uma forma e um filme para servirem de inspiração. Para o meu grupo ficou a cor amarela, a forma retangular e o filme "O Livro de Cabeceira" do Peter Greenaway. Na época, segundo semestre do curso (2014), eu pesquisava muito sobre imagens de arquivo, começava a me aprofundar mais no feminismo e gostava muito de pesquisar sobre registros audiovisuais do século passado sobre como as mulheres eram retratadas. Acabei trazendo tanto essas imagens coletadas quanto o que eu via na televisão (comerciais de cerveja, programas de "humor") e questionamentos pessoais para dentro da estética proposta na disciplina. O curta teve uma vida longa nos festivais e ainda me traz muitas alegrias, ele passou por festivais nacionais e internacionais como o 5° Perro Loco e o 15° Goiânia Mostra Curtas e ainda hoje participa de algumas Mostras e Festivais.".

O roteiro de Bianca não é de ficção linear e parece estar confortavelmente encaixado num lugar de experimentação e pesquisa, recorte e colagem, uso e reuso de cenas de arquivo, reformulando significados, mas como algo que ainda está em curso.

> A arte, os jogos e dispositivos que levávamos para as escolas apareciam mais como microperturbadores de algumas ordens – o espaço de trabalho, as hierarquias entre os bons e maus alunos, a cultura letrada e o lugar do professor – do que, propriamente como um conteúdo artístico. Estar de saída significava se abster de chegar na educação com um roteiro pronto. (MIGLIORIN, 2015, p. 17).

Uma das mostras que inscreveu o filme foi o Projeto EmPodera!, realizado via ProAC Edital de Artes Integradas, que tinha como objetivo a produção e difusão da arte feita por mulheres, com temática feminista. Percebendo, pelo nome, que Bianca também havia sido participante de outro projeto de formação para jovens, fiz uma entrevista com ela sobre sua trajetória audiovisual desde 2012, que publicada na Revista Roquette-Pinto, do Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil, na Universidade de Pelotas-RS.

Conclusões

Os projetos culturais de formação de público, como o citado Audiovisual para jovens, além de inúmeros outros, acontecem paralelamente às discussões e pesquisas em relação ao encontro Cinema e Educação. Atendem os jovens fora da escola, mas ainda num formato que mistura algumas estruturas tradicionais – e ultrapassadas – da sala de aula, como participantes sentados em carteiras e educadores

falando em pé (um tanto pelo formato tela-espectadores, que tem o Cinema), e também abrange novos paradigmas da educação, como a pesquisa e desenvolvimento com bastante autonomia, trocas de informações entre pessoas de diferentes idades e bairros, acesso a conteúdos multimídia (filmes, áudios, jogos, textos, fotografias, etc).

A intenção das oficinas é aproximar os jovens do cinema e de outras formas de arte, como fotografia, música, artes cênicas, mas também experiências cidadãs, individuais e sociais. A maioria dos participantes não segue a área de Cinema, ou área correlata, comente alguns cursam, posteriormente, faculdade de Cinema, Rádio e TV, Moda, Fotografia, ou Artes Cênicas.

O exemplo da participante Bianca é um entre outros destinos possíveis, mas com ele foi possível detectar que é possível, com poucos recursos financeiros e humanos, atender a centenas de jovens, que possuem enorme potencial sensível e criativo, aproximando e encorajando que as ideias, mensagens, curiosidades, tornem-se histórias, sejam de ficção, documentários ou vídeos experimentais, sejam fotografias, textos, desenhos, sejam exibidos em festivais pelo mundo afora ou somente tirados da cachola e transformados em algo que só eles mesmos tenham acesso, mas que são resultados das inquietudes inerentes a todo ser humano, principalmente os jovens.

Referências

FRESQUET, A. (org.). **Cinema e Educação: a lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas**. Ouro Preto, Universo Produções, 2015.

GONÇALVES, O. (org.). **Narrativas Sensoriais**. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.

LIMA, K. P. T. **A produção de vídeo estudantil na visão dos alunos** – por Kora Prince. *Disponível em:* (http://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/). Acesso em: 06/06/2017)

MIGLIORIN, C**. Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

A PRODUÇÃO AUTORAL DE VÍDEOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA:

UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E SIGNIFICATIVA

Ms.Vera Nácia Duarte Franco
veranacia@hotmail.com

Dra. Maria Beatriz Dias da Silva Maia Porto
beatrizrj@mail.com

Dra. Lidiane Aparecida de Almeida
lidialmeida0909@gmail.com

Resumo

Pretende-se neste artigo abordar aspectos teóricos e práticos que nortearam a produção de vídeo em uma escola da Rede Municipal do Rio de Janeiro, tendo como público alvo uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. As ideias de Engeström, Ausubel e Thiollent têm pontos em comum e foram utilizadas como constructos teóricos. O trabalho desenvolvido trata da instrumentalização dos estudantes para o uso criativo e autônomo das ferramentas digitais e teve como objetivo a produção autoral de vídeos de forma interdisciplinar, o que incentivou os estudantes envolvidos a utilizarem as novas tecnologias digitais, explorando as possibilidades de um trabalho colaborativo. A metodologia utilizada foi a da Pesquisa-ação onde foram propostas Sequências Didáticas que se complementaram para atingir os objetivos propostos pela professora pesquisadora. O projeto desenvolvido foi dividido em módulos, em uma visão sócio interacionista, possuindo uma dimensão coletiva, segundo Vygotsky. Os resultados demonstraram que o uso de Sequências Didáticas, aliadas às Tecnologias Digitais, auxiliou no desenvolvimento cognitivo e afetivo dos alunos, possibilitando aos mesmos desenvolver habilidades e competências para transpor os conhecimentos adquiridos utilizando o vídeo como linguagem.

Palavras-chave: Sequências Didáticas; tecnologias digitais; vídeo.

Abstract

This article intends to discuss theoretical and practical aspects that guided the production of video in a school of the Municipal Network of Rio de Janeiro, having as target audience a class of the 5th year of Elementary School. The ideas of Engeström, Ausubel and Thiollent have points in common and were used as theoretical constructs. The objective of this work is to introduce students to the creative and autonomous use of digital tools. The objective of this work was the authoring of videos in an interdisciplinary way, which motivated the students involved to use the new digital technologies, exploring the possibilities of a collaborative work . The methodology used was that of the Action Research, where Didactic Sequences were proposed, which were complemented to achieve the objectives proposed by the teacher. The developed project was divided into modules in an interactionist social view, having a collective dimension, according to Vygotsky. The results showed that the use of Didactic Sequences, together with Digital Technologies, helped in the students' cognitive and affective development, enabling them to develop the skills and competences to transpose the acquired knowledge using video as a language.

Keywords: Didactic Sequences; digital technologies; video.

Introdução

A utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no Ensino Fundamental é um grande desafio para a escola pública e, por outro lado, com possibilidades fortemente reais, já que vivemos em uma sociedade imersa em tecnologias. A escola vem passando por uma reformulação em seus paradigmas deixando para trás o papel de reprodutora da sociedade para oferecer uma educação emancipadora, tendo como principal finalidade proporcionar uma educação crítica e reflexiva onde os sujeitos possam ser instrumentalizados para apropriar-se de conhecimentos transformadores que permitam exercer sua cidadania (MARCHESI e MARTÍN, 2003).

A escola e os educadores vêm sendo irremediavelmente alcançados pelas mudanças provenientes da implementação das tecnologias. Dessa forma, as mudanças chegam ao sistema educacional e deve haver um esforço da escola para aproximar-se das demandas sociais, de forma a redefinir o seu papel em uma sociedade em constante mutação e que necessita de uma educação que dê conta das demandas reais (MASETTO, 2005).

Será apresentado aqui um relato de experiência a respeito da implementação de projetos multidisciplinares utilizando as tecnologias digitais, por estudantes do Ensino Fundamental, que teve como objetivo incentivar a produção autoral de vídeos de forma interdisciplinar, transpondo os conhecimentos adquiridos nas diferentes disciplinas, em uma abordagem colaborativa.

Os estudantes que participaram dos projetos tiveram a oportunidade de vivenciar a construção dos conhecimentos, contextualizando-os e possibilitando uma vivência multidisciplinar, o que permitiu ao professor trabalhar diversos conceitos, auxiliando no processo de ensino e de aprendizagem. Em seguida, os estudantes participantes foram desafiados a transformar os conhecimentos adquiridos a respeito de sua própria comunidade em um vídeo documentário, que retratou a história da comunidade, sua relação com a escola que eles frequentam, as oportunidades de lazer, de cultura e de educação disponíveis e a visão dos pais e ex-alunos, em uma reflexão verdadeira sobre sua relação com a escola e o que marcou suas vidas (FAZENDA, 2003).

Nesse novo contexto, onde a sociedade da informação invade a escola e exige que essas informações se transformem em conhecimentos, o professor tradicional sente-se desafiado a mudar sua postura e aderir às tecnologias, mesmo por que essa é uma necessidade que ultrapassa os limites da sala de aula (THURLER, 2008).

Apesar das dificuldades e dos desafios enfrentados pelo professor, é importante que o uso das TIC no cotidiano escolar venha acompanhado de questionamentos e reflexões sobre a contribuição destas no processo de ensino e de aprendizagem e sobre o papel da escola de oportunizar ao aluno a apropriação de linguagens e tecnologias que fazem parte de seu cotidiano (KENSKI, 2012).

Fundamentação teórica

Utilizando a metodologia da Pesquisa-ação, de acordo com Thiollent (2011), a pesquisadora utilizou os constructos teóricos de Engeströn (1999), sobre a Teoria da Atividade e de Ausubel (1996) sobre a Aprendizagem Significativa, uma vez que a Teoria da Atividade oferece "uma estrutura conceitual para a compreensão e análise da atividade humana" (1999 apud BIZERRA, 2009).

As primeiras abordagens teóricas da Teoria da Atividade (TA) tiveram sua origem em Vygotsky (1896-1934), foram desenvolvidas por Leontiev (1903-1979) e Luria (1902- 1977) e, atualmente, foi ampliada por Engeström (1948). De acordo com os pressupostos da TA, a atividade humana pode ser compreendida como uma rede de relações que se estabelecem no cotidiano e evidenciam contradições a partir da situação existente e das possibilidades de expansão, gerando oportunidades de transformação.

Engeström (1999 apud BIZERRA, 2009), representa a terceira geração de pesquisadores da TA. Em seus estudos, este autor considera a atividade mediada e aprofunda suas pesquisas sobre a evolução da atividade, onde ocorrem as diferentes formas de interação entre organismo e meio ambiente, que para ele é considerada como a relação entre homem e sociedade.

A Teoria da Atividade pondera a capacidade humana nos aspectos físico, cognitivo e social. No que diz respeito ao ponto de vista físico, é considerado como os indivíduos se constituem e que estes possuem diferentes habilidades e competências. No aspecto cognitivo é levada em conta a maneira como se pensa, como se aprende e quais são as habilidades cognitivas do sujeito. No aspecto social é analisado como se dão as relações sociais.

A Teoria Sociocultural, defendida por Vygotsky (1984), reconhece que o comportamento humano resulta da integração das formas de mediação que são construídas nas relações sociais e culturais. Dessa forma, na estrutura da atividade humana, o sujeito é submetido a várias condições mediadoras (ferramentas, divisão de trabalho, regras, divisão de conhecimentos) que geram contradições.

A figura a seguir ilustra, de forma esquemática, o Sistema de Atividade, oriundo da TA, já explicitando os sujeitos da pesquisa aqui apresentada, bem como as ferramentas utilizadas, as regras estabelecidas, a divisão de trabalho e o resultado pretendido:

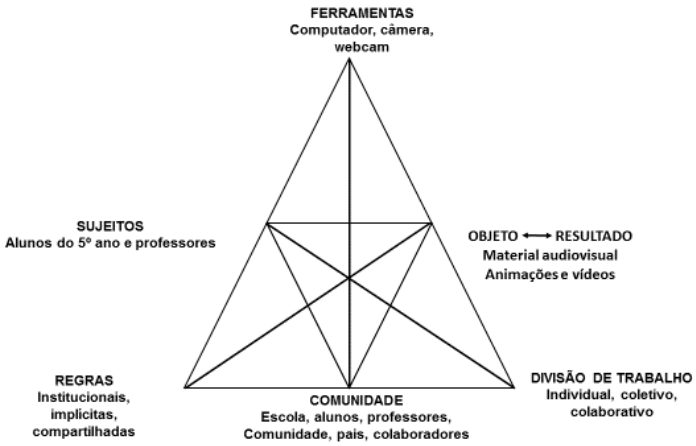


Figura 1- Sistema de Atividade adaptado pela pesquisadora:
adaptação da Teoria da Atividade
Fonte: ENGESTRÖM, 1999

De acordo com Engeström (1999), as contradições são tensões ou desequilíbrios manifestados por meio de situações problemas e que revelam as possibilidades de expansão, sendo, portanto, evidência de flexibilidade do sistema de atividade no qual os sujeitos podem transformar a situação original através de seus questionamentos.

Essas contradições originam o chamado ciclo de aprendizagem expansiva. Engeström explica que entre as ações do ciclo de aprendizagem expansiva uma nova ideia teórica ou um conceito é produzido e, ao longo do processo, vai sendo enriquecido e transformado em um sistema de conceitos de manifestações em constante desenvolvimento. Nesse movimento de expansão são produzidos novos conhecimentos teóricos.

Para Ausubel (1996), os conceitos que o aluno já detém, ou seja, seus conhecimentos prévios devem ser considerados, uma vez que eles se integram na estrutura cognitiva aos novos conhecimentos adquiridos, o que resulta em um "ponto de ancoragem", transformando os conhecimentos numa interação evolutiva e significativa.

Por sua vez, Thiollent defende que na Pesquisa-ação as intervenções e a produção do conhecimento se inter-relacionam, seguindo um ciclo de ação – reflexão – ação, onde as ações levam em conta os interesses e necessidades encontradas, ou seja, mais uma vez a realidade e os conhecimentos prévios devem ser considerados.

Dessa forma, utilizando a base conceitual da Teoria da Atividade, foi possível compreender e analisar a práxis dos sujeitos de uma forma mais global e contextualizada.

Assim, no trabalho de pesquisa ora relatado, a Teoria da Atividade foi utilizada não como uma metodologia nem como teoria, mas como um sistema conceitual dinâmico que auxiliou a compreensão do desenvolvimento das práticas durante as oficinas. A TA é capaz de orientar uma análise mais holística e dialética do fenômeno pesquisado, no nosso caso o processo de produção de material audiovisual nas oficinas de vídeo.

Metodologia

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi a Pesquisa-ação, característica de projetos de pesquisa em Educação e Ensino, através da proposta de algumas sequências didáticas que se complementaram para atingir os objetivos propostos pela professora pesquisadora. A metodologia empregada teve como objetivo fornecer um embasamento prático e teórico básico para a produção de um documentário utilizando as técnicas apresentadas, como o uso de câmera, luz e som, além da técnica de entrevista e direção de cena. A oficina de vídeo documentário foi realizada dentro e fora da escola.

Público alvo

O trabalho foi desenvolvido em uma turma composta por 28 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública Municipal de Educação do Rio de Janeiro que atende na sua maioria, a alunos da comunidade da Mangueira.

Oficina de vídeo/documentário

A oficina desenvolvida nesse estudo teve como produto um vídeo do gênero documentário. Durante a realização da oficina, o aluno teve a oportunidade de colocar em prática todas as etapas de produção de uma obra audiovisual, como argumento, roteiro, planejamento, produção e edição. A metodologia adotada para a construção do vídeo documentário privilegia a narrativa audiovisual, buscando a construção de uma linguagem própria, articulando as diferentes visões dos alunos numa perspectiva analítica e crítica (FRANCO, 2015).

O vídeo produzido registra e divulga aspectos temáticos significativos da comunidade da Mangueira na visão dos alunos.

A oficina foi dividida nas seguintes etapas:

Atividade preliminar:

- Assistir documentários com o professor da Sala de Leitura e discutir sobre os mesmos.
- Identificar as características de um documentário.

1ª Etapa:

- Discussão sobre a escolha do tema.

2ª Etapa:

- Pesquisa sobre o assunto escolhido (trabalho em grupo) com o uso da Internet, entrevistas e observações.
- Roteiro.

3ª Etapa:

- Planejamento - equipamento, técnicas, equipes, divisão de trabalho, cronograma.

4ª Etapa:

- Filmagem.
- Entrevistas.
- Diário.

5ª Etapa:

- Decupagem.
- Linha do tempo.
- Montagem do Documentário (escolha das cenas, música, edição).

6ª Etapa:

- Exibição para a comunidade escolar e para os pais.

As imagens abaixo são referentes ao vídeo e ao layout do editor de vídeo *Adobe Premiere*, utilizado na edição do mesmo.

Figura 2: Cenas do Vídeo documentário "Estação Primeira"
Fonte: (A AUTORA, 2015)

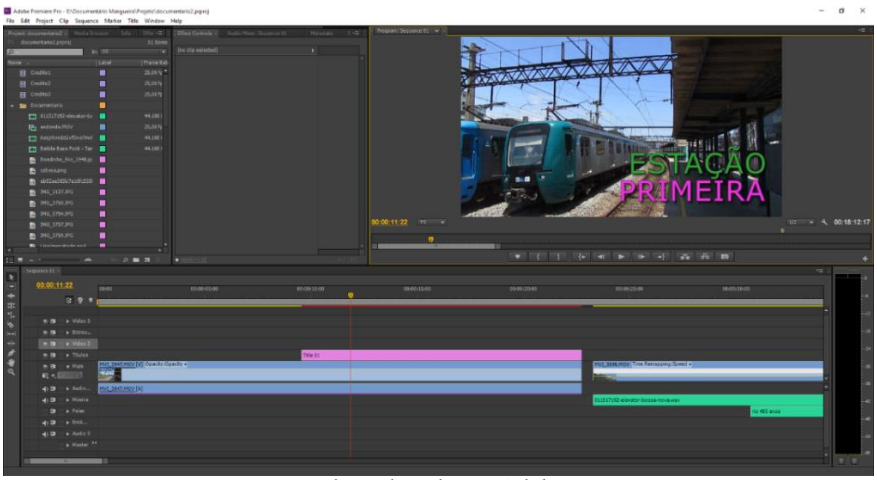


Figura 3: Edição do vídeo no Adobe Premiere
Fonte: (A AUTORA, 2015)

Problemática

Considerando a realidade atual de muitas escolas públicas, cujos atores, muitas vezes, podem se sentir desmotivados por aspectos, como salas superlotadas, poucas aulas semanais para algumas disciplinas, falta de recursos físicos, materiais e humanos, acredita-se que o projeto desenvolvido em módulos em uma visão sócio interacionista, possuindo uma dimensão coletiva, pode auxiliar no enfrentamento desses desafios, além de despertar no discente, a vontade e o interesse por aprender. Assim, foi desenvolvido com os alunos do Ensino Fundamental um projeto de aprendizagem que contou com Sequências Didáticas estruturadas em oficinas, as quais ressignificaram o processo de ensino e de aprendizagem, tornando a escola um espaço mais lúdico e os conteúdos mais expressivos.

Resultados e discussões

Analisando as oficinas de acordo com as etapas do ciclo de aprendizagem expansiva à luz da teoria da atividade, percebeu-se que, durante o processo de desenvolvimento da oficina de vídeo, um aspecto revelou-se de extrema importância: a mediação da pesquisadora nas atividades propostas em cada etapa das oficinas.

Utilizando os elementos da Teoria da Atividade, serão analisados o sujeito, o objeto e o instrumento. Os sujeitos foram os alunos do 5º ano, que desenvolveram as atividades com a mediação da professora pesquisadora e com o apoio das famílias e da Comunidade da Mangueira. No desenvolvimento da oficina, as ações humanas configuraram o ciclo de aprendizagem e os sujeitos que fizeram parte desse ciclo dinâmico desenvolveram habilidades e competências para transformar o objeto, material audiovisual, de forma colaborativa, em um vídeo que retrata sua comunidade.

Uma vez estabelecido o sujeito e o objeto, foi importante compreender, usando os princípios da TA, que os sujeitos não se apropriam do objeto de forma direta e imediata, sendo necessária a mediação, daí a importância do pesquisador e de sua intervenção durante a Pesquisa-ação.

As ferramentas, ou instrumentos, auxiliam o sujeito a se apropriar do objeto de forma mais eficiente. No caso desta pesquisa as principais ferramentas utilizadas foram o computador, a *webcam* e a câmera fotográfica, embora o celular e os *tablets* também tenham sido utilizados.

A utilização das ferramentas potencializou e facilitou a autoria dos alunos na construção de material audiovisual. Para que esse processo acontecesse da melhor forma possível, a pesquisadora, durante a mediação, teve o cuidado de se certificar que os alunos aprenderam a utilizar com eficácia os equipamentos. Ainda que alguns tenham apresentado mais habilidades que outros, todos dominaram o uso das ferramentas e o trabalho colaborativo potencializou os resultados.

Dentro da perspectiva mencionada, o instrumento foi além do computador ou da câmera, uma vez que os programas e aplicativos também foram utilizados, inclusive sugeridos pelos alunos que demonstraram conhecimentos e familiaridade com alguns *softwares* e alguns aplicativos.

Dessa forma, sujeito, ferramenta e objeto ocuparam o mesmo espaço de importância, não existindo uma ordem hierárquica entre eles. Na perspectiva da TA todos os elementos são primordiais, pois um não existe sem o outro. Para que o sujeito se aproprie do objeto é indispensável uma ferramenta mediadora.

Sujeito, objeto e ferramenta fazem parte de um contexto onde se integram. É aí que se observa o aspecto coletivo da TA, onde os sujeitos relacionam-se com a comunidade através de regras que regulam as ações e interações, enquanto a comunidade relaciona-se com o objeto através da divisão de trabalho e do compartilhamento de responsabilidades entre os sujeitos do sistema de atividade.

Segundo os pressupostos da TA, os sujeitos aprendem em interação com seus pares e isso é facilmente observável quando se propõe um trabalho coletivo e colaborativo como uma animação, onde os alunos trabalharam em diferentes formações (individualmente, em duplas, em grupos, toda a turma) com a liberdade de escolher as atividades de seu interesse e compartilhando experiências com os colegas.

Para cada oficina foram estabelecidas regras diferentes, mas, em todas elas, o objetivo foi regular a interação entre os pesquisados. Uma regra válida para todas as atividades é que todos deveriam participar e apresentar seus resultados.

A divisão do trabalho foi discutida e implementada pelos alunos com a mediação da professora pesquisadora. Todos os sujeitos envolvidos assumiram suas responsabilidades. Nesse contexto, o papel do professor foi elaborar as atividades, mediar e intervir quando necessário e fornecer condições técnicas e pedagógicas para o desenvolvimento e apropriação de habilidades por parte dos alunos. Os alunos desenvolveram as atividades propostas pelo professor obedecendo cada etapa do processo, a escola colaborou com a pesquisadora no desenvolvimento das atividades, e forneceu o espaço físico para a realização das oficinas.

Apesar da complexidade, a Teoria da Atividade, por ser dialética e dinâmica, auxilia no entendimento da multifacetada experiência de aprender, principalmente quando utilizamos as TIC nesse processo.

A aprendizagem expansiva é uma maneira de pensar a TA em forma de ciclos. Para a TA, as transformações que ocorrem durante o desenvolvimento de uma atividade estão relacionadas às possibilidades de expansão. Quando os sujeitos questionam as situações vividas, as contradições aparecem e direcionam o desenvolvimento, em um movimento de construção e reconstrução contínua, delineando o processo de aprendizagem.

Esse movimento dialético específico é uma ferramenta indispensável para que os sujeitos apresentem uma aprendizagem constante, o que será percebido no decorrer de cada etapa do ciclo de aprendizagem expansiva. O ciclo de aprendizagem expansiva é composto por uma sequência de ações de aprendizagem, definida por determinadas fases (ENGESTRÖM, 2000 apud RIBEIRO, 2010), como será exposto a seguir.

A primeira ação é de questionar a situação inicial; a segunda ação é a de analisar a situação, levantando as contradições que levam a transformações; a terceira ação é a de modelar a situação encontrada para que na quarta fase seja examinado o modelo, para compreender sua dinâmica, potencialidade e limitações; a quinta ação é a de implementar o modelo por meio de aplicações práticas; a sexta diz respeito a reflexão sobre o processo e a sétima ação é a consolidação de uma nova prática (ENGESTRÖM, 1999). Dessa forma, para Engeström, o objeto da atividade de aprendizagem expansiva é todo o sistema de atividade em que os sujeitos da aprendizagem estão engajados, produzindo padrões culturalmente novos de atividade.

Análise da oficina de vídeo

A Oficina de Vídeo iniciou com algumas atividades preliminares tais como a análise de documentários, a discussão sobre os temas apresentados e a técnica a ser utilizada. Em seguida, os alunos foram incentivados a pensar sobre um tema a ser abordado, de preferência sobre a comunidade onde residiam. Surgiu assim o primeiro questionamento: o que posso abordar em relação à comunidade onde moro? A partir daí muitos outros questionamentos foram feitos e os estudantes só conseguiram chegar a um consenso quando foi iniciada a prática (Etapa 1 do ciclo).

A Sequência Didática foi utilizada com o objetivo de organizar as ações e ampliar as possibilidades de participação coletiva e cooperativa necessárias para a produção de um

documentário utilizando as técnicas apresentadas. Depois de pesquisas feitas na Internet sobre a comunidade da Mangueira e entrevistas com alguns moradores, os alunos decidiram abordar o tema "Brinquedos e Brincadeiras das Crianças da Mangueira". No entanto, ao iniciarem as filmagens, mudaram o foco completamente, pois perceberam que outros temas chamavam mais a atenção e despertavam mais a curiosidade das pessoas. Decidiram, então, falar sobre a história da Mangueira e de seus moradores, mais especificamente sobre a relação dos mesmos com a escola, uma vez que a maioria deles já havia estudado na escola onde a pesquisa foi desenvolvida ou já tinham tido filhos na referida escola (Etapa 2 do ciclo).

Na terceira fase foram definidas as técnicas, a divisão de equipes, o cronograma e os equipamentos a serem utilizados (Etapa 3 do ciclo). No entanto, no início das filmagens, surgiram problemas a serem solucionados, relacionados a situações de violência na comunidade, justamente nesse período, e foi necessário rever o modelo para não colocar em situação de risco as crianças participantes e nem tampouco a pesquisadora (Etapa 4 do ciclo). Dessa forma, nesta fase, tiveram de ser revistas toda a etapa anterior e foi decidido que as entrevistas seriam feitas na escola, ou em outros espaços, até que houvesse condições de voltar a filmar na comunidade.

Retomando a normalidade, na quinta fase os alunos tiveram a oportunidade de colocar em prática todas as etapas de produção de uma obra audiovisual, tais como: argumento, roteiro, planejamento, uso de câmera, luz e som, além da técnica de entrevista e direção de cena (Etapa 5 do ciclo).

Na sexta fase, durante a produção do vídeo documentário, foi possível construir uma linguagem própria, articulando as diferentes visões dos alunos numa perspectiva analítica e crítica (Etapa 6 do ciclo).

Na sétima fase, com todo o material produzido, iniciou-se a escolha das cenas, a sequência das mesmas, as músicas, os efeitos sonoros e os efeitos visuais. A edição teve uma maior participação dos alunos no sentido de colaborar com ideias, embora a edição propriamente dita tenha sido feita por um colaborador. O resultado final surpreendeu positivamente a todos, tanto alunos quanto pais, que foram convidados para assistir a exibição do vídeo documentário. (Etapa 7 do ciclo).

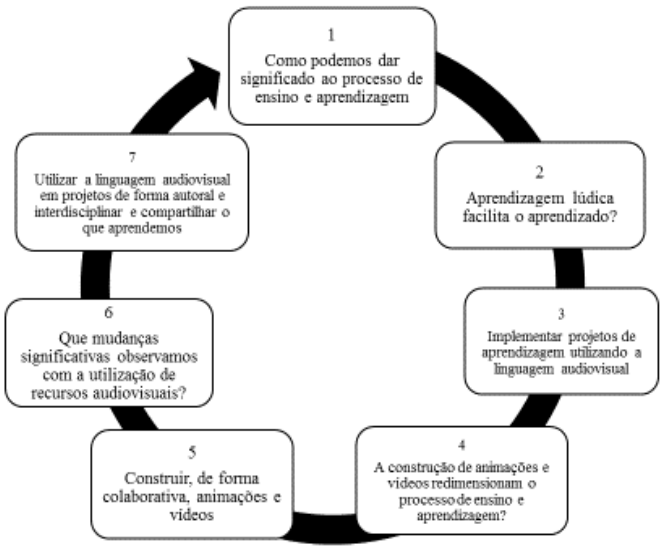


Figura 4 - Fases do ciclo expansivo durante as oficinas oferecidas: Modelo de Ciclo Expansivo
Fonte: adaptado de ENGESTRÖM, 1999, p. 25

Todos os alunos participaram das atividades preliminares, gostaram de conhecer o gênero documentário e debateram sobre o conteúdo e sobre as suas características. A decisão acerca do tema, as pesquisas, o roteiro e o planejamento das tarefas também contou com a participação de toda a

turma, mas, na hora da execução das tarefas extraclasse, poucos alunos participaram, pois estavam acontecendo problemas de violência na comunidade, conforme já mencionado. Embora essa oficina tenha sido a mais difícil, por contar com atividades externas, os alunos que participaram demonstrando muitas habilidades e competências, inclusive de relação interpessoal, convencendo os pais e moradores da comunidade a colaborar com o trabalho.

Embora a sequência didática apresente uma rotina a ser seguida, necessária para a organização e realização do projeto, foi proporcionado aos alunos um espaço de criação e adaptação de acordo com as dificuldades impostas pela realidade encontrada. Foi surpreendente a maneira como eles lidaram com os imprevistos e com as condições de maneira responsável e criativa.

Os alunos que colaboraram na etapa prática da oficina de vídeo demonstraram habilidades no trabalho colaborativo e pouco hierarquizado. Eles se adaptaram às novas situações com flexibilidade e demonstraram habilidades de resolução de problemas, autogestão, estabelecendo prioridades, resolvendo conflitos, planejando, tomando decisões e incentivando os colegas.

Dentre os diversos aspectos observados no que diz respeito ao trabalho desenvolvido pelos estudantes, aqueles que mais chamaram a atenção foram a capacidade de liderança, a organização, a criatividade e a capacidade de estabelecer as metas e cumprir os prazos.

Os alunos que antes tinham a possibilidade de "ver cinema" na escola, hoje têm a possibilidade de criar suas próprias narrativas audiovisuais. A professora também passou por várias fases, desde utilizar o cinema como linguagem, refletir sobre a linguagem audiovisual, até fazer cinema e mediar as atividades com os alunos, viabilizando a autoria.

O principal desafio da Teoria da Atividade (TA) é explicar como se dão as relações entre os indivíduos, seu ambiente e as ferramentas que utilizam em seu cotidiano, tendo como eixo as mudanças qualitativas nas práticas humanas.

Conclusão

Concluiu-se que a utilização das tecnologias digitais contribuiu para a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem, através da produção de vídeo em um projeto interdisciplinar e que privilegiou a autoria dos estudantes do Ensino Fundamental.

O uso de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem é incontestável diante da sociedade contemporânea, onde as informações se multiplicam em quantidade e velocidade. Nesse contexto, o professor deixa de ser o detentor do conhecimento e passa a ser um orientador da aprendizagem e um mediador de processos cognitivos.

As tecnologias são instrumentos e, obviamente, não substituem o professor, mas este, munido dessas ferramentas, é capaz de despertar o interesse do educando e de despertar nos sujeitos as suas potencialidades, fazendo com que desenvolvam habilidades.

As novas tecnologias digitais, quando utilizadas pedagogicamente, são capazes de promover a autonomia, a criatividade, a curiosidade e a inventividade. As TIC possuem grande capacidade de interação, de uso interdisciplinar e de uso multidisciplinar, o que faz com que o tempo e o espaço da sala de aula, seja aumentado e transformado, colaborando para a construção de conhecimentos numa prática dialógica, onde professor e aluno interagem de forma linear e compartilham experiências e saberes.

Durante todo o projeto, os conhecimentos prévios dos alunos foram considerados e os conteúdos tratados de forma dinâmica, estimulando a cooperação, a autonomia e a iniciativa, gerando assim, uma aprendizagem significativa. No decorrer do desenvolvimento do trabalho, os alunos

apresentaram um interesse crescente pela produção audiovisual, mais especificamente, pela linguagem de vídeo.

Os conhecimentos passaram a ser mais significativos na medida em que os estudantes, além de pesquisar, escreveram seus roteiros, construíram seus personagens e cenários, organizaram e distribuíram as tarefas reconhecendo-se como produtores de saberes. A imagem desperta sobremaneira a atenção dos estudantes, mas somente com as experiências sociais e culturais vivenciadas no cotidiano, as visões dessas imagens vão adquirindo significado, amparada por sua bagagem cultural.

Esperamos que esse trabalho inspire outros professores e alunos a trilharem juntos os caminhos em busca de uma educação que seja significativa para todos.

Referências bibliográficas

FRANCO, V. N. D. **O uso das tecnologias da informação e da comunicação no ensino fundamental: possibilidades e desafios,** 2015. 162 p. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp – UERJ. Rio de Janeiro, 2015.

AUSUBEL, D. P. **Educational Psychology: a cognitive view.** Nova Iorque: Holt, Rinchart and Winston, 1968. Dezembro de 1996. D.O.U. 1996.

BIZERRA, A.F. **Atividade de aprendizagem em museus de Ciências**. 2009. 274 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo São Paulo, 2009.

ENGESTRÖM, Y. Activity theory and individual and social transformation. In: ENGSTRÖM, Y.; MIETTINEN, R.; PUNAMÄKI, R.-L (eds.). **Perspectives on Activity Theory**. Cambridge, Cambridge Press, 1999. 19-38.

_____. **Activity theory as a framework for analysing and redesigning work**, Ergonomics, Francis,v. 43, n.7, p. 960-974, 2000.

FAZENDA, I.C. A. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed Campinas, SP: Papirus, 2012.

MARCHESI, A.; MARTÍN, E. **Qualidade do ensino em tempos de mudança**. Porto Alegre: Artemed, 2003.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M. (org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 9. ed. Campinas (SP): Papirus, 2005. p. 133-173.

RIBEIRO, A. S. M. **Design e suporte em contexto de curso online: um estudo sob a perspectiva da teoria da atividade,** 2010.Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, CNPq. Orientadora: Heloisa Collins. p. 229. 2010.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2011.

THURLER, M. G. **Inovar no interior da escola.** Tradução de Jeni Wolff. Porto Alegre: Artemed, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: M. Fontes, 1984.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO DE CURTAS-METRAGENS ACESSÍVEIS AO PÚBLICO SURDO

PRÁTICA DE ENSINO INTERDISCIPLINAR NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO EM ESCOLA TÉCNICA

Maria Emília Lubian[1]
milalubian@hotmail.com

Resumo

O objetivo geral é promover a produção de curtas-metragens acessíveis ao público surdo, de maneira a divulgar a escola técnica como possibilidade de inserção ao mundo do trabalho. Para a realização da pesquisa há alunos de 1ª Série do Ensino Médio Técnico na produção de curtas-metragens acessíveis e de alunos surdos de anos finais de Ensino Fundamental regular e EJA que integram a pesquisa qualitativa e avaliam o material audiovisual produzido pelos alunos das 1a Séries, na pesquisa aplicada.

Palavras-chave: Cinema; Surdo; Acessibilidade; Trabalho; Curta-metragem.

Introdução

A formação docente para a inclusão que esse curso oferece na modalidade de Especialização em Língua Brasileira de Sinais é fundamental para qualquer professor da Educação Básica, principalmente para quem realizou a graduação já há quase vinte anos, quando nem se pensava em inclusão nas escolas. A necessidade de atualização docente surge devido à intensificação do trabalho para que a inclusão, prevista em lei, enfim, seja efetivada nas escolas.

Em específico, na Escola Técnica Integrada ao Ensino Médio na qual a pesquisa foi desenvolvida, está sendo promovida a divulgação e a qualificação da instituição para o acesso do público com alguma deficiência na formação técnica. Para isso é preciso haver a mudança de pensar da educação de toda a comunidade escolar, para receber todos os alunos em uma escola tradicional na área técnica da Química, Mecânica, Eletrônica e Eletrotécnica no Vale do Rio dos Sinos já há 50 anos no estado do Rio Grande do Sul. Dessa forma, acredita-se que a produção de curtas-metragens acessíveis e a submissão desses ao público surdo da região, pode ser uma forma dos alunos das 1a Séries, iniciarem a percepção em relação ao acesso das pessoas surdas, desde a arte cinematográfica e sua linguagem para a efetiva inclusão do surdo na comunidade escolar e na sociedade.

Ao longo do tempo, enquanto docente, observou-se uma tendência do politicamente correto ao participar de eventos da área. Houve a inserção de intérprete de Libras. Isso favoreceu a compreensão do que vem sendo dito, mas o conteúdo que é veiculado ali não é pensado para todo e qualquer público. Se a barreira da comunicação é quebrada não quer dizer que todo mundo está integrado. O mundo é pensado para alguns e isso não é acessibilidade. Em algumas ocasiões em seminários em que se abordaram a condição dos deficientes, a inclusão e a acessibilidade em que foram convidados quase que exclusivamente pessoas deficientes atuantes na sociedade, autoridades no assunto ou desportistas com alguma deficiência, estes foram unânimes em falar que, em várias ocasiões, foram convidados para falar em outros momentos sobre os temas, mas a maioria daqueles

[1] Graduação e Mestrado em Letras Língua Portuguesa Universidade de Passo Fundo, Especialização em Libras pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

que falavam sobre o assunto não eram deficientes. Ou seja, a inciativa em organizar um evento em que se fala sobre a deficiência e atuação do deficiente na sociedade com a participação do mesmo com voz ativa parece algo importante e até certo ponto inovador, até mesmo para eles. Mas como falar sobre eles e sua realidade sem a sua participação? O cidadão deficiente quer participar da sociedade a começar das discussões sobre legislação, mercado de trabalho e políticas públicas que versam sobre sua condição. Como o deficiente poderá ter voz e vez, se nem em eventos sobre sua condição quase não são chamados a palestrar?

Em específico sobre o cinema isso é percebido nos roteiros. Por que se o assunto não for a surdez e sua problemática, por exemplo, é muito difícil ver uma pessoa surda vivendo uma vida normal e interagindo bem em sua comunidade? O que já foi mostrado é a dificuldade de se lidar com isso. Também não se tem um único roteiro para esse público. Um filme exclusivo para surdos e acessíveis para ouvintes. É difícil no caso de uma grande produção, pois quem faria uma obra assim, considerada para uma minoria? Que lucros poderiam ter?

Já passou da hora de integrar e colocar o espaço para todos participarem da sociedade, tanto na parte profissional quanto cultural. Dessa forma o objetivo geral desse trabalho é: promover a produção de curtas-metragens acessíveis ao público surdo, de maneira a divulgar a escola técnica como possibilidade de inserção ao mundo do trabalho.

Os objetivos específicos da pesquisa são:

- apresentar aos alunos de 1a série a linguagem do cinema;
- observar com os alunos de 1a série de escola técnica os recursos acessíveis utilizados em curtas-metragens;
- coletar opiniões de alunos surdos sobre recursos acessíveis em filmes;
- produzir com alunos de 1a séries filmes acessíveis;
- divulgar os curtas-metragens produzidos pelos alunos para a comunidade ouvinte e surda;
- participar de momentos distintos de avaliação das produções audiovisuais dos alunos em diferentes exibições dos curtas.

Para a realização desse trabalho recorreu-se à pesquisa aplicada, com abordagem qualitativa. Participam da mesma, duas escolas, cinco turmas de 1a Série de Escola Técnica Integrada ao Ensino Médio e uma Escola Especial de Ensino Fundamental – anos finais do ensino fundamental regular e educação de jovens e adultos. A primeira participa como produtora de curtas-metragens acessíveis e a segunda integra a pesquisa qualitativa e avalia o material audiovisual produzido pelos alunos das 1a Séries na pesquisa aplicada.

O surdo e a sua formação para o trabalho

A realidade da inclusão para a pessoa com deficiência no Brasil no mercado de trabalho ainda é muito limitada. Primeiro porque a inclusão social ainda não é uma realidade. As escolas muito recentemente estão buscando viver a inclusão no dia a dia escolar e com muita dificuldade, devido aos professores, na maioria, também não terem suportes necessários de formação e/ou recursos necessários para atuar junto dessa clientela. Só para citar um exemplo, a obrigatoriedade do ensino de Libras na formação do professor começou com o Decreto no 5.626/2005, ou seja, somente há pouco mais de uma década.

Para haver uma efetiva inserção no mercado de trabalho é preciso ultrapassar e superar os limites da escolarização regular. É preciso também qualificar para o trabalho. Nesse sentido é que a Fundação Liberato, instituição na qual se atua na área de linguagens, está com uma proposta de

formação técnica para atender a esse público, com a implantação do Centro de Referência em Tecnologia Assistiva para a Educação Profissional.

Ensino médio técnico: CRTA Liberato

O Projeto do Centro de Referência em Tecnologia Assistiva para a Educação Profissional da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha – CRTA Liberato, localizado em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, Brasil, foi apresentado em um artigo para a Revista Liberato por Weber (2015, p. 31 - 44). O CRTA Liberato é baseado num plano pedagógico que prevê desde a construção de um prédio acessível que contempla novos cursos e a ampliação de 1.200 vagas para o ensino médio profissionalizante. O espaço inclui um Laboratório de Tecnologia Assistiva para desenvolvimento de pesquisas e protótipos, bem como adaptação de material didático, contribuindo para a inovação e o desenvolvimento de produtos para pessoas com deficiência, especialmente, no âmbito da educação profissional e do mercado de trabalho, apresentam os autores já no resumo do texto (p. 31).

A instituição é apresentada no artigo de Weber (2015, p. 32) como referência na formação técnica na região do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, Brasil, sendo oferecida pela mesma os cursos de ensino profissionalizante de Química, Eletrotécnica, Mecânica, Eletrônica, Segurança do Trabalho, Manutenção Automotiva, Design de Interiores e Informática para Internet, sendo que os quatro primeiros são integrados ao Ensino Médio.

Outro indicativo apontado na pesquisa foi o censo de 2015 o qual aponta a matrícula total de 3.500 alunos, advindos de cerca de 50 municípios da região de abrangência da Fundação Liberato (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010 apud WEBER, 2015). É importante destacar o fato de que a Liberato organiza e sedia uma das maiores feiras de tecnologia em nível médio da América Latina e reconhecida mundialmente, a MOSTRATEC. As pesquisas foram direcionadas para muitas áreas e também despontaram para a Tecnologia Assistiva. Percebeu-se na Fundação Liberato uma natural vocação em seguir uma tendência mundial em produzir esse tipo de pesquisa (Weber, idem, p. 32).

Nesse sentido o envolvimento e o crescimento ano após ano de trabalhos contemplando a área da Tecnologia Assistiva (TA) ao longo da história da Fundação Liberato, foi verificada a necessidade de investirem-se esforços para que a instituição viesse a se tornar referência na pesquisa, proposição e produção de tecnologia nessa área. Esses esforços resultaram em um conjunto de ações que, interligadas, configuram o Centro de Referência em Tecnologia Assistiva (CRTA) para a educação profissional. Para Weber (2015), os objetivos do Centro são, (p. 39- 40):

> - promover a articulação entre diferentes instituições para o desenvolvimento de pesquisa;
> - criar soluções tecnológicas e metodológicas na área da TA, com vistas à inclusão de pessoas com deficiência no âmbito escolar e acadêmico, no mercado de trabalho e na sociedade de um modo geral.
> - ofertar cursos de ensino profissionalizante, de nível médio, acessíveis a pessoas com deficiência, atendendo à legislação atual e à demanda do mercado de trabalho;
> - criar espaços de discussão institucional sobre a temática da inclusão na contemporaneidade, envolvendo professores e demais profissionais das instituições parceiras;
> - desenvolver TA, através das articulações entre os cursos da Fundação Liberato, propondo a criação de novos produtos, recursos, metodologias, estratégicas, práticas e serviços para promover a participação de pessoas com deficiência, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social;
> - buscar articulações com instituições públicas, privadas e outras organizações, visando potencializar o trabalho de pesquisa e criação na área da Tecnologia Assistiva com ênfase na educação profissional;
> - transformar-se em polo de formação de profissionais de áreas diversas com ênfase em acessibilidade, para atuarem junto ao setor de recursos humanos e assessorar empresas no desenvolvimento de programas para a inclusão de pessoas com deficiência;
> - promover, através da Incubadora Liberato, ações empreendedoras e de empoderamento para pessoas com deficiência;

> - firmar parcerias, com vistas a identificar demandas e necessidades do mercado de trabalho, promovendo a inserção dos alunos nas empresas da região;
> - proporcionar, através de produção de TA, condições para que as pessoas com deficiência possam gozar e exercer atividades laborais em igualdade de oportunidades com demais pessoas.

A crescente demanda por mão de obra qualificada para ocupar postos de trabalho em um mercado mais enxuto e competitivo, fez com que a Fundação Liberato, que já possui cursos técnicos de alto nível, pensasse em criar novos e ampliar a oferta de vagas para os já existentes, ideia esta apresentada ao longo do estudo apresentado por Weber (2015). Nesse sentido foi observado que na região de abrangência da instituição com 11 municípios havia em torno de 45 mil alunos ingressantes no Ensino Médio, só em Novo Hamburgo, cidade sede da instituição, giravam em torno de 9.500 alunos.

Participantes do processo seletivo para o ingresso na Fundação, no Ensino Médio Integrado, foram 1.764 inscrições homologadas desse total, 560 ingressaram na Instituição, uma vez que esta atende anualmente a capacidade máxima permitida (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2015 apud WEBER, 2015, p. 37).

Segundo os idealizadores do CRTA para a educação profissional, Weber (2015) este pode possibilitar às pessoas com deficiência uma participação ativa na área da inovação, envolvimento em projetos de pesquisa e desenvolvimento de produtos acessíveis, a partir de suas próprias necessidades, uma vez que as desigualdades no mercado de trabalho são acentuadas em relação às pessoas com deficiência. Os dados apresentados no IBGE (2010) confirmam que uma dos motivos para isso é a sua taxa de escolarização menor entre esse grupo, pois, por um longo período, lhes foram negadas iguais oportunidades de acesso e à permanência tanto na vida e escolar e, é possível raciocinar que, consequentemente, no mercado de trabalho também. Na verdade, as desigualdades só aumentam, quando se trata do âmbito da formação profissional, certificação e inserção no mercado de trabalho, tudo isso apresentado pelo Instituto de Pesquisa (IBGE, 2010).

Weber (idem) reforça ainda que há, aproximadamente, 40.000 pessoas com algum tipo de deficiência (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA EESTATÍSTICA, 2010) na região de maior abrangência da Fundação Liberato (municípios de Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Estância Velha), os autores questionam-se sobre que tipo de acesso essas pessoas tiveram a algum tipo de escolarização.

Observou-se que as empresas procuram ocupar as cotas com indivíduos que não lhes "deem mais trabalho" e não para "dar-lhes um trabalho", uma vez que eles não apresentam, na maioria das vezes, qualificações para ocupar os postos de trabalho. Quando se deparam com pessoas surdas, por exemplo, o que fazer? Algumas não têm o Ensino Médio e quando o tem não apresentam tantas qualificações e cursos, pois até precisam de mais tempo para estudar, se sabem a LIBRAS também precisam saber Português e é difícil dedicar-se a aprender mais do que a escola oferece. Há a inegável barreira do idioma, mesmo que o surdo saiba a leitura labial, como poderá expressar o que pensa e se fazer entender se o outro não entende a LIBRAS? Como a empresa poderá treinar todos ao redor e até clientes para poder interagir, quando necessário, com um surdo? São muitas as dúvidas e muita desinformação. Acredita-se que o melhor é o surdo ficar em casa e receber um salário por invalidez do INSS. Essa acaba sendo a realidade de muitos, pois há o temor de perder uma pensão todo mês por um emprego que pode não dar certo. A família que precisa zelar por ele teme não poder sustentá-lo ou mesmo vê-lo fracassar. É muito mais comum na vida do deficiente ver as coisas serem difíceis e cheias de luta do que acontecerem de maneira natural.

Essa realidade pode estar prestes a mudar na região do Vale dos Sinos com a implantação da CRTA Liberato e o oferecimento de vagas para cursos técnicos destinadas aos deficientes. A qualificação técnica pode derrubar várias barreiras e favorecer o ingresso desse público no mercado de trabalho. Ser qualificado para desempenhar um trabalho que exige conhecimento, já pode ser a primeira porta a se abrir para ele.

Inclusão cultural do surdo

- **Cinema para o público surdo**

Há no Brasil, legislação e políticas públicas inclusivas estabelecidas no sentido de assegurar o direito de acesso do deficiente às mídias televisivas e ao cinema, como a Lei de Acessibilidade no 10.098, os Decretos no 5.626/2005 e no 5.296/200. Para que aconteçam na prática existem normas técnicas como as NBR 15.599, NBR 15.290 e NBR 9.050. Essa última trata sobre a acessibilidade em todos os meios de comunicação, incluindo o cinema, seja por meio da eliminação de barreiras arquitetônicas, seja por meio de legendagem. Sobre as salas de espetáculo estas deverão dispor de sistema de sonorização assistida, para pessoas portadoras de deficiência auditiva, apresentar meios eletrônicos que permitam o acompanhamento por meio de legendas em tempo real ou de disposições especiais para a presença física de intérprete de Libras e de guias-intérpretes, com a projeção em tela da imagem do intérprete de Libras, sempre que a distância não permitir sua visualização.

A autora Melo (2015) ressalta em sua pesquisa que as produções cinematográficas brasileiras não possuem legendas nas salas de cinema e mesmo nos filmes estrangeiros com legenda em português, pode haver dificuldade de acesso para o surdo que tem domínio do português escrito. Isto acontece porque muitos sons não são representados na escrita e que ajudariam a contextualização da obra em exibição como o "estampido de um tiro", "latido de cão", "som de sirene chegando ou se afastando", "trilha indicativa de suspense". Tudo isso dá indicação do "clima" da obra que está sendo apresentada e ajuda aquele que está assistindo a perceber os contextos da trama. Somente a legenda das falas das personagens não dá conta do que a interpretação do roteiro pela produção da obra, fica muito "pobre" em significação para o público. A comparação adequada para se fazer nesse caso seria, uma pessoa que não domine um outro idioma no qual a obra foi originalmente produzida e este o assista sem volume, valendo-se apenas da legenda. Todos os sons que enriquecem e colocam a pessoa a "viver a obra", ficariam perdidos. As legendas descritivas ajudam a fazer esse papel para o surdo. Ele passa a imaginar o contexto, se há uma mudança na trama e poderá senti-la no mesmo momento que os demais. Por exemplo, se uma personagem se assusta ao ouvir um ruído no andar de baixo e vai descer as escadas para verificar o que é.

Melo (2015), na sua pesquisa estuda os temas "surdez, cinema, acessibilidade", apresentando a percepção do público surdo sobre a acessibilidade na sétima arte. O estudo da autora suscitou vários questionamentos que ajudaram na organização da presente pesquisa. Alguém da área da saúde e reabilitação, como a autora explora questões de linguagem, da arte cinematográfica para a promoção da reabilitação. Isto porque a acessibilidade ao que é produzido no cinema, veiculado e transmitido de maneira acessível pode, à sua maneira, colaborar para a reabilitação ou interação social.

No caso da comunicação, seria possível promover a interação dos indivíduos surdos e ouvintes de maneira a compartilharem de uma mesma experiência artística, percebendo-a de maneiras diferenciadas, mas integradas.

O trabalho de Melo (2015) de natureza aplicada, com abordagem qualitativa contou com a participação de seis alunos surdos do Ensino Médio de uma escola regular inclusiva de uma cidade do interior de São Paulo, que foram entrevistados e assistiram a dois longas-metragens: um deles com legenda *closed caption* e o outro com legenda descritiva em português e um curta-metragem com janela de Libras. A autora percebeu, com seu trabalho, que todos os participantes apreciam o cinema, mas nenhum deles havia assistido a um filme nacional. Após assistirem aos filmes, os alunos tiveram opiniões variadas, mas todos elencaram a legenda descritiva em português como a solução para os problemas de acessibilidade ao filme.

Ao analisar as considerações da autora sobre a temática e pensando sobre a experiência pessoal e também na especialização em Libras, foi possível perceber que a hipótese já pensada para a produção de curtas-metragens acessíveis com alunos de 1ª Séries do Ensino Médio Integrado ao Técnico, foi já observada a respeito dos recursos acessíveis a serem aplicados nos vídeos para esse público:

> [...] A janela visual deve ser problematizada no contexto do cinema, pois, esse recurso causa competição visual entre a obra e a tradução. Segundo a opinião de um grupo de seis alunos do Ensino Médio, ter o recurso como está previsto em Lei, não garante o acesso aos conteúdos fílmicos. Sugere-se que novos estudos sejam desenvolvidos de modo a elucidar, com base na avaliação das pessoas surdas, a eficácia e a eficiência das legendas desenvolvidas para o seu uso no cinema, fortalecendo a participação dos surdos no desenvolvimento de soluções que tenham sentido para esse grupo cultural. Sugere-se também fortalecer as ações de criação de novos artefatos fílmicos por cineastas surdos, o que levaria a uma reconfiguração das técnicas de filmagem, iluminação, enquadramento e movimento de câmera, configurando-se assim, um campo vasto para pesquisas futuras. (MELO, 2015, p.viii).

Refletindo sobre os resultados, reconheceu-se a possibilidade de seguir um caminho semelhante na coleta e análise de dados, por isso, foi organizado um questionário para os alunos surdos com perguntas semelhantes às aplicadas por esta, como uma das ações empregadas na pesquisa. Se o produto final estaria baseado na produção de curtas-metragens para um público surdo, seria necessário levar em conta a sua opinião sobre as possibilidades de torná-los acessíveis a esse público. Então, foi organizada uma ficha de entrevista, que foi aplicada em séries finais de uma Escola Estadual Especial de ensino fundamental regular e educação de jovens e adultos em Novo Hamburgo.

- **Análise de entrevista com o público surdo de anos finais do Ensino Fundamental sobre cinema**

Os alunos receberam a entrevista composta de 27 questões (Anexo 02) acompanhadas do termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 01) para a participação na pesquisa sem a identificação dos participantes. As questões referem- se à escolarização e às habilidades de leitura e comunicação do aluno, sobre suas expectativas após a etapa escolar quanto à continuidade dos estudos e de atuação profissional, se há o desejo de realizar um curso técnico e em qual área. Em específico, sobre cinema, se assistem a filmes e de que gênero, bem como se já tiveram acesso a filmes com recursos acessíveis e quais seriam estes. Desse modo, ao conhecer o público-alvo das produções fílmicas, foi analisado o recurso acessível mais viável para alcançá-lo.

A Escola Estadual Especial de Ensino Fundamental K.M. para alunos surdos está localizada em Novo Hamburgo e destina-se à formação desse público, nas séries finais como formação regular e também na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. O grupo de alunos participantes da pesquisa são dez na modalidade regular, com idades de 12 a 22 anos, do 5o ao 9o ano. Já na modalidade EJA foram entrevistados seis alunos, com idades de 15 a 46 anos, em diferentes etapas dos anos finais do Ensino Fundamental.

Os alunos da modalidade regular apontaram, em sua maioria, possuir um bom conhecimento em LIBRAS e médio em Português. Em relação ao futuro acadêmico e profissional, seis deles disseram ter interesse em ter uma profissão. Dois como professores e quatro como técnicos, dois na área da mecânica e dois na área da internet, quatro não opinaram sobre o tema. Especificamente sobre os filmes, todos demonstraram interesse e gostam de assistir:

- lugares que assistem: cinco assistem em casa, quatro em casa de amigos, dois assistem no cinema e um apontou também na escola, sendo que eles marcaram mais de um espaço e estes se repetem;
- os gêneros mais comuns: cinco comédias, cinco ação, dois terror, um aventura, também marcando mais de um como preferência;
- sobre a dificuldade em entender: quatro apontam que não tem dificuldades, dois sim, quatro não opinaram;
- sobre a acessibilidade que esperam encontrar em um filme, seis afirmam que preferem legendas em português e quatro disseram preferir legendas visuais (caixa com intérpretes de LIBRAS). Quatro das respostas foram para dois dos recursos, ou seja, poderiam ser um ou outro ou ambos;
- na questão sobre o acesso a filmes acessíveis foram empatados nas respostas. Aqueles que responderam sim, disseram que assistiram até três filmes com esse recurso.

Os alunos da modalidade EJA apontaram em sua maioria possuir um conhecimento mediano em LIBRAS e pouco de Português. Em relação à vida profissional, três deles estão no mercado de trabalho e os demais não ingressaram e não pensam em ingressar. Dois trabalhadores pensam em realizar um curso técnico na área Automotiva, sendo que um deles já é "chapeador". Especificamente sobre os filmes, cinco disseram gostar de assistir, exceto aquele que é agricultor:

- lugares que assistem: três em casa ou casa de amigos, três no cinema e um apontou também a escola, os espaços se repetem;
- os gêneros mais comuns: três ações, três comédias, dois aventura, um romance, um drama;
- sobre a dificuldade em entender: cinco apontam que tem dificuldades, e uma pontou que não tem dificuldade. Diferente da modalidade regular, a EJA apontou muita dificuldade em entender os filmes;
- sobre a acessibilidade que esperam encontrar em um filme, quatro afirmam que preferem legendas em português e dois disseram preferir legendas visuais (caixa com intérpretes de LIBRAS);
- os alunos empataram com relação ao acesso a filmes acessíveis e na quantidade de acessos: três tiveram acesso e três não tiveram. Aqueles que responderam sim, disseram que assistiram até três filmes com esse recurso. Nesse ponto, foram praticamente iguais as respostas dos dois grupos.

Ao analisar as entrevistas foi possível perceber que o acesso à obras acessíveis ainda é limitado e o recurso mais natural ainda é a legenda em português. Os resultados foram discutidos com os alunos das turmas de 1a série do Ensino Médio, produtoras dos curtas-metragens e foi pensado em oferecer mais do que simples legenda e sim a legenda descritiva, conforme foi analisado anteriormente, a partir do trabalho de Melo (2015), dando indicações de sons que permeiam os roteiros que contextualizam as ações e dão o clima das obras.

- **Projeto de produção de curtas-metragens acessíveis produzidos por alunos de 1a séries de ensino médio técnico**

Para a realização da pesquisa aplicada por meio da qual o relato aqui é apresentado, participaram as quatro turmas de 1a Série de Eletrotécnica e uma turma de Eletrônica de alunos ingressos no ano de 2016, na Fundação Liberato.

Sabendo da tendência da Fundação Escola Técnica Liberato em qualificar-se para a inclusão de pessoas com alguma deficiência nos cursos que já possui, é preciso, também, ampliar a visão do corpo discente sobre esse público. Tanto como consumidores de tecnologias e como a possível inserção como ingressos em cursos técnicos, na instituição em que esse grupo já faz parte. Desse modo, a produção de curtas-metragens, envolvendo o campo de estudos de "linguagens, códigos e suas tecnologias" foi considerada propícia, pois se encontrou uma aproximação entre os conteúdos estudados na área da linguagem para a 1a Série do Ensino Médio, conforme o programa de ensino da instituição, em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais/2000.

O projeto em questão previa o estudo de romances, a apreciação e análise de obra cinematográfica, estudo da linguagem do cinema, produção de roteiros, montagem e qualificação de curtas, envolvendo noções de acessibilidade e a aplicação dessas nas obras audiovisuais produzidas.

A proposta da área da linguagem foi discutida com os professores da disciplina de Artes que concordaram em dar um aporte para a Língua Portuguesa e a Literatura, no caso das duas últimas, ministradas de forma integrada, conforme a organização curricular da escola. O passo seguinte foi conversar com os alunos que aceitaram participar da proposta que seria trabalhada durante o ano letivo de 2016. Em seguida foram apresentados, de forma resumida, os objetivos e a etapa de realização do projeto, aqui divididos por trimestre para melhor entendimento do percurso temporal do mesmo.

No 1º Trimestre foi apresentada a proposta do estudo da arte cinematográfica e como ela fez parte do cotidiano das pessoas durante os conflitos mundiais, servindo também como distração para esses momentos de crise. A produção e a evolução da tecnologia que deu base para que essa arte despontasse também foi tema das aulas. Uma obra que foi utilizada como base dos estudos foi "Chaplin, o filme" de 1992, dirigido e produzido por Richard Attenborough (1992). Foi adaptado por William Boyd, Bryan Forbes e William Goldman dos livros My Autobiography de Chaplin e Chaplin: His Life and Art pelo crítico de cinema David Robinson. Estrelado por Robert Downey, Jr., Moira Kelly, Dan Aykroyd, Penelope Ann Miller e Kevin Kline. Ele também possui Geraldine Chaplin no papel de sua própria avó paterna, Hannah Chaplin. A obra mostra a vida conturbada do artista e seu brilhantismo na produção cinematográfica. Um gesto, um olhar, dizia mais que mil palavras, era assim que Chaplin conquistou plateias no mundo e devido a esse apelo, teve dificuldade em aderir ao cinema falado por pensar que não mais alcançaria universalmente o público. Também pensava que o Vagabundo, seu personagem mais famoso, estaria condenado, se falasse.

Como recurso de estudo do cinema para as aulas, foi utilizado o site "Primeiro Filme" produzido pelo professor e cineasta Carlos Gerbase, precursor como cineasta no Rio Grande do Sul, e pela Editora Artes e Ofícios que tem como objetivo principal criar materiais didáticos, estruturas e ferramentas de apoio ao ensino de cinema nas escolas de nível médio. Nesse site há como material didático um DVD, um livro, dicas sobre produção audiovisual e uma coletânea de filmes produzidos por alunos de escolas participantes do Festival Primeiro Filme que ocorre em Porto Alegre. (http://www.primeirofilme.com.br).

Para inspirar a criação a roteirização dos curtas, foi proposta a leitura de romances que envolveram conflitos, como a 2a Guerra Mundial, enfatizando a maneira o modo como as pessoas que viveram essa realidade suportaram e enfrentaram esses dilemas, tornando-se por muitas vezes refugiadas. Para a leitura, as turmas foram divididas em equipes para o estudo da obra, posteriormente, para a elaboração de seus roteiros inspirados no enredo. Entre as obras sugeridas e aceitas pelos alunos para os estudos, estão: "O menino do pijama listrado", de Boyne; "O livro secreto", de Samak; "O caçador de pipas", de Hosseini; "Malala", de Mazza e o "Menino da Lista de Schindler" de Leyson.

Para a elaboração dos roteiros foram lidos alguns modelos apresentados no material didático oferecido pelo Professor Gerbase, no site Primeiro Filme, sendo apontadas indicações como:

a) cada página corresponde a mais ou menos um minuto gravado;
b) para cada cena há indicações de espaços, descrições de como estes são e como os personagens se movimentam nestes;
c) quando as cenas forem internas ou externas, receberão indicações (INT. ou EXT.);
d) quando um personagem entra ou sai de cena: marcar isso, como interage com os demais, o que acrescenta na cena (Diferente do teatro, aqui se escreve somente o que "se vê", por isso indicações e não "intenções".);
e) outros detalhes técnicos da escrita do roteiro foram abordados, como exemplo é apresentado o seguinte excerto:

TERRA DE PASTUM

EXT. CAMPO - DIA

FADE IN

Hassan está levantando pipa com Amir em um gramado.

FADE OUT

EXT. EMBAIXO DE UMA ARVORE - DIA

Amir chega correndo e começa um diálogo com Hassan. Ação

AMIR
O que faz aqui? a pipa foi para o outro lado.

HASSAN
Vai vir para este lado. [...]

Quadro 1: "Terra de Pastum" – inspirado em "O Caçador de Pipas"
Fonte: Alunos da turma 2123. Terra de Pastum. Curso de Eletrotécnica. 2016.

Após a elaboração dos roteiros os grupos apresentaram os textos para a turma como atividade de redação e foram sugeridas adequações quanto à trama, à possibilidade de produção da obra pelo grupo e como seriam feitas as gravações, tempo necessário, materiais, detalhes de montagem, divisão do trabalho. Sugestões para a produção também foram evidenciadas nas aulas de Artes.

Já no 2º trimestre foram assistidos curtas acessíveis e como essas obras são pensadas para atingir universalmente as pessoas, que recursos são explorados para que possam ser assim consideradas. Retomando o cinema mudo assistindo trechos de filmes de Chaplin, no caso do público surdo, qualquer uma de suas obras conseguia transmitir a emoção, o riso por meio das imagens, a música que acompanhava dava o tom de humor ou melancolia necessários para criar de vez a atmosfera do filme para o público ouvinte. Em um filme acessível pode haver pessoas falando, usando de expressão, recursos sonoros, audiodescrição, legendas e até caixa de libras, tudo isso na tentativa de alcançar os diferentes públicos: surdos, ouvintes e/ou cegos. Na qualificação de uma obra como acessível é possível escolher um ou mais recursos se a apresentação será apenas para um determinado público.

No caso do trabalho desenvolvido pelos alunos ficou acertado que este seria feito com legendas descritivas em Língua Portuguesa, conforme a pesquisa qualitativa feita em escola especial de surdos.

Para a avaliação das produções, foram discutidos os aspectos que deveriam ser observados por todos e o grupo chegou a cinco itens principais que deveriam ser contemplados. Para cada grupo que apresentou seu vídeo, os itens foram discutidos e chegou-se a esse consenso para a avaliação nos diferentes momentos de divulgação dos curtas-metragens:

QUESITOS	5,0	4,0	3,0	2,0
1. O roteiro é interessante.				
2. A atuação dos personagens dá conta da narrativa proposta.				
3. A gravação e edição de imagem e som ficaram adequadas.				
4. As legendas estão legíveis: cor, tamanho, sincronismo nas cenas.				
5. Em geral o curta pode ser considerado acessível para público surdo.				
TOTAL PARCIAL				
TOTAL GERAL				

Quadro 2: Itens avaliados nos curtas metragens produzidos pelos alunos.
Fonte: a autora, desenvolvido em parceria com as 1ª Séries de 2016.

Recursos estéticos dos audiovisuais foram também analisados junto com os professores de Artes e os alunos. A partir dessa avaliação foram apontadas mais algumas estratégias possíveis para adequá-los, principalmente nas questões de finalização e qualidade de imagem (fotografia), atuação dos personagens (direção de cena), recursos sonoros (sonoplastia), por exemplo.

No 3º trimestre os alunos reapresentaram os vídeos com as adaptações e correções feitas e cada turma elegeu, segundo os itens que deveriam ser contemplados, os vídeos que poderiam ter qualificações necessárias para seguirem para a próxima etapa e serem apresentados na I Mostra de Curtas Acessíveis da Liberato, que ocorreu no dia de 19 de outubro. Nessa data participaram vários profissionais da instituição, inclusive os três representantes do CRTA Liberato que auxiliaram na escolha dos seis vídeos para a Mostra Itinerante de Curtas Acessíveis. Nesse outro evento levaríamos o retorno aos alunos surdos da Escola Estadual Especial que participou da pesquisa sobre cinema, para também receber a avaliação do público-alvo dos curtas-metragens produzidos na instituição.

Na ocasião da I Mostra de Curtas Acessíveis da Liberato também foi feita a escolha de um dos trabalhos para representar a instituição da 5a Mostra do 1o Festival de Curtas-metragens Curta Inclusão & Diversidade, promovido pela Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo e Secretaria Municipal de Educação.

- **Divulgação dos curtas produzidos pelos alunos do Ensino Médio Técnico**

No evento 5a Mostra do 1o Festival de Curtas-metragens Curta Inclusão & Diversidade, promovido pela Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo e Secretaria Municipal de Educação, que ocorreu de 22 a 25 de novembro de 2016, o curta "A Aposta", que representou a Fundação Liberato recebeu o prêmio de destaque como Melhor Direção. Os cineastas que integraram o júri do evento são participantes do Festival de Gramado e trabalham também com cinema acessível, o que tornou a distinção um momento de grande alegria para os alunos que trabalharam um ano todo para qualificar os curtas-metragens e puderam perceber que já há reflexos positivos na primeira tentativa de produção audiovisual. (Anexo-03).

Para a culminância da nossa pesquisa cabe aqui relatar a experiência da Mostra Itinerante na Escola Estadual de Surdos que ajudou na pesquisa e que norteou a produção dos curtas dos alunos. Agora seria a hora de dar o retorno aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental Regular e Educação de Jovens e Adultos que é o público-alvo dessa escola. A Mostra ocorreu no dia 28 de novembro.

Para a apresentação dos filmes foi feita uma reunião na escola com os professores e foi decidido que a exibição seria coletiva, pois não haveria mais do que trinta alunos, contando os alunos das turmas regulares e EJA, uma vez que o ano letivo já estava se encerrando.

Para favorecer a compreensão de cada curta-metragem, antes de sua exibição foi organizado um slide com a capa do livro em que este foi inspirado, contendo a ficha técnica com a sinopse do curta. Essa parte foi apresentada aos alunos com o auxílio de professora intérprete.

Imagem 1: Modelo de slide da Mostra Itinerante
Fonte: autora, alunos e obra citada, 2016.

Também era feita a relação do conteúdo geral da obra e se este teria ou não um longa-metragem já inspirado no romance, como por exemplo, "O menino do pijama listrado" e quantos já teriam assistido. O enredo geral da obra também era retomado, pois os curtas-metragens eram exibidos normalmente de capítulos do romance o que favoreceria também essa leitura aos alunos. Foi perguntado ao grupo de alunos quantos haviam lido ao livro e/ ou assistido ao filme. Leitura quase nenhum e o mesmo resultado sobre os filmes. O acesso à obras já consagradas ainda é escasso entre o grupo, mesmo em forma de filmes. A emoção estava em observar o interesse e a satisfação em assistir e avaliar os trabalhos, a sinceridade em apontar o quanto entendiam e o que poderia ser melhor nos curtas que estavam tendo acesso. Para os alunos que produziram os curtas, era uma emoção muito grande perceber o seu público-alvo assistindo e comentando o seu trabalho.

Para cada curta-metragem analisado, os elementos foram os mesmos observados na sala de aula, mas o impacto da fotografia de um filme, de um enredo é muito diferente entre um grupo para o

qual é direcionada a obra, no caso os surdos. A análise de cada obra foi descritiva, a partir da qual os alunos foram apontando, com o auxílio da professora intérprete, o que mais lhes chamou a atenção em cada obra.

São apresentados aqui três curtas-metragens, como exemplo do trabalho desenvolvido:

- ✓ "Entre cercas", Bruno conhece um menino que vive do outro lado da cerca. Os dois separados por esta, não podem brincar. Até que um dia, Bruno se veste como Shmuel e passa para o outro lado. O roteiro é baseado na obra "O menino do pijama listrado" de Boyne. A fotografia do filme é o seu forte. São poucas falas entre os personagens, sendo que há o predomínio da ação. Dessa forma o filme agradou em cheio o público surdo, que considerou interessante e de fácil compreensão;
- ✓ O curta "A Aposta", foi considerado interessante pelos alunos, mas consideraram muito quebrado, muitas "coisas acontecendo". Desde o início o grupo que produziu o curta-metragem percebeu que o filme tinha qualidades de direção, recursos de fotografia já bem delineados, mas que o enredo poderia ter ficado mais "amarrado". Ao exibir para os alunos surdos essa questão se confirmou. As cenas são dinâmicas, rápidas e ficam difíceis de serem apreendidas por esse público, até porque o tempo não é cronológico e há muitos subentendidos na trama. A falta de leitura (contexto) também dificultou a compreensão;
- ✓ "Terra de Pastum" inspirado em "O caçador de pipas" de Houssein esse curta-metragem o público surdo gostou muito. O enredo era mais linear, com menos fatos. O tempo é cronológico e tudo mais visível, sem grandes sutilezas. Os dois grupos de jovens, a discriminação e violência sofridas ali, bem como a covardia de um amigo ficam muito pautados e esse passa a ser o vídeo preferido pelo grupo, mesmo sem ter tantos recursos de direção e fotografia. A atuação dos atores também mexeu com eles, inclusive na hora em que simulam a briga.

Entre o grupo de alunos surdos havia dois que já participaram de gravações de curtas-metragens e, depois da análise das produções ficou combinado que o projeto segue, mas com um *plus*. No ano seguinte além de colaborar na análise das obras, alguns alunos se dispõem a participar da produção de um curta. Mais uma vez o deficiente querendo ser protagonista. Os dois grupos de alunos gostaram da ideia. Ficou combinado de se pensar no roteiro, se este vai ser feito em LIBRAS e acessível para os demais públicos ou em português.

Considerações finais

A pesquisa sempre traz algo de enriquecedor para a vida, principalmente quando aplicada ao cotidiano. Pesquisar em conjunto e descobrir o óbvio que antes não se enxergava pelo embrutecimento da rotina, é o que mais parece satisfazer um pesquisador, principalmente na área humana.

A linguagem humana e as artes estão interligadas, mas quando elas parecem ter essa comunicação interrompida, por força de uma deficiência, parece muito triste. Proporcionar a alegria do encontro da arte ao seu público é uma questão de humanidade.

Também parece transcender a condição humana o fato de se viver a empatia e de se permitir pensar nesse outro que antes estava sem o alcance dessa linguagem e, que hoje, além de apreciá-la, poderá com o tempo, inclusive, aprender a utilizar ferramentas para produzi-la. Chegar ao fim de um processo de trabalho e não ter palavras para descrever a imensa alegria de vivenciar a interação de alunos, tecnologias, artes, linguagens e possibilidades de interação, interligando e vencendo barreiras, parece mais do que humano, é divino.

Referências bibliográficas

ABNT NBR 15559:2008. **Acessibilidade** - Comunicação na prestação de serviços. Disponível em: http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_21.pdf. Acesso em: 10 jan. 2017.

ABNT NBR 15290:2005. **Acessibilidade em comunicação na televisão**. Disponível em: http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_17.pdf. Acesso em: 10 jan. 2017.

ABNT NBR 9050:2004. **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Disponível em: http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_24.pdf. Acesso em: 10 jan. 2017.

ATTENBOROUGH, Richard (1923 – 2014). **Chaplin, o filme**. 1992. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Chaplin_(filme). Acesso em: 15 mai.2016.

AUGUSTIN, Alexandre. **A Aposta**. Inspirado em: O livro secreto. Grégory Samak. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lS0x9ffEAPc. Acesso em: 18 jan. 2017.

BOYNE, John. **O menino do pijama listrado**. São Paulo: Seguinte, 2007.

BRASIL. Decreto no 5.296/200, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. In: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 20 dez. 2016.

_____. Decreto no 5.626/2005, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. In: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 dez.2016.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Ministério da Educação e Cultural. Brasília, DF. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf. Acesso em: 20 dez. 2016.

GERBASE, Carlos. Primeiro Filme**. Livro e DVD**. Editora Artes e Ofícios. Porto Alegre. Disponível em: www.primeirofilme. Acesso em: 11 jan.2017.
HOSSEINI, Khaled. O Caçador de Pipas. São Paulo: Globo, 2015.

LEYSON, Leon; HARRAN, Marilyn J.; LEYSON, Elisabeth B. **O Menino da Lista De Schindler**. São Paulo: Rocco, 2014.

MAZZA, Viviana. Malala - **A Menina Mais Corajosa do Mundo**. São José: AGIR: 2015.

MELO, Juliana Valeria. **Percepções do Público Surdo sobre Acessibilidade no Cinema**. 1984. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas). Faculdade Estadual de Campinas, São Paulo. 2015. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br. Acesso em: 20 dez.2016.

5ª Mostra e 1o Festival de Curtas-metragens Curta Inclusão e Diversidade. Disponível em: http://curtainclusao.novohamburgo.rs.gov.br/ Acesso em: 25 nov. 2016.

SAMAK, Grégory. **O livro secreto**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

WEBER, Leo et al. **Centro de Referência em Tecnologia Assistiva (CRTA) para a educação profissional**. Revista Liberato, Novo Hamburgo, v. 16, n. 25, p. 01-100, jan./jun. 2015.

A N E X O S

ANEXO – 01 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

barãoEAD

TERMO

DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você é convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa QUALITATIVA e, caso concorde em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador(a) ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

NOME DA PESQUISA:

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO DE CURTAS-METRAGENS ACESSÍVEIS AO PÚBLICO SURDO, COMO PRÁTICA DE ENSINO INTERDISCIPLINAR NO 1° ANO DO ENSINO MÉDIO EM ESCOLA TÉCNICA

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: MARIA EMÍLIA LUBIAN

ENDEREÇO: DOMINGOS DE ALMEIDA, 542; APARTAMENTO 302, NOVO HAMBURGO

TELEFONE: (51) 98112-4040
E-MAIL: milalubian@hotmail.com
PESQUISADORES PARTICIPANTES: _____

OBJETIVOS DA PESQUISA: O objetivo da pesquisa é promover a produção de curtas-metragens acessíveis ao público surdo, de maneira a divulgar a escola técnica como possibilidade de inserção ao mundo do trabalho.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Se concordar em participar da pesquisa, você terá que responder a uma entrevista aberta com roteiro pré-determinado, no qual você não será identificado e poderá se manifestar livremente.

RISCOS E DESCONFORTOS: Se houver algum desconforto psicossocial, o pesquisado poderá interromper o depoimento a qualquer momento sem nenhuma censura por parte do pesquisador.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA:
A participação na pesquisa fornecerá dados relevantes sobre cinema acessível, colaborando para a produção de curtas-metragens acessíveis.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Não haverá nenhum gasto com sua participação. Você também não receberá nenhum pagamento com a sua participação.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: os dados da pesquisa serão divulgados sem identificação do sujeito (informante).
Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO
Eu, _____RG/CPF,_____
declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pelo pesquisador(a) - _____dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.
LOCAL E DATA: NOVO HAMBURGO _____/_____/_____

_____ _____
(Nome por extenso) (Assinatura)

FONTE: Barão EAD, 2016

ANEXO – 02 – QUESTIONÁRIO

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LIBRAS
ALUNA: Maria Emília Lubian
PESQUISA COM ALUNOS SURDOS – ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. IDADE:_____ 2. SEXO: ( ) feminino ( ) masculino

3. VOCÊ FAZ LEITURA LABIAL?
( ) não ( ) pouco ( ) médio ( ) muito

4. VOCÊ SABE LIBRAS?
( ) não ( ) pouco ( ) médio ( ) muito

5. VOCÊ ESTÁ EM QUE ETAPA/ SÉRIE/ ANO ESCOLAR? _____

6. COM QUE IDADE ENTROU NA ESCOLA? _____

7. GRAU DE LEITURA EM PORTUGUÊS?
( ) pouca ( ) média ( ) boa

8. JÁ ESTUDOU (OU ESTUDA) EM ESCOLA VOLTADA PARA O PÚBLICO SURDO (BILÍNGUE)?
( ) sim ( ) não

9. JÁ ESTUDOU (OU ESTUDA) EM ESCOLA REGULAR (INCLUSIVA)?
( ) sim ( ) não

10. EM SUA(S) ESCOLA(S) TEVE AJUDA DE INTÉRPRETE DE LIBRAS?
( ) sim ( ) não

11. APRENDEU LIBRAS NA ESCOLA?
( ) sim ( ) não

12. UTILIZA LIBRAS NAS AULAS?
( ) sim ( ) não

13. VOCÊ TRABALHA?
( ) não ( ) sim
Em caso afirmativo, responda em que trabalha _____

14. GOSTARIA DE EXERCER UMA PROFISSÃO EM ESPECÍFICO
( ) não
( ) sim. QUAL? _____

15. GOSTARIA DE REALIZAR UM CURSO TÉCNICO PARA PREPARAR-SE PARA O MUNDO DO TRABALHO?
( ) sim ( ) não

16. CASO TENHA OPORTUNIDADE DE REALIZAR UM CURSO TÉCNICO, QUAL ÁREA É DO SEU INTERESSE?
( ) Internet ( ) Mecânica ( ) Eletrotécnica
( ) Designer ( ) Química ( ) Segurança do trabalho
( ) Eletrônica ( ) Automotivo
( ) Outra. Qual? _____

17. VOCÊ GOSTA DE ASSISTIR FILMES?
( ) sim
( ) não

18. EM QUE LUGAR COSTUMA ASSISTIR A FILMES?
( ) em sua residência ( ) residência de amigos ( ) no cinema
( ) outro local. Onde? _____

19. VOCÊ ASSISTE A FILMES:
( ) nacionais ( ) estrangeiros

20. QUAL GÊNERO DE FILMES VOCÊ MAIS GOSTA?
( ) ação ( ) suspense ( ) romance ( ) ficção
( ) terror ( ) drama ( ) comédia ( ) aventura
( ) Outro. Qual? _____

21. VOCÊ CONSIDERA OS FILMES DIFÍCEIS DE ENTENDER?
( ) sim ( ) não

22. QUAL O TIPO DE ACESSIBILIDADE VOCÊ PREFERE EM UM FILME?
( ) legendas em português
( ) closed caption (legenda da programação da TV)
( ) legenda visual (caixa com intérprete de Libras)

23. QUAL A COR DA LEGENDA É MELHOR?
( ) escrita em português com letras brancas com fundo preto
( ) escrita em português com letras amarelas com fundo preto
( ) intérprete com fundo verde

24. VOCÊ JÁ ASSISTIU A UM FILME ACESSÍVEL?
( ) não
( ) sim
( ) vários. Quantos?_____

25. VOCÊ JÁ PARTICIPOU DA GRAVAÇÃO DE UM VÍDEO ACESSÍVEL PARA O PÚBLICO SURDO?
( ) não
( ) sim.
Como foi essa experiência? _____
_____
_____

26. VOCÊ CONHECE A MOSTRA DE CURTAS-METRAGENS: CURTA INCLUSÃO & DIVERSIDADE DE NOVO HAMBURGO?
( ) sim
( ) não

27. VOCÊ JÁ PARTICIPOU DA MOSTRA DE CURTAS?
( ) não
( ) sim, como público
( ) sim, como participante

FONTE: A Autora, 2016.

ANEX0 – 03- CERTIFICADO E NOTÍCIA SOBRE 5ª MOSTRA E 1º FESTIVAL

5ª MOSTRA E 1º FESTIVAL DE
CURTAS-METRAGENS
Curta Inclusão & Diversidade
2016

Certificamos que

Maria Emília Lubian, como Professora Responsável

participou da **5ª Mostra e 1º Festival de Curtas Metragens Curta Inclusão e Diversidade** promovido pela **Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo** através do Setor de Educação Inclusiva e Diversidade nos dias 22, 23, 24 e 25 de novembro de 2016, com o curta metragem "A APOSTA", da Fundação Liberato.

Novo Hamburgo, 25 de novembro de 2016.

Marcia Carina Comasseto
Gerente do Setor de Educação Inclusiva e Diversidade
Secretária de Educação

Cristiane Sousa Costa
Secretária Municipal de Educação

Luis Lauermann
Prefeito Municipal de Novo Hamburgo

Apoio: COLORGRAF, JOMO, CINEMAGO, ADEVIS-NH

Realização: Secretaria Municipal de Educação (SME), Prefeitura de Novo Hamburgo

www.liberato.com.br/noticias/trofeu-de-melhor-direcao-em-festival-de-curta-inclusao-e-diversidade

FONTE: Curta Inclusão & Diversidade – certificado de participação
HTTP://www.liberato.com.br/noticias/trofeu-de-melhor-direção-em-festival-de-curta-inclusao-e-diversidade
Acesso em: 18 jan. 2017.

UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR ENTRE O CINEMA E O PENSAMENTO COMPUTACIONAL: PRODUÇÃO DE ANIMAÇÃO NO SCRATCH

Neemias de Oliveira Steinle
neemias.os@gmail.com

Orientadora: Regina Trilho Otero Xavier
trilhote@gmail.com

Coorientador: Marcelo Machado
mzepelin@gmail.com

Resumo

Expomos aspectos da implementação do Projeto Clube de Comunicação Cultura e Tecnologias no Ensino Fundamental do Campo, que tem por escopo possibilitar a formação de cidadãos capazes de conviver, sob os auspícios da tecnologia globalizante. Pressupomos que o Pensamento Computacional constitui uma habilidade primordial para todos os cidadãos. Logo, buscamos indícios das contribuições do Pensamento Computacional e suas dinâmicas de aprendizagem, com vistas a desenvolver a produção de animações programadas no Ambiente SCRATCH, o qual possibilita ao aluno a criação de objetos digitais e/ou conhecimento. Sob o paradigma de investigação científica qualitativa direta em ambiente natural, com o intuito de compreender o significado das relações inerentes ao Pensamento Computacional e Cinema, na aprendizagem. Os dados foram preliminarmente analisados descritivamente e o interesse voltou-se às possibilidades do Pensamento Computacional, das Animações e ao engajamento dos alunos no processo de aprendizagem. Num primeiro momento, verificamos a possibilidade de utilização dos processos de interação inerentes ao Pensamento Computacional e ao Cinema, como elemento facilitador para a construção do conhecimento, bem como um meio de estímulo para o engajamento dos alunos no processo de Produção das Animações, pois os aprendizes previamente haviam expressado interesse nesta interação.

Palavras chaves: Pensamento Computacional; Linguagem; Cinema; Animações.

Abstract

We present aspects of the implementation of the Culture and Technology Communication Club Project in a Elementary School, which has the scope to enable the formation of citizens able to live together under the auspices of globalizing technology. We assume that Computational Thinking is a prime skill for all citizens. Therefore, we search for evidence of the contributions of Computational Thinking and its learning dynamics, in order to develop the production of animations programmed in the SCRATCH Environment, which enables the student to create digital objects and/or knowledge. Under the paradigm of direct qualitative scientific research in the natural environment, in order to understand the meaning of the relations inherent to Computational Thinking and Cinema, in learning. The data were preliminarily analyzed descriptively and the interest turned to the possibilities of Computational Thinking, Animations and the engagement of students in the learning process. At first, we verified the possibility of using the interaction processes inherent to Computational Thinking and Cinema, as a means of stimulating the students engagement in the Animation Production process, because the learners expressed interest in the interaction when questioned in advance; as well as, facilitating element for the construction of knowledge.

key words: Computational Thinking; Language; Cine; Animation.

O Cinema e o Pensamento Computacional

O presente relato busca apresentar o uso e as possibilidades didáticas da Ferramenta de Programação *Scratch*, no âmbito do Projeto Comunicação Cultura e Tecnologias Nestor Elizeu Crochemore (CoCTecNEC), como uma ferramenta para a Produção de Animações Cinematográficas NAPOLITANO (2003), bem como para a Produção Textual MARCUSCHI (2008). Tal abordagem, ocorre em uma Escola do Campo ARROYO (2004) - Rede de Ensino Municipal de Pelotas - Ensino Fundamental (E.F.), em meio ao processo de letramento de acordo com KLEIMAN (1995), bem como baseado no pensamento sobre inclusão digital conforme pensado por REZENDE (2005).

A linguagem cinematográfica e o Pensamento Computacional (P.C.) representam um universo de trabalho extenso e ainda pouco explorado no Ensino Fundamental. Cabe ressaltar que, em tal relação – linguagem e multimídia - surge a necessidade de uma reflexão a respeito de suas imbricações.

Sob o prisma do Cinema e do Pensamento Computacional, percebemos, de um lado, a interrogação sobre os veículos de propagação da manifestação linguística e, de outro, o desvelamento dos aspectos da potencialização da mensagem do texto que emergem, por meio da Produção Textual publicada em diferentes manifestações midiáticas para emitir a mensagem.

A produção cinematográfica é antes de tudo arte, ou seja, um fenômeno criativo que representa o Mundo, a Vida, o Homem por meio das palavras nas suas aspirações e frustrações. Neste contexto vemos a Produção Textual do gênero animação como manifestação artística que necessita exercer o seu papel nas relações de aprendizagem, bem como, para que a comunidade e os aprendizes resgatem seus valores multiculturais e as respectivas manifestações linguísticas.

Neste contexto, temos por fundamento a proposta metodológica do projeto Code Club, a qual está alinhada com a filosofia construcionista de Papert, pois os participantes aprendem a programar construindo os artefatos que são propostos nos roteiros (ZANATTA et al., 2016). Os artefatos (histórias, animações) são criados seguindo um "passo a passo" indicado no roteiro que, posteriormente, propõe um desafio que instiga o participante do clube a conhecer um pouco mais a ferramenta.

A Produção de Animação no Ambiente SCRATCH

Propomos uma abordagem linguística interdisciplinar (MOITA LOPES, 2006), tendo por escopo possibilitar a formação de cidadãos capazes de conviver em um mundo sob os auspícios da tecnologia globalizante, conforme propõe NUNES (2011). Pressupomos que o Pensamento Computacional (P.C.), o qual de acordo com WING (2008), se constitui em uma habilidade primordial para todos os cidadãos. No contexto do P.C., segundo BLIKSTEIN (2008), sobressalta-se a necessidade de desenvolver a habilidade de análise das crianças - resolução de problemas e a exploração dos fundamentos da ciência da computação.

Logo, buscamos promover a interdisciplinaridade entre as Linguagens e o Pensamento Computacional, por meio de dinâmicas de aprendizagem, que propõem a utilização da Ferramenta de Programação *Scratch* no Ensino Fundamental do Campo (E.F.C.). Preocupamo-nos, ainda, em que nossas ações pedagógicas ocorressem de acordo com a proposta de BLIKSTEIN (2008), segundo a qual um aluno é capaz de criar objetos e/ou conhecimento, não devendo, portanto, ser um mero usuário que interage em um dado contexto pré-estabelecido e estático.

Neste enfoque, desenvolvemos as ações do Clube CoCTecNEC (2017), na escola supracitada, em parceria com as equipes dos Projetos: (I) Grupo de Pesquisa Comunicação Cultura e Tecnologias (CoCTec-UFPel); (II) Explorando o Pensamento Computacional para a Qualificação do Ensino

Fundamental (EXP-PC-UFPel). Tais ações são propostas no sentido de promover a aprendizagem interdisciplinar das linguagens, em diálogo com as demais áreas do conhecimento.

Sob o paradigma da investigação científica qualitativa direta em ambiente natural, com o intuito de compreender o significado das relações inerentes às Linguagens e ao P.C. na aprendizagem no Ensino Fundamental do Campo. Os dados foram preliminarmente analisados descritivamente e o interesse voltou-se às possibilidades de interdisciplinaridade entre as Linguagens e o P.C., bem como o engajamento dos alunos no processo de aprendizagem. A coleta de dados foi realizada por meio de observações em campo, registros em áudio e vídeo.

Num primeiro momento, buscamos utilizar os processos de interação inerentes à Linguagem cinematográfica e ao P.C. como um meio de estímulo para o engajamento dos alunos nas dinâmicas de Produção Textual, pois os aprendizes expressaram interesse na interação, quando questionados previamente; bem como, sendo um elemento facilitador para que o aluno construa a aprendizagem.

Neste contexto, temos por fundamento a proposta metodológica do projeto Code Club, a qual está alinhada com a filosofia construcionista de Papert, pois os participantes aprendem a programar construindo os artefatos que são propostos nos roteiros (ZANATTA et al., 2016). Os artefatos (games, histórias, animações) são criados seguindo um passo a passo indicado no roteiro que, posteriormente, propõe um desafio que instiga o participante do clube a conhecer um pouco mais a ferramenta.

A prática pedagógica se desenvolveu com a utilização da Plataforma Digital Colaborativa *SCRATCH* - https://scratch.mit.edu, demonstrado na **Figura 1** - ambiente de programação e compartilhamento das atividades e do Blog https://coctecnec.wordpress.com, conforme exemplificado pela **Figura 2**, utilizado como espaço de referência e socialização das ações pedagógicas do Clube de Programação, conforme ZANATTA (2016) - CoCTecNEC. As dinâmicas de Produção das Animações foram planejadas e executadas sob o conceito de Letramento (KLEIMAN, 1995).

Figura 1. Imagem demonstrativa (captura de tela) da Plataforma Colaborativa SCRATCH

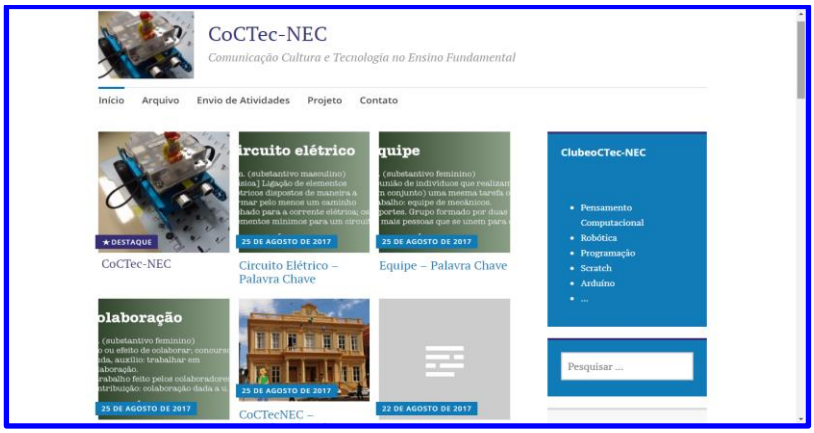


Figura 2. Imagem demonstrativa (captura de tela) do Blog CoCTecNEC

As atividades pedagógicas do Projeto CoCTecNEC tem sido desenvolvidas no intuito de possibilitar que a linguagem e a multimídia, como manifestações artísticas, exerçam o seu papel nas relações de aprendizagem e vivência. No curso do processo, temos por objetivo, identificar e mediar os processos inerentes à construção de conhecimentos produzidos/adquiridos por meio da interação social, ou seja, organizados e apresentados pela linguagem a fim de conceber as múltiplas significações no contato com os textos.

As atividades desenvolvidas nos encontros emergem da integração de cinco estratégias que promovem as interações de aprendizagem criativa sob o enfoque da "cultura maker", na qual executamos atividades criativas para desvelar, aprender e resolver os problemas selecionados pelo grupo de aprendizagem.

A Seguir, São Relatadas as Estratégias Interativas e suas Possibilidades Didáticas

01 - Rodas de Conversa: dinâmica utilizada para estabelecer o vínculo inicial e desenvolver dialogicamente os valores objetivos e princípios que regem a dinâmica do grupo. Tal proposta advém do pressuposto teórico da pesquisa com crianças sob o enfoque das rodas de conversa bakhtinianas (Alessi, 2014). As atividades foram desenvolvidas em um círculo com os participantes sentados no tapete com o intuito de facilitar o diálogo, proximidade e interação como forma de facilitar a comunicação e o estabelecimento do vínculo inicial com vistas a estabelecer uma relação entre os participantes do clube CoCTec-NEC.

02 - Dinâmicas de Integração: atividade desenvolvida em grupo no intuito de mobilizar os participantes e propiciar uma situação problema que exija trabalho em grupo para ser concluída, bem como desenvolver a habilidade de trabalhar utilizando equipamentos e ferramentas. Neste processo utilizamo-nos dos pressupostos da "aprendizagem mão na massa" e do conceito de (hands-on) (RESNICK; RUSK, 1996). Neste processo os alunos realizaram oficinas de resolução de problemas utilizando sucatas educacionais no curso das ações tiveram de organizar-se colaborativamente, verificar e testar as possibilidades de materiais;

03 - Pesquisa/Discussão/Apropriação - (03) Três Palavras Chave norteiam o processo dialógico, de cada encontro. Estas são escolhidas em função da temática e das ações desenvolvidas em cada reunião do clube de modo a propiciar, bem como, instrumentalizar as ações de pesquisa e discussão do problema a ser resolvido na dinâmica do grupo com o intuito de promover a apropriação da aprendizagem acerca da problemática em foco;

04 - Pesquisa/Observação /Estudo /Aplicação de Roteiros de *Scratch* - atividade desenvolvida sob os pressupostos teóricos do codeclub.org o qual disponibiliza para os voluntários cadastrados roteiros de programação *Scratch* os quais demonstram como criar animações;

05 - Meta - Desenvolver os Próprios Roteiros - a criação de roteiros para o desenvolvimento de programação *scratch* - animações - que possibilitam a criação de materiais contextualizados com a realidade sócio cultural dos integrantes do clube e com o processo cognitivo desenvolvido por estes no curso das ações pedagógicas.

Deste modo, tais ações pedagógicas se configuram como um elemento de fundamental importância nas manifestações linguístico-culturais dos aprendizes. Abaixo temos a **Figura 3** como um exemplo das Animações Produzidas pelos integrantes do Clube de Programação CoCTecNec.

Figura 3. Animação Desenvolvida (captura de tela) sob a Temática Descobrindo Pelotas-RS
Disponível em: https://coctecnec.wordpress.com/2017/08/25/coctecnec-descobrindo-pelotas

A prática pedagógica se desenvolveu com a utilização da Plataforma SCRATCH - em ambiente digital *on-line.* No curso das ações os agentes do processo interagiram na plataforma, o pesquisador realizou anotações e disponibilizou questionários, com o intuito de traçar estratégias para desenvolver e planejar as atividades de letramento - KLEIMAN (1995), a serem aplicadas nas atividades do Clube de Computação, de modo que estas fossem compatíveis com o nível de letramento dos alunos e com as habilidades de programação na linguagem de programação SCRATCH no ano de 2017.

A plataforma interativa possui uma interface em formato html (página de internet). Sendo assim, a referida modelagem propõe que a interação se desenvolva com a união do espaço do integrante do Clube, do Mediador e da Comunidade Virtual de Aprendizagem SCRATCH. Para tanto, utilizamos o espaço My Stuff - Minhas Coisas - ambiente que proporciona a interatividade entre os integrantes do clube e a comunidade global, que interagem e programam utilizando a linguagem de programação por blocos Arrastar e Largar - *Drag-and-drop*, conforme demonstra a figura 4.

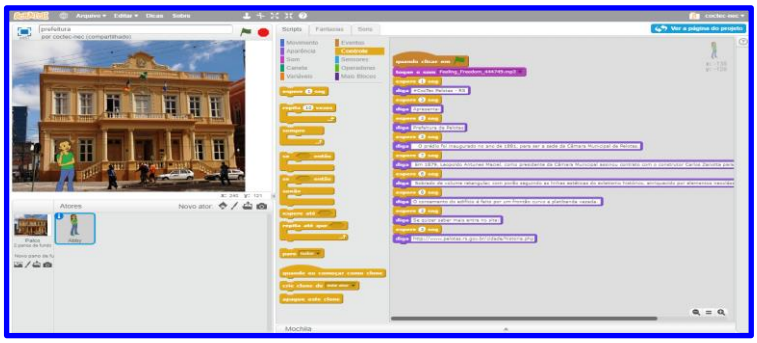


Figura 4. Programação por Blocos Arrastar e Largar - Drag-and-drop da Animação Desenvolvida sob a Temática Descobrindo Pelotas-RS - apresentada na **Figura 3**. Disponível em: https://coctecnec.wordpress.com/2017/08/25/ coctecnec-descobrindo-pelotas/

No curso do processo interativo criamos estúdios temáticos com propostas de atividades seguindo a temática de prédios históricos de Pelotas. Estas foram dispostas no ambiente informando os créditos de seus produtores e programadores sendo compostas por animações. Como parte do processo inicial de aprendizagem, disponibilizamos aos aprendizes roteiros de aprendizagem, segundo o modelo CodeClub e as dicas do Ambiente SCRATCH as quais podem ser acessadas no formato vídeo e no formato tutorial em blocos passo a passo, por meio da plataforma – https://coctecnec.wordpress.com/ - que possibilita ao mediador disponibilizar para o clube, semanalmente, o material *on-line*.

Os participantes da prática pedagógica realizam as atividades alvo acessando a plataforma por meio do navegador, o qual disponibiliza atividades no nível proposto para os aprendizes da turma. No intuito de desenvolvermos uma ação docente alicerçada na práxis (LUCKESI, 1992), tecemos reflexões fundamentadas no referencial teórico da referida ação. Para tanto, realizamos apontamentos concernentes às questões norteadoras desta ação: num primeiro momento objetivou-se verificar a possibilidade de utilização da plataforma SCRATCH, como um meio de estímulo, no processo de aprendizagem dos componentes curriculares: Pensamento Computacional, Língua Portuguesa e Cinema.

Em um segundo momento, procurou-se verificar se os elementos do Pensamento Computacional - constituem-se como elementos facilitadores para o aprendente na interação e construção do conhecimento. Neste contexto, os sujeitos da pesquisa afirmam, por meio dos formulários semanais de avaliação, estarem aprendendo com maior facilidade os conteúdos estudados com as dinâmicas de aprendizagem executadas no Clube CoCTecNEC.

Dado o exposto, utilizamos os processos inerentes à Linguagem Cinematográfica e ao Pensamento Computacional, como um meio de estímulo, no processo de aprendizagem e produção linguístico textual das animações. Para tanto, as ferramentas de programação e de produção multimídia, proporcionadas pela Informática na Educação, constituem-se como facilitadoras no processo de construção do conhecimento e na Produção Textual Multimídia (Animações).

Referências

ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli; MOLINA, Mônica (orgs). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2004.

BLIKSTEIN, Paulo. **O pensamento computacional e a reinvenção do computador na educação**. 2008. Disponível em:<http://goo.gl/YxKxvx>. Acesso em: 22 dez. 2015.

BRASIL, Code Club. Site - **Code Club Brasil: Uma rede mundial de clubes de programação para crianças**. 2016. Disponível em: <http://codeclubbrasil.org/>. Acesso em: 19 ago. 2016.

ZANATTA, Andrei Cardoozo et al**. Programação de computadores para crianças: metodologia do code club Brasil**. 2016.
NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
MOITA LOPES, L. P. (Org.) Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PAPERT, Seymour (1980). Mindstorms: Children, computers, and powerful ideas. Basic Books, Inc.
_____. (1994). **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática.** Artes Médicas, Porto Alegre. Tradução de Mindstorms: Children, computers, and powerful ideas, de 1980.

SPEROTTO, Rosária. I. . **Comunicação, Cultura e Tecnologias**: Possibilidades de Pesquisas na Educação. In: Paula Corrêa Henning; Paula Regina Costa Ribeiro; Elisabeth Brandão Schmidt. (Org.). Perspectivas de Investigação no campo da Educação Ambiental & Educação em Ciências. 1ª ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2011, v. 0, p. 01- 118.

WING, J. M. **Computational Thinking**. 2006. Acessado em: 03 nov. 2016. Disponível em: <https://www.cs.cmu.edu/~15110-s13/Wing06-ct.pdf>.

VAMOS FAZER UM FILME?

CAMINHOS POSSÍVEIS NA PARCERIA ENTRE PROFESSORA E EQUIPE GESTORA PARA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Enéri Franck Queiroz[1]

Vilsiane Pereira[2]

Resumo

O presente artigo apresenta o resultado da pesquisa-ação realizada pelas autoras durante a produção de audiovisuais, curta-metragem na E.M.E.I. Ipê Amarelo, escola de educação infantil pertencente à rede municipal de São Leopoldo. Os resultados indicam que o caminho para a parceria entre professora e equipe diretiva passa pela intencionalidade e principalmente por ações organizadas em conjunto, as quais conduzem e estruturam esta parceria com vistas a um objetivo comum que é promover aprendizagens significativas e construção de saberes com as crianças e para as crianças, de forma contextualizada no tempo histórico-social destas infâncias.

Introdução

A escola de educação infantil é reconhecida como espaço institucionalizado destinado ao atendimento de crianças de zero a cindo anos e onze meses, lugar em que são ofertadas situações de aprendizagens em que a criança tem a oportunidade de se desenvolver, enquanto sujeito social, a partir de jogos e brincadeiras. Entretanto, assim como as demais instituições, acreditamos que a escola destinada à infância deve acompanhar o tempo histórico e social no qual as crianças vivem, aprendem e se desenvolvem, acompanhando também, deste modo, as mudanças na forma de se comunicar.

Acompanhando estas mudanças na comunicação, bem como na produção de cultura na infância e para a infância, a produção audiovisual na educação infantil na E.M.E.I. Ipê Amarelo é considerada um recurso pedagógico para a produção de conhecimento com e para a criança. Então: vamos fazer um filme?

A produção de filmes curta-metragem estudantil na Escola Municipal de Educação Infantil Ipê Amarelo ocorre desde o ano de 2015, a partir da proposta da professora e idealizadora do projeto São Léo em Cine, professora Eliane Candido. Desde então, temos produzido conteúdo audiovisual com os pequenos e para os pequenos.

Foi observando e analisando nossas produções e revisitando as pré-produções que nasce o presente artigo, o qual aborda a produção de curtas metragens na educação infantil sob a perspectiva da parceria na relação gestora e professora.

Este trabalho é resultado das relações estabelecidas entre gestora e professora durante a produção de curtas metragens infantis em parceria com as crianças da E.M.E.I. Ipê Amarelo, escola da rede municipal de São Leopoldo (Rio Grande do sul), bem como dos questionamentos, reflexões e pontos de inflexão durante a pré-produção e produção destes produtos audiovisuais.

---

[1] Supervisora Pedagógica na E.M.E.I. Ipê Amarelo, pertencente à rede municipal de São Leopoldo. Formação: Pedagogia (UNISINOS), pós graduação em Educação Infantil (UNICID).

[2] Professora na E.M.E. I. .Ipê Amarelo, pertencente à rede municipal de São Leopoldo. Formação: Pedagogia (UFSM), especialista em educação infantil (UFRGS).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, do tipo explicativa experimental, uma vez que tem como objetivo identificar os fatores que contribuem para que haja parceria na relação professora-equipe diretiva na produção de curta-metragem na educação infantil.

Com base nos seus procedimentos técnicos a pesquisa se classifica como pesquisa-ação, visto que nós autoras (professora e equipe diretiva) somos parte consoante nas perguntas e respostas, assim como pontes para chegar a parceria desejada.

Logo, enquanto autoras e participantes do processo de pesquisa e ação, ensejamos compartilhar, a partir deste artigo, algumas descobertas em relação a produzir curta-metragem na educação infantil, contribuindo assim para a discussão de como estabelecer parcerias produtivas entre professoras e equipe diretiva na educação infantil com vistas à produção audiovisual.

A escola que eu sonhei e os caminhos necessários_ Um ponto referencial

Em nosso imaginário de docente a escola ideal é aquela que dispõe de um amplo espaço para brincar, correr, onde muitas coisas acontecem ao mesmo tempo, tanto referente ao tempo, quanto referente ao espaço. As aprendizagens são recheadas de descoberta, encantamento, experiência. Mas a nossa escola real, o que a impede de ser assim?

Acreditamos que para que a escola que sempre sonhamos exista é necessário percorrer caminhos de descoberta do outro, de empatia, de compartilhamento de sonhos, esperanças e, sobretudo projetos. Consideramos que é o fazer pedagógico que vai delineando como será o caminho que nos levará à escola ideal, mesmo que fisicamente não haja espaço suficiente e que os recursos sejam escassos. Não, não queremos com isso fazer apologia a nenhuma política de restrição, muito menos brindar a falta de investimento e valorização tanto nas instituições de educação infantil, quanto em relação aos seus profissionais. Queremos sim reafirmar que sem utopia não realizamos nem o mínimo, nem o que desejamos como ideal.

Cada uma de nós, como professora ou supervisora, já estabeleceu diferentes parcerias, solicitou apoio para projetos e estes diferentes caminhos, estas diferentes aprendizagens profissionais nos trouxeram onde estamos hoje. No lugar em que podemos olhar como que por um espelho e tornar empático o processo de tornar a escola de educação infantil um lugar de produção de conhecimento. Uma parceria sem alardes, apenas fundamentada num bem comum, ou seja, uma escola real tornando-se ideal. Numa constante busca de ajuda mútua, sem busca de recompensas, apenas pautada na escola que se quer, na educação infantil que almejamos construir, oferecer, frutificar. Uma dança de interesses que convergem a um mesmo ponto.

Como exemplifica e descreve Alves (2001):

> Na outra parede encontrei dois quadros de avisos. Num deles estava afixada a frase: "Tenho necessidade de ajuda em...". E, no outro, a frase: " Posso ajudar em..." Qualquer criança que esteja tendo dificuldades em qualquer assunto coloca ali o assunto em que está tendo dificuldades e o seu nome. Um outro colega, vendo o pedido, vai ajudá-la. E qualquer criança que se ache em condições de ajudar em algum assunto, coloca ali o assunto em que se julga competente e o seu nome. Assim, vai-se se formando uma rede de relações de ajuda. (ALVES, 2001, p. 05).

Este mural muitas vezes ele está afixado na própria ação da colega, da supervisora ou diretora que percebe as dificuldades docentes e oferece ajuda, apoio. Estabelecer uma parceria com olhar fixo na criança e para a criança e a partir da convicção do que é necessário para que a criança se desenvolva de forma saudável física e emocionalmente, compartilhar ações, cada uma com as suas responsabilidades.

Neste sentido o papel da equipe diretiva está intimamente pautado na relação de confiança na professora. Deste modo, conhecer o trabalho desenvolvido pela professora, conhecer suas motivações, ter consciência do seu engajamento no projeto político da escola. Este conhecimento facilita a comunicação, pois do contrário, a proposta de trabalho consiste em uma arte de convencimento. Logo, quando a escolha de produzir curtas-metragens na escola parte do princípio de que tanto a equipe diretiva, quanto professoras se conhecem profissionalmente e compartilham das mesmas concepções pedagógicas há então espaço para a produção de audiovisuais. Observa que o papel do gestor na educação infantil é estar presente, conhecer as situações de aprendizagem, conhecer profissionalmente a professora, assim como os demais sujeitos que pertencem ao espaço escolar e a partir destas informações, destes saberes desempenhar uma de suas principais funções enquanto gestor, ou seja:

> O gestor precisa envolver toda a equipe que trabalha diretamente com a criança, uma vez que é o responsável por liderar as ações no ambiente escolar, sendo elas positivas ou negativas, assim sendo, somente com uma boa gestão é possível garantir um bom trabalho educativo com as crianças. Para tanto, faz-se indispensável a participação dos segmentos envolvidos no processo educativo na gestão da instituição educacional, para assim se fazer presente nesse espaço uma gestão com caráter mais democrático. (COLARES et. al., 2016, p. 51).

Envolver a equipe pressupõe conhece-la, assim como conhecer pressupõe se relacionar. Portanto, se compararmos a função do gestor na escola com o corpo humano, podemos dizer que ela situa-se na função de coluna vertebral e esqueleto, pois, do mesmo modo em que a coluna protege a medula espinhal e o esqueleto protege os órgãos internos, assim é a equipe gestora, atua protegendo e apoiando práticas pedagógicas que vislumbrem o desenvolvimento da criança, bem como sustenta, apoia ações pedagógicas intencionais que tenham como objetivo transformar vivências, experiências em saberes contextualizados no universo infantil.

Caminho metodológico

Para realizar esta pesquisa optamos pela pesquisa-ação, uma vez que nosso objetivo foi pensar sobre nossas práticas com o objetivo de indicar caminhos possíveis para estabelecer uma parceria saudável e produtiva entre professora e equipe diretiva para que ocorra a produção de curta-metragem na educação infantil.

A partir do caminho metodológico intentamos tornar nossas práticas mais aprimoradas, minimizando os erros e esquecimentos próprios do processo de produção de curta-metragem. Além deste movimento de prática-pesquisa-ação, ensejamos compartilhar com outras professoras e equipes diretivas estratégias possíveis para que a aprendizagem envolva tanto as crianças, quanto os adultos. Segundo Tripp (2005):

> É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (TRIPP, 2005, p. 445).

Para colocar em prática a pesquisa-ação enquanto instrumento de análise sobre o processo de produção de curtas metragens elegemos alguns pontos importantes, uma espécie de contrato.

Neste sentido nos guiamos pelos os seguintes passos:

a) conversa geral sobre a produção desejada. Conversamos a respeito de local de gravação, figurino, maquiagem, dias de gravação, necessidades do grupo de crianças para a gravação (autorização, lanche, repelente, etc);

b) lista do que foi necessário nas produções dos anos anteriores, como foi a experiência, pontos positivos e negativos a respeito de todo o processo pré e durante a gravação;
c) realização dos levantamentos de possibilidades sobre locação, figurino;
d) momento em que definimos onde, quando e quais profissionais dariam suporte no dia da gravação;
e) dia anterior a produção audiovisual. checar as listas de materiais, autorizações de voz e imagem, confirmar a presença das professoras e crianças;
f) gravação do filme;
g) conversa sobre os pontos positivos e negativos do processo de organização e do dia de gravação.

Tecendo a autoria sobre nossas aprendizagens

A partir do contrato de investigação realizamos as reuniões, professora Vilsiane Pereira, supervisora Enéri Queiroz e a diretora Samantha Oliveira reuniram-se para conversar sobre o item A, estipulado no processo metodológico.

Neste primeiro encontro, considerando o item A de nossa pesquisa conversamos sobre a produção de um modo geral, anotando questões como: qual a assunto? Qual a ideia para set de filmagem? Onde será a locação para filmagem? Qual figurino? Qual turma? Dia previsto para as filmagens? Deste modo realizamos anotações de forma a usá-la como diário de campo. Relembramos, percorrendo o item B da pesquisa, como foi a experiência dos anos anteriores, avaliamos como foi realizar as gravações nas locações, onde como e quando foi organizado todo o material para a realização do audiovisual.

O segundo encontro, colocamos em prática as questões do item C, ou seja, consistiu em fazer um levantamento das possibilidades para as gravações dos filmes deste ano, considerando os pontos positivos e negativos dos anos anteriores. Definimos também as locações e figurinos, ou as mudanças a respeito destes e também recorremos ao item D, isto é, definimos quais professoras da equipe ficariam responsáveis por solicitar a autorização dos pais a respeito do uso de imagem e voz, figurino, maquiagem e material necessário para a estruturação dos personagens. Ao pensarmos nos sets de filmagens também consideramos a questão climática: e se estiver chovendo no dia?

Neste processo de decisões realizamos uma lista comparativa entre o que idealizamos e o que será realizado. Este momento consistiu e foi fundamentalmente importante que as professoras envolvidas (professora e equipe diretiva) estivessem disponíveis para modificações efetivas e necessárias. Consiste na definição dos contornos da silhueta do que fazer e como fazer para que não haja ponto de interrogação na expressão "vamos fazer o filme." É neste momento que tanto a equipe, quanto professora, por vezes sentem-se frustradas, pois nem tudo é possível colocar em prática, seja por indisponibilidade do local de gravação, questões climáticas, financeiras e também relativas ao calendário escolar.

O dia que antecede a produção propriamente dita, item E do nosso procedimento de pesquisa, consiste em verificar as documentações de autorização de uso de voz e imagens de crianças e professoras que participarão das cenas do filme. Confirmar a presença das professoras solicitadas, enfim verificar se está tudo certo a respeito dos espaços e recursos materiais e humanos para a efetiva gravação.

O tão esperado momento de gravação, item F, não dispensa cuidados. Neste dia as práticas são mediadas pelos acordos e decisões tecidos nos procedimentos de pesquisa realizados anteriormente. Isto é, embora cada professora saiba o que fazer, nos orientamos por uma lista referente às cenas que serão gravadas e sua sequência. A partir desta lista temos também a possibilidade de contornar os imprevistos próprios destas produções: faltou luz, o tempo está

mudando de sol para chuva, a criança desistiu de participar, a criança não compareceu a gravação. Enfim, a organização e o caminho percorrido até o momento da filmagem permitem criar um espaço propício para as aprendizagens das educadoras e das crianças.

Parceria entre professora e equipe diretiva_ contribuições possíveis

O ponto de partida para a produção dos curtas-metragens na educação infantil é primeiramente compartilhar do conceito de que a criança constrói conhecimento e apreende o mundo a sua volta a partir da produção audiovisual. Se a parceria estabelecida entre professora e equipe diretiva não acreditar nesta possibilidade pode haver interesse e comprometimento unilateral, dificultando o processo de produção.

Neste sentido, durante o processo de curtas inúmeras vezes nos reunimos para conversar sobre o que seria ideal e o que seria possível. Além da disponibilidade de compartilhar e receber ideias, sugestões, nestes momentos tornou-se indispensável uma comunicação fluida e específica sobre cada item necessário para compor cenário, figurino, set de filmagem, locação. Durante essas conversas já não éramos equipe diretiva e professora, mas sim sujeitos desejosos de reviver a infância a partir destas vivências. Como reportou Alves (2001):

> Também eu: quero voltar para as crianças. A razão? Por elas mesmas. É bom estar com elas. Crianças têm um olhar encantado. Visitando uma reserva florestal no estado do Espírito Santo, a bióloga encarregado do programa de educação ambiental me disse que é fácil lidar com as crianças. Os olhos delas se encantam com tudo: as formas das sementes, as plantas, as flores, os bichos. Tudo, para elas, é motivo de assombro. (ALVES, 2001, p. 14-15).

Acreditamos que as gravações ensinam muitas coisas que as vezes tentamos passar para as crianças de uma forma imposta, obrigatória, eles além de todo o processo de pesquisa envolvido, processo criativo também aprendem sobre respeito no seu momento de falar e interpretar, definem, a partir de suas próprias vivências ao compor o roteiro do filme, os limites do real e do imaginário. Conforme Focesi e Dorneles (2016) in Corso e Santos (2016) afirmam que:

> A cultura lúdica não está isolada, está imersa em um contexto, sendo uma manifestação da interação social. As crianças compartilham experiências e brinquedos, aumentando seu repertório cultural lúdico. O brinquedo, entendido como suporte da brincadeira, de acordo com Brougère (2004), não é apenas uma representação humana, mas um produto da época e da moda, que está ligado ao consumo. De acordo com Sarmento (2004, p. 16), "o brinquedo e o brincar são também um factor fundamental na recriação do mundo e na produção das fantasias infantis". A fantasia do real, outro eixo descrito por Sarmento, enfatiza que o "faz de conta" é algo muito estruturante na criança e que "é por isso que fazer de conta é processual, permite continuar o jogo da vida em condições aceitáveis para a criança". (FOCESI; DORNELES, 2016, p. 258).

Observamos em nossas práticas que a partir da produção de curtas metragens com as crianças estimulamos o imaginário, a criatividade inclusive o gosto pelas histórias e leituras, pois, não é um processo fechado em si mesmo, pois há um antes e depois das gravações e as crianças evidenciam isso em seus comportamentos. Após o processo de produção dos curtas-metragens as crianças comentam sobre suas aprendizagens, suas novas sugestões, ou seja, há uma aproximação maior na relação entre professora e crianças. A herança da produção pode ser traduzida, a partir de nossa prática, como confiança, parceria e alegria em participar, aprender.

Essas contribuições tanto na relação criança-educadora, quanto professora-equipe diretiva é possível porque cada sujeito se compromete no processo de produção da aprendizagem que envolve a produção de audiovisuais. Por parte da professora, sua implicação maior é dar sentido às produções, antes mesmos de existirem, de serem propostas. Esta significação não é resultado de uma imposição, pelo contrário, o sentido existe quando há engajamento dos sujeitos implicados no processo, ou seja, crianças e professora.

Deste modo, antes das gravações propriamente ditas, as crianças trocam ideias e sugestões sobre como será o filme, qual assunto abordará. Cada sugestão é questionada com as crianças sobre a viabilidade de torná-la real no filme e como isso será possível. Por exemplo, no curta-metragem a troca, as crianças sugeriram que os cachorros e gatos ao tomarem uma vacina que foi trocada se transformariam em outros animais. Como faríamos isso? Como transformar um cachorro em uma tartaruga? Onde conseguiríamos os animais propostos? Após muitos questionamentos, atentas à fala das crianças, os fragmentos de suas contribuições resultaram na solução: Os cachorros não precisam aparecer, "só faz de conta", sugeriu uma criança.

Ouvir, participar, sugerir, convidar a participar, esta é a implicação da professora para pensar em uma parceria produtiva com a equipe diretiva da escola. Neste sentido, antes de qualquer proposição, devem estar presentes nas práticas cotidianas desta docente o reconhecimento e a promoção de situações de aprendizagens que auxiliem a criança em seu desenvolvimento.

Deste modo, jogos, brincadeiras, pesquisa, conversas são situações de aprendizagens que, a nosso ver, são fundamentais e que devem compor a pré-produção de um audiovisual na educação infantil. Ao mesmo tempo em que são ações pedagógicas necessárias tanto para o desenvolvimento da criança, quanto para o fortalecimento da relação e parceria entre professora e equipe diretiva. O comprometimento da professora com a sua ação pedagógica evidenciadas nas situações de aprendizagens propostas para as crianças, contribui para que a equipe diretiva coloque em prática um dos principais desafios de sua função gestora, ou seja:

> O gestor precisa envolver toda a equipe que trabalha diretamente com a criança, uma vez que é o responsável por liderar as ações no ambiente escolar, sendo elas positivas ou negativas, assim sendo, somente com uma boa gestão é possível garantir um bom trabalho educativo com as crianças. Para tanto, faz-se indispensável a participação dos segmentos envolvidos no processo educativo na gestão da instituição educacional, para assim se fazer presente nesse espaço uma gestão com caráter mais democrático. (COLARES, et. al., 2016, p. 51)

Esta proposição por parte da professora dá credibilidade à produção do filme, pois, não está centrada no fazer por fazer e, por ser algo significado pelas crianças, esta proposta evidencia à equipe gestora a importância de algo construído com a turma se percebe nos vídeos no prazer da interpretação, encanta quem acompanha o processo. Colares (2016) et. al. ao abordar o papel do gestor na promoção do desenvolvimento infantil argumenta que:

> Outrossim, é importante instigar o saber na criança, o pensar, o refletir, esse caminho corrobora para promoção do desenvolvimento integral dela, e a educação precisa possibilitar isso a criança. Considerando que a aprendizagem gera desenvolvimento, e não o contrário, deve-se motivar experiências as crianças que possibilitarão seu desenvolvimento, permitindo a elas aprendizagens significativas, ligadas a intencionalidade, interesse pela aprendizagem, isso necessita de motivação. Nesse viés deve figurar o gestor que vai gerir a instituição educacional, e os profissionais que nela atuam, buscando privilegiar a participação de todos nas ações no cotidiano escolar, propiciando assim um espaço democrático, para que coletivamente busquem a efetivação da educação integral das crianças. (COLARES, 2016, p. 52-53).

Em outras palavras, a equipe diretiva (também docente) reconhece, ou pelo menos supõe-se que deva ter sensibilidade teórico-prática para perceber quando há uma intencionalidade pedagógica através da produção de um curta-metragem. Entende também que situações de aprendizagens comprometidas com o desenvolvimento da criança envolvem o pensar individual (quando a criança sugere, opina), assim como para o pensar coletivo (quando as crianças ouvem e propõe suas ideias).

E o resultado desta troca coletiva evidencia-se na autoestima, no reconhecimento de si enquanto sujeito que se sente capaz, que constrói saberes e que contribui para a construção do filme a partir de suas sugestões. Essas evidências que a criança expressa antes, durante e após a produção audiovisual acena de forma prática que educação infantil pode ser completa, pode entrelaçar situações de aprendizagens artísticas, de pesquisa, em que cada um pode demonstrar determinadas competências e habilidades no cotidiano escolar e desenvolver, descobrir ou demonstrar, através de seu personagem, outras habilidades.

O presente artigo teve como principal objetivo compartilhar os resultados obtidos na pesquisa-ação realizada pelas autoras da pesquisa enquanto desempenham seus papeis profissionais como professora e supervisora pedagógica da E.M.E.I. Ipê Amarelo, escola pública da rede municipal de São Leopoldo.

A partir do contínuo processo de pesquisar, analisar e praticar, indicamos alguns caminhos possíveis para estabelecer parceria entre professora e gestoras na produção de audiovisuais curta-metragem em educação infantil. Dentre os achados, observamos que desempenhando o papel de supervisora pedagógica a primeira questão que se percebe, ao longo desta caminhada, é de que o papel a ser desenvolvido é de suporte e apoio às professoras em seu trabalho pedagógico. Enquanto professora é fundamental estar comprometida com o desenvolvimento infantil e necessidades de aprendizagens do seu grupo de crianças.

O conhecimento, em qualquer esfera de ensino, ocorre quando há comprometimento coletivo e isto determina a parceria, em primeira instância, entre professora e gestoras escolares. Depreendemos também desta pesquisa que a ação coletiva deve sim ser intencional e organizada passo a passo e na construção de cada etapa o diálogo é necessário. Deste modo para construir parcerias que tornem possível produzir curta-metragem na educação infantil é fundamental disponibilidade para o diálogo, tempo de investimento para que haja a troca de ideias, para que tanto os saberes, quanto a escuta, como o trabalho pedagógico sejam construídos coletivamente.

Referência bibliográfica

ALVES, Rubem **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir** Papirus Editora, Campinas, SP, 2001 disponível em:
http://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/edcampo_texto_rubem_alves_a_escola_com_que_---_existir.pdf

COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa et. al. EDUCAÇÃO INFANTIL: **o papel do gestor escolar para a promoção da educação integral da criança**. Cadernos de Pesquisa: UFMA , São Luís, v. 23, n. 3, set./dez.2016 Disponível em:
http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/5797/3533

DORNELLES, Leni Vieira. FOCESI, Luciane Varisco. **O que dizem as crianças sobre o ser criança na educação infantil** (2016, p.255-279) in _Felipe, Jane. Albuquerque, Simone Santos de. Corso, Luciana Vellinho (org). Para pensar a educação infantil: políticas, narrativas e cotidiano Porto Alegre: Evangraf : UFRGS, 2016. Disponível em: https://www.ufrgs.br/einaroda/wp-content/uploads/2017/04/Ebook-Para-pensar-a-Educac%CC%A7a%CC%83o-Infantil-Politicas.pdf

TRIPP, David Pesquisa-ação: **uma introdução metodológica*** Universidade de Murdoch Tradução de Lólio Lourenço de de Oliveira Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005 disponível em:
http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/fetch/81004715/pesquisa%20a%C3%A7%C3%A3o%20metodologia.pdf

O JOGO DO MESTRE: CINEMA, EDUCAÇÃO E VERDADE

Luciana Tubello Caldas
PPGEdu – UFRGS
tubello.luciana@gmail.com

Resumo

Este artigo trata da figura do mestre e da potência educativa do cinema na formação de crianças e adolescentes integrantes do Projeto de Produção Audiovisual Clube das 5 – projeto de oficinas de cinema realizado na rede pública de ensino de Alvorada, Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. Como referencial teórico, centramos a discussão nos conceitos de formação, psicagogia e verdade, como apontados por Michel Foucault, em A Hermenêutica do Sujeito. À luz do conceito de sociabilidade, segundo Georg Simmel, abordamos algumas das motivações que conduziram os estudantes a engajarem-se nessa formação para e com o cinema. Assim, percebemos o "Clube das 5" como um espaço de convivência e de produção de verdades impulsionadoras de condutas éticas e estéticas. Uma dessas condutas diz respeito à ideia de um processo compartilhado – entre professor e aluno – de formação e produção de conhecimento. Desta forma, tenciona-se as proposições de um tipo clássico de formação, que supõe o sujeito como carência ou "não saber". Metodologicamente, nos inspiramos no fazer etnográfico para compor e apresentar os dados desta pesquisa, bem como no uso da técnica de escrita de relatos de campo.

Palavras-chave: cinema, formação, sociabilidade, sujeito

Introdução

Este artigo é um desdobramento da pesquisa "'Clube das 5': Transformação e Criação de Si em Práticas Cinematográficas no Espaço Escolar" que desenvolvi, junto ao "Clube das 5", durante meu curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Voltado à difusão do saber e da técnica audiovisual entre crianças e adolescentes oriundos, em sua maioria, da rede municipal de ensino de Alvorada/RS, o projeto "Clube das 5" faz referência ao horário no qual André Bozzetti – professor e mentor do projeto – e seus alunos se reuniam depois da aula, entre 17h e 19h, na Escola Municipal Emília de Oliveira, para fazer (e aprender sobre) cinema. No presente artigo, nos ocupamos em investigar a formação empreendida por aquele que coloca o cinema em discurso para a transformação dos sujeitos. Dito de outro modo, da figura do mestre que se forja no âmbito da psicagogia – apostando na potência de práticas de formação de si, pela arte do cinema e da criação. Como referencial teórico, centramos a discussão nos conceitos de formação, psicagogia e verdade, como apontados por Michel Foucault (2004a), em *A Hermenêutica do Sujeito*. Assim, percebemos o "Clube das 5" como um espaço de produção de verdades impulsionadoras de condutas éticas e estéticas – no sentido foucaultiano. Uma dessas condutas diz respeito à ideia de um processo compartilhado – entre professor e aluno – de formação e produção de conhecimento. Tenciona-se, assim, as proposições de um tipo clássico de formação, que supõe o sujeito como carência ou "não saber". Por fim, metodologicamente, nos inspiramos no fazer etnográfico – como registro descritivo das experiências de campo – para compor e apresentar os dados desta pesquisa. Cabe salientar que, no domínio da abordagem etnográfica, estão implicadas algumas técnicas de pesquisa, como a "observação participante" (MALINOWSKI, 1978). Essa técnica de pesquisa não conta, apenas, com a memória do pesquisador; conta também com a técnica de escrita dos relatos de campo – instrumento de transposição dos dados, "descrições densas a partir de um

compartilhamento de situações diversas vividas" (CALDAS, 2012, p. 9) junto ao grupo pesquisado. Outra técnica, muito importante para a construção dos dados, são as entrevistas não diretivas (BOURDIEU, 1999; THIOLLENT, 1980). Livres e abertas, as entrevistas não diretivas ensejam uma maior profundidade, justamente por serem elaboradas a partir de um tema geral ou de categorias norteadoras, que aspiram à percepção, opinião e visão de mundo dos interlocutores da pesquisa, sem limitá-los ou direcioná-los em suas respostas.

Os dados registrados e analisados nos conduziram a alguns questionamentos: **Que potência é essa que congrega educadores a formarem para e com o cinema? Por que alguns jovens se sentem interpelados a se formarem para (e com) o cinema?** Logo, mais do que ensaiar qualquer busca de resposta, proponho, aqui, uma investigação acerca deste espaço de formação cinematográfica a partir da figura do professor André Bozzeti. Para tanto, centro-me nos encontros ocorridos semanalmente na Escola Municipal Emília de Oliveira[1], local de afloramento do projeto.

Isto posto, passamos a apresentação da história do "Clube das 5" e de alguns de seus integrantes, trazendo algumas das motivações que conduziram a formação do "Clube das 5" à luz do conceito de sociabilidade, como apontado por Georg Simmel (1983; 2006). Na sequência, falaremos da formação empreendida pelo professor André como aquele que põe em jogo uma certa prática cinematográfica operando na constituição ética dos estudantes que participam do "Clube das 5".

Da sociação à formação

No dia 02 de outubro de 2014, iniciou-se minha participação no "Clube das 5". Nessa data, ocorreu a apresentação do último curta-metragem produzido pelos integrantes. Tratava-se do primeiro filme produzido, praticamente sem nenhuma interferência do professor André – o qual apenas editou o material produzido. A história se passa em um supermercado e mostra a inconstância amorosa de um menino. O roteiro é de autoria de Anna[2], 15 anos, e a instabilidade amorosa do personagem corresponde ao que a menina vive, na sua "realidade" – porém de forma menos amena. Ainda cursando o Ensino Fundamental, Anna decidiu abandonar a escola. Em suas palavras: "Não vou parar de estudar, vou parar de ir à escola".

Mesmo após um breve afastamento, Anna segue participando ativamente do "Clube das 5". O desejo do personagem é o que movimenta toda a história, diria o "guru" do roteiro cinematográfico, Syd Field (2001). Portanto, a questão que proponho aqui é: **como a história do "Clube das 5" se movimenta, se mantém e resiste? Como de alguma forma, nela, se constituem seus personagens e participantes?**

> Eu comecei no "Clube" desde o primeiro ano, 2013. Eu tava passando por um momento meio complicado na minha vida... Parecia que a minha vida inteira tinha sido um sonho e quando acordei as pessoas simplesmente não gostavam de mim! Eu sofria *bullying* na escola... Quando o professor André chegou com a proposta de fazer um filme, uma coisa em que eu pudesse me expressar, uma coisa em que eu fosse ouvida... Isso me chamou a atenção, até porque no começo a ideia do "Clube" era ser só um filme... Mas, isso continuou e eu adorei! Mas, assim... O que me motivou foi mais a questão de que, em um momento em que nem os meus pais estavam me ouvindo, alguém queria que eu falasse... O "Clube", pra mim, foi uma salvação em uma época bem difícil... E desde então tem sido a coisa que me motiva acordar de manhã, sabe? Eu amo o "Clube das 5", eu amo os amigos que eu fiz, as relações que eu criei, enfim... (Conversa com Anna, 13 de janeiro de 2016).

A ideia era ser só um filme. O professor André tinha o roteiro e a partir dele incitou seus alunos, das aulas de Educação Física, a participarem das filmagens. O curta-metragem que, em 2013, o

---

1Desde agosto de 2014, o agora denominado "Projeto de Produção Audiovisual Clube das 5" está vinculado à Secretaria Municipal de Educação de Alvorada. Assim, o "Clube das 5" estendeu-se a quatro escolas da rede municipal de ensino: Escola Municipal Alice de Carvalho, Escola Municipal Antônio de Godoy, Escola Municipal Coronel Aparício Borges e o Centro Municipal de Educação Profissional Florestan Fernandes – EJA.

2Os nomes utilizados neste artigo são fictícios, para preservar as identidades dos interlocutores.

professor André pretendia filmar era *Alvorada Z* – que entrou em produção ao final de 2015 e hoje já não é mais um curta-metragem, mas sim um longa-metragem. Não pretendo falar do filme que deixou de ser feito, nem dos meandros que levaram esse grupo de alunos e professor a realizar outro filme em 2013, voltando ao roteiro de *Alvorada Z* somente em 2015. Gostaria de falar das contingências que medeiam a educação. Ou melhor, quando da composição de uma "equipe" para as filmagens, formou-se – talvez sem saber ao certo – um espaço para outras possibilidades de formação, talvez no sentido daquilo que Carlos Skliar (2014) nos diz sobre educar, como "sentir e pensar outras formas possíveis de viver e conviver" (p. 189).

Os jovens com quem interagimos e cujos depoimentos colhemos acabaram por falar exatamente disso: da produção de um filme, concomitante à produção de um espaço de liberdade, de voz, de possibilidade de "fazer de outro modo". Como nos diz Anna:

> No cinema tu pode passar as tuas propostas, entendeu? Tu pode dizer: "não, eu quero que seja assim... É a minha ideia do que eu acho legal"... Isso é uma coisa que na escola tu não aprende a fazer, tu não aprende a ter uma voz e a pensar... No cinema tu tem que pensar (Conversa com Anna, 13 de janeiro de 2016).

Com a promoção da escuta, elegendo a linguagem cinematográfica como mediadora, entendemos que o "Clube das 5" se constitui como espaço de formação e convivência. Na convivência, nos posicionamos e nos deslocamos em relação ao outro. Conversar e conviver é relacionar-se; aproximar-se do outro para apreendê-lo afetuosamente, sem qualquer urgência de dominá-lo. A jovem Mia registra bem esse modo de ser do professor André com seus alunos:

> O André é um professor que brinca, ele fala como se fosse um aluno também... Como se fosse amigo. Os professores xingam, mandam calar a boca... Não é assim, sabe? Se eles tentassem ser amigos, tentassem entender o aluno, eu acho que ia dar mais certo. Porque a escola é alunos e professores, então se eles tentassem se colocar um do lado do outro ia ser melhor... Não ia ter confronto tipo "eu sou mais que tu". O aluno também ensina para o professor, não é só ele que aprende. Eu acho que se os dois ficassem no mesmo nível ia ser melhor. No "Clube" não é aquela coisa assim: na aula de cinema é só aula de cinema. A gente brinca, a gente ri, a gente conversa sobre tudo... É uma amizade, não chega a ser papel de aluno e de professor (Conversa com Mia, 13 de janeiro de 2016).

Penso que a história do "Clube das 5" se movimenta e se mantém, justamente, por conta das motivações individuais que configuram aquele grupo. Torno minhas as palavras de Georg Simmel, para quem as questões sociológicas devem ser problematizadas a partir das "formas que tomam os grupos de homens, unidos para viver uns ao lado dos outros, ou uns para os outros, ou então uns com os outros" (SIMMEL, 1983, p. 47). A sociedade se constitui a partir da sociação entre os indivíduos, ou seja, a partir da forma como que os indivíduos se agrupam para satisfazerem a seus interesses.

> A sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração que caem sob o conceito geral de interação. A sociação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual realizam seus interesses (SIMMEL, 1983, p. 60).

Estes interesses o autor denomina de "conteúdos da vida social", e são eles que conduzem a interação para a sociação. Simmel acrescenta que as formas de sociação são passíveis de se autonomizarem, em relação aos conteúdos que as constituíram. As formas que seguem dos processos de sociação desenlaçam-se de seus conteúdos e persistem por si mesmas; é nisso, justamente, que consiste o fenômeno da sociabilidade, em que "todas as formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação" (SIMMEL, 2006, p. 64).

O jogo, formar(se)

Em 20 de abril de 2015, iniciaram-se as filmagens do curta-metragem *Quando 16*. Durante o processo de filmagem, o seguinte diálogo chama atenção, pela singularidade da relação ensino-aprendizagem.

> **Bruno**: Que tal fazer um plano mostrando os *storyboard*, pra mostrar que ela é uma pessoa culta?
> **Professor André**: Mas tu acha que era mostrar o *storyboard*?
> **Bruno**: Acho que sim, pra mostrar que ela é uma pessoa inteligente, maneira...
> **Professor André**: Ela é fã de *Star Wars*, *Hitchcock*...
> **Bruno**: *Batman*.
> **Professor André**: Tá, então liga a luz apontada pra lá!

Não há nesse momento a transmissão restrita e pontual de um certo conhecimento, mas, sim, opera-se ali um saber que, penso, pode-se dizer que se constrói no exercício ético da liberdade – como diria Foucault (2004b). As escolhas do que filmar e como filmar se dão no âmbito do diálogo e da incitação à aprendizagem, para além de uma racionalidade instrumental. Abre-se um espaço, nesse processo, para outras formas de pensar e operar com as imagens, deslocando o sujeito da posição vertical de "a quem se fala" para a posição "com quem se fala" – construída a partir da ideia de "conversa" com o outro, de "partilha do sensível" (RANCIÈRE, 2009).

> As ideias de planos e enquadramentos foram todas do Bruno, que havia se prontificado a dirigir o filme com o professor André – que ficou responsável pela direção dos atores e captação das imagens. Para o professor André, já era um grande avanço eles criarem os planos. Bruno trouxe excelentes ideias para as filmagens, uma delas foi a concepção de um plano em *plongée*[3] – bastante elogiado pelo professor André – de Beatriz estudando. O professor André, também, fazia sugestões de planos e enquadramentos. Porém, sempre consultando a opinião de Bruno (Relato de campo, 20 de abril de 2015).

Não pensamos ser falha (ou negativa) a relação de transmissão de saber, entre aquele que sabe e aquele que ignora. Mas importa aqui sublinhar um outro modo de "transmissão". Percebemos, sem dúvidas, que o professor André se inscreve "na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais do que outro, lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas" (FOUCAULT, 2004b, p. 285). Porém, os "efeitos de dominação" – que por ventura se desvelam – escapam a este modo de formação empreendido pelo professor André.

Falamos de um mestre que deseja que o outro avance, que se sente mal correspondido, no caso de seu aluno jamais fazer-se mais que mero discípulo (cfe. NIETZSCHE, 2011, p.72). Falamos de um mestre que se desloca "do lugar daquele que ensina para experimentar com os alunos" (MIGLIORIN, 2010, p. 107). Falamos de um mestre que se apropria do cinema sem simplificá-lo ou caricaturizá-lo, que mobiliza o cinema com a compreensão de que o cinema, como qualquer outra arte, é experimento e experiência. Dito de outro modo, trata-se de um modo singular de operar com o cinema, colocando-o em discurso, para a transformação daquele que cria imagens cinematográficas e "busca no prazer da conversação e da companhia do outro a sabedoria e a felicidade" (FREITAS, 2013, p. 331). Estamos falando de um mestre que se forja no âmbito de uma psicagogia, "que não tem por função dotar um sujeito qualquer de aptidões, mas modificar o modo de ser do sujeito a quem nos enderecemos" (FOUCAULT, 2004a, p. 366). Sem desejar empreender uma discussão teórica que remeta a tempos tão distantes (como os referidos pelos clássicos gregos e latinos, estudados por Foucault em *A Hermenêutica do Sujeito*), pensamos aqui em um mestre como "operador na reforma do indivíduo e na formação do indivíduo como sujeito" (FOUCAULT, 2004a, p. 117).

Ao nos debruçarmos sobre os últimos cursos proferidos por Michel Foucault, no *Collège de France*, nos deparamos com a noção de psicagogia, que propõe um outro olhar sobre a formação. Se, na pedagogia, temos um mestre detentor da verdade, encarregado de transmiti-la para tornar o sujeito apto e preparado para o mundo, na psicagogia o modo de transmissão da verdade, pelo mestre, se dá

3Enquadramento em que a câmera filma o objeto de cima para baixo.

para que o sujeito se transforme – concebendo o processo formativo como conversão da vida em obra de arte. Na acepção psicagógica, a verdade é experiência e criação de novos modos de existência e resistência. Estamos falando aqui, portanto, de um mestre que assume como verdade o combate aos códigos normativos envolvidos na dupla, cinema e formação. Esta outra verdade, assumida pelo professor André, pressupõe confiança "na capacidade ética dos sujeitos deliberarem a respeito de suas próprias formas de vida" (FREITAS, 2015, p. 309). Trata-se de uma atitude ética – diante do cinema, enquanto objeto de conhecimento, e dos sujeitos em formação –, que perturba os lugares-comuns da díade cinema-educação.

Considerações finais

Se na pedagogia a "verdade e as obrigações quanto à verdade estão do lado do mestre" (FOUCAULT, 2004a, p. 367), na psicagogia a verdade está em jogo, realizando-se "como uma força de afetação sensível dos sujeitos" (Ibidem, p. 334). Não há, nesse jogo, verdades prescritivas; ele não se fundamenta na ordem da tradição, visando à manutenção e continuidade do que "já está aí"; ao contrário, ele implica confronto e ruptura. Ele afeta os sujeitos, incitando-os à produção de um *êthos*.

Neste jogo nem mestre, nem discípulos estão livres de replicarem o senso comum; nem mestre, nem discípulos são heróis isolados nas redes de significado que os interpelam no mundo social. O professor André não é a pessoa que está sempre certa e que toma sozinha as atitudes de crítica. Lembro, aqui, uma cena ocorrida em 06 de novembro de 2014, em uma das formações teóricas realizadas pelo professor André no "Clube das 5":

> Entre risos e conversas paralelas, o professor André inicia sua aula sobre o significado das cores no cinema. Antes, comenta que no filme *Os 12 Macacos*[4] existe uma ótima cena em *plano holandês*, que ele esqueceu de exibir na aula anterior. Completa dizendo que vai exibi-la, antes de iniciar com o tema das cores. O professor André aperta o *play* iniciando a exibição da cena. Bruno, do fundo da sala, grita: "O filme chama *Os 12 Macacos* e já começa com um 'negão'"[5]. O professor André sorri desconcertado, enquanto Adélia, de forma incisiva, diz: "Isso é racismo!". O professor André repreende Bruno e a turma se exacerba diante da polêmica, falando todos ao mesmo tempo.

Talvez, se não fosse pela intervenção de Adélia, uma menina negra, teríamos apenas o registro da expressão desconcertada do professor André. Ele foi provocado, pela voz de Adélia, a se posicionar. A potência não está no professor André, mas sim na relação construída entre mestre e alunos. Ele é parte dessa relação, está imerso na complexidade dos afetos com o outro – ele precisa do outro para existir na condição de mestre.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CALDAS, Luciana Tubello. *Onde se mora não é onde se trabalha*. Estudo etnográfico de itinerários urbanos, formas de sociabilidade e trabalho de moradores de Alvorada/RS que trabalham em Porto Alegre/RS. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais). IFCH/UFRGS, 2012.

4**Título:** *Twelve Monkeys*; **País**: Estados Unidos da América; **Gênero**: Mistério; **Tempo**: 129 minutos; **Ano**: 1995; **Direção**: Terry Gilliam.

5A cena se inicia no momento em que James Cole (Bruce Willis) é internado no manicômio, local onde conhece o Jeffrey Goines (Brad Pitt). O negro, nesta cena, é o enfermeiro que conduz Willis ao manicômio.

_____. "*Clube das 5*": Transformação e Criação de Si em Práticas Cinematográficas no Espaço Escolar. Dissertação de Mestrado. PPGEDU/UFRGS, Porto Alegre/RS, 2016.

FANTIN, Monica. Audiovisual na escola: abordagens e possibilidades. In: BARBOSA, Maria Carmen Silveira; SANTOS, Maria Angélica (Org.) *Escritos de alfabetização audiovisual*. Porto Alegre: Libretos, 2014. p. 47-67.

FIELD, Syd. *Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II*: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *História da Sexualidade I*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. *Ditos e Escritos V*. Ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b, p. 264-287.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

FREITAS, Alexandre Simão de. As lições *Ainda* Insuspeitas de Michel Foucault acerca da formação humana. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 299-315, jan/mar 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em 24 de setembro de 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MASSCHELEIN, Jan. *A pedagogia, a democracia, a escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MIGLIORIN, Cezar. Cinema e escola, sob o risco da democracia. *Revista Contemporânea de Educação*. v.5, n. 09, p. 104-110, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/issue/view/172>. Acesso em: 24 de setembro de 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.

SIMMEL, Georg. *Simmel*: Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *Questões fundamentais da sociologia*: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a linguagem*: educar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

THIOLLENT, Michel. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1980.

PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA:

UM ESTUDO DE CASO SOBRE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vilsiane Pereira[1]

Resumo

O presente artigo é resultado de uma pesquisa, qualitativa, do tipo estudo de caso, realizada através de entrevistas com professoras e estagiárias que acompanharam indiretamente a produção de audiovisuais curta-metragem na educação infantil, especificamente na E.M.E.I. Ipê Amarelo, escola de educação Infantil da rede municipal de São Leopoldo. Os resultados evidenciam, a partir da análise do discurso em Michel Foucault, que as professoras e estagiárias reconhecem a validade pedagógica da produção com as crianças desde que seja respeitada duas exigências principais que são a não imposição e a produção compartilhada com a criança.

Introdução

A produção de curta-metragem é relativamente nova nas instituições escolares, principalmente na educação infantil, tanto que é difícil encontrar bibliografia específica sobre a produção, sobre as aprendizagens possíveis, bem como as parcerias necessárias e possíveis.

No município de são Leopoldo ocorre a partir de 2015, com o projeto São Léo em cine, coordenado entre 2015 e 2016 pela idealizadora professora Eliane Candido. Embora algumas escolas pertencentes à rede de ensino já ofertassem oficina de produção audiovisual para os estudantes, na educação infantil iniciamos em 2015 a percorrer este caminho. Atualmente este projeto é protegido por lei municipal, indicando uma nova forma de engajar a linguagem cinematográfica como forma de produzir conhecimento escolar na educação básica.

Deste modo, a partir da proposta de participação da educação infantil, a E.M.E.I. Ipê Amarelo participa desde então, a partir da parceria da equipe diretiva com a professora do projeto Meio ambiente e sustentabilidade, cujo objetivo é possibilitar situações de aprendizagens que envolvam o contato com elementos da natureza, rodas de conversa sobre problemas ambientais percebidos pelas crianças e incentivar a pesquisa a partir destas práticas.

Desde as primeiras incursões sobre como fazer filme com as crianças e para as crianças o princípio fundamental foi produzir filmes que fizessem sentido para o grupo envolvido e que, portanto, as aprendizagens fossem além dos muros da escola. Neste sentido, da pré-produção à pós-produção são pensadas de modo que as crianças tenham uma experiência artístico-pedagógico com a qual tenham lembranças, marcas e vestígios deste aprendizado ao longo da vida a partir das descobertas envolvidas no projeto.

Entretanto, embora tenha contato com diferentes professoras e professores que reconhecem a importância deste tipo de produção cultural na instituição escolar, sempre tive o desejo de ouvir o que pensam sobre a validade pedagógica da produção audiovisual na educação infantil sob a perspectiva

---

[1] Professora de Educação Infantil na E.M.E. I. .Ipê Amarelo, pertencente à rede municipal de São Leopoldo. Formação: Pedagogia (UFSM), especialista em educação infantil (UFRGS).

de professores que estão chegando à rede e que pouco conhecem sobre este projeto. Assim, nasceu o desejo que conhecer a validade pedagógica desta proposta a partir do olhar das professoras da referida instituição.

Deste modo, o presente artigo enseja apresentar os resultados das entrevistas realizadas com professoras e futuras professoras (estagiárias) que de algum modo estiveram presentes durante as gravações, ou seja, que vivenciaram in loco o processo de produção dos curtas-metragens na escola.

Logo, este artigo é resultado da escuta atenta às professoras e estagiárias que observam em determinados meses do ano o envolvimento das crianças, professoras e equipes diretivas no processo de produção audiovisual.

A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo apresentar os resultados das entrevistas sobre a validade pedagógica da produção de filmes curta-metragem na educação infantil na perspectiva das professoras e estagiárias da E.M.E.I. Ipê Amarelo, pertencente a rede de ensino municipal de São Leopoldo. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, exploratória, de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso.

O olhar para a criança e suas aprendizagens

A escola de educação infantil no Brasil surgiu no século XX e desde então acompanhou a passos lentos e por força da lei as mudanças tanto na forma de acolher os pequenos, quanto na forma de conceber o processo educativo.

Essas mudanças não se referem apenas às políticas sociais, às práticas educativas, mas também no modo compreender a criança, perceber as infâncias e suas aprendizagens. Ou seja, o modo como a criança apreende o mundo e como nós adultos percebemos como isso se modificou ao longo dos séculos no mundo ocidental. Durante o século XVII, por exemplo, momento em que consolidou o conceito de família, a criança era vista como muito frágil, sujeita às intempéries e podendo desaparecer a qualquer momento. Certamente essa visão da criança está relacionada às doenças que as acometiam e à grande mortalidade infantil, conforme Áries "A passagem da criança pela família era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão para forçar a memória e tocar a sensibilidade" (1975, p. 10).

A partir do século XIX e XX inicia-se a construção histórica do conceito de infância e está intimamente relacionada às mudanças ocorridas na constelação familiar, social e econômica dos períodos. Contudo, conforme Nascimento, Brancher e Oliveira (2011, p. 7) "Apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Podemos então, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, falar em uma construção social da infância" (Corsaro, 2003).

Passados dois séculos em que socialmente começamos a considerar a existência da infância enquanto produtiva e cheia de descobertas, podemos perceber que há ainda muitas construções necessárias. Algumas delas se referem à construção de conhecimento por parte da criança e as linguagens com as quais pode se comunicar.

Contemporaneamente, muitos pensadores, filósofos, educadores e pesquisadores tem se dedicado a falar sobre as formas, possibilidades e linguagens possíveis a serem desenvolvidas nas instituições escolares com as crianças. Entre eles estão Celestin Freinet, Loris Mallaguzzi, Howard Gardner e Paulo Freire, os quais, eu considero que foram precursores em destacar as potencialidades da criança, bem como incentivar o uso de diferentes linguagens na educação escolar da criança. Suas abordagens englobam olhar a escola além dos muros, proporcionando situações de aprendizagem que tenha sentido para a criança, diminuindo a distância entre o que a escola ensina e a vida real.

Por exemplo, Freinet (Ferrari: 2008) criador das aulas passeio, do jornal escolar e dos cantinhos temáticos, ou Malaguzzi (Gentile: 2002) precursor em aliar novas tecnologias na educação infantil e se evidencia nos vídeos produzidos pelas crianças em conjunto com os atelieristas. Gardner que para além das inteligências Múltiplas nos diz que a ética vale mais que o conhecimento. Enfatizando o valor real da leitura escolar a partir da leitura de mundo, Paulo freire argumenta em diferentes textos a função libertadora da educação, humanizadora, crítica, centrada no desenvolvimento do sujeito enquanto ser humano, social e não como parte de um sistema social que utiliza a escola como um dos meios de treinar trabalhadores.

Olhar para a criança e suas aprendizagens, suas possibilidades de construir conhecimento acerca da vida social, dos cuidados de si, são os desafios que nós professoras da educação infantil aceitamos diariamente, respeitando o desenvolvimento de cada faixa etária, atuando com uma escuta atenta do que querem e do que necessita essa rede de diferentes infâncias que se apresentam na escola infantil.

Caminho metodológico

Para responder qual a validade pedagógica da produção de curtas metragens na educação infantil a partir da perspectiva das professoras e futuras professoras participantes desta pesquisa, primeiramente, após a entrevista, recorreu-se a procedimentos sistemáticos fundamentados na análise de discurso proposta por Michael Foucault, em que o pesquisador realiza um trabalho arqueológico, reunindo sentido no conjunto de fragmentos que contam muito mais sobre quem fala do que o que comunica. Conforme, Azevedo (2013, p.150):

> A intenção do arqueólogo é de investigar a regularidade dos enunciados e a descrição dos fatos os quais se encontram em seus arquivos. A preocupação em expor a formação discursiva revela que, segundo a análise foucaultiana, os discursos e saberes configuram históricos que devem ser expostos e compreendidos. (AZEVEDO, 2013, p.150).

Primeiro foram gravadas as entrevistas com a pergunta: Na tua opinião, qual a validade pedagógica da produção de curtas metragens na educação infantil? Posteriormente as respostas foram organizadas em categorias de análise, a partir das modalidades enunciativas, considerando pontos que são fundamentais para Foucault, ou seja, a formação discursiva, quem fala, de onde fala, a relação do sujeito com os domínios de espaço e objeto.

A formação discursiva diz respeito a possibilidade de uso de determinado discurso por parte de quem dele se apropria. Segundo Azevedo, "é a possibilidade de uso e apropriação de um discurso por quem possui ou adquire a competência para produzir enunciados e discursos para Foucault" (2013, p. 160), enquanto que a relação de quem fala a respeito desses saberes diz respeito a sua autorização ou permissão para falar. Ou seja, a pessoa fala porque está (ou sente-se) autorizado ou porque lhe foi permitido. De que local fala? Fala a partir de sua vivência na instituição ou como observador? Fala a partir de sua prática ou fala a partir de um conceito teórico? E, finalmente, porém não menos importante, qual a relação do entrevistado com o espaço, neste caso a escola, bem como o objeto, neste caso a aprendizagem das crianças na escola de educação infantil.

Quem fala, de onde fala, qual o discurso?_ sobre as entrevistas

As entrevistas foram realizadas com professoras e estagiárias da E.M.E.I Ipê Amarelo, escola de educação infantil pertencente a rede municipal de ensino de São Leopoldo. As entrevistadas, cuja faixa etária está distribuída entre 30 e 42 anos, sendo que a experiência em magistério varia de 10 a 20 anos, foram selecionadas a partir de duas condições: a) ter observado ou participado indiretamente da

produção dos curtas-metragens produzidos nesta instituição. b) sentirem-se à vontade para falar sobre as suas percepções sobre a validade do projeto.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas, ou seja, com algumas professoras e estagiárias a entrevista foi realizada na escola, utilizando como recurso um gravador de voz. Outras entrevistas foram realizadas utilizando um aplicativo de comunicação por telefonia celular. De um total de oito entrevistadas, obtive o retorno de seis entrevistas e a partir destas realizei a organização duas categorias de análise conforme o gráfico abaixo:

Questão	Entrevistadas
Sobre a participação das crianças na produção dos curtas-metragens	"com o curta na escola elas fazem questão de fazer, pra mostrar pros pais, pra mostrar que são capazes." "participam juntos" "eles estavam muito empolgados" "o entusiasmo deles no dia da gravação" "eles estavam muito empolgados" "o quanto elas ficam felizes durante as gravações" "a felicidade de participarem do filme porque é tudo muito espontâneo, é conforme a vontade delas, é conforme o que elas querem fazer naquele momento".
Sobre as aprendizagens: O que valida pedagogicamente a proposta?	"aprender brincando" "entender o que é real e irreal" "aprender e desenvolver a imaginação com a realidade no meio em que está inserida" "desperta na criança a curiosidade, a criatividade, eles são estimulados a perderem a timidez, a se envolver de uma maneira com todos do grupo, trabalha a oralidade," "O que eu achei bacana é que eles participam juntos, tipo não é uma coisa imposta, né, não é imposto tu vai fazer isso, tu vai fazer aquilo, então pelo que eu entendi tu constrói a história coletivamente com a turma, puxando o gancho pro assunto, pra pesquisa que foi feita, o tema que tu tratou, que eles estão estudando, tão aprendendo e aí fica uma coisa que eu acho válido neste sentido."

Durante a análise da entrevista sobressai a repetição das expressões "não é algo imposto", evidenciando que as entrevistadas consideram importante uma produção em que haja efetivamente a participação das crianças em todo o contexto, desde a produção do enredo, eleição dos personagens, mensagem que pretendem divulgar a partir do filme.

Outra expressão bastante mencionada refere-se à percepção da participação das crianças que evidenciavam estar empolgadas ou envolvidas, ou felizes em participar da gravação do curta-metragem. Dentro da análise destes discursos, neste contexto, foram consideradas expressões semelhantes e podem ser lidas como ser um aspecto válido para a produção dos filmes.

Destacou nas entrevistas também o processo como foram produzidos os filmes. Em sua maioria as entrevistadas argumentam que o caminho que a professora percorre com as crianças até a produção dos audiovisuais são determinantes para a validação pedagógica da produção na educação infantil, ou seja, as professoras e estagiárias se referiram ao aprendizado contextualizado, produções relativas às vivências das crianças.

Análise dos resultados

A análise das entrevistas forneceu duas importantes categorias de análise pela repetição de conteúdo, as quais evidenciam o que as entrevistadas consideram importante ao considerar a produção de curtas-metragens na educação infantil como uma situação de aprendizagem que possui validade pedagógica.

A primeira validade pedagógica consiste na forma de participação da criança e no modo como ela é convidada a participar da produção. Isto é, o fato de não ser imposto, ou seja, de a produção audiovisual ser resultado de um projeto anterior que envolveu pesquisa, interação com diferentes materiais, construção de conhecimentos relacionados à vida cotidiana da criança relativa às questões de meio ambiente e sustentabilidade. Logo, para as professoras é importante que haja consentimento da criança em participar, que uma experiência, evidenciando implicitamente o que diz Bondía Larrosa (2002) de forma contundente:

> A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2002, p. 21).

A felicidade, a alegria e entusiasmo das crianças ao participar, expressões de sentimentos aos quais se referem as entrevistadas quanto a participação das crianças, traduz muito mais que uma percepção. Antes, evidencia a concepção de infância, de escola de educação infantil e de conceito de aprendizado na educação infantil. Em outras palavras, as situações de aprendizagens devem ocupar um lugar de alegria, despertar entusiasmo nas crianças, aprendizagens válidas são perpassadas por momentos de experiências, por situações que nos toquem positivamente, por momentos de riqueza de ideias, de sensações agradáveis.

A partir destas experiências, surge a segunda categoria de análise que dá validade pedagógica à produção de curtas-metragens na educação infantil, ou seja, a possibilidade de desenvolvimento de competências e habilidades propriamente ditas.

As entrevistadas inscreveram suas percepções nas áreas da expressão corporal, oral, compreensão e comparação entre o mundo real e da fantasia (onde começa o faz de conta e onde termina), desenvolvimento da imaginação e principalmente desenvolvimento relativo às competências sociais na interação com os colegas, com as professoras, tanto no momento de atuar, mas principalmente no momento de decidir coletivamente.

Em todas as entrevistas as expressões "não é imposto" surge como defesa do que pensam essas professoras e estagiárias sobre as situações de aprendizagem na educação infantil. Observa-se também que ao falar que o bom é o que não é imposto, percebe-se claramente de onde falam estes sujeitos, ou seja, do lugar da criança. Sim, é compreensível. As entrevistadas consideram que não há aprendizagem significativa quando "tem que fazer" e sim a consideram como possibilidade de aprendizagem quando "pode escolher se quer fazer".

Conclusão

Este artigo teve como objetivo divulgar os resultados obtidos a partir de um estudo de caso a respeito da validade pedagógica da produção de curta-metragem na educação infantil sob a perspectiva das professoras e estagiárias da E.M.E.I .Ipê Amarelo, escola de educação infantil pertencente à rede municipal de ensino de São Leopoldo.

A partir de uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, oito estagiárias e professoras foram entrevistadas. Para analisar o conteúdo das entrevistas, utilizou-se como referencial teórico a interpretação proposta por Michel Foucault. Este autor afirma que nenhum discurso é neutro, ele traz consigo, além de uma ideologia, a percepção de quem fala, a partir do lugar de onde fala, bem como a partir do poder a este sujeito instituído.

As análises dos discursos evidenciaram que as crianças falam a partir do lugar que a criança ocupa no processo de construção de conhecimento. Expressões como "não imposto", "as crianças estavam entusiasmadas, felizes, empolgadas" e "as crianças desenvolvem habilidades sociais contextualizadas" são atribuídas como definidoras da validade pedagógica para a produção de curtas na educação infantil.

Ouvir as professoras e estagiárias e juntamente com elas construir novos saberes a respeito da validade pedagógica da produção de audiovisuais na educação infantil, assim como poder contribuir para ampliar a discussão a respeito das aprendizagens envolvidas neste processo foram os objetivos ao divulgar os resultados da pesquisa neste artigo. Os resultados da pesquisa, como já exposto, evidenciam, a parir da análise do discurso em Michel Foucault, que as professoras e estagiárias reconhecem a validade pedagógica da produção com as crianças desde que sejam respeitadas duas exigências principais que são a não imposição e a produção compartilhada com a criança.

Conforme explicitado no início do artigo, o referencial teórico específico, bem como pesquisas sobre a produção como vistas a validade pedagógica desta proposta na educação infantil ainda são escassos. Neste sentido, semelhante aos processos históricos e culturais de reconhecimento da infância, da construção de saberes na infância pelas crianças, assim será a consolidação do referencial teórico validando os saberes pedagógicos envolvidos na produção audiovisual com as crianças, isto é, um processo contínuo (des) construção cultural.

Referencial bibliográfico

ARAÚJO, Inês Lacerda . **Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault** In RAGO, Margareth & MARTINS, Adilton L. ISSN 1981-1225 Dossiê Foucault N. 3 – dezembro 2006/março 2007 Organização: disponível em : https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/aulas/article/viewFile/1924/1385

ARIÈS, **Philippe História social da criança e da Família**. 2ª Edição – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. Disponível em: https://ia801603.us.archive.org/28/items/ARIS.HisttriaSocialDaCrianaaEDaFamFlia/ARI%C3%88S.%20Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia.pdf

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de**. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault** Vol. 6, nº 2, 2013. www.marilia.unesp.br/filogenese disponível em https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/saraazevedo.pdf

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência*** Universidade de Barcelona, Espanha Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística: Cadernos de Estudos Linguísticos, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19 Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf

FERRARI, Márcio .Célestin Freinet, **o mestre do trabalho e do bom senso** Revista Nova escola, 01 de Outubro de 2008 disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/1754/celestin-freinet-o-mestre-do-trabalho-e-do-bom-senso

_____ Paulo Freire, **o mentor da educação para a consciência** Revista Nova Escola: 01 de Outubro de 2008 Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia

GENTILE, Paola **Pedagogia dos sentidos** Revista Nova Escola, 01 de Junho de 2002 Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/1274/pedagogia-dos-sentidos

NASCIMENTO, Cláudia Terra do. BRANCHE, Vantoir Roberto. OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **A Construção Social Do Conceito De Infância**: Algumas Interlocuções Históricas E Sociológicas Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC: 2011 disponível em: http://coral.ufsm.br/gepeis/wpcontent/uploads/2011/08/infancias.pdf

ZENTI, Luciana Howard Gardner: "**É difícil fazer o certo se isso contraria os nossos interesses"** Revista Nova Escola: 01 de Outubro de 2009 Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/880/howard-gardner-e-dificil-fazer-o-certo-se-isso-contraria-os-nossos-interesses

A EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL:
O SEU POTENCIAL PEDAGÓGICO E SUA DIMENSÃO POLÍTICO CULTURAL NA FORMAÇÃO DO ALUNO

Gregorio Galvão de Albuquerque[1]
gregoriogalbuquerque@gmail.com

Um espírito livre não deve aprender como um escravo.
Roberto Rosselini

Introdução

A partir do início do século XIX, a sociedade passa a ter um ritmo mais frenético com a "Industrialização, urbanização e crescimento populacional rápido; proliferação de novas tecnologias e meios de transporte; saturação do capitalismo avançado; explosão de uma cultura de consumo de massa e assim por diante" (SINGER, 2001, p. 95). Dentre as consequências deste aceleramento do cotidiano, está o aumento de estímulos, principalmente visuais.

O urbano passa a ter uma sucessão de imagens e sensações produzidas e reproduzidas pelos indivíduos, criando cada vez mais, uma representação fragmentada da vida moderna dificultando uma visão da totalidade do cotidiano. O fetiche pela imagem acaba substituindo a experiência vivida, a própria leitura do mundo, enxergando-se a realidade através das imagens naturalizadas. Nesse sentido, a sociedade contemporânea passar a trocar a experiência do momento pela captação imagética: todos os momentos, os acontecimentos e os fatos precisam ser capturados e não só vividos. Há uma transposição da memória individual para a tecnologia, onde a experiência do momento só é comprovada através das fotografias e não mais pela primazia da tradição narrativa. Produz-se assim, um não entendimento de que a leitura do mundo precede a leitura da imagem.

Embora a produção de imagens no mundo contemporâneo tenha se tornado algo absolutamente corriqueiro, a prática da reflexão e interpretação imagética não acompanha este momento, ocorrendo apenas nos fora circuitos de estudo específicos. Se a interpretação textual é item obrigatório do currículo escolar, o estudo sistemático da imagem ainda não alcançou tal projeção, por mais que o cotidiano e o imaginário do homem contemporâneo sejam formados por imagens.

2. A Arte e a representação da realidade

A representação da artista face à realidade do seu tempo é discutida por Kosik (2011) dentro de uma perspectiva de qual posição e que meios de representação da realidade o artista emprega. Para o autor, a problemática parte da concepção do que é a realidade e seu significado, exemplificando com a comparação entre a poesia e a economia na qual a poesia não é uma realidade inferior à economia, é do mesmo modo realidade humana, embora de gênero e de forma diversos, com tarefa e significado diferentes. "A economia não gera a poesia, nem direta nem indiretamente, nem imediata nem mediatamente: é o homem que cria a economia e a poesia como produtos da *práxis* humana." (KOSIK, 2011, p. 121).

---

[1] Pesquisa de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ)

Considerar a economia como um fator histórico autônomo, dado e não derivável ulteriormente é não examinar as raízes da realidade social, ou seja, o homem como sujeito objetivo que cria esta realidade social. Para Kosik (2011) "toda concepção de realismo ou do não-realismo é baseada sobre uma consciente ou inconsciente concepção da realidade. O que seja o realismo ou o não-realismo em arte depende sempre do que é a realidade e de como se concebe a própria realidade". (KOSIK, 2011, p. 121).

A criação, seja de uma realidade ou de um produto, é algo nobre que estabelece o vínculo direto entre o trabalho, como criação, e seus produtos mais elevados, isto é:

> Os produtos indicam o seu criado, isto é, o homem, que se acha acima deles, e expressam do homem não apenas o que ele já é e o que ele já alcançou, mas também tudo o que ele ainda pode vir a ser. Os produtos não testemunham apenas a atual capacidade criativa do homem, mas também e em especial as suas infinitas potencialidades: Tudo o que nos circunda é obra nossa, obra do homem: as casas, os palácios, as cidades, os esplêndidos edifícios esparsos por toda a terra. Mas parecem obras de anjos, contudo são obras dos homens... Quando vemos tais maravilhas, compreendemos que podemos criar coisas melhores, mais belas, mais graciosas, mas perfeitas do que criamos até hoje. (KOSIK, 2011, p. 122).

O capitalismo rompe com este vinculo ao separar o trabalho da criação e transformá-lo em algo repetitivo, incriativo e extenuante, deixando para a arte, a criação. O trabalho industrial transforma o homem em um produto, fazendo-o perder seu domínio de criador do mundo material e assim perder também a realidade. "A autêntica realidade é o mundo objetivo das coisas e das relações humanas reificadas, diante das quais o homem é uma fonte de erros, de subjetividade, de inexatidão, de arbítrio e por isto é uma realidade imperfeita." (KOSIK, 2011, p. 123).

O ser do homem, em algumas fases do desenvolvimento social, perde a própria humanidade na medida em que o seu aspecto objetivo é separado de sua subjetividade. O aspecto objetivo é transformado em uma objetividade alienada e desumana, e a subjetividade humana em miséria, necessidade, vazio e meramente baseada no desejo.

Para Kosik (2011) conhecer a realidade humana no seu conjunto e sua autenticidade, o homem dispõe da filosofia e da arte. "Porém qual a realidade que a arte revela para o homem? Talvez uma realidade que o homem já conhece e da qual deseja apenas apropriar-se sob outra forma, isto é, representando-a sensivelmente?" (KOSIK, 2011, p. 130).

Diante destas perguntas, o autor apropria-se do caráter dialético da *praxis* humana para demonstrar que a realidade revelada pelo homem através da arte imprime ao mesmo tempo a representação da realidade e a sua criação.

> Uma catedral da Idade Média não é apenas expressão e imagem do mundo feudal, é ao mesmo tempo um elemento da estrutura daquele mundo. Não só reproduz artisticamente a realidade da Idade Média, mas ao mesmo tempo também a produz artisticamente. Toda obra de arte apresenta um duplo caráter em indissolúvel unidade: é expressão da realidade, mas ao mesmo tempo cria a realidade, uma realidade que não existe fora da obra ou antes da obra, mas precisamente apenas na obra. (KOSIK, 2011, p. 128).

Contudo o valor artístico da realidade criada pela arte permanece mesmo com o desaparecimento do seu mundo histórico e funções sociais. Kosik (2011) pergunta o porquê dessa permanência e responde que na obra de arte a realidade fala ao homem.

> A partir de um palácio renascentista é possível fazer induções sobre o mundo renascentista; por meio do palácio renascentista é possível adivinhar a posição do homem na natureza, o grau de realização da liberdade individual, da divisão do espaço e a expressão do tempo, a concepção da natureza. A obra de arte, contudo, exprime o mundo enquanto o cria. Cria o mundo enquanto revela e verdade da realidade, enquanto a realidade se exprime na obra de arte. (KOSIK, 2011, p. 131)

Assim, a obra de arte é o resultado da unidade da subjetividade e da objetividade produzida pelo homem. A arte que é privada de subjetividade ou de pressupostos materiais é uma miragem

vazia, sendo a essência do homem são a unidade entre estas duas substâncias, segundo Kosik (2011, p. 127). Porém na sociedade capitalista moderna a subjetividade e a objetividade se tornaram independentes. De um lado a realidade da obra de arte, como mera subjetividade e do outro, a sua objetividade reificada.

> Se considerar a realidade social em relação à obra de arte exclusivamente como as condições e as circunstâncias históricas que determinaram ou condicionaram a origem da obra, a obra em si e a sua qualidade artística tornam-se algo inumano. Se a obra é fixada apenas como obra social, predominantemente ou exclusivamente não forma de objetividade reificada, a subjetividade será concebida como algo associal, como um dato condicionado, porém não criado nem constituído pela realidade social. Se concebe a realidade social em relação à obra de arte como condicionalidade do tempo, como historicidade da situação dada ou como equivalente social, cai o monismo da filosofia materialista e no seu lugar se introduz o dualismo da situação dada e dos homens: a situação coloca as tarefas e os homens reagem a elas. (KOSIK, 2011, p. 132).

A produção e discussão artística assumem a dinâmica de resgate da cultura e seus valores em uma dinâmica de relação com o trabalho, de acordo com Para Kosik (2011):

> [...] na grande arte a realidade se revela. A arte, no sentido próprio da palavra, é ao mesmo tempo desmistificadora e revolucionária, pois conduz o homem desde as representações e os preconceitos sobre a realidade, até à própria realidade e à sua verdade. Na arte autêntica e na autêntica filosofia revela-se a verdade da história: aqui a humanidade se defronta com a sua própria realidade. (KOSIK, 2011, p. 130).

A partir do estudo das transformações da arte no sistema capitalista é possível entender o lugar da imagem dentro das relações sociais, além da produção subjetiva do homem diante da produção objetiva da sociedade capitalista. A representação da realidade produzida pelo artista em sua obra é modificada a partir da transformação do trabalho, como ato de criação, para algo repetitivo e alienante. A arte no sistema capitalista passa a ter 'valor de troca', deixando assim de ser a somente a representação da subjetividade e das experiências humana.

3. A educação audiovisual

"Professor, hoje não vai ter aula? Vai ser só filme?". Esta é uma pergunta bastante frequente na sala de aula. O cinema como mero entretenimento, como um "tapa buraco" de aulas e também como mera ilustração de determinados conteúdos transmitidos: essa é uma frequente realidade que enfrentamos quando pensamos nos usos do audiovisual na escola. Com a "boa intenção" de ilustrar determinado conteúdo, os professores apresentam um filme, e, muitas vezes, o discutem desconsiderando sua linguagem e sua produção e reprodução enquanto elementos artísticos. Pensar o audiovisual sem esses aspectos é desconsiderar uma discussão que perpassa conceitos como "Indústria Cultural", "fetiche da mercadoria", "sociedade do espetáculo" e "cultura do consumo" tais conceitos ocultados acabam resultando no fascínio e sedução fáceis de um mundo onde as imagens cada vez mais têm se tornado autônomas em relação à riqueza que são capazes de construir nas relações com desvendar da sociedade em seus diferentes aspectos.

A utilização da imagem, sobretudo do cinema, na educação não é uma novidade e, com o avanço dos recursos tecnológicos, essa que era só uma possibilidade, está se concretizando na maioria das escolas. Experiências do cinema e do audiovisual no campo da educação tem aumentado sob diferentes formas de inserções nas escolas: inseridas diretamente no currículo; formação técnica na área; projetos de Ongs e de extensão de universidades que se inserem no contra turno do currículo; e políticas públicas. A questão, entretanto, é a maneira como essa incorporação vem sendo realizada, pois a análise meramente conteudística e o fetiche pela técnica contribuem para ocultar as relações que estão para além do visível e do aparente.

Nesse sentido, a estética e a linguagem específicas dessa arte não podem ser vistas separadas daquilo que é mais imediato, o conteúdo. A imagem utilizada em um contexto pedagógico deve

provocar questionamentos para se refletir sobre o real, entendendo de maneira dialética a relação entre forma e conteúdo. Vale lembrar que o fetiche tecnológico trazido pelas novas formas de produção de imagens não é somente um impulso do aluno, mas, também, do professor. Muitas vezes, escuta-se: "Eles são da geração da tecnologia, da imagem, da internet, sabem mexer em tudo. Produzem vídeos e colocam tudo no *YouTube*. Por isso, temos que utilizar essas ferramentas, que tornam o conteúdo mais atraente". Em outros casos: "O trabalho final da disciplina vai ser um vídeo porque é fácil e os alunos gostam de fazer isso".

Os professores, quando optam pela utilização do audiovisual, têm uma intenção pedagógica, mais preocupada com o conteúdo dessas produções do que com um estudo epistemológico desse novo objeto. A consequência desse processo é a homogeneização das imagens e uma reprodução da linguagem dominante da indústria cinematográfica que dificulta uma reflexão sobre aquilo que é apresentado.

Nessa perspectiva, deve-se propor uma forma de romper com o olhar naturalizado pela experiência audiovisual proposta pelos meios de comunicação de massa, estimulando assim, a saída dos espectadores (alunos e professores) da zona de conforto propiciada pelas imagens produzidas nesses espaços. Nessa direção, são discutidas aqui as possibilidades de se pensar o cinema e a arte como elementos culturais de uma educação para uma formação humana e integral.

A educação audiovisual do aluno implica diretamente uma educação do olhar como crítica da imagem, bem como um aprendizado da linguagem audiovisual através de um processo coletivo de produção que inclui construção do argumento e roteiro através de pesquisa, filmagem, produção e edição. Cabe ressaltar que a linguagem audiovisual proporciona ao aluno um conhecimento acerca das interfaces entre comunicação, informação e história, a partir de uma educação baseada na técnica, no olhar e na crítica, além de estimular novas formas de comunicação.

Há uma necessidade de criar na escola um ambiente que permita a discussão crítica sobre a imagem e consequentemente a produção de um "novo olhar" por parte do aluno e dos próprios professores, sobre as imagens e seu papel na sociedade contemporânea. Migliorin (2010) caracteriza bem essa opção, como a busca por não ensinar isso ou aquilo a partir do cinema, mas o abandono, a potência, o estranhamento, a instabilidade da criação.

> Na escola, o cinema se insere como potência de invenção, experiência intensificada de fruição estético/política em que a percepção da possibilidade de invenção de mundos é o fim em si. (...) O cinema não se encontra na escola para ensinar algo a quem não sabe, mas para inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva, colocando diversas idades e vivências diante das potências sensíveis de um filme. (MIGLIORIN, 2010, p. 108).

A potencialidade da Educação Audiovisual parte também da concepção de Benjamin (1987 apud GRAÇA, 1997), retiradas das experiências de Brecht no teatro, o cinema, assim como os meios de comunicação em massa, poderia ser usado para "refuncionalizar", ou seja, reaproveitar a "capacidade comunicativa e produção extensiva da Indústria Cultural, em uma intenção educativa e conscientizadora, contra a própria dominação e alienação capitalista" (BENJAMIN, 1987 apud GRAÇA, 1997, p.16). Uma educação que permitiria usar dos próprios produtos culturais para questioná-los e criticá-los, fazendo também assim uma crítica não somente a cultura e sim toda a estrutura da sociedade capitalista industrial.

> O desejo do homem de se desenvolver e completar indica que ele é mais do que um indivíduo. Sente que só pode atingir a plenitude se apoderar das experiências alheias que potencialmente lhe concernem, que poderiam ser dele. E o que um homem sente como potencialmente seu inclui tudo aquilo de que a humanidade, como um todo, é capaz. A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias. (FISCHER, 1987, p. 13).

Outra potencialidade pedagógica do audiovisual é marcada com o cineasta Glauber Rocha (1939-1981) que considerou o cinema como uma manifestação cultural da sociedade industrial transformando um problema estético em um impasse social. Um reflexo de uma determinada

sociedade na qual alguns artistas abriram espaços de ruptura com o tempo histórico. Segundo Horkheimer, citado por Benjamin (1994) no texto "Sobre o conceito da História", para o revolucionário, o mundo sempre foi maduro: o imperativo de dar fim ao horror estava em cada instante de atualidade. Ou seja, "a transformação radical da sociedade, o fim da exploração não são uma aceleração do progresso, mas um salto para fora do progresso" (BENJAMIN, 1994, p. 99).

Glauber produziu um cinema como instrumento de análise da história na qual privilegia o homem e não o lucro e que não desvincula a ideia de educação em uma perspectiva revolucionária, através da estética e apoiada em duas concepções concretas de cultura, a épica e a didática. Estas formas devem funcionar simultaneamente e dialeticamente para um processo revolucionário. "A didática sem a épica gera a informação estéril e degenera em consciência passiva nas massas e em boa consciência nos intelectuais. A épica sem didática gera o romantismo moralista e degenera em demagogia histérica" (ROCHA, 2004, p.100).

Para Rocha (2004), a didática será cientifica e significa alfabetizar, informar, educar, conscientizar as massas ignorantes, as classes médias alienadas. A épica provoca o estímulo revolucionário, sendo prática poética que terá que ser revolucionária do ponto de vista estético para que projete revolucionariamente seu objetivo ético.

> Demonstrará a realidade subdesenvolvida, dominada pelo Complexo de impotência intelectual, pela admiração inconsciente de cultura colonial, a sua própria possibilidade de superar, pela prática revolucionária, a esterilidade criativa. A épica, precedendo e se processando revolucionariamente, estabelece a revolução como cultura natural. Arte passa a ser, pois, revolução. Neste instante, a cultura passa a ser norma, no instante em que a revolução é uma nova prática no mundo intelectualizado. (ROCHA, 2004, p. 99).

O cinema estaria ligado a individualidades dos artistas que participaria pelo mesmo projeto estético, sociológico e ideológico, reflexo do cinema de autores. Para Glauber, as individualidades remeteriam aos indicadores socioculturais e políticos para compreensão de toda uma época e da existência de um movimento artístico. Porém, é preciso construir através destas individualidades uma realidade que não é um sistema estruturado em si, mas uma totalidade histórica socialmente construída. Dessa forma podemos entender o cinema na sua dimensão política e a sua relação com as políticas públicas.

O cinema tem a sua potencialidade política desde sua origem devido primeiramente a sua relação intrínseca do cinema com a realidade e também a sua "obrigatoriedade", segundo Benjamim (1994), de ser reprodutível. Segundo o autor a obra de arte sempre foi reprodutível em sua essência, porém com a reprodução técnica da obra a arte passa a representar um novo processo com uma intensidade crescente.

> Nas obras cinematográficas, a reprodutibilidade técnica do produto não é, como no caso da literatura ou da pintura, uma condição externa para sua difusão maciça. A reprodutibilidade técnica do filme tem seu fundamento imediato na técnica de sua produção. Esta não apenas permite, da forma mais imediata, a difusão em massa da obra cinematográfica, como a torna obrigatória. A difusão se torna obrigatória, porque a produção de um filme é tão cara que um consumidor que poderia, por exemplo, pagar um quadro, não pode mais pagar um filme. O filme é uma criação da coletividade. (BENJAMIN, 1994, p. 172).

Podemos essa relação política na história do cinema mundial e brasileira. No início do século XX, o público do cinema nos Estados Unidos era basicamente de imigrantes europeus, consequência da elevação de índices de imigrantes no país. Nesse momento o cinema passa a se tornar cada vez mais um negócio rentável e também usado não somente como entretenimento, mas também como meio informativo para os imigrantes sobre as leis e a moral do "*amercican way of life*" (CAPISTRANO, 2003).

Ao longo da história brasileira, podemos ver que em alguns momentos históricos que o cinema foi apropriado principalmente com viés político. Em 1932, o decreto n.21240 (4/4/1932) nacionalizava o serviço de censura dos filmes cinematográficos, na qual nenhum filme poderia ser exibido sem um certificado do Ministério da Educação e Saúde Pública. A função educativa do cinema

surgidas em políticas inicia-se mais fortemente no Brasil com a criação pelo presidente Getúlio Vargas, do INCE, Instituto Nacional do Cinema Educativo em 1937, em um contexto que educadores começam a debater e defender o cinema educativo como uma ferramenta para auxiliar o professor no ensino e também como instrumento de ação social (BARRENHA, 2015). O INCE visava promover e orientar o uso do cinema como auxiliar do ensino e na difusão cultural na perspectiva de construção de uma identidade nacional. Mais recentemente a Lei no 13.006/14 que torna a exibição de filmes nacionais obrigatória nas escolas de ensino básico, no mínimo, duas horas mensais, o que exige que as práticas escolares nesse campo sejam repensadas.

Em uma sociedade onde a influência imagética atua em quase todas as esferas do cotidiano, é preciso questionar as condições em que os jovens podem construir seu próprio olhar, bem como as condições em que a juventude seria apenas reprodutora ideológica da imagem espetacular. Pensar e propor um lugar de crítica, discussão e produção de imagens na escola, tendo como pressuposto a construção do próprio olhar do aluno, garantido um processo de formação marcado pela autonomia e emancipação social.

A potencialidade questionadora, transformadora e revolucionária da reflexão e da produção cultural, e em especial o cinema, podem possibilitar uma nova forma de ler do mundo, reinterpretá-lo e agir sobre ele, propondo uma nova forma de se pensar a realidade contemporânea. A crítica da cultura se faz necessária para uma formação humana plena, capaz de pensar saídas criativas e imaginativas através da sensibilidade que se colocam como sujeitos ativos na construção de seu mundo.

Considerações finais

Como libertar os jovens do fetiche da imagem? A resposta perpassa primeiramente por uma educação audiovisual enquanto linguagem, conhecimento, experiência e compreensão do mundo. A discussão e o reconhecimento da existência da pobreza da experiência e de imagens naturalizadas na sua dimensão deformadora ou semiformadora[2] passa a ser necessária como um dos pontos de partidas nessa concepção.

Historicamente o cinema e o audiovisual sempre estiveram presente no ambiente escolar através da utilização de filmes pelos professores em suas aulas seja como material "ilustrativo" de um período histórico para uma apresentação de conteúdo de uma maneira mais "atrativa", ou como entretenimento durante as aulas ou em horários vagos. Mesmo com o aumento nas discussões e pesquisas que possibilitaram problematizar a relação do cinema e audiovisual com a educação, o uso meramente ilustrativo continua impulsionando em grande parte do cotidiano escolar.

Com o aumento do uso da linguagem audiovisual como recurso pedagógico dentro das salas de aula faz-se necessário conhecer o processo de produção do audiovisual, suas técnicas, sua história, sua narrativa e linguagem, bem como discutir a intencionalidade da construção de determinadas representações sociais da realidade, além do fenômeno da transformação do conhecimento histórico em imagem.

Ao mesmo tempo necessitamos lançar um olhar crítico para as imagens, rompendo com a naturalização, o que pode ser feito quando se reconhece a necessidade de incorporar a discussão da cultura no âmbito da escola. O próximo passo, possivelmente, é fazer surgir o novo, é criar, entendendo que não há um uso de fórmula pronta.

---

[2] Essa palavra remete ao conceito de semiformação, definido por Adorno (2018). A seminformação é entendida como uma espécie de semicultura com características unidimensional, limita e atomizada. A semiformação simplifica os conteúdos complexos e converte a cultura em um valor, servindo com que os indivíduos se adaptassem a vida real mais conformados.

Referências

ADORNO, Theodor. **Teoria da semicultura.** Disponível em <http://www.educacaoonline.pro.br/art_teoria%20da%20semicultura.asp?f_id_artigo=5 23> Acesso em: 30 jun. 2018.

BARRENHA, Natalia. **A função educativa do cinema e o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) no governo de Getúlio Vargas.** Disponível em https://duasoutrescoisasqueeuseidele.wordpress.com/2015/10/29/a-funcao-educativa- do-cinema-e-o-instituto-nacional-de-cinema-educativo-ince-no-governo-de-getulio- vargas/. Acesso em 05 jun. 16.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7.ed.São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAPISTRANO, Tadeu. **A tração do olhar: cinema, percepção e espetáculo.** In. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj. 2005. Rio de Janeiro. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1659- 1.pdf. Acesso em 06 fev. 16.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte.** Trad. Leandro Konder. 9.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

GRAÇA, Marcos da Silva. et all. **Cinema brasileiro: três olhares.** Niterói: EDUFF, 1997.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. 2.ed. 9a reimpressão. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.

MIGLIORIN, Cezar. Posfácio: Cinema e escola, sob o risco da democracia. **Revista de Educação Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9. jan. /jul. 2010, p.104-110.

ROCHA, Glauber. **Revolução do Cinema Novo.** São Paulo: Cosac Naify, 2004. (CAPISTRANO, 2003).

SINGER, Ben. **Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular.** In. SCHWARTZ, Vanessa; CHARNEY, Leo (org). O cinema e a invenção da vida moderna. Trad. Regina Thompson. 2.ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p.95-123.

DA REALIDADE À FICÇÃO:

UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PRODUÇÃO DE CURTA-METRAGEM

Rosa Coitinho[1]

Vilsiane Pereira[2]

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, realizada com estudantes da E.M.E.F. Álvaro Luis Nunes, pertencente à rede municipal de ensino de São Leopoldo. A pesquisa investigou, a partir da perspectiva dos estudantes, quais aprendizagens obtiveram durante a produção de curtas metragens. A análise das entrevistas, fundamentada em Foucault, evidenciou que há quatro categorias de aprendizagens, entre elas: a relação do trabalho cooperativo, o reconhecimento das técnicas de filmagem como aprendizados possíveis de serem desenvolvidas em uma profissão, a validade do assunto escolhido, a empatia com os sentimentos dos demais.

Introdução

A produção de filmes curta-metragem estudantil no município de São Leopoldo iniciou no ano de 2015, a partir do projeto São Léo em Cine, idealizado pela Professora Eliane Candido. Já neste ano a E.M.E.F. Álvaro Luis Nunes, ou escola Alvinho, como é carinhosamente chamada pela comunidade escolar, participou com a produção de filmes.

A partir do primeiro ano de produção de curtas, muitas situações de aprendizagens foram vivenciadas tanto por parte das professoras, quanto dos educandos. O caminho da construção do conhecimento nem sempre é fácil e muito menos apresenta-se organizadamente estabelecido com pedras amarelas, como o encontrado por Dorothy em "O Mágico de OZ". Isto quer dizer que a aprendizagem é o resultado de muitos erros e acertos, muitas tentativas, algumas desistências, ou seja, uma dança constante entre assimilar e acomodar de acordo com Piaget (in Munari: 2010).

A relevância desta pesquisa funde-se com o exercício da docência nas relações estabelecidas cotidianamente com os estudantes, uma vez que sua importância reside na validade pedagógica da produção dos filmes, das possibilidades de construção de conhecimento, de constituição dos sujeitos envolvidos durante a produção destes audiovisuais.

Acreditamos que produzir filmes estudantis implica na aproximação entre educador e educando de forma dialógica, cooperativa e em ações compartilhadas e decididas em comum acordo. Logo, as aprendizagens produzidas por ambos os envolvidos e (re) significadas ao serem verbalizadas, vão muito além de uma simples produção escolar, em que descobre também sobre roteiro, direção, continuidade de cenas, fotografia, locação, enfim, todo aparato técnico e tecnológico necessário para que a obra se efetive. Envolve também criar espaço de troca, perceber as motivações e as principais influências na história de vida do estudante que ele ou seu grupo considera importante evidenciar na produção audiovisual, estabelecendo deste modo uma relação dialógica, viabilizando

[1] Professora de Artes na E.M.E.F. Álvaro Luís Nunes, pertencente à rede municipal de São Leopoldo. Licenciatura Plena em Educação Artística_ Artes Plásticas (FEEVALE), pós graduação em Projetos Sociais e Culturais (UFRGS).

[2] Professora curricular na E.M.E.F. Álvaro Luís Nunes, pertencente à rede municipal de São Leopoldo. Formação: Pedagogia (UFSM), especialista em educação infantil (UFRGS).

sobretudo a produtividade acadêmica pautada numa relação de confiança dos estudantes em relação à docente.

Deste modo, é fundamentalmente necessário exercitar a escuta a respeito das ideias e sugestões cinematográficas destes sujeitos, auxiliando-os a compilar essa colcha de vontades e de criatividade. Essa escuta aproxima professor e estudante, dá sentido à vida escolar para ambos, torna a iniciativa, o fazer e a acabativa[3] com sentido, consentido e contribui para que se aplique o conhecimento desenvolvido dentro e fora da esfera escolar.

Considerando essas aprendizagens nascidas no decorrer e a partir da produção dos vídeos estudantis apresentamos este artigo, cujo intuito é divulgar os resultados da pesquisa realizada com os estudantes, sob a forma de entrevista e assim contribuir para a compreensão das contribuições pedagógicas da produção audiovisual sob a perspectiva dos estudantes do ensino fundamental.

Esta pesquisa é de natureza básica, do tipo exploratória, de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso e foi realizada com estudantes do ensino fundamental da E.M.E.F. Álvaro Luis Nunes, envolvidos na produção de filmes curta-metragem produzidos na escola durante o ano de 2017.

Curta na escola_ referencial sobre Escola, mídias e aprendizagens

O desafio da instituição escolar na contemporânea em relação à mídia está justamente em se atualizar ao seu tempo. Não há como deixar de considerar a influência dos meios tecnológicos, através das diferentes mídias, no dia-a-dia escolar. Exemplos cotidianos como o estudante que esqueceu o dicionário e pergunta se pode utilizar o que está presente no celular ou ainda compartilhar com a docente um vídeo que assistiu e lembrou-se de determinada situação de aprendizagem vivenciada na escola, evidenciam que há uma relação entre escola, mídia e aprendizagem de uma forma muito mais intrínseca e que muitas vezes insistimos em não admitir ou aceitar.

Isto não significa dizer que a instituição escolar deve aderir ou incorporar determinados recursos tecnológicos apenas porque está presente em nossas vidas, mas, isto sim, que nós docentes temos que constantemente avaliar as implicações pedagógicas do uso das diferentes mídias. Afinal, embora com uma roupagem nova, a escola que se quer parte do princípio de que a criticidade do sujeito está em ter acesso a informação, através das diferentes mídias, e a partir do uso destas, saiba realizar uma eleição do que é necessário, descartável ou fundamental para a sua leitura de mundo, para seu crescimento intelectual e pessoal, bem como para sua atuação enquanto sujeito, histórico, cultural e social.

Neste sentido, Dorigoni e Silva (2009) afirmam que:

> Para efetivar a aplicação das tecnologias de informação e comunicação na escola, após a constatação de sua importância e necessidade, é preciso criar conhecimentos e mecanismos que possibilitem sua integração à educação evitando o deslumbramento ou o uso indiscriminado da tecnologia por si e em si. Portanto, é imprescindível enfatizar o cunho pedagógico em detrimento das virtualidades técnicas, fugindo do discurso ideológico procedente da indústria cultural. (DORIGONI; SILVA, 2009, p. 07).

Assim, a produção de curtas metragens na escola envolve várias possibilidades de aprendizagens no processo educativo dos estudantes do ensino fundamental, pois, requer a realização de pesquisa desde a sua pré-produção, ou seja, o como fazer, com o que fazer, onde, quando e quantas pessoas estarão envolvidas. Deste modo, o momento de organizar a produção do curta-metragem é envolto por possibilidades de aprendizagens que se referem ao desenvolvimento de competências quanto a organização do trabalho em equipe, quanto ao comprometimento e responsabilidade de cada

[3] **Acabativa é o termo cunhado pelo consultor de empresas Stephen Kanitz** e refere-se a capacidade que algumas pessoas tem de concluir o que iniciaram ou finalizar o que outras pessoas começaram e deixaram por finalizar. Fonte: https://www.significados.com.br/acabativa.

um com o seu grupo, assim em relação ao vínculo de confiança entre os membros do grupo. Outro grupo de aprendizagens está inserido no contexto prático da produção e envolve a percepção técnica a respeito da atuação (entonação de voz, linguagem corporal), da direção dos atores, atrizes e figurantes, bem como manipulação da câmera e programas de edição.

Assim, a relação entre mídias e aprendizagens no contexto escolar está muito mais dependente da escolha didático-pedagógica atribuída por parte da professora (ou professor) à mídia do que pelo uso da mídia pelo educando. Conforme Candido (2015):

> Portanto, o professor precisa manter-se atualizado para acompanhar a nova visão de educação exigida neste Terceiro Milênio, na qual o aluno é sujeito de sua aprendizagem e capaz de processar conhecimentos se tiver como aliado uma pessoa igualmente comprometida em modernizar-se.
> Dessa forma, as tecnologias podem ser vistas como um instrumento que proporciona uma nova maneira de trabalhar na educação favorecendo a construção do conhecimento, a troca de informações e as novas aprendizagens; não somente informatizar a escola ou fazer o aluno aprender informática. (CANDIDO, 2015, p. 138).

Logo, o conhecimento tecnológico pelo docente, bem como o reconhecimento, a convicção genuína dos usos e possibilidades pedagógicas destas diferentes formas de mídias, enquanto instrumentos de aprendizagens, de produção de conhecimento, geram um novo discurso sobre a escola que a identificam não mais como uma instituição informatizada, o educador como o instrutor e o educando como aprendiz de tecnologia. Os sujeitos escolares E, isto sim, identifica estes sujeitos como construtores de conhecimentos, em que cada um reconhece a sua autoria e a escola como mediadora de aprendizagem. Não se trata de ver os sujeitos (professor, aluno e instituição escolar) de outra perspectiva, trata-se, isto sim, de estes próprios sujeitos, a partir das suas ações e discursos, se produzirem com diferentes significados e assim serem entendidos com outro viés.

Da vivência às telas_ contextualizando os sujeitos da pesquisa

A produção dos vídeos estudantis iniciou em 2015 na E.M.E.F. Álvaro Luis Nunes com apoio da equipe diretiva a partir do Projeto São Léo em Cine. Incentivados pela professora Rosa Coitinho, as turmas do ensino fundamental II (especialmente as turmas dos 8º e 9º anos, turmas para as quais lecionava neste ano letivo) iniciaram suas primeiras incursões na produção audiovisual.

Inicialmente muitos estudantes queriam participar, questionavam se poderiam abordar em seus vídeos assuntos como racismo, violência doméstica, abuso sexual, relacionamentos afetivos, enfim, situações que de algum modo os inquietavam. As questões que se seguiam versavam sobre como poderiam fazer, como traduzir ideias em imagens, com qual equipamento filmar, como editar, enfim, questões técnicas e importantes, visto que não são recursos disponíveis na escola.

Durante o período de organização de ideias muitos grupos se formam e se destituem também, como num balé próprio das artes. Entretanto, um movimento harmônico e bastante interessante define estas diferentes formações de grupos, de parcerias de estudantes que efetivamente se comprometem (ou se descomprometem) durante o caminho percorrido para se chegar ao final do filme. Ou seja, durante o processo de criação e produção, existente entre o início e fim dos curtas, os grupos que finalizaram os filmes eram movidos por roteiros que abordavam suas histórias de vida ou a de um colega.

Neste sentido, percebemos que a produção dos curtas foi e é também uma possibilidade de catarse para os estudantes, possibilidade de reflexão, de reelaboração da própria história vivida, e se o discurso nos produz, considerando Foucault, é possível sim que estes adolescentes produzam uma nova forma de si a partir de uma nova roupagem no seu discurso, a partir da interpretação da mesma história em uma diferente linguagem, que é a produção de curta-metragem, entretanto, revivê-la

agora em um ambiente seguro (emocional e físico), da perspectiva do expectador. Criando assim com o filme produzido, com a personagem uma espécie de alterego.

Além disso, torna possível esse exercício saudável e necessário que é revisitar o passado e repensar o presente para que haja reflexão e ação consciente em relação ao futuro de cada um enquanto sujeito social, ser pensante, sujeito que sente (amor, raiva, irritação, indignação, angústia) e que muitas vezes não sabe o que fazer com este sentimento, como conviver ou mesmo controla-lo.

Metodologia da Pesquisa

Para realizar este estudo o caminho metodológico escolhido foi a pesquisa qualitativa, pois o objetivo da pesquisa é compreender o sujeito em seu entrelaçamento com o objeto. Logo, ouvir dos estudantes a respeito de suas aprendizagens a partir da produção dos audiovisuais.

Em relação ao método, optamos pelo não-experimental, uma vez que nosso foco durante as entrevistas era o de compreender quais as aprendizagens dos estudantes, interferindo o mínimo possível durante a entrevista. Segundo Oliveira (2010, p.5) "O estudo de caso deve ser aplicado quando o pesquisador tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, particular".

Amostra para o estudo foi selecionada a partir do total de participantes que estavam envolvidos na produção dos curtas-metragens (roteiristas, figurantes, ator, atriz principal, editor, diretor de fotografia), bem como do interesse e disposição destes em conceder a entrevista. Utilizamos como técnica de pesquisa a entrevista semiestruturada e o gravador como recurso tecnológico para a coleta de dados dos entrevistados. O tratamento dos dados obtidos centrou-se categorias por relevância teórica de repetição nas entrevistas.

Para a interpretação das entrevistas fundamentamos a análise em Foucault, observando as modalidades enunciativas propostas pelo autor, observando, neste sentido quem fala, de que lugar fala, a relação do sujeito com o objeto. Conforme Azevedo (2013, p.157) realizaremos a nossa análise analisando o conjunto de enunciados e seu sentido relacionado ao contexto em que estão sendo produzidos, ou seja, "Ao invés de trabalhar com as unidades tradicionais de teoria, ideologia ou ciência, preferiu designar como discurso, conjunto de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras. O que para o autor interpreta por prática discursiva. "

Deste modo a análise das entrevistas consistiu primeiramente de realizar a transcrição das entrevistas e organizar os enunciados em quatro categorias que não são distintas, mas sim que se complementam e se relacionam no contexto de produção dos filmes curta-metragem.

Do lugar que o sujeito fala_ contextualizando os sujeitos da pesquisa

A pesquisa contou com a entrevista de dez estudantes do 3º ano e do 7º ao 9º, com idades entre 9 e 14 anos. Aos estudantes foi realizada a pergunta: o que você considera que aprendeu com a produção do curta-metragem?

A maioria dos estudantes evidentemente sem jeito para afirmar com convicção as suas aprendizagens timidamente foram percorrendo novamente o caminho de construção de conhecimento descrevendo fatos que consideraram importantes durante a gravação dos audiovisuais.

A parir da transcrição das entrevistas elegemos quatro categorias de análises que apresentam de um lado área de aprendizagem e do outro a aprendizagem implícita, aquela que o discurso revelou. A seguir as categorias, os fragmentos dos enunciados e a aprendizagem implícita.

Áreas de aprendizagens	Fragmentos dos alunos	Aprendizagem implícita
Social_trabalho em equipe, cooperação,	"a gente ia gravar não veio quase ninguém que era pra vim e não conseguimos terminar. Eu pegaria pessoas que eu sei que iam vir e não iriam faltar." "É que muita gente não colabora sabe sora, a gente marca de ir num lugar e ninguém vai. A gente vê na novela é assim. A minha prima também é assim. Eles gostam de gastar." "Só que a nossa dificuldade é que tinha dias que a minha mãe não deixava eu ir na casa dos que eu precisava ir e os pais dos outros também não deixavam eles vir na minha casa. Por trás da rede." "responsabilidade"	Responsabilidade Comprometimento
Das relações de poder entre o eu e o outro	"Gente não gravou o curta porque a gente teve uma ideia e a gente achou que não ia dar certo, que não ia ter nada a vê, que a gente, porque todos os curtas ensinavam alguma coisa o nosso não ia ensinar nada, só ia ser rico versus pobre".	Reconhecer a validade das suas propostas.
Relações de poder entre recursos materiais e recursos internos	"As cenas basicamente foram todas gravadas na escola, mas tinha algumas que a gente precisava na internet e não tinha como usar aqui na escola não dava pra usar". "pode até se tornar uma profissão e a gente aprendeu várias técnicas importantes." "aprendi a gravar, agora quando eu quiser vou fazer os meus filmes". "agora eu entendi que eu posso fazer também"	Sentir-se autorizado a fazer
Relações sociais	"é o que a gente passou pro público, conseguiu passar que era sozinha né, a tristeza o que diariamente muitos de nossos colegas, a gente não vê, mas eles passam por isso." "foi pra ver que assim como eu vou ficar mais velha também né. Eu vi que os professores sofrem né". "é importante pras pessoas se abrirem e mostrarem o que elas sentem." "superar um trauma"	Relação de Empatia, altruísmo com a dor do outro

Ao analisar os enunciados muitas vezes nos remetemos a Larrosa Bondía quando diz que (in CINEAD LECAV: 2017) " Eu tenho a sensação que quando o curso acaba é quando alguma coisa interessante começa...o fim não é outra coisa senão o princípio...". Ao transcrever as entrevistas, ao analisar o tom de voz que o/a estudante usa para relembrar determinada aprendizagem tem-se claramente a impressão de que agora está se iniciando algo interessante, agora é o momento em que há o início da aprendizagem, de saber, de conhecer.

Em relação às categorias de análise a primeira que surgiu nos diferentes enunciados foi a questão das dificuldades dos trabalhos em grupo, da participação efetiva, da regularidade nas gravações, do comprometimento com o trabalho a ser desenvolvido. Interessante observar que nos grupos que tiveram este problema evidencia-se também a construção unilateral do roteiro. A maioria dos participantes emergem com as suas atitudes um enunciado de não pertencimento, negando-se a si acabam negando o objeto que os rejeita, que os toma como menos importante por não considerar a sua voz, por não ouvir sua opinião.

Outra categoria bastante interessante está situada na relação de poder entre o eu e o outro. O lugar de quem fala e o discurso dominante. Houve dois grupos que desconsideraram a validade do tema abordado. Um dos roteiros versava sobre as interações nas redes sociais e outro roteiro versava sobre rico versus pobre, cujas narrativas desejavam evidenciar as diferenças de comportamento, de

consumo, de estilos de vida. Os estudantes relataram que desistiram da produção porque acreditaram que sua produção, em comparação com outras produções, não iria ensinar nada.

As relações de poder estabelecidas entre o sistema social enquanto instituição que permite e que limita, bem como a limitação advinda do outro, mesmo que silenciosa, mesmo que atribuídas pelo próprio sujeito limitado aparecem na terceira categoria de análise. Nesta categoria aparecem duas situações interessantes. O curta-metragem que não pode ser finalizado em função da limitação do recurso material, pois algumas cenas necessitariam ter internet com conexão *wi-fi*, ou seja, limitante externo. E o limitante interno emerge de frases como "pode até se tornar uma profissão e a gente aprendeu várias técnicas importantes", ou ainda, "aprendi a gravar, agora quando eu quiser vou fazer os meus filmes", evidenciando que do lugar de onde falam, isto é, do lugar do aluno, ainda não se sentiam autorizados, ainda não consideravam que havia conhecimento suficiente para produzir este tipo de material.

A última categoria, porém, não menos importante, relaciona-se com a destituição de poder, trata do reconhecimento do outro, de realizar um movimento empático e reconhecer o outro como importante na sua dor, na sua limitação, na sua interdição. A presença considerável de frases como "ajudar o outro", "não deixar a pessoa isolada" foi bastante expressiva. Essa categoria evidencia o processo interno de catarse que a produção dos curtas-metragens possibilitou a boa parte dos estudantes. Durante as entrevistas foi possível observar a projeção do sentimento de fragilidade da personagem em relação ao estudante que encena. Frases como "eu pensei que quando as pessoas vissem o filme, elas iam rir de mim". Ou "eu aprendi que tenho que ajudar, não deixar a pessoa sozinha" quando relata a participação da sua personagem no curta que trata sobre abuso sexual, evidencia as possibilidades de aprendizagens e o campo de abrangência que as produções audiovisuais com estes estudantes possibilitou.

Conclusão

Este artigo teve por objetivo divulgar os resultados do estudo de caso realizado a respeito das aprendizagens dos estudantes do ensino fundamental durante a produção de curtas-metragens, analisando esses saberes a partir da perspectiva dos estudantes envolvidos nas produções.

A pesquisa revelou, a partir da análise dos enunciados das entrevistas dos estudantes, que as aprendizagens são múltiplas e que se inscrevem na esfera das relações sociais e, por isto mesmo, apresentam-se como limitadas neste jogo de poder. Este jogo de poder hora se apresenta como falta de comprometimento de alguns colegas, outras vezes como falta de recursos materiais para realizar o que se precisa para contar a história, outras vezes se apresenta como uma autorização e reconhecimento formal do saber fazer e apresenta-se como destituição de poder do sujeito em relação ao outro, evidenciando o sentimento de empatia com a dor retratada em alguns curtas.

Em outras palavras, as aprendizagens são evidenciadas a partir das relações estabelecidas entre o eu e o outro, pode ser entendida nos relatos em que a ausência do colega no dia da gravação foi entendida como falta de responsabilidade do colega e que o grande aprendizado que ficou reside em escolher estudantes comprometidos, responsáveis, que estejam dispostos a trabalhar em equipe.

Outras aprendizagens dizem respeito ao saber fazer e/ ou sentir-se autorizado a fazer. Os relatos relativos a estas aprendizagens dizem respeito às questões técnicas de gravação de imagens, de edição, de elementos cênicos que enriquecem a narrativa cinematográfica.

A análise das entrevistas revelou que muitas aprendizagens se apresentam na pós-produção, aqui entendida como o momento de exibição do filme. É no momento em que o estudante se torna expectador da sua obra, da obra dos seus colegas, que a verdadeira mágica de assimilar e acomodar acontece. Neste instante, na maioria das vezes, há a retomada consciente das lições aprendidas a partir do produto gerado (o filme) ou do produto inacabado (o filme em que a equipe desistiu de produzir) e nos encontros acadêmicos que se seguem este conteúdo vem à tona como forma de relato.

Parar e exercitar uma escuta atenta dos estudantes envolvidos devolve-lhes o poder que eles têm atribuído ao contexto. Enquanto professora e pesquisadoras, percebemos que assim como é o tempo de aprendizagem do estudante, cada filme de curta metragem produzido é um desafio único. Mas que permite tornar-se o sujeito mais experiente. Como diz Robert McNamara no documentário Sob a névoa da guerra "aprenda com seus erros. Olhe para trás, analise o que foi feito, e tente não repeti-los. Se errar, erre diferente. "

Concordamos que a linguagem do cinema exige um cérebro treinado para multiprocessamento e uma capacidade de lidar com vários problemas ao mesmo tempo e temos convicção de que o primeiro desafio para a realização de um filme, no nosso caso, um curta-metragem é reunir pessoas entusiasmadas para realiza-lo. Fazer um filme é misturar habilidades diferentes, de pessoas diferentes, às vezes com personalidades muito diferentes, para contar uma história e ainda com os meios disponíveis naquele momento.

Realizar um filme de curta na escola é mais, muito mais que um desafio, pois vários fatores técnicos: Câmera fotográfica, microfones, iluminação, Um bom *Software* de edição, entre outros equipamentos são inexistentes no contexto escolar. Utilizam-se os celulares dos próprios alunos para filmagens das cenas. Além dos fatores técnicos, nos deparamos com o organizacional da escola, pois o professor além de dar conta do conteúdo de uma turma toda, ao mesmo tempo tem que se envolver em acompanhar os curtas que estão sendo realizados. Gerando assim, um desgaste físico e emocional, mas que no final se torna gratificante diante dos trabalhos realizados pelos grupos.

As aprendizagens ocorrem para todos os envolvidos neste processo de produção. Para os estudantes a possibilidade de descoberta dos jogos de poder que circundam nossas relações sociais com pessoas ou instituições. Para as professoras, o desafio de acreditar nas possibilidades de aprendizagens imersas na experiência de produzir um curta-metragem com os estudantes do ensino fundamental, sabendo que o caminho a ser percorrido envolve uma jornada dupla, isto é, dar conta dos conteúdos curriculares e da produção audiovisual com os estudantes.

Referências Bibliográficas:

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. **Formação discursiva e discurso em Michel Fo**ucault Revista Eletrônica Filogenese Vol. 6, nº 2, 2013. www.marilia.unesp.br/filogenese disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/saraazevedo.pdf

CANDIDO, E. B**. Internet na sala de aula: simples tecnologia ou importante recurso de aprendizagem?** In. VARGAS, D.; VICENTE, G.; EIDELWEIN, M. P. (Orgs). Educação com Tecnologias. Porto Alegre: Cidadela, 2015. p. 135-150.

CINEAD LECAV. Abcedário, com Jorge Larrosa Bondía. **vídeo** publicado em 10 de julho de 2017 disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5FtY1psRoS4

DORIGONI, Gilza Maria Leite. SILVA, João Carlos da Silva. **Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar.** Paraná: sem data de publicação Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_gilza_maria_leite_dorigoni.pdf

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa:** tipos, técnicas e características revista travessias: universidade federal do oeste do paraná v. 2, n. 3 (2008) disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122/2459

MUNARI, Alberto. **Jean Piaget** tradução e organização: Daniele Saheb. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores) disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4676.pdf

NOSSA ESCOLA FAZ CINEMA–OFICINA LUZ, CÂMERA, GUSMÃO.

Mariana Bueno F. F. De Fraga[1]
amigosdamari@yahoo.com.br

Resumo

O texto fala de como se deu a criação e as primeiras experiências audiovisuais da Oficina de Cinema- Luz, Câmera, Gusmão, na E.M.E.F. Professora Maria Gusmão Britto, no município de São Leopoldo. Dos primeiros trabalhos, a formação do grupo de alunos, das dificuldades para realizar um filme no ambiente escolar, até do atual momento, de conclusão de vídeos e reflexão das nossas conquistas.

Palavras–chave: Vídeo- Oficina de Cinema- Educação- Grupo- Escola- Curta-Metragem.

1. Introdução

Antes de falar da Oficina de cinema - Luz, Câmera, Gusmão, projeto extraclasse da escola Maria Gusmão Britto, gostaria de relembrar a nossa trajetória até esse ponto.

No ano passado, 2016, produzi dois curtas-metragens com meus alunos, dentro da minha disciplina, Teatro. Com esses filmes a escola participou do II São Léo em Cine – festival de vídeo estudantil de São Leopoldo, e do I Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil, na cidade de Pelotas. A participação no Congresso impulsionou a ideia de oferecer aos alunos uma oficina de Cinema no contra turno escolar para atender aqueles estudantes interessados em produzir filmes curta metragem, em trocar experiências e em construir um espaço de aprendizagem diferente do tradicional. Segundo Candido: "trabalhar com o audiovisual possibilita entretenimento, reflexão das temáticas, releitura de situações vivenciadas no cotidiano e de construção coletiva que fomenta diversas aprendizagens entre educandos e educadores" (CANDIDO, 2017, p. 1).

Assim, com o apoio da equipe diretiva, a qual organizou um horário na grade escolar para que eu pudesse atender os alunos, semanalmente num período de 1h e 50 minutos, a oficina de cinema tornou-se real.

2. Desenvolvimento

De início houve muita procura, alunos que eu não atendo na disciplina de Teatro, também, vieram, interessados em participar. Então, criamos dois horários para atender toda a demanda: Um pela manhã e outro à tarde com a mesma duração e encontros semanais.

Os trabalhos da Oficina começaram em final de março deste ano e integrou alunos dos 7°, 8° e 9° anos da escola citada acima. Esse grupo, que inicialmente era de 22 alunos, elaborou a primeira atividade.

---

[1] Trabalha na EMEF Professora Maria Gusmão Britto, localizada na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

O concurso cultural para a escolha de um símbolo que identificasse nossa oficina. Então, para incluir todas as turmas da escola, dividimos o concurso em duas modalidades: uma para os alunos maiores 6° a 9° ano e outra para os pequenos de 1° ao 5° ano. Neste último, fomos surpreendidos com a qualidade dos desenhos, tanto que vamos utilizar o desenho escolhido entre os pequenos, como molde para o troféu da nossa futura premiação.

A Segunda tarefa do grupo foi criar junto com a professora do laboratório de informática, o blog da oficina, com o objetivo de divulgar as nossas produções e promover votações populares como a realizada para a escolha do nosso símbolo.

O *blog* foi montado com a colaboração do grupo de alunos da oficina da tarde. Eles escolheram o layout da página, postaram os desenhos do concurso e os vídeos de animação sobre a Baleia Azul. Com o resultado do concurso, o desenho eleito foi utilizado no logotipo da oficina e na camiseta dos alunos que frequentam a escola no turno inverso.

O primeiro filme foi produzido em meados de abril, com o grupo da manhã. Na primeira conversa os estudantes escolheram a temática dos vídeos- O Jogo da Baleia Azul- assunto do momento nas mídias no início do ano. Então, por se tratar de um tema forte, sério e com consequências graves entre os jovens, optei em fazermos animações onde a personagem principal seria uma Baleia Azul. Para isso, utilizamos a técnica de *stop motion* com personagens confeccionados em E.V.A. (Ethil Vinil Acetat).

Com esse primeiro trabalho já teve desistências, pois a técnica de fotos requer paciência e atenção, pois se deve fotografar cada pequeno movimento da personagem, para depois fazer a edição das muitas imagens e, aí sim, ter um filme. Posso dizer que é um projeto "trabalhoso" que resultou em três vídeos outros três inacabados.

Nesses meses ouvia muito: - "Sora quando vamos fazer filme de verdade? Com a gente de ator". Percebi que a ansiedade da maioria era em acabar as animações e partir para os filmes em que eles pudessem atuar.

Portanto, com o grupo da manhã fechado em 15 persistentes alunos, escolhemos os assuntos dos filmes. Pedi que tentássemos falar de fatos que ocorrem no universo adolescente. Depois, de escritos os roteiros, votamos nos dois melhores, e dividi o grupo de acordo com a necessidade dos scripts: um abordava o *bullying* na escola e o outro falava de gravidez na adolescência.

No grupo da oficina da tarde decidimos por um único filme, onde o roteiro foi montado a partir de ideias dos estudantes. Este foi se moldando com assuntos pertinentes aos jovens, o uso excessivo dos celulares, as amizades escolares, relação com os pais e até um pouco de misticismo. Desta mistura saiu o filme Vício Adolescente.

Com os roteiros prontos, atores selecionados, seguimos para a etapa das gravações. Nela cada grupo escolheu seus cenários e captou as imagens com seus aparelhos celulares.

3. Resultados e discussões

Foi na fase de gravações que surgiram os primeiros problemas: o som não era audível em cenas gravadas na rua – as externas-, pois todos os vídeos foram filmados com celulares, já que não dispomos de câmera apropriada para os filmes, com isso a memória dos aparelhos lotava rapidamente, alguns espaços da escola tinham outros estudantes utilizando-os exatamente na hora da nossa oficina. E por fim, não podemos deixar de falar da ausência de atores nos dias de determinadas cenas. Todos esses elementos contribuíram para o atraso na conclusão dos vídeos do grupo da manhã em tempo hábil de inscrevê-los nos concursos de vídeos estudantis, aos quais tínhamos proposto no início do ano.

Ainda estamos em fase de edição e regravação de cenas que apresentaram falha no som. Toda essa situação foi um grande aprendizado tanto para os alunos, os quais tiveram que repensar todo o processo que envolve a execução de um filme, quanto minha que tive de lidar com a angústia de ver os prazos se expirando e não poder fazer mais do que alertá-los para tal situação.

Acredito que os estudantes aprenderam com esse episódio que cinema se faz em grupo, é um trabalho em equipe, onde se um ator/aluno, falta, todos os demais são afetados também. E que gravar cenas no celular não faz com que tenhamos um curta-metragem pronto, ainda tem a fase de edição de todo material captado.

Já, com o grupo da tarde o resultado foi diferente e conseguimos finalizar o primeiro curta dentro dos prazos para inscrevê-lo nos concursos desejados.

Talvez por serem alunos mais frequentes e produtivos, ou por conseguirmos ter a escola mais silenciosa nos horários de gravação. Esses alunos já estão fazendo outro curta.

Percebi que mesmo seguindo proposta idêntica nos dois turnos, cada oficina seguiu um ritmo diferente durante a produção dos filmes, mas o que é comum em ambas é o pouco tempo para os encontros. Em 1h e 50 minutos, fica difícil gravar as cenas e fazer uma boa edição, sem que se passem uns bons meses.

Outra questão observada é que mesmo com a falta de equipamentos adequados para a filmagem e edição (nossa escola não dispõe de editores de vídeo com mais recursos), a oficina está acontecendo. É um processo mais trabalhoso, mas não impede de realiza-lo.

Notei que aqueles alunos que desistiram da oficina, na maioria dos casos, eram os estudantes de 9° ano, os quais já fazem outras atividades extraclasses. E que o grupo mais frequente é dos alunos do 7° ano. Esses estudantes são mais envolvidos, participam, trazem materiais para as gravações e espero que possam ser os multiplicadores do nosso projeto no próximo ano. Desejo que eles dividam as experiências e os conhecimentos adquiridos ao longo desse período com os novos inscritos na oficina de cinema. Porque sim. Já temos lista de espera para novos alunos no ano que vem.

4. Referências

CANDIDO, Eliane. **O festival São Léo em Cine é amparado por Lei Municipal**. Roquette Pinto, n°1, Pelotas, 2017. Disponível em: wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/2017/03/16/corpo-editorial.

A LITERATURA COMO ALIADA DO CINEMA ESTUDANTIL

Andréa Rodrigues da Silva
EMEF JOÃO BELCHIOR MARQUES GOULART
byandrea@gmail.com

Diego Comerlato Walter
EMEF JOÃO BELCHIOR MARQUES GOULART
diegocomerlatow@gmail.com

Resumo

A Escola João Goulart vem proporcionando aos seus alunos, desde 2013, o aprendizado da cultura cinematográfica, através do projeto Oficina de Cinema JG. Além da produção audiovisual, estimula o exercício da leitura e a apresentação de obras literárias entre seus alunos durante a prática de vídeo estudantil.

Palavras-chave: Cinema. Literatura. Produção Audiovisual.

A oficina de cinema também utiliza como pilar o estímulo literário para a produção cinematográfica, não ficando focada apenas a montagens de livre criação. Busca-se que o incentivo à leitura, através das produções de cinema, contribua para a formação do leitor dentro do universo escolar. No ano de 2016, uma aluna do sétimo ano nos procurou para fazer um filme de um livro que ela encontrou na biblioteca. O livro em questão falava sobre *bulliyng*, assunto muito presente nas escolas. Menino Girafa e Menina Formiga, de Anna Claudia Ramos e Tiago de Melo Andrade, agradou boa parte da turma, principalmente por se tratar de uma história que conta o dia a dia de dois amigos atormentados por um grupo que se intitula "A turma dos Cinco".

Após a leitura do livro, a turma debateu sobre o tema, anotou alguns episódios de *bulliyng* presenciados ou sofridos por eles, e com esse material passamos a construir o roteiro.

Paralelo a isso, entramos em contato com os autores a fim de conseguir autorização para o uso da obra, ao que foi prontamente atendido pelos dois.

O curta então começava a ganhar forma. Filmamos totalmente na escola, com a participação de alunos e alguns professores. Como a menina que faria o papel principal do curta era mais alta que o menino, modificamos o título da produção para Menina Girafa e Menino Formiga.

Por ocasião da 62ª Feira do Livro de Porto Alegre, combinamos um encontro entre atores do curta e os autores do livro, para nos conhecermos e entregar o DVD com o trabalho pronto. Para os alunos foi uma experiência bem interessante, pois puderam mostrar aos autores a sua visão do livro.

Tiago de Melo Andrade, Anna Claudia Ramos e alunos do curta
Menina Girafa e Menino Formiga- Feira do Livro de Porto Alegre 2016

Inscrevemos o curta em alguns festivais de cinema estudantil e ele foi premiado no 15º Festival Nacional de Cinema Estudantil de Guaíba.

Premiação 15º Festival de Cinema Estudantil de Guaíba 2016 – Melhor curta e Melhor atriz

Já em 2017, por ocasião de um projeto chamado Árvore de Livros, que tem como principal objetivo incentivar a leitura entre os alunos das escolas brasileiras, optamos por criar um curta adaptando o Conto Coração Delator de Edgar Alan Poe. Neste projeto, os alunos da turma do nono ano da manhã, se responsabilizaram por ler e adaptar o conto para o cinema. Uma das propostas do curta era explorar a sonoridade através das batidas do coração e as batidas constantes de um relógio. Para isso, procuramos uma casa que tivesse um relógio cuco de parede. O filme foi rodado no interior da casa de Elizabetha Dreher, em Novo Hamburgo. Usamos algumas técnicas de filmagens com sombras, alguns planos em profundidade e algumas cenas mais lentas. Também foram bastante exploradas pausas psicológicas para criar uma atmosfera de suspense.

Cena do curta O Coração Delator - 2017

Ao fim deste projeto continuamos com a proposta de estimular leituras para os alunos focando na criação de filmes. Desta vez, foram escolhidos para participar da produção, os alunos da educação infantil. O livro escolhido foi O Lenço de Patrícia Auerbach. A obra em questão não tem palavras, somente imagens. As crianças leem o livro através dos desenhos. Buscamos uma turma que pudesse fazer parte do filme e foram escolhidos os alunos da professora Tereza Honesko. A professora em questão vem desenvolvendo um projeto sobre a importância do lúdico na educação infantil e achamos extremamente pertinente resgatar a importância do brincar para a construção epistemológica dos alunos. Ainda mais em tempos nos quais há, dentro do sistema de ensino, uma ansiedade e exigência exacerbada com a alfabetização precoce em detrimento de etapas crucias do desenvolvimento infantil.

Gravações do curta O Lenço Vermelho – 2017

Cartaz do curta O Lenço Vermelho - 2017

No livro, apenas os lenços são coloridos e as demais imagens em preto e branco. Utilizamos o efeito color range/isolamento de cor, onde conseguimos isolar apenas a cor vermelha do lenço na cena. Para isso, nenhuma criança poderia estar vestindo vermelho, rosa ou roxo. O que, sem dúvida, se torna uma missão quase impossível em se tratando de meninas que normalmente usam muito rosa. Muitas vezes foi necessário trocar as roupas entre si para realizar as filmagens. Durante o processo de gravações o livro foi apresentado aos alunos, o que deixou as filmagens mais criativas, pois os mesmos reproduziram algumas ideias vistas na obra literária, além de fazerem suas próprias experimentações.

Além deste, outras duas obras literárias que a escola recebeu neste ano por conta do projeto LeiturAção, estão se transformando vídeos. Os livros: No meio do caminho tem uma porta e Quatro histórias de desejos, da autora Anna Cláudia Ramos, estão virando produções audiovisuais pelos olhos dos alunos de turmas do sétimo, oitavo e nono anos, em parceria com as professoras de língua portuguesa, Renata Garcia Marques e Silvana Fachin Rovaris.

Projeto LeiturAção – visita da autora Anna Claudia Ramos – 2017

Gravações do curta Quatro histórias de desejo

Criação de roteiro do curta Quatro histórias de desejo

Gravações do curta Quatro histórias de desejo

Gravações do curta No meio do caminho tem uma porta

Gravações do curta Quatro histórias de desejo

Com isso, percebemos a importância da literatura na sala de aula para a produção de curtas, além da produção se tornar um grande incentivo à literatura. Os alunos participam mais com a organização e montagem dos curtas, porque leram os livros e têm eles como base para suas histórias. Mesmo os alunos da educação infantil, que ainda não estão dentro do período de alfabetização, mas que possuem uma linguagem visual mostraram-se extremamente interessados e curiosos com os livros, além de receptivos e engajados com a criação do filme. A visão de cada um da leitura realizada contribui e enriquece os resultados.

Referências

AUERBACH, Patrícia. **O Lenço.** São Paulo. Editora Brinque-Book, 2017

BERGALA, A. **A hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

POE, Edgar Allan. **Contos escolhidos.** Rio de Janeiro. Editora Globo, 1985

PEREIRA, Josias; JANKHE, Giovana. **A Produção de Vídeo Nas Escolas; Educar com Prazer.** Pelotas: Erdfilmes, 2012.

RAMOS, Ana Cláudia. **No meio do caminho tem uma porta.** Porto Alegre. Editora Besouro Box, 2015.

RAMOS, Ana Cláudia. **Quatro histórias de desejo.** São Paulo. Editora Cortez, 2015

RAMOS, Ana Cláudia; ANDRADE, Tiago de Melo. **Menino Girafa, Menina Formiga.** São Paulo. Editora Cortez, 2011.

FESTIVAL DE CINEMA ESCOLAR DE ALVORADA: TRAJETÓRIA E DESAFIOS

Adailton Fonseca Moreira[1]

Resumo

Este relato para o 2º Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil é uma oportunidade ímpar de socialização de experiência e fazeres acerca da construção do FECEA numa perspectiva pedagógica e da possibilidade de rever na trajetória, acertos, equívocos e pensar e repensar possibilidades.

Da Origem

Antes de abordar o FECEA propriamente dito, necessário discorrer sobre os projetos embrionários do Festival, o Projeto Educação e Audiovisual Clube das 5(2014) e Projeto Primeira Tela (2014). Ambos surgiram na rede municipal de Alvorada. O Clube das 5 na Escola Emília de Oliveira com trabalho inicial realizado com estudantes interessados em audiovisual, com oficinas acontecendo no vespertino no intervalo de turnos (das 17 às 19 horas) e o Primeira Tela na Escola Alice de Carvalho com educandos da Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Importante registrar que o Projeto Clube das 5, foi durante o ano de 2014, proibido pela Secretaria Municipal de Educação – SMED de funcionar no único período do dia que poderia funcionar. A proibição no contexto do período, foi apenas mais umas das tantas arbitrariedades fruto da falta de compreensão pedagógica e capacidade de condução administrativas dos que ocupavam cargos por indicação política, fato que levou o Projeto a ter que funcionar na clandestinidade.

Se o Projeto na perspectiva burocrática da Secretaria de Educação não poderia funcionar por estar acontecendo "fora" do tempo formal, caberia a Secretaria "legitimar" a prática de formação discente em audiovisual, que já acontecia, e não proibir o funcionamento das oficinas no chão da escola. Já o Projeto Primeira Tela que acontecia na modalidade EJA, a partir das ações da sala de leitura da Escola Alice de Carvalho, o possibilitava uma margem de tempo maior para o processor de produção.

Em 2014 no período Copa do Mundo no Brasil e em meio as manifestações desencadeadas no país, tendo como fio condutor as tarifas do transporte coletivo, fomos convidados pelo Presidente da Comissão de Educação da Câmara de Vereadores do Município de Alvorada, para preparar projeto a fim do município estar apto a disputar verba do Minc, via Secretaria do Audiovisual, para a constituição em Alvorada do Centro Digital Público em Audiovisual, que seria a base técnica para a escola de cinema municipal. Após 15 dias montando o projeto no Decri, Departamento de Captação de Recursos, para ser hospedado no Siconv (sistema de convênios do Governo Federal), conseguimos cadastrá-lo no sistema.

Poderíamos aqui abrir um parêntese e relatar os absurdos cometidos nesse setor, resultado do descaso e da falta de competência no trato da coisa pública, que se traduzia invariavelmente na perda de recursos para a cultura e políticas públicas, num dos municípios mais pobres do Rio Grande do Sul. A partir deste trabalho para o qual fomos deslocados pontualmente, surgiu a possibilidade de dar

---

[1] Professor com formação em Licenciatura Plena em História; possui Especialização em Cinema e Linguagem Cinematográfica; é Coordenador do Festival de Cinema Escolar de Alvorada-RS.

visibilidade aos Projetos de produção e educação audiovisual realizados nas escolas da rede de ensino e num primeiro momento o Professor André Bozzetti foi transferido para o Centro de Educação Profissional Florestan Fernandes, para a partir do Centro desenvolver as ações de formação e produção. Devido a carga de trabalho e as demandas surgidas, fui enviado para o Centro em 2015 para desenvolver as ações do Projeto em 2015 junto ao Professor Bozzetti.

Foi assim que no planejamento das ações para aquele ano nos surgiu a ideia de criarmos um festival escolar de cinema. Elaboramos o Projeto e para a nossa surpresa foi aceito pela então gestão da secretaria, estranhamento inicial confirmado na sequência das duas primeiras edições, materializado pelo boicote deliberado para que ambas as edições não aconteçam, em parte explicada pelo nosso não alinhamento político com o pensar e fazer pedagógico da mantenedora, que via de regra não apoiava ou subsidiava iniciativa pedagógica importantes para a educação do município, e como exemplo acabado dessa postura arrogante e pretensiosa, foi a extinção deliberada do Projeto Primeira Letra, desenvolvido pelo Professor Johan de Souza que trabalha com a música na formação docente, e em segundo pela turbulência nacional do período e que se traduzia na secundarização do fazer administrativo, que ampliou a paralisia da administração municipal fato que na prática e no decorrer das duas primeiras edições do FECEA ficaram escancaradas.

O FECEA

O FECEA desde a sua concepção, foi pensado para ser uma ferramenta pedagógica, que por um lado sensibiliza a comunidade escolar para a importância da educação audiovisual e por outro para que se constituísse enquanto possibilidade real de vinculação das produções discentes da educação básica e que se coloca como princípio norteador o protagonismo juvenil desde a concepção a pós-produção, incentivando assim a produção cinematográfica local, articulando e valorizando a diversidade de gêneros textuais/audiovisuais.

Outro aspecto importante e central na formulação do FECEA foi para que o Festival não ficasse restrito ao território local, mas que pudesse fomentar a valorizar produção municipal não só da educação formal, mas também dos espaços comunitários e não formais de educação, mas estar aberto a receber as produções das diferentes matizes culturais do Brasil e dos demais países.

Estes princípios norteadores presentes desde as duas primeiras edições se mostram conflitantes com as orientações da mantenedora. Primeiro por não tratar como prioridade a educação audiovisual embora o trabalho realizado já tivesse um trabalho reconhecido no âmbito estadual e entre os educadores realizadores de práticas no campo da educação audiovisual, e em segundo pela miopia política e administrativa de não reconhecer, por exemplo, os alunos forjados nas oficinas dos Projetos, quando estes iam para o ensino médio e não poderiam continuar frequentando as oficinas. No âmbito do Projeto Clube das 5, se traduziu na perda de capital cultural acumulado por decorrência dessa postura equivocada, medíocre e legalista dos "iluminados" indicados e com cargos.

Olhar Pedagógico

Uma das preocupações centrais desde a concepção do FECEA foi com o caráter pedagógico do Festival. A espinha dorsal do Festival se constituiu de forma empírica num primeiro momento, pela observação das estruturas organizativas de festivais estudantis realizados mundo a fora. Fruto de pesquisa e observação, podemos perceber que os festivais estudantis em sua maioria são gerenciados, invariavelmente por não realizadores com pouco e quase nenhum vínculo com a educação seja ela formal ou não formal, fato que na nossa perspectiva é fator determinante para que o olhar pedagógico na avaliação das produções discentes fique subjugado as questões técnicas, ou que jogue contra as produções estudantis, em especial nas instituições públicas que trabalham com a linguagem

audiovisual, pois são de conhecimento e sabemos das dificuldades quanto a recursos para aquisição de equipamento e de mobilidade.

Outro aspecto relevante foi categorizar as produções recebidas. Não é possível avaliar produções de níveis de escolarização diferentes numa mesma perspectiva, seja do ponto de vista técnico ou das subjetividades. Mesmo nas produções das séries iniciais é comum observarmos em festivais estudantis, a redução considerável dos critérios a serem observados.

Pela amplitude que possui o fazer pedagógico e as temáticas possíveis de serem trabalhadas e transformadas em produção audiovisual, também não é possível considerar apenas as funções técnicas, embora que carregadas de subjetividade pela apropriação da linguagem cinematográfica, na avalição dos materiais produzidos.

No FECEA além da premiação permanente e temática, no caso do Protagonismo Negro com o Prêmio Sirmar Antunes e de Educomunicação para as temática ligadas a sustentabilidade ambiental, as menções honrosas que valorizem as questões de gênero, do feminismo, da cultura de paz, o fazer docente e a interdisciplinaridade, já inerente no trabalho audiovisual, são dimensões tratadas com a mesma importância em relação às premiações tradicionais.

O Júri Popular é outro elemento importante na constituição de um festival estudantil. Empoderar o público na escolha entre as produções participantes, além de democratizar a linguagem, não centraliza nas mãos dos jurados a escolha das obras vencedoras, aspecto que também deve ter outro caráter em se tratando de festivais estudantis, uma vez que a produção de vídeo a partir das escolas é amplo decorrente das temáticas abordadas nas instituições de ensino.

Também presente como ponto central de um festival estudantil como elemento de democratização, acesso e valorização, são as realizações de mostras abertas ao público. Esta deveria ser uma das principais tarefas na organização de um festival estudantil, pois é considerar de forma irrefutável a essência do cinema, de que uma fez filmado e finalizado a produção precisa chegar ao público. Um exemplo a ser citado com êxito neste aspecto é o FENACIES, Festival de Cine Estudiantil de Montevideo, que organiza além das oficinas regulares em escolas e espaços de formação durante o ano todo, prepara a exibição dos filmes participantes com acesso gratuito de salas de cinema durante a semana que antecede a cerimônia de premiação. O FECEA só vai conseguir esta façanha da sua 3ª edição em decorrência de fatos aqui relatados.

Desafios e Perspectivas

O relato realizado sobre a constituição do FECEA aponta perspectivas e desafios. Uma das construções que precisam acontecer para sedimentar a educação audiovisual nos espaços formais e não formais de educação, passa pela constituição de Fóruns setoriais e permanentes entre realizadores e educadores interessados no aprofundamento das práticas pedagógicas desta ferramenta.

O Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil cumpre um papel fundamental na ampliação dos espaços de fomento e troca de fazeres no campo da produção audiovisual. Pensar como os festivais estudantis, num primeiro momento a nível estadual, considerando o estado onde estamos situados, para que possam estabelecer formas solidárias e compartilhadas de trocas de experiência e participações mutuas, pode significar um salto de qualidade no trabalho já realizado e fortalecer um audiovisual, enquanto proposta educacional para educação pública como forma de empoderamento e educação do olhar.

O AUDIOVISUAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM AS TURMAS DE ALUNOS DAS CLASSES ESPECIAIS

Luiz Claudio Motta Lima
Núcleo de Arte Grécia
Subúrbio em Transe
cineclubesuburbioemtranse@gmail.com

Para começar este relato não posso esquecer as minhas atividades, na época que ainda era estudante da graduação do curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) entre os anos de 1993 e 1998.

Foi lá que comecei a relacionar os estudos de Geografia e Cinema. Depois de graduado fiz uma especialização e o Mestrado com o tema Geografia e cinema, tendo o título da dissertação: A trilogia da paisagem carioca na obra de Nelson Pereira dos Santos.

Quando comecei a trabalhar nas redes públicas municipal do Rio de Janeiro, Municipal de Duque de Caxias e Estadual do Rio de Janeiro, também mantive a linha de pesquisa da época da graduação e busquei o diálogo com a linguagem audiovisual para uma melhor comunicação com os alunos e também para aproximar a Geografia dos saberes destes alunos, originários da periferia, em sua maioria.

Na escola Municipal Grécia, ingressei no ano de 2001, quando tive a oportunidade de ministrar uma oficina de iniciação da linguagem audiovisual em uma colônia de férias para alunos da Rede municipal de Ensino. A partir de então não parei mais de articular a linguagem audiovisual na sala de aula.

Em 2002 começou a funcionar na escola o Núcleo de Arte Grécia, uma unidade de extensão, com a finalidade de desenvolver atividades artísticas em seu espaço. Em 2003 fui convidado para ministrar as oficinas de vídeo (Este é o nome oficial adotado pela instituição, mas prefiro o nome de Oficina de Iniciação à linguagem audiovisual). Estou lá desde então desenvolvendo atividades ligadas ao audiovisual.

Em 2007 os alunos sentiam a necessidade de um espaço para exibição de seus curtas para amigos e familiares, além de também sentirem a necessidade de um diálogo com outras obras de outros diretores e que este diálogo também fosse presencial.

Aí surgiu a ideia da fundação do cineclube Subúrbio em transe, na casa do Artista Independente (CASARTI) em Vista Alegre. Atualmente o cineclube está no espaço da Lona Cultural João Bosco em Vista Alegre com sessões mensais toda última quinta de cada mês.

Em 2008, a partir da inciativa do Projeto Cineclubes na Escola da Secretaria Municipal de Educação, foi inaugurado no Núcleo de Arte Grécia o cineclube Grécia, onde os alunos podem fazer sessão de vários filmes, debatendo e analisando cada obra. Partimos da indagação de CLAIR, 2008, para levar adiante a ideia do cineclubismo na escola:

> *"Considerando o movimento cineclubista como um espaço de formação extraescolar e sua possibilidade de articulação com outros movimentos sociais, não seria esse um tipo de experiência capaz de instituir outras formas de se pensar educação e cidadania?"*

Depois deste tempo com as atividades pedagógicas entre a Geografia e o cinema, em 2015 passei a trabalhar com uma classe de alunos da Classe Especial, além de conduzir as outras atividades que já realizava.

Na época considerei ser um grande desafio e até pensei que não conseguiria realizar. Passados alguns anos, embora ciente da responsabilidade, analiso que aprendi muito mais com esta atividade.

Este projeto me trouxe recordações da época que ainda era criança e da minha dificuldade de aprendizado e da falta de tato de alguns professores. Isto me fez rever minhas práticas e questionar até onde eu não estava reproduzindo práticas que tanto me atingiram na época de estudante.

Os vídeos são realizados pelos alunos em todas as etapas. No caso dos alunos especiais podemos afirmar que eles têm uma capacidade de organização e de não desistirem tão facilmente das coisas. O primeiro vídeo realizado com eles foi Bibi e Flafla – O Misterioso sumiço da Coroa, em parceria com a professora de teatro Patrícia Alves. Nos anos seguintes, muitos curtas surgiram, personagens como princesas, príncipes, rainhas, professores, alunos. O universo mágico se unindo com a vida cotidiana deles. A partir de 2015 os curtas tiveram uma integração com outras linguagens, tais como Artes Visuais, Dança, Música. Os trabalhos passaram a ser realizados em parceria com as professoras: Maria Clara Gullo (Artes Visuais) e Cláudia Bruno (Dança) e o professor Alexandre Froés (Musica).

O curta "*O diário Secreto das Princesas*" teve como ponto de partida os diários das alunas Flávia Gaia e Bianca Anastácia que foram a inspiração para criar uma estória que abarca o mundo da fantasia e da realidade. O restante da estória foi uma criação coletiva. As professoras de Artes Visuais Maria Clara Gullo e de Dança Cláudia Bruno participaram na orientação deste projeto.

O documentário direto "*Cotidiano*" acompanha um dia na vida dos alunos da turma V1 e sua elaboração foi realizada coletivamente, com roteiro, câmera, edição realizada por todos. Embora esse cotidiano seja visto na maioria dos curtas realizados pelos alunos da turma V1, aqui essa realidade se mostra mais próxima deles, sem elementos fantásticos, como princesas, rainhas más, entre outros elementos criados por eles. Segundo PEREIRA (2018) "*a produção de vídeo pode colaborar justamente na união entre o racional e o emocional*". Ainda para o referido autor, "*essa informação é importante pois vivemos em um espaço escolar onde a emoção não tem espaço, pelo contrário. Já na produção de vídeo o que mais vemos é a alegria do grupo, sendo assim contribui no processo de aprendizagem dos alunos*".

Atualmente, estão em fase de realização as mais novas produções, que embora carregue um pouco das estética das outras produções. Agora podemos ver um pouco de amadurecimento na forma de abordar os temas. No curta baseada na obra A Bela e a Fera, intitulada "*A bela entrevista a fera*", *a personagem bela é apresentada como uma documentarista emancipada que vai entrevistar a Fera, que está trancada em seu castelo. Assim, um novo olhar surge. Esse vídeo ainda está em fase de edição.* A seguir um trecho do roteiro, onde podemos observar a capacidade de síntese dos alunos.

"EXT.QUINTAL DO CASTELO – DIA

As folhas de outono estão caídas no chão,
A CAM percorre as folhas no chão.
enquanto o NARRADOR do documentário fala sobre
o castelo da Fera. (IMAGENS EM PRETO EM BRANCO).

NARRADOR

A Fera vive solitariamente num castelo vazio,
já que foi abandonado por todos.

A CAM mostra o castelo e vai na direção dele.
Entra e podemos ver a sombra da Fera".

Outro curta que ainda está em fase de realização é "*A nossa Escolinha*", que retrata o olhar dos alunos sobre a escola. A Nossa escolinha deles é uma crítica bem humorada de como eles percebem a escola, que até certo ponto uma visão antagônica de uma ideologia dominante no exercício do comando e gestão escolar que extrapola alunos, professores e direção e que vem de uma política pública que pensa a escola como modelo único, que não contempla mais a realidade da vida escolar, que é repleta de diversidade e vida. Pensar em uma escola de todos é o que busca os pesquisadores. No olhar dos alunos esta escola é para ser de todos mesmo.

Além destes projetos, estamos buscando parceria com as classes especiais das professoras Yara Francisca e Simone Mariano do Ginásio Carioca Grécia, cujo contato resultou na animação "*Mitos do Folclore: Curupira*". Trazer essas turmas para um diálogo e realizar projetos que busquem a verdadeira inclusão é o objetivo deste projeto.

Participar da inclusão dos alunos utilizando câmeras fotográficas, filmadoras, gravadores, computadores com programas de edição não é mais difícil, é desafiador e também instigante. Vê o aluno pensar num tema, criar uma estória, personagens, escrever, desenhar, organizar a equipe, produzir o curta, editar, finalizar, exibir, é também ver o seu desenvolvimento cognitivo em ação.

A realização destes curtas nos fazem refletir também sobre a nossa prática pedagógica e nos impulsiona a buscar no nosso dia-a-dia um novo olhar sobre a escola. Alunos e professores estão juntos nesta onda gigante que é o audiovisual na escola. Saber controlar, dirigir é o desafio para todos. Mas através de encontros entre educadores onde se possa dialogar sobre estas práticas educacionais com novas tecnologias é uma forma de consolidar o audiovisual na sala de aula.

Bibliografia:

CLAIR, Rose. Cineclubismo: Memórias do anos de Chumbo. Luminária Academia. Rio de Janeiro, 2008.

PEREIRA, Josias. Neurociência na produção de Vídeo Estudantil. https://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/files/2017/03/1-ajosias-Neurociencia-e-a-produ%C3%A7%C3%A3o-de-video-estudantil.pdf, última visita 2018.

LIMA, Luiz Claudio Motta. A trilogia da paisagem carioca na obra de Nelson Pereira dos Santos. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia. UERJ, 2006.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Paula Dombkowitsch Arpini

Sou professora de História e Direitos Humanos da Escola Professor João Carlos Von Hohendorff, do Município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul e carrego comigo uma experiência de quase dez anos lecionando com recursos audiovisuais. Em minha trajetória, busquei trabalhar o conteúdo de história de forma mais dinâmica, para evitar o tradicional engessamento do quadro negro e livro didático. Para que os alunos dimensionassem o conteúdo de história, digitalizei todas as minhas aulas, utilizando o programa *Power Point*, com o uso de textos e imagens. Da mesma forma, fui baixando vídeos de diferentes plataformas para o uso pedagógico em sala de aula.

A partir disso, comecei a me interessar cada vez mais por produções audiovisuais. Primeiramente, baixava diferentes vídeos da internet e montava aulas utilizando o programa *Movie Maker*. Era interessante, pois conseguia recortar e montar vídeos de acordo com as turmas e seu tempo de aprendizagem. Os alunos gostavam muito e a aula tornava-se mais dinâmica.

Nessa perspectiva, percebi o quanto seria interessante construir juntamente com os alunos vídeos sobre os diferentes conteúdos escolares. Evidentemente, as primeiras experiências foram um tanto frustrantes, pois não dimensionei o quanto esse é um trabalho não se resume a apenas filmar, mas sim uma construção complexa que deve ser realizada em etapas.

A partir de sucessivas experiências, verifiquei que a primeira etapa na construção de um vídeo é uma aula expositiva e bem trabalhada sobre o assunto. Posteriormente, para uma maior compreensão, é necessária a realização de uma pesquisa dos alunos sobre o tema abordado. Nesse momento, os alunos estão produzindo o conteúdo do vídeo, para assim perceber outras escalas de análise, como roteiro, montagem, fotografia, direção. Após a pesquisa, vem a montagem de texto, a montagem das cenas, o roteiro, a produção do figurino. Com as filmagens, vem a percepção da cena, da posição dos atores ou apresentadores na perspectiva da Câmera, a luz, o espaço, etc. Nada disso foi e está sendo fácil de aprender e sempre é um desafio a produção de cada vídeo.

Quero relatar aqui uma grande experiência que tive ao produzir o vídeo intitulado "Não me diga como devo ser, apenas pense como me respeitar". Esse vídeo faz parte do Projeto de Direitos Humanos no qual também sou professora na escola. Mediante o eixo gerador, no qual discutimos o conceito de diversidade, trabalhamos em nosso projeto a diversidade em seus diversos desdobramentos: entre elas a sexual. A produção do vídeo seria a fase final para conclusão do conteúdo e avaliação. Ao falarmos sobre diversidade sexual, acabamos por discutir sobre questões de gênero, sexismo, machismo e o papel da mulher ao longo da história.

Para a produção do vídeo, dividi a turma em vários grupos. Cada grupo seria responsável por descrever alguma situação machista no cotidiano escolar. Essa aula foi interessantíssima, pois iniciou-se uma grande discussão sobre as práticas machistas existentes na escola. Nessa perspectiva, algo que parecia ser muito simples, tornou-se um espaço de muita discussão e reflexão. Os alunos intitularam o machismo como uma "opressão" e foram além, dizendo que o machismo acontece quando: a) meninos podem ter mais vantagens na designação de tarefas; b) meninas não podem expressar o que pensam ou sentem em função de serem rotuladas ou marcadas por comentários e atitudes de desrespeito ao gênero feminino; c) a postura ou a vestimenta de uma menina são motivos de julgarem sua moral ou seu caráter; d) há uma cultura de comportamento ideal e esperado das meninas e, quando esse padrão não é seguido, elas podem sofrer discriminação e segregação.

A partir de tudo isso comecei a pensar como faríamos uma produção em que esses apontamentos fossem expostos. Como ainda não tínhamos ideia do que iríamos fazer com um tema tão rico, solicitei que cada grupo criasse uma cena separada, de uma situação machista que uma aluna sofre no caminho ou dentro do ambiente escolar. Entreguei para cada grupo uma ficha e disse que ali fariam seus roteiros. Na ficha, constavam diversos itens como nome da cena, personagens, local da gravação, recursos, figurino, descrição da cena, descrição do operador da câmera e diálogo dos personagens.

Várias foram as experiências machistas vivenciadas pelas meninas da escola. Percebi ali o espaço de troca de experiências entre as meninas, onde elas podiam se solidarizar com a dor da outra, a partir de situações nunca antes discutidas. O primeiro grupo colocou uma menina sendo assediada por homens mais velhos no caminho da escola. A menina retrucava os homens, que se defendiam e diziam que aquilo era apenas um "elogio".

O segundo grupo descreveu uma cena na parada de ônibus em que aluna pegava o coletivo de volta para sua casa. Dentro do ônibus, um homem "encoxava" a menina que se calava e ficava constrangida com a situação. Essa cena foi bastante discutida se iria ser gravada, pois é difícil gravar dentro de um coletivo. Alguns alunos também colocaram que seus pais não iriam autorizar, pelo perigo de estar fora da escola. Apesar de todos dizerem que essa é uma situação comum dentro de ônibus, também achei uma cena um tanto forte para construirmos, mas acredito que termos discutido em sala de aula já fora bastante válido.

Já pensando dentro dos muros da escola, os alunos e alunas criaram uma cena em que o namorado se preocupava com a opinião dos amigos em relação a namorada. Por ela já ter "ficado" com alguns alunos da escola e por vestir shorts curto, o namorado fazia uma abordagem machista na menina, condicionando seu comportamento e suas vestimentas ao seu caráter e postura moral. Nessa cena, em específico, discutimos muito sobre o condicionamento feminino nas relações amorosas e a distorção de uma relação de amor e uma relação "abusiva". Acabamos por assistir vídeos de uma campanha surgida na internet em 2014, chamada *"meu amigo secreto"*, em que diversas mulheres, de diferentes idades, retratam homens – intitulados como amigos secretos - que são machistas no cotidiano. Foi muito prazeroso e intenso verificar que as alunas percebem e não estão dispostas a tolerar relações machistas futuras, bem como qualquer discriminação de gênero.

Outra cena construída foi de meninas praticando o machismo, julgando outra menina por ter ficado com vários meninos. A cena era dentro de um banheiro feminino e me chamou muita atenção porque as alunas pensaram em usar xingamentos das portas dos sanitários, muito comuns nas escolas. Ali se refletiu sobre essas pichações e os quão machistas e depreciativas são com o sexo feminino.

Outra cena muito interessante foi demonstrar que existem brincadeiras de meninos e de meninas, e que toda a menina que gosta de futebol, de bolita, de brincadeiras mais arriscadas é considerada um "moleque". Nessa cena, os alunos pensaram em passar a mensagem de que, segundo a sociedade machista e de bons costumes, uma menina deve ser portar como uma princesa, toda arrumada e brincando de boneca. Uma menina não deve pular, cair, correr, se sujar, pois pareceria um moleque. Para isso, gravamos uma cena em que uma menina de apenas oito anos tenta brincar com os meninos. Eles falam: - "vai brincar de boneca!" e riem de sua situação. Depois gravamos outra cena, com a mesma atriz/aluna em que ela brinca e corre na pracinha e sua mãe chega irritadíssima porque a filha está suja e parecendo um menino. A narrativa construída pelos alunos finaliza a cena com a ideia de que o machismo é imposto pelos adultos já na infância, inclusive pela própria família.

Por fim, a cena que mais me chamou atenção foi a de um café da manhã de uma família. A mãe, atarefada, chamava suas filhas para irem a escola e tomarem o café da manhã. O pai, chega na cena já reclamando que seu café não está pronto. As filhas sentam e cobram roupas que ainda não foram lavadas. Há uma pergunta no meio de tudo: - "pai, por que tu não ajuda a mãe?" E o pai responde: - "porque isso é coisa de mulher". A mãe permanece calada e inicia-se um assunto qualquer, sobre futebol. Tudo na cena configura o velho e bom machismo tão naturalizado nas famílias: de que a mulher é responsável pelas tarefas domésticas e como uma boa mãe e dona de cada, deve zelar por todas as necessidades dos filhos e do marido. Quando gravamos esta cena, lembro-me

de uma situação que me marcou muito. Gravamos no meu horário de almoço, na cozinha de uma das alunas do Projeto de Direitos Humanos. Ao voltarmos para a escola, estávamos o aluno (que interpretou o pai) e eu, rindo dos erros da gravação. Chega um amigo do aluno e pergunta:

- E aí cara, onde tu tava?
- Estava gravando uma cena para um vídeo da escola.
- E o que era?
- Era um vídeo sobre machismo e eu era o pior homem do mundo.

Logo, me afastei dos dois e os deixei a vontade. Aquilo me tocou de tal maneira que percebi o quando aquilo mudara a percepção de mundo daquele aluno. Nessa perspectiva, a elaboração do vídeo só é válida se te possibilita a emancipação do conhecimento. Ao ver aquele aluno expor o machismo de seu personagem, vi o quanto eles se envolvem nesse trabalho, como acreditam no que fazem e como essa construção mudar sua maneira de enxergar a vida.

Nesse sentido, meu maior objetivo é sensibilizar os alunos para a produção e a difusão da cultura digital e audiovisual, incentivando a produção audiovisual dos diversos gêneros textuais, que acabaram não se restringindo ao conteúdo de história. Dessa forma, trabalhar com a produção de vídeos é entender que a produção do conhecimento pode ser construída coletivamente, em que cada indivíduo deve ter seu papel na construção do todo.

Ao pensar em uma educação audiovisual busquei relativizar a tão necessária avalição escrita, verificando que a aprendizagem pode se realizar de diferentes formas, em diferentes espaços e com diferentes recursos. Desta forma, ao perceber os alunos produzindo seus vídeos em sala de aula ou em outros espaços, verificamos seu interesse em serem multiplicadores de uma educação plural, crítica e significativa.

Em suma, é despertar nos alunos a importância de sua participação em seu processo de aprendizagem, bem como ser um agente multiplicador da aprendizagem do outro, estabelecendo uma relação orgânica entre a prática e a pesquisa.

AÇÃO!
VALORIZANDO AS PEQUENAS COISAS EM BUSCA DE UM FUTURO MAIS SOLIDÁRIO

Fátima Luciana dos Santos[1]

Fazer cinema com turmas dos anos iniciais além de ser muito prazeroso é com certeza um desafio, uma forma de ressignificar as práticas de sala de aula e o ambiente escolar. No filme Pequenas Coisas os alunos do 2o ano da EMEF. Senador Salgado Filho aprenderam a refletir sobre as suas ações no dia a dia dentro da escola. A questão era descobrir o que pode ser feito para melhorar este ambiente e o que pode ser feito para a escola se tornar um lugar mais solidário. As crianças passaram a observar suas próprias atitudes e ações assim como, a dos outros e a repercussão que um simples gesto pode causar no outro e no coletivo do grupo.

O Tema:

O tema surgiu numa conversa sobre os valores numa rodinha entre a professora Marli Bittencourt Xavier, professora R2 da turma com as crianças e a ideia de transformar as falas em um curta-metragem surgiu a partir de convite da supervisora e grande incentivadora da produção de vídeos educativos na escola a professora Nara Regina Locatelli Schitezsky, que fez o convite numa reunião de professores para que se inscrevessem e participassem com seus alunos do Festival São Léo em Cine que acontece uma vez por ano na cidade. Para o festival a professora teria que elaborar com seus alunos um roteiro, gravar as cenas e produzir um curta-metragem de até 6 minutos, com as devidas autorizações legais de som e imagem, de edição. Os curtas são apresentados em uma cessão no cinema da cidade ou este ano em parceria com a Unisinos o evento acontecerá no Padre Werner na universidade. Os filmes concorrem por categorias de melhor ator, melhor atriz, melhor trilha entre outros. Os curtas são postados no *youtube* e no canal do festival para votação pública. Além disso, as turmas envolvidas devem produzir um banner divulgando o seu filme. Além disso, o festival contempla uma noite de premiação um evento onde as turmas e escolas envolvidas recebem a premiação dos filmes e a certificação indicando os vencedores por categoria.

Roteiro:

Tema definido, começamos a escrever e colocar as ideias no papel o roteiro foi escrito pela professora Marli Bittencourt Xavier com apoio da professora Fátima titular da turma. O tema Valores muito discutido no espaço da escola, nas reuniões, a falta de limites dos alunos, a falta de tempo dos pais, que acabam na indisciplina e na falta de valores das crianças, muito se ouve dos professores "educação vem de casa, valores tem que ser ensinados em casa..." Porém, nós como educadores e a escola e a escola como instituição cabe a ela orientar e ensinar para além dos conteúdos, ensinar as regras e os limites que são importantes para a convivência em grupo e o bom uso dos espaços públicos e coletivos como a escola entre outros.

---

[1] Pós-graduada em Informática Instrumental para Professores da Educação Básica pela UFRGS. Formada na Pedagogia pela Unisinos.

Planejamento:

A partir do roteiro então elaborado pela professora Marli, houve a necessidade de planejamento das ações, como, onde e quando gravar, o material que seria necessário, a busca por uma trilha sonora que estivesse de acordo com o filme, figurinos, a máquina que seria usada entre outros. Passei então a fazer parte da produção deste curta no momento em que assumi a turma como regente do segundo ano em agosto, com afastamento da titular e juntamente com a professora Marli passamos a gravar as cenas. A ideia então passou ser explorar o assunto em sala de aula e colher as falas das crianças para ajustes no roteiro.

Desafios e ou dificuldades encontradas

Primeiramente chamamos os pais e ou responsáveis para uma conversa para explicarmos a ideia de filmar um curta com as crianças e pedir autorização e apoio para a realização do mesmo. Salientamos a importância da autorização da imagem e então surgiu a dificuldade apesar de muitos autorizarem verbalmente apresentaram uma resistência em assinarem por ter receio de colocar seus dados pessoais, os números dos documentos, perguntaram se era mesmo necessário e algumas autorizações vieram preenchidas somente com o nome do aluno, a assinatura dos responsáveis tendo que retornar para casa duas, três vezes até que os dados estivessem completos.

O convencimento dos pais foi um desafio mesmo a escola já tendo participado em outras edições do festival ter sido premiada os pais demonstraram receio em liberar a imagem e os dados de seus filhos. Apresentei aos pais um vídeo da edição anterior e do filme de 2016 para convencê-los a deixar seus filhos participarem, mas, contudo teve um aluno que o pai autorizou verbalmente e quando insisti que trouxesse a autorização o pai disse que a mãe não aceitava e não autorizava por medo de expor seu filho, por ser um aluno de inclusão a mãe ficou receosa e só permitiu após o telefone da professora Adriana da sala de recurso que ligou e pediu que ela viesse a escola para ver a cena que tinha sido gravada com autorização do pai, só assim se convenceu e permitiu a participação do menino. Como não tinha certeza da participação do aluno gravamos uma cena com aluno de inclusão do terceiro ano que fez uma participação especial.

Neste processo toda a espera das autorizações para poder gravar, dois alunos tiveram suas autorizações negadas por estarem numa instituição de menores e seus casos estarem sobre processo judicial e dois meninos que tiveram a autorização negada um pela mãe e outro que a tia nem compareceu a escola e só disse que a tia não deixou o que me deixou triste, pois, percebi a vontade e a empolgação dele querendo participar. O pior é ver as carinhas loucas para se integrarem e não podendo tendo que dizer que não você não pode por não ter sido autorizado, mas enfim com as autorizações começamos a gravar.

Outro desafio foi a busca para conseguir autorização da música, pois a trilha sonora também nos tomou tempo para escolher uma música da qual tivéssemos como conseguir a autorização do compositor e neste contexto tivemos que nos ater as leis vigentes sobre o uso ético das mídias encontradas na internet, o uso legal das tecnologias, os limites dos recursos e mídias o que podemos usar ou não. No filme Pequenas Coisas, usamos a música O Tempo do cantor Alexandre Gonçalves que prontamente nos autorizou a usar música.

Gravação:

O momento da gravação foi de grande euforia e ansiedade para as crianças, determinamos que fosse melhor gravar cena por cena separadamente para facilitar a montagem e a edição. As cenas foram gravadas em diferentes espaços na escola: na sala de aula, na entrada, no pátio, na biblioteca entre outros. Utilizamos os nossos celulares e também uma câmera fotográfica Sony, o filme foi dirigido e filmado pela professora Fátima regente da turma responsável também pela edição sempre com apoio da professora Marli que acompanhou juntamente todas as etapas.

O desafio atual dos professores é lidar com crianças que não tem limites, que não sabem dividir e conviver em grupo, ensinar os valores, o respeito para o convívio necessário para uma vida em sociedade. Durante as gravações passamos a questionar e fazer uma reflexão com os alunos sobre o comportamento e a postura que devem ter na escola, o que é preciso evitar, o que é legal e o que não é legal e sobre a repercussão de algumas atitudes de alguns alunos dentro da escola. Chamamos a atenção para de se ter responsabilidade sobre nossas ações, de assumir nossos atos. Com isso as crianças passaram a ficar mais atentas e passaram a observar e analisar o comportamento dos si mesmo e dos colegas e naquilo que podiam fazer para melhorar o convívio e o ambiente o espaço escolar, Foram apontando atitudes que julgaram importantes que se transformaram em cenas no filme fomos adaptando o roteiro a partir com as observações das crianças.

A valorização das boas ações e das boas atitudes foram destacadas pelas professoras e incentivadas e conforme se gravavam as cenas incentivou-se uma mudança de comportamento por parte de alguns alunos que passaram a ser mais solícitos e solidários, passaram a ajudar, a compartilhar, a dividir. Começaram a compreender que através de pequenas coisas, pequenas ações podem fazer a diferença no dia a dia das pessoas, pode tornar o ambiente mais agradável, mais limpo, mais solidário. Um simples aceno, um sorriso, um abraço, emprestar um material enfim tantas coisas podem tornar a escola um lugar muito melhor e que estas aprendizagens devem ser compartilhadas e levadas para a vida e que nossas atitudes podem construir um mundo melhor com mais amor no coração. Gravamos cenas que estavam ligadas a rotina dos alunos na escola e que não tinham se dado por conta de quanto é elas podem ser significativas para nossa vida como influenciam no nosso desenvolvimento e no nosso futuro um mundo mais coletivo e solidário, os cidadãos que buscamos formar.

A cada etapa uma conversa com o grupo sobre o que era significativo para as crianças e que a colaboração, a solidariedade, o diálogo, foi fundamental para garantir os direitos a todos, uma construção social.

Aluno de inclusão do 3º ano fez uma participação especial no curta

A Edição:

Com as cenas gravadas então o trabalho agora era a edição. A edição do filme foi feita por mim professora Fátima Luciana dos Santos regente da turma. Para iniciar primeiramente organizei as cenas utilizando o programa que tinha no meu *Notebook*, mas, os recursos eram limitados passei a procurar um programa de edição baixei e instalei o programa Filmora, um programa de edição com licença gratuita para teste e licença paga. Ao editar o filme com a licença teste quando conclui e exportei o filme para mp4 percebi que a verão teste aparecia uma tarja dizendo Filmora versão teste, então para conclui tive que baixar e instalar a versão paga, versão liberada para uso por um ano. A partir da instalação o trabalho foi analisar cena a cena fazer os ajustes e recortes necessários, colocar os efeitos, inserir a trilha, montar o filme.

Após o filme pronto e editado levamos as crianças no laboratório de informática para assistirem o curta, os alunos tiveram a oportunidade de se assistir pela primeira vez e o que nos emocionou muito e nos fez refletir foi quando iniciou o filme o aluno que o pai havia autorizado e a mãe não e depois de tanta insistência a mãe deixou perguntou:

_ E o B.? (aluno)
_ Cadê o B.? (aluno)

Quando apareceu a sua imagem abriu aquele sorriso dizendo é o .... (aluno). A emoção tomou conta dos seus olhos, ele bateu palmas e ficou eufórico de felicidade o que nos fez refletir e pensa como seria se a mãe não tivesse permitido a decepção se não tivesse tido a oportunidade de se ver, de ter participado. Para encerrar este relato, é importante destacar a importância da inclusão das crianças neste mundo audiovisual e quanto estes recursos são formas de mudança social e quanto a tecnologia deve ser utilizada e incentivada para o bom uso, para fazer o bem, pra um uso ético e criativo que podem e devem ser explorados pelas crianças.

UMA PROPOSIÇÃO DIDÁTICA: CIÊNCIAS NA TELA

UMA ALTERNATIVA COM VÍDEOS NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

Cristiane de Jesus da Cunha Luna
E. M. E. F. Nossa Senhora de Lourdes

Maira Ferreira
Universidade Federal de Pelotas

Estamos vivenciando uma época em que as tecnologias de informação e comunicação, como as mídias, os computadores e os celulares, são constantes em nosso cotidiano. Os jovens e alguns adultos têm seus celulares como "expansões" do seu corpo, sendo comum ouvirmos relatos de total desconforto diante da impossibilidade de estabelecer conexões com as pessoas, via aparelho móvel. Essas tecnologias estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano e o fato é que a maioria dos jovens que frequentam a escola possuem habilidades em lidar com as tecnologias digitais, possuem pelo menos uma conta ativa em redes sociais e costuma assistir vídeos ou filmes, sendo que alguns, além de assistir, produzem vídeos caseiros ou foto vídeos, a partir de seus "autorretratos" (*selfie*) e acontecimentos da sua rotina em suas casas ou nos demais ambientes frequentados no seu dia-a-dia.

Como professora de Ciências do Ensino Fundamental (EF) e pesquisadora sobre a educação escolar, pude perceber que essa geração, chamada por Veen e Vrakking (2009) de "geração digital", é capturada pelas mídias, especialmente por suas imagens (fixas e em movimento). Diante dessa constatação e tendo em vista a falta de contextualização dos conteúdos que, muitas vezes, permeia o ensino de Ciências na escola, propus uma pesquisa com os alunos do ensino fundamental, visando analisar o uso e a produção de vídeos na escola, mais especificamente na Educação em Ciências, procurando ver como os alunos interagem com as mídias e quais os efeitos dessas práticas em atividades de ensino, de modo a viabilizar a produção de saberes por esses alunos.

Assim, a proposição de utilizar as tecnologias digitais, representadas pelos vídeos, computadores, câmeras, celulares, internet, no ensino de Ciências apresentou-se como uma possibilidade e o projeto Ciências na Tela I, foi desenvolvido inicialmente no âmbito do Projeto Mais Educação com um grupo de 9 alunos. E, em um segundo momento, o projeto intitulado Ciências na Tela II, foi desenvolvidos em aulas regulares de Ciências em duas turmas de alunos concluintes do ensino fundamental, tornando-se um convite para pensar novas formas de os estudantes serem produtores do que aprendem e de fazer uma leitura do cotidiano dos alunos e seus modos de vida.

O trabalho de pesquisa, que resultou em minha dissertação de mestrado, com o título*: Luz, câmera, ação: os vídeos na educação em Ciências e a produção de saberes* inclui um projeto de intervenção didática em aulas de Ciência, cujos resultados mostraram ser essa uma iniciativa inovadora e possível para a produção de aprendizagens nesses alunos. Assim, com o objetivo de socializar a experiência realizada com meus alunos, apresento a proposição didática, desenvolvida em uma escola municipal da cidade de Pelotas, para estudantes do EF, com idades entre 8 e 17 anos, bem como divulgo o canal criado no *YouTube*, com o nome Ciências na Tela[1], no qual os vídeos estão disponibilizados, podendo ser utilizados por outros professores para fins educacionais.

[1] Criado em maio de 2014. Disponível em: http://www.youtube.com/user/cienciasnatela. Acesso 20/09/2017. Este canal foi criado como repositório dos vídeos elaborados por alunos, os mesmo autorizaram a divulgação das suas imagens bem como o conteúdo intelectual. Dessa forma novos vídeos.

No total foram produzidos pelos alunos 14 vídeos curtos[2] que, reunidos em um DVD[3], poderão tornar-se inspiração para o trabalho com vídeos na escola por outros professores e alunos. Além dos vídeos produzidos, estão indicados e resenhados os vídeos, filmes e documentários que os alunos assistiram em aula ou tiveram acesso nos grupos criados no *Facebook*.

Vídeos como materiais didáticos

A ideia de produzir um DVD foi uma forma de socializar o material didático e disponibilizá-lo para ser utilizado por professores e alunos, como sugestão para aulas de Ciências ou para projetos de ensino de Ciências. Além disso, a criação do canal no *YouTube* para divulgar os vídeos, visou ampliar o acesso de professores e alunos que não tivessem o material impresso e/ou gravado no DVD.

O título Ciências na Tela, para o DVD e para o Canal do *YouTube*, faz referência aos projetos de intervenção realizados na escola, cujos audiovisuais exibidos ou produzidos estavam associados aos conceitos de Ciências (fazendo que a Ciência fosse "vista" na tela) e às habilidades dos alunos ao lidar com as tecnologias digitais.

Ao longo do trabalho de pesquisa, foram discutidas diferentes visões e pontos de vista sobre os conhecimentos tratados em Ciências e, considerando que o trabalho com vídeos implica arte e criatividade, foi possibilitado aos alunos aprender a fazer, propondo, pesquisando, criando, testando, etc.

No DVD, disponível na versão impressa, os vídeos foram organizados por temas de interesse para diversas séries, podendo ser utilizados em diferentes situações, dependendo do interesse dos estudantes e/ou do professor e da disposição do grupo em fazer adaptações, considerando que há nesse espaço uma possibilidade de construção coletiva de aprendizagem (LÉVY, 2009). E para aqueles que não tiverem acesso à versão impressa, e atendendo à conectividade que a "era digital" sugere, há indicação dos endereços em que os vídeos produzidos pelos estudantes, estão disponíveis no Canal Ciências na Tela.

Vídeos exibidos

Inicialmente, apresento os filmes, documentários e vídeos assistidos em sala de aula ou acessados nos grupos do *Facebook*, tecendo algumas possibilidades de abordagem nas aulas de Ciências.

a) Projeto-Piloto (Mais Educação) – Ciências na Tela I

✓ Saneamento Básico (112min)[4]

O filme retrata uma comunidade que se reúne para tomar providências sobre a construção de uma fossa para o tratamento do esgoto. Como a prefeitura diz não ter verba para a construção da fossa, os moradores decidem usar uma verba destinada para a cultura e produzir um vídeo de ficção com a intenção de denunciar o problema de falta de saneamento da cidade. O vídeo

[2] O termo poderão foi utilizado ser adicionados a partir das orientações nesse canal da ANCINE 2011.
[3] A exemplo dos vídeos dos alunos, esse DVD foi elaborado com recursos próprios e de forma amadora, sendo editado por mim e por Fernando Luna, estudante de Marketing pela Faculdade CESUMAR – Centro Universitário de Maringá. Assim como na escola, o trabalho de dissertação dependeu de diversas pessoas com habilidades e saberes próprios que complementaram e potencializaram os estudos.
[4] Trailer – disponível: https://www.youtube.com/watch?v=dctcGMOtP2E. Acesso em 19/02/2014. Versão completa disponível em locadoras. Aquisição: Petrobrás (uma das patrocinadoras do filme).

produzido por amadores (um grupo de moradores da cidade) conta a história de um monstro que vive nessa cidade e é uma ameaça aos moradores, em uma analogia a ameaça que sentem pela falta de saneamento.
Conceitos relacionados: políticas públicas, meio ambiente, saúde, responsabilidade ambiental, ações comunitárias e automedicação. Técnicas e procedimentos de filmagem, organização e planejamento de trabalho em grupo.

✓ Vamos cuidar do meio ambiente – Turma da Mônica (3min5s)[5]
Vídeo de animação com linguagem infantil abordando ações que têm impactos sobre o ambiente e que as pessoas realizam como, por exemplo, o descarte do óleo de cozinha no lixo ou outras ações que agridem o meio ambiente.

b) Projeto com as 8as séries – Ciências na Tela II

✓ A Dieta do Palhaço (100min)[6]
Documentário que conta a história de um homem, ainda jovem, que se submete a uma dieta, durante 30 dias, com lanches e produtos do *Mc Donald's* e observa que seu corpo sofre uma rápida transformação, o sujeito engorda bastante e exames médicos mostram que sua saúde fica prejudicada. O filme documenta efeitos de um estilo de vida que prioriza lanches rápidos e muito calóricos na saúde física e psicológica do protagonista, e "denuncia" o poder econômico das indústrias de *fast food* e o modo como essa prática de vida se institui na sociedade contemporânea.
Conceitos relacionados: Consumo diário de calorias, IMC, gasto calórico, alimentação saudável, consumo, *marketing* institucional, produção de resíduos e meio ambiente, alimentação e metabolismo.

✓ Teníase e Cisticercose (6min52s)[7]
A mídia, uma mescla de foto vídeo e vídeo, foi produzida por acadêmicos do curso de Enfermagem da UNIDERP/MS e retrata, em estilo de comédia, a contaminação e desenvolvimento das doenças Teníase e Cisticercose em situações cotidianas.
Conceitos relacionados: Verminoses; contaminação de solo; alimentação saudável; procedência do alimento; meio ambiente; contaminação de afluentes e tratamento de efluentes.

✓ Ligações químicas covalentes e iônicas (12min21s)[8]
O vídeo tem como tema as ligações químicas e busca contextualizar conceitos da química como átomos e moléculas as substâncias do cotidiano, abordando "coisas" que os jovens conhecem e que estão relacionadas aos conceitos de Ciências com trechos de filmes e animações, representando os elementos presentes nas ligações químicas e as próprias ligações.
Conceitos relacionados: átomos; moléculas; substâncias; elementos químicos; camada de valência; ligações iônicas e covalentes.

As produções dos vídeos de curta duração, pelos alunos estão organizadas em *três blocos: bloco temático e bloco experimental e bloco misto.*

---

[5] Disponível - http://www.youtube.com/watch?v=pT8Oh4307F8&list=PL0FF5C144A934323A&index=6. Acesso em 13/02/2014.
[6] Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=p5VGZVawW0c. Acesso em 13/02/2014.
[7] Disponibilizado http://www.youtube.com/watch?v=QQmYjbrCUuQ. Acesso em 13/03/2014.
[8] Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=s_Ca1mk1I9E. Acesso em 13/03/2014.

Vídeos produzidos

Apresento a seguir os vídeos produzidos pelos alunos e que compõe o DVD Ciências na Tela. Os vídeos foram organizados em blocos, em função do enfoque abordado. O bloco temático reúne as produções que envolvem temas mais gerais como, por exemplo, saúde e meio ambiente, o bloco experimentação reúne os vídeos com filmagens de experimentos associados a conteúdos específicos de Ciências, esse último bloco produzido pelos alunos das turmas do último ano do ensino fundamental.

Bloco Temático

a) Projeto Piloto– Ciências na Tela I

✓ O Lixo na Escola (6min42s)[9]
O foto vídeo trata sobre o ambiente da escola e o acúmulo de lixo nesse ambiente (uma realidade que acomete muitas escolas públicas de educação básica), deixado indevidamente pelos estudantes e pela comunidade escolar.
Conceitos relacionados: geração de resíduos, lixo e descarte, doenças relacionadas com o acúmulo de lixo, insetos e roedores, meio ambiente, saneamento básico, saúde, coleta seletiva do lixo, classificação do lixo.

✓ A Higiene na Escola (6min52s)[10]
O vídeo estilo "câmera na mão" fala sobre a importância da higienização das mãos, especialmente após ir ao banheiro e antes das refeições, chamando a atenção para os cuidados com a saúde coletiva e individual.
Conceitos relacionados: higiene e prevenção de doenças, doenças parasitárias, viroses, medidas de prevenção à Gripe A, e contágio de doenças.

b) Projeto Ciências na Tela II

✓ Gripe H1N1 (3min2s)[11]
O foto vídeo trata sobre os sintomas, as medidas de prevenção e os possíveis tratamentos para a Gripe H1N1 (Gripe A).
Conceitos relacionados: gripe e resfriados, vírus, viroses sazonais, modos de contágio, medidas de higiene como método de prevenção, plantas medicinais, medicamentos.

✓ Obesidade (2min34s)[12]
A mídia, composta por um vídeo e um foto vídeo, aborda os hábitos alimentares e seus efeitos para a saúde, como a obesidade, indicando a faixa etária de maior incidência do sobrepeso e as formas de tratamento para o problema.
Conteúdos relacionados: distúrbios alimentares, alimentação saudável, padrões de beleza, IMC, consumo e gasto calórico diário, sedentarismo, benefícios/malefícios de exercícios físicos; doenças associadas a má alimentação (diabetes, bulimia, anorexia, pressão arterial alta, raquitismo e desnutrição, entre outras).

---

[9] Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=XXEky4AYQBw. Acesso: 16/05/2014.
[10] Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=ZwDytbj-Ias. Acesso: 16/05/2014.
[11] Disponível em: em: http://www.youtube.com/watch?v=TcBTUY_kzJQ. Acesso: 16/05/2014.
[12] Disponíve https://www.youtube.com/watch?v=_hdcJgqSCTY. Acesso: 17/05/2014.

✓ A química no exercício físico (3min2s)[13]
O foto vídeo trata sobre a reação do ácido lático no organismo humano e sua relação com a fadiga muscular.
Conceitos relacionados: Gasto calórico diário; grupos alimentares (carboidratos, lipídios, proteínas, sais minerais e vitaminas), limites físicos do corpo, tecido muscular, tecido sanguíneo, circulação sanguínea, propriedades do sangue, acidez sanguínea, prática de exercícios físicos, síntese ATP, células, doenças associadas a prática de exercícios físicos (vigorexia) e o culto ao corpo.

Bloco Experimentação

✓ A Bateria de Água e Sal (3min52s)[14]
O vídeo estilo "câmera na mão" mostra a produção de energia elétrica em uma pilha que utiliza moedas de cobre, arruelas e pedaços de tecido embebidos na água e sal.
Conceitos relacionados: fontes alternativas de energia, condução de corrente; íons, reações químicas, soluções, condutores, metais e suas propriedades, tabela periódica.

✓ Pilha de limão (1min31s)[15]
O vídeo, em dois planos de filmagem, mostra como acender um led com quatro limões.
Conceitos relacionados: fontes alternativas de energia, condução de corrente, acidez, reações químicas e produção de energia.

✓ Mudanças de estado físico da água (1min59s)[16]
O foto vídeo mostra os estados físicos e as mudanças de estado físico da água.
Conceitos relacionados: estados físicos da matéria, pontos de fusão e ebulição, diferenças entre ebulição, evaporação e calefação.

✓ Ponto de ebulição (3min47s)[17]
O vídeo mostra o aumento do ponto de ebulição da água quando se adiciona sal.
Conceitos relacionados: mudanças de estado físico da água, ponto de fusão e de ebulição de substâncias puras e misturas.

✓ Gelo com sal (1min5[18]6s)[19]
O foto vídeo mostra o abaixamento do ponto de fusão da água quando se adiciona sal, resultando em uma solução.
Conceitos relacionados: mudanças de estados físicos da água e ponto de fusão e de ebulição de substâncias puras e misturas.

✓ Ovo que flutua (55s)[20]
O vídeo mostra a diferença de densidade de uma substância pura e de uma solução.
Conceitos relacionados: massa, volume, densidade, soluções, flutuação de corpos.

---

[13] Disponível em: em: https://www.youtube.com/watch?v=LlJEM53frs4. Acesso: 17/05/2014.
[14] https://www.youtube.com/watch?v=--tQTWSoWT8. Acesso: 17/05/2014
[15]Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0toAh00hRwc. Acesso: 17/05/2014.
[16] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cxpwsc--pX0. Acesso: 17/05/2014.
[17] 17 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BL6kjNU6fAA. Acesso: 17/05/2014.
[18] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BL6kjNU6fAA. Acesso: 17/05/2014.
[19] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CwBBYc0jDRU. Acesso: 17/05/2014.
[20] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=P5d9Ew-HGMg. Acesso: 17/05/2014.

✓ A cozinha e a química (1min59s)[21]
O foto vídeo registra ações cotidianas, como fazer um bolo, associadas aos conceitos de Química, relacionando a cozinha com um laboratório.
Conceitos relacionados: misturas; reações químicas no uso de fermento biológico e químico, solubilidade, massa e aumento de volume.

Bloco Misto

Em especial dois vídeos poderiam ser categorizados nos dois blocos, pois os vídeos produzidos pelos alunos no projeto Ciências na Tela II, são sobre experimentos, mas que envolvem temas mais amplos, os quais apresento a seguir.

✓ A violeta que desaparece (2min33s)[22]
O vídeo apresenta um "teatro de mãos" mostrando passo a passo a ocorrência de uma reação química com água, água oxigenada, vinagre e permanganato de potássio.
Conceitos relacionados: substâncias, reações químicas; formação de precipitado.
O vídeo mostra um experimento, mas destaca o uso do permanganato de potássio como medicamento de uso externo, o que levou o grupo a pesquisar as situações em que é necessária a utilização de tal medicação.

✓ Reação do carbureto (6min18s)[23]
O vídeo registra a reação do carbureto de cálcio com água em uma garrafa PET e contém a explicação do experimento (motivos da reação). Na sequência, há o registro de uma entrevista sobre a utilização do carbureto por mineradores e "chapistas" de automóveis.
Conceitos relacionados: reações químicas, gases inflamáveis, produção de acetileno.
No vídeo, os alunos abordam a reação do carbureto, mas relacionam o produto – o acetileno – com o uso em maçaricos de solda e realizam uma entrevista com um motorista aposentado, contextualizando a utilização do produto.

Considerações finais

Os vídeos aqui apresentados foram produzidos a partir das visões dos alunos sobre as Ciências e essas visões são permeadas por diferentes discursos, em alguns momentos o discurso científico sobressai, em outros é o pedagógico, mas em todas as produções reconhecemos a instituição das práticas também em meio aos discursos tecnológico e o midiático. Nesse sentido, o trabalho com vídeos se mostra uma prática possível e abrangente, que possibilita diferentes formas de abordagem de conceitos e de procedimentos para desenvolver aprendizagens, com a mediação das tecnologias.

Diante disso, espero que os professores de Ciências da Educação Básica possam também ver o potencial pedagógico em trabalhar com vídeos, filmes e documentários e compreendam esse material (DVD que será disponibilizado para a escola) como material didático que conta uma experiência realizada com alunos na educação escolar.

---

[21] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PboYhyiDNYw. Acesso: 17/05/2014.
[22] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QTP6A8S0G5o. Acesso: 17/05/2014.
[23] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R479rjaVxGQ. Acesso em: 17/05/2014.

Acreditando que a intervenção realizada na escola possa promover diferentes entendimentos sobre a validade da prática com o uso de vídeos na educação escolar, ressalto que as interpretações e sugestões que apresento são com base em minhas vivências, mas penso que elas não esgotam as possibilidades de trabalhar com vídeos na escola e que outros professores poderão ter outras interpretações e dar usos diferentes ao material sugerido, o que é bom para a educação escolar em Ciências, já que viabiliza o surgimento de outros olhares e outras possibilidades de se trabalhar com os vídeos na escola.

Referências

ANCINE. **Agencia Nacional de Cinema. Instrução Normativa 22.** Disponível em <http://www.ancine.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5650&sid=808> Acessado: 25/11/2011.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local.** Trad. Michel Thiollent. Liber Livro Editora. Série Pesquisa; v. 16. Brasília. 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo. n.114. novembro, 2000. p.197-223. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>. Acesso em: 12/12/2013.

FOUCAULT, Michel. **O Poder e o Sujeito.** In: Uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense: Universitária, 1995(a).

_____. **Tecnologías del In.:** Tecnologías del yo y otros textos afines. 2a edição. Barcelona: Paidós Ibérica, 1995(b).

_____. **A ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22aed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 74p. (b)

GIROUX, Henry. **Praticando estudos culturais nas faculdades de educação.** In.: Silva, Tomaz Tadeu (org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p.83-100.

HALL, Stuart**. Estudioso da cibercultura propõe utilização de linguagem universal na rede. Projeto faz parte de desenvolvimento da chamada 'web semântica':** entrevista [29/08/2009]. O Globo.com. Entrevista concedida a Leopoldo Godoy. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1284962- 6174,00-LEIA+A+INTEGRA+DA+ENTREVISTA+COM+O+FILOSOFO+PIERRE+LEVY.html>. Acesso: 09/10/2013.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e Linguagem na educação e na política.** Trad. José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 3a reimpressão, 2002.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagens inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas.** In Moran, José Manuel; Massetto, Marcos T, BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. Campinas, São Paulo. 12ed. 2006.

SANTAELLA, Lucia. Aprendizagem Ubíqua substitui a educação formal? **Revista de computação e tecnologia da PUC.** v.2, n.1. São Paulo 2010.

VEEN, Wim e VRAKKING, Ben. **Homo sapiens:** Educando na era digital. Tradução Vinicius Figueira. Artmed. Porto Alegre, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo e NOGUEIRA, Carlos Ernesto. Conhecimento e saber apontamentos para os estudos de currículo p.67-87. In SANTOS, Lucíola Paixão et al. (Org.) **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente:** currículo, ensino de Educação Física, ensino de Geografia, ensino de História, escola, família e comunidade. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2010.

REDESCOBRINDO A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHARES EM AÇÃO

Marta de Almeida Oliveira[1]

Meiry Soares da Costa Pereira[2]

Rozeli Lemos de Melo[3]

Sandra Regina de Freitas Amaral[4]

Para iniciarmos este relato fizemos coisas típicas de criança: esbarramos... tropeçamos... enroscamos... e caímos na linha de pensamento que todo o registro traz consigo, o valor histórico enquanto marca de uma ação. Assim lançamos um olhar *après coup* (palavra francesa), como dizem os psicanalistas, sobre as experiências vividas e amadurecidas pela distância do empo.

No ano de 2016, os professores do CEI Chai Il Sun e do CEI Regente Feijó (Centros de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas – São Paulo), tiveram a oportunidade de participar das oficinas de *Film Literacy – a produção fílmica como viés de experimentação*, oferecidas no Trabalho Docente Coletivo (TDC) pela oficineira Pamela de Bortoli (Doutoranda da Unicamp – Campinas), no contexto do Programa "Cinema e Educação - a experiência do cinema na escola de Educação Básica Municipal", da Secretaria Municipal de Educação de Campinas.

Surge a oportunidade de mostrarmos o nosso fazer educacional através do cinema, ou melhor mostrarmos, em imagens e sons, o espaço em que construímos, desconstruímos e reconstruímos a aprendizagem (o aprender a aprender), com suas inquietações, entusiasmos, limitações, enfim, com todas as vicissitudes vividas por quem está buscando, estruturando e reestruturando sua identidade profissional.

Nas oficinas pudemos assistir curtas-metragens em diversos estilos cinematográficos e assim aprendemos a refinar os nossos olhares e audições para contextos até então não percebidos. Em todas as aulas tínhamos a oportunidade de colocar em prática, em pequenos grupos, o que foi aprendido. Eram momentos mágicos, pois dávamos muitas risadas e o envolvimento era de todos. O cansaço pelo dia trabalhado ou a trabalhar se tornava mais ameno e a interação da equipe de professoras tornava aqueles momentos gostosos e descontraídos. Os dias da oficina eram esperados por todas; mesmo quando cansadas sempre lembravam: "Mas hoje é o dia da oficina da Pamela... é muito gostoso" Ah! Como poderíamos esquecer o momento marcado, a meia hora antes do fim de cada encontro da oficina, àquela hora mágica em que eram passadas para o computador e transmitidas na tela grande da sala as filmagens realizadas por cada grupo nas experimentações feitas a partir do que havia sido aprendido na primeira parte daquele encontro com Pamela e as imagens e ensinamentos que ela trazia. Delícia... poder se ver e ser visto, bem como ver a produção de cada grupo mediante a proposta de filmagem do dia.

---

[1]Orientadora Pedagógica da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Regente Feijó e CEI Chai II Sun; Graduação em Pedagogia – PUCCAMP, Campinas – S.P.

[2] Professora da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Regente Feijó, Campinas – S.P; Magistério; Graduação em Psicologia – PUCCAMP, Especialização em Psicologia Escolar e da Aprendizagem – PUCCAMP, Mestrado em Psicologia Escolar – PUCCAMP, Campinas – S.P.

[3] Professora da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Chai II Sun, Campinas – S.P; Graduação em Pedagogia – UNICAMP - Campinas – S.P.; Especialização em Didática – Fundamentos Teóricos da Prática Pedagógica e Psicopedagogia Faculdade de Educação São Luís, Jaboticabal – S.P.

[4] Professora da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Regente Feijó, Campinas – S.P; Graduação em Pedagogia – Faculdades Network / Sumaré; Pós-Graduação em Educação Infantil: Alfabetização e Letramento – Faculdade Network / Sumaré; Formação na Área de Pedagogia da Imagem no MIS / Campinas.

Essa interação entre a escola e a universidade possibilitou olhares, conversas e fazeres em cinema gerado em momentos de fruição e produção. Momentos em que curtas nacionais mobilizaram o assistir, o olhar para a realidade, o filmar a realidade vivida e o apreender conceitos em cinema. Isso tudo usando câmeras fotográficas da própria escola ou os próprios aparelhos celulares.

Uma das propostas da oficina estava direcionada a exploração do espaço da escola em busca de lugares para nossa produção fílmica, permitindo que nós professores tivéssemos uma nova percepção dos espaços da escola. A oficina proporcionou que olhássemos mais atentamente para o espaço que normalmente parecia-se sempre o mesmo. Durante a exibição dos filmes produzidos, ouviam-se comentários sobre como a escola estava bonita; ao vê-la na tela maior, ela nos parecia mais bela. Talvez porque nunca havíamos olhado para ela mais atentamente, com mais calma... Lembramo-nos do comentário de uma professora sobre o movimento das folhas das árvores ao fundo de uma cena, quando assistia a um filme produzido na sala de aula com crianças. O olhar dela foi além, saiu do foco principal, as crianças. Notamos que os professores estavam olhando a escola com outros olhos, mais contemplativos e atentos. O cinema havia nos proporcionado isso. Pois a rotina, a pressa, nos tira essa capacidade de olhar mais atentamente para as coisas e, "de tanto olhar", a paisagem nos parece a mesma; mas ao olharmos através da tela do celular ou ao vermos nossa escola numa tela maior ela nos parecia outra. E era! Era imagem! Afinal, a imagem é e não é a escola a um só tempo, fazendo com que a escola escapasse dela mesma, sendo outra.

Estávamos brincando, e como a criança, brincando estávamos entendendo o nosso corpo e o nosso mundo, desenvolvendo e ampliando as relações com as professoras, dominando o espaço. Passamos a ter prazer em realizar o processo e o produto passou a ser um registro deste momento de descobrir as possibilidades de movimento do corpo, perceber limites, lidar com suas emoções e afetos. Le Boulch (1984) descreve sobre o corpo vivido uma etapa dominada pela experiência vivida pela criança, pela exploração do meio, por sua atividade investigatória e incessante, desta forma está conhecendo seu corpo e dominando seu meio físico. Como educadoras, estávamos vivendo a experiência no corpo e não só lendo sobre em um livro; este era o primeiro passo para conseguirmos fazer com as crianças as filmagens.

A criança, na sua ação, cria, ousa, realiza arte da imagem e da representação. Ao olhar a ação da criança no meio, no espaço de seu domínio a escola, enxergamos possibilidades de filmes, de registros; pois a cereja do bolo estava em poder pôr em prática o que tinha sido vivenciado nas oficinas e extrapolar a criatividade. Assim foram surgindo novas possibilidades de ação... câmera... emoções... em que também as crianças eram protagonistas.

Surgiram as filmagens e os filmes produzidos que traziam visivelmente a infância na escola; as películas aproximavam a vida da arte – romanticamente dizendo. Algumas vezes, era conversado com a criança o que iria ser filmado e outras não; as tomadas aconteciam em espaços e tempos diferentes da escola.

A câmera não intimidava as crianças, era tratada como um objeto conhecido. Elas se posicionavam em sua frente com poses e caretas; de certa forma ofereciam uma dimensão interativa e, através do olhar, da voz e do toque, desenvolviam a capacidade de subjetivar-se. A fantasia, a magia para a criança foi quando ela se via na tela, algumas não se continham e pulavam, colocavam a mão na tela, davam risada, abraçavam o amigo, batiam palmas, pediam para repetir várias vezes a mesma cena, percebiam detalhes nas imagens que não tínhamos percebidos. Enfim, essas eram, na sua maioria, produções feitas pelas professoras sim, mas ricas de desejos e olhares também das crianças.

Reconhecemos que a cultura é geradora dos sistemas simbólicos, de representação da realidade para o indivíduo e, por meio deles, torna-se possível o processo de codificação e decodificação das informações do mundo real. Este é o momento de continuarmos a apresentar para a comunidade, através do cinema, o contexto da infância na escola e a valorizar o trabalho desenvolvido pelos educadores com as crianças na Educação Infantil, tendo um olhar peculiar ao mundo das aprendizagens.

Em geral, quando contamos uma história (uma experiência) ela tem o "funil" do contador, pois ele se apropriou da mesma.

Como diz Corso e Corso (2007, p.23) "afinal, uma vida se faz de histórias – a que vivemos, as que contamos e as que nos contam".

Essas histórias têm emoções... ações... câmeras... filme... temperos de alegria e diversão... e quem quiser que venha participar conosco!

Os filmes nos mostraram outra escola escondida atrás do olhar menos atento, despertado diante do filme no telão. O que nos fez começar a ver? Ver o que estava lá todos os dias, mas que diante de outros compromissos, afazeres, crianças, horários... nos deixava alheias ao espaço que nos circundava?

A oficina com as produções dos filmes nos possibilitou ver um espaço outro, espaço esse que de tão presente se fazia ausente aos nossos olhos. O cotidiano e a rotina automatizam nosso olhar, e foi através das produções dos filmes que este se deslocou para além do que víamos todo dia: a beleza da escola, seus espaços amplos, seu colorido, uma escola viva.

Fazer Cinema na Educação Infantil? Como? Produzindo e Exibindo Filmes

A Lei 13006 / 2014 acrescenta o parágrafo 8º ao artigo 26 da Lei 9.394 / 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, propondo que "a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo sua exibição obrigatória por no mínimo duas horas mensais"[5].

Essa Lei mexeu com nosso interesse, ou melhor, com nossa curiosidade de educadoras, com a vontade de experimentar. Lembramo-nos de como a experiência é descrita por Larrosa (2015, p.28) "É experiência aquilo que "nos passa", ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. "

Surge em 2017 na escola o Projeto Cineclube da CEI Regente Feijó e da CEI Chai II Sun, trazendo como justificativa que vivemos numa sociedade onde uma grande parte dos processos de subjetivação se realiza através das imagens e que na Educação Infantil as imagens são elementos constitutivos na construção da identidade de bebês e crianças. Assim a implementação do Cineclube teve e tem como objetivo promover a interação com uma maior diversidade de filmes que ampliarão o repertório artístico das crianças, contribuindo positivamente na construção da autoimagem e consequentemente da autoestima das mesmas. Constam, portanto, como objetivos do referido Cineclube:

. Implementar um espaço de Cineclube na unidade educacional voltado à fruição da arte cinematográfica somando-se às diversas experiências artísticas vivenciadas na Educação Infantil;
. Fomentar experiências na unidade educacional que possam subsidiar a regulamentação da lei 13006/14, contribuindo para que todos possam se reconhecer na cultura nacional;
. Estimular a produção de filmes pelos diversos integrantes da escola (educadores, educadores e crianças, crianças) a serem apresentados em diversos momentos para o público de bebês e crianças;
. Proporcionar que bebês e crianças sejam autores de filmes assim como são de seus desenhos, pinturas, esculturas, escritas, falas, gestos, danças e mímicas, através dos quais se expressam e se constituem no mundo;

[5] O Projeto de Lei do Senador Cristovam Buarque (PL 185/08) criou a Lei 13.006, de 26 de junho de 2014.

. Possibilitar a ampliação de repertório cinematográfico nacional;
. Promover debates acerca dos filmes e dos modos de produção cinematográfica e também das produções do próprio cineclube da escola;
. Proporcionar sessões de cineclube em que as famílias assistam as produções escolares (dos educadores e de seus filhos) ou filmes escolhidos pela equipe para rodas de conversa com as famílias;
. Favorecer a interação entre a escola e a comunidade, inclusive por meio de curadorias partilhadas;
. Organizar as produções da comunidade escolar contribuindo para o acervo da memória da unidade educacional.

Mas como começar? Não havia um modelo pronto para buscarmos referências. Estaríamos aprendendo por tentativas e erros.

Tínhamos algumas pistas provenientes de experiências anteriores vividas na escola em assistir filmes como disparadores de conversas no TDCs; tínhamos também algumas pistas vindas da participação da orientadora pedagógica, e uma das autoras desse texto, no Curso "Cinema e cineclube na escola de educação básica", oferecido ao longo de 2016, no Museu da Imagem e do Som, pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com o Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO/Unicamp, e na "Comunidade de aprendizagem através do cinema" vivenciada na Faculdade de Educação/Unicamp, no primeiro semestre de 2017.

Em torno e a despeito dessas pistas, iríamos experienciar, buscar nosso próprio caminho, reinventar o cotidiano escolar explorando as possibilidades do cinema em seus encontros com a escola.

Produzindo filmes...

A intenção era produzir filmes com as crianças, para elas assistirem e também para que pudessem ter a experiência de produzir filmes, experimentar, e se verem na telona. Ao produzir filmes, fazer cinema nota-se que nós, professores, estamos num processo de autodescoberta, nos perguntando: o que sei fazer? Como fazer? O que filmar?... Eram tantas perguntas, inseguranças, mas resolvemos seguir a intuição.... Ora, alguns de nós tinha a impressão de estarem fazendo registro do trabalho pedagógico, e esse não era o intuito do projeto. Seguíamos: entre erros e acertos as produções iam saindo. Filmávamos as crianças em diferentes momentos e situações: no parque, no lanche, em atividades na sala de aula e em áreas externas (horta, escorregadores e outros), em festividades na escola, na hora do sono... tudo virava motivo para filmar.

Porém, a parte técnica, a edição desses filmes produzidos, era uma outra questão. Frente ao material/vídeos gravados, tínhamos que editar, e nossa formação não nos capacitava para tal; mas cada uma sabia mexer, lidar com o editor de vídeos a seu modo. Apesar da carência em conhecimentos técnicos de edição, cada qual fazia o que estava dentro de suas possibilidades e muitos filmes foram editados, não dentro do [6]ideal, mas dentro do que foi possível, e nenhuma dessas dificuldades impossibilitou a continuação do Projeto Cineclube. Ao experienciar e fazer cinema na escola fomos trocando saberes e aos poucos apropriamo-nos dos saberes umas das outras, havendo

[6] Mas, afinal, o que "tem dentro" dessa palavra "ideal"? O que viria a ser o "ideal"? Seria algo que está na ideia de alguém ou alguéns... mas como essa ideia foi parar nesse(s) alguém(ns) e como ela passa a ser um regulador do que existe fora da ideia (ou seja, no mundo mesmo)? O "ideal" no texto se refere à edição, dado que a cada sessão do cineclube notávamos coisas que poderiam ser melhoradas numa outra forma de editar. Contudo, sabemos que nossa "idealização do ideal" é uma construção social, algo que foi sendo incutido em nós a partir dos conhecimentos construídos através do consumo do cinema comercial e da mídia de forma geral. Mas sabemos também que seria possível alterar esse "ideal", romper mesmo com ele, e assim os filmes editados da maneira como conseguimos editar poderiam tomados, inclusive, como excelentes porque eles eram os possíveis de serem feitos e, justamente ao serem feitos, apontavam outras possibilidades de se fazer cinema na escola.

um grande intercâmbio de ideias. Mas cada uma com sua subjetividade foi encontrando caminhos para suas produções, modos de fazer, já que não havia modelos, nem o certo e nem o errado. Nas tentativas as coisas foram acontecendo, e foi emergindo a marca autoral de cada professora em suas produções.

Ficar responsável pela edição de algumas produções coletivas ou mesmo a partir de filmagens feitas por outras pessoas nem sempre é algo tranquilo. O mais interessante seria poder fazer a edição junto com quem produziu o vídeo/filme, pois ao cortar um plano ou colocar um estilo de música, podemos mudar todo o sentido e/ou a intencionalidade de quem capturou as imagens. Tudo isso pode causar um certo desconforto com relação a produção de sentidos que podemos estar imprimindo no filme. A preocupação nossa sempre era, após editar, assistirmos várias vezes, pois sempre achávamos que poderíamos ter melhorado algo, ter feito de outra forma.

Exibindo filmes... e produzindo novos filmes...

O primeiro curta nacional apresentado para as crianças do CEI Regente Feijó foi "A Menina Espantalho" (2008), de Cássio Pereira dos Santos. Ocorreram várias sessões, pois a sala de exibição é pequena e cerca de mais ou menos 120 crianças assistiram, nas faixas etárias 2 anos a 5 anos e 11 meses. Sentíamos a necessidade de filmar todas as sessões, afinal eram turmas diferentes e as reações poderiam ser diferentes... e realmente assim foi. Pois, a subjetividade de cada grupo de crianças nos mostrava como este espaço de interação criança/criança, criança/cinema afetava positivamente, a todos, de forma individual e coletivamente.

Nesta empolgação de filmar e registrar todas as reações de todas as sessões, tínhamos um grande material bruto a ser editado. A única professora com mais experiência em edição era a Sandra Amaral, o que de uma certa forma causou, inicialmente, um desconforto para ela; afinal a edição, montagem do filme mostra, apresenta o olhar de quem edita. Diante de horas de filmagens, o que selecionar, o que mostrar, como montar o filme, o que queremos mostrar com aquela edição? E sua indagação para o grupo era: "Eu sabia, mas certamente não seria o mesmo filme se tivesse a edição de outra pessoa, eu sabia que o ideal seria sentar o conversar sobre, mas nossos horários não eram compatíveis. Muitas vezes nos falávamos pelos corredores da escola, mensagens, e-mails, mas mesmo assim a edição era um momento solitário, cheio de dúvidas, no qual me perguntava o que cortar, eliminar, deixar, que músicas colocar, que ritmo dar ao filme. Tudo isso iria direcionar o filme. Eram tantas questões, e eu sabia que minha edição mostraria o meu olhar; as vezes eu sentia a falta do grupo para opinar, sugerir, já que a filmagem havia sido feita a seis mãos. "

Ao final, o filme editado com imagens do próprio curta "A menina espantalho" e imagens das sessões feitas na escola ficou lindo e contou com a aprovação de todos.

Sabiamente a editora buscou o que foi filmado transversalmente, por diferentes perspectivas, deixando clara a sequência dos fatos: crianças chegando na sala de projeção, uma sequência de planos que mostrava crianças assistindo o curta e suas reações (olhares, expressões) mesclando com algumas cenas do filme. A intenção da montagem era mostrar ao espectador a relação entre as crianças e a obra assistida que se constituiu durante cada sessão.

"Foi diferente, foi gostoso, eu adorei... quero mais...". Falas assim surgiram ao término das primeiras sessões no CEI Regente Feijó, onde foram exibidos os filmes onde as crianças apareciam neles. Elas ficavam empolgadas ao se verem, pediam para passar novamente, reconheciam o amigo, descreviam o que estava acontecendo, batiam palmas, repetiam a fala, levantavam e iam até a tela de projeção, sabiam quem tinha filmado, se viam na tela - mesmo não estando lá - pois se viam no contexto.

No CEI Chai Il Sun, a professora Rozeli, responsável pelo Projeto, optou por um percurso diferente, pois essa Unidade atende bebês de 4 meses a 2 anos. Para a primeira sessão foi escolhido um

apanhado de cerca de 20 minutos com filmes feitos em todas as turmas. Foi possível observar como o ver-se e o ver o outro na tela causou um momento de fascinação entre os muito pequenos, que permaneceram por um período que é considerado longo para essa faixa etária, diante da tela, com muita atenção.

Exibindo filmes para os pais...

Os filmes produzidos nas duas Unidades fizeram parte de uma Mostra intitulada "30 minutos de Infância" apresentada para os pais. Foram realizadas 4 sessões, sendo um dia para os pais do Regente Feijó, manhã e tarde e um dia para os pais do Chá Il Sun também manhã e tarde.

Nessas sessões houve uma conversa inicial explicando sobre a implementação do Projeto Cineclube e após as sessões retomamos as conversas com as impressões dos pais de cada sessão. Durante as sessões observamos as reações dos pais a cada filme, que variavam da alegria a comoção. Em suas falas, os pais relataram, muitas vezes com a voz embargada de emoção, como era quase que tranquilizador ver como os bebês e crianças se relacionavam e como era bom ver o trabalho realizado com eles. Muitos deles terminavam suas falas com um agradecimento. Essas falas nos mostraram que a intenção inicial de mostrar a infância tinha, de forma indireta, valorizado o trabalho realizado pelos educadores.

Continuidades e Conclusões Provisórias

É importante destacar que é nas relações sociais que nossa identidade é construída, e que por meio das múltiplas linguagens – a gestualidade, a oralidade, a escrita, o cinema etc – são transmitidas, assimiladas e reconstruídas as mensagens e os conhecimentos.

Ao longo desse percurso junto ao Projeto Cineclube percebemos novos significados quanto à linguagem audiovisual em relação à oralidade e à escrita, ampliando nosso olhar e entendimento da realidade que nos cerca; possibilitando um "olhar diferenciado". Como se refere Nunes (2010):

> Estamos submersos em uma sociedade imagética, onde somos constantemente produzidos por imagens. As imagens contribuem para a composição dos olhares sociais e através delas percebemos as diversas identidades e representações. Produzimos e interagimos com imagens que expressam aquilo que pensamos sobre as coisas (NUNES, 2010, p. 12).

O poder vivenciar tudo isso com as crianças nos deixa fascinadas e com mais vontade de aprender.... Ainda que as dificuldades continuem, pois temos também as limitações com os aparelhos: a câmera fotográfica que perde o foco durante a filmagem e a filmadora que não dá pause no momento que desejamos... mesmo assim seguimos produzindo e editando vários filmes de forma criativa.

Brincar... Criar... Imaginar... Olhar.... Buscar.... Experimentar.... Filmar... verbos, ou melhores ações, que mudaram a nossa prática pedagógica.

Bibliografia

BRASIL. **Lei 13.006**, publicada em DOU, Seção 1, Poder Legislativo, de 26/06/2014, que acrescenta parágrafo 8º. Ao art. 26 da Lei no. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

CORSO, D.L. e CORSO M. – ***Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis***, Porto Alegre: Artmed, 2007.

LARROSA, J. – ***Tremores: Escritos sobre experiência,*** 1ª. Ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LE BOULCH, J. – ***O desenvolvimento psicomotor – Do nascimento até 6 anos***, 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984ª (Trad. De Ana G. Brizolara).

NUNES, Luciana Borre. **As imagens que invadem a sala de aula: reflexões sobre cultura visual.** Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

PRODUÇÃO AUTÔNOMA DE CINEMA NA SALA DE AULA EM ESCOLA PÚBLICA

Marlon Fraga Nunes
Escola Técnica Estadual 31 de Janeiro
Campo Bom - RS
mobral1@uol.com.br

Resumo

Com objetivo de utilizar as novas mídias, que tornam os educandos cada vez mais conectados, onde se valem do uso de fotos e vídeos para compartilhamento de seus momentos, alegres ou tristes, iniciei, em sala de aula, há oito anos, a criação da produção cinematográfica de forma autônoma pelos alunos.

Palavras-chave: Mídia-educação, cinema na escola, produção cinematográfica, adolescentes.

1 Introdução

A proposta trata que os alunos criarem um curta-metragem do "zero", onde cada um tem a sua função, direção, produção, roteiristas, figurinistas, maquiagem, câmera, iluminador, contrarregras, atores e atrizes. Todos os cargos são escolhidos democraticamente na turma através de conversa com o grupo e possível votação.

2 Fundamentação Teórica

Por assistir muito cinema desde minha infância, acabei me tornando professor de Arte, desde então busco em tudo que assisto referências para o projeto de cinema que proponho na escola desde 2009.

3 Desenvolvimento

Na criação de um curta-metragem do "zero", onde cada um tem a sua função, direção, produção, roteiristas, figurinistas, maquiagem, câmera, iluminador, contrarregras, atores e atrizes. Todos os cargos são escolhidos democraticamente na turma através de conversa com o grupo e possível votação. Na maioria das vezes o bom senso impera, no caso específico dos atores e atrizes, fica para aqueles que têm interesse em aparecer na frente das câmeras e quando existem dois ou mais interessados na personagem são feito teste de câmera com alguma cena do roteiro pronto e o grupo decide quem fica com o papel.

Com os curtas prontos, participamos de festivais de cinema estudantis do estado, onde já ganhamos diversos prêmios. Com apoio da direção da escola, colocamos no calendário escolar de 2016 o 1º Festicine31, para incentivar professores e alunos que com temas livres, pudessem demonstrar todo seu potencial. O sucesso foi imediato com a produção de quatorze curtas metragens que

abordaram vários temas: Preconceito, documentário, drogas, romance, filmes de época, ficção científica e comédia.

Para valorizar mais os seus trabalhos, eu em conjunto com a turma que ministro Seminário Integrado, com projeto "TV Revolução" montamos uma apresentação especial, produzindo uma premiação com a mostra de todos os curtas, jurados, a presença de pais, alunos, comunidade e imprensa local. Criamos um ambiente de "Oscar" com tapete vermelho entrevistas com os indicados e apresentações temáticas, a cada prêmio entregue.

A conclusão deste projeto demonstrou uma enorme união das turmas que tiveram que pesquisar figurinos, procurar os professores para ajudar em fatos históricos, nos filmes de época, uma das produções precisava saber como era escola nos anos 70, e através de imagens do prédio, na biblioteca, criaram uma sala de aula que se ambienta em 1977. Buscaram também suporte para criação de seus roteiros que deveriam ter forma inédita.

4 Material(is) e Métodos

Os materiais usados foram: câmera digital DLSR, celular como microfone de som direto, isopor branco para contra luz na imagem captada, figurinos diversos, pesquisa de hábitos e história da época, para filmes históricos. *Notebook* do professor com editor de vídeo. Utilizou-se quatro semanas de aulas com debates a cerca do que é cinema, como a crítica faz a evolução da sétima arte.

5 Resultados e Discussão

Aumentou-se a autoestima dos educandos e surgiram talentos em várias áreas de um curta-metragem, como a criação de músicas inéditas para os seus curtas, pois a regra era não utilizar nada de direito autoral. Durante todo projeto que iniciou em Março, tínhamos reuniões semanais no período de arte para ver o andamento dos trabalhos, também acompanhei o processo das filmagens e edições dos curtas pelos alunos. Todos gostaram de fazer e já estão projetando os curtas do ano que vem.

Tivemos uma abrangência de 08 turmas de ensino médio e 02 turmas do fundamental, isto é, 310 alunos.

6 Conclusão

Busco através deste projeto, incentivar, cada vez mais, o uso do cinema como forma de união do grupo, autoestima e fomento a cultura e arte. Desde 2009, eu trabalho nessa "chamada" pelo interesse dos alunos e em muitos momentos consigo mobilizar um número excepcional de interessados.

Ainda busco pesquisas que pensem da forma que eu acredito ser a mais efetiva, chamando o projeto de "Cinema estudantil" que trabalha toda a técnica da sétima arte, dentro das condições financeiras que temos na escola pública e valorizando o cidadão que o adolescente necessita tanto e demonstra nos roteiros que apresenta para serem gravados.

Referências

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. Dicionário teórico e crítico de cinema. Ed Papirus. Campinas, São Paulo, 2003.

DURAND, Fabio; Um pequeno Glossário de termos para Produção Audiovisual. Publicado em Terça, 11 Agosto 2009 10:41- Site: http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/28-tecnica/141-glossarioaudiovisual ; Acesso em 05 de Janeiro de 2017.

SALLES, Filipe; Iluminação para Cinema e Vídeo. Publicado em Terça, 12 Maio 2009 09:33 - Site: http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/28-tecnica/143-luzcine; Acesso em 05 de Janeiro de 2017.

A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE:

PASSOS PARA UM MUNDO MELHOR

Indiara Tainan Passos Dos Santos[1]

Em uma sociedade fatigada pela falta de compreensão e respeito às individualidades, e direitos quando se trata do outro, o Educar para a Diversidade é uma necessidade em um mundo repleto de desigualdades, incompreensão e hostilidade.

Conhecer nossa história e de nossa Ancestralidade nos dá a oportunidade de nos tornarmos pessoas mais humanas, solidárias e sensíveis ao outro e ao próximo, seja ele quem for, ou a cor, etnia e a sua condição social.

Ao compreendermos que, temos uma mesma origem em comum, nos aproxima e nos torna mais afeitos, irmanados para com aqueles que nos cercam.

As diferenças tendem a diminuir e o espaço para o diálogo se torna mais presente e oportuno quando destacamos nossas semelhanças e vemos nossas diferenças como parte de quem somos.

Fator que dificulta este processo é que a história do Povo Brasileiro, sua constituição é composta por vários fragmentos nebulosos, esquecidos ou escondidos que dificultam a compreensão de fatos e saberes internalizados, culturalmente, de geração em geração, que nos fazem ainda ser uma nação miscigenada e ao mesmo tempo preconceituosa e desigual.

E é obvio que a escola não fica imune às situações onde as mazelas dos pré-conceitos, desigualdades sociais que aparecem em nossa sociedade de uma forma macro: a sala de aula torna-se uma pequena amostra daquilo que somos, de melhor e de pior.

Fica a necessidade de refletir e fazer com que os estudantes, parte fundamental no processo de ensino-aprendizagem, assim como na construção de uma sociedade onde a diversidade seja respeitada.

Leis e decretos como a 10.639/03, 11.645/08, assim como as Diretrizes dos Direitos Humanos tornam legal e asseguram que as especificidades sejam respeitadas, que todos, sem exceção, tenham assegurados o direito de ir e vir, às suas crenças e de ser respeitado por suas características mais pessoais: cor de pele, cabelos, peso, altura, condição financeira.

Segundo a Constituição Brasileira, de 1988, artigo 5º "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade [...]".

Muito bonito, mas somente para o mundo das ideias. Ainda há muito que caminhar e avançar para que se efetivem de fato.

Então como levar à crianças e adolescentes o entendimento da necessidade de respeitar o próximo, executar o que diz a Lei e efetivamente permitir que compreendam que esta é uma necessidade para a vida? Estarão preparados para enfrentar na vida estas práticas dolorosas?

---

[1]Professora da Rede Municipal de São Leopoldo, Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo, Pedagoga, Neuropsicopedagoga.

Aí é que pensamos sobre Resiliência e as ferramentas que podemos, na escola, entre currículos e planejamentos, utilizar para preparar seres humanos melhores para o mundo.

No campo da psicologia, Sabbag (2012), no artigo publicado na internet, considera que a "resiliência é competência de indivíduos ou organizações que fortalece, permite enfrentar e até aprender com adversidades e desafios". E complementa: "É uma competência porque pode ser aprimorada: reúne consciência, atitudes e habilidades ativadas nos processos de enfrentamento de situações em todos os campos da vida".

Existem várias maneiras de se pensar sobre uma mesma realidade, bastando para isso um ajuste de foco, o detalhamento de uma imagem ou a reformulação total da vida para que possamos refletir de forma mais ampla sobre ela.

A Produção de Vídeo Estudantil então tem papel fundamental neste processo, permitindo que usando recursos tecnológicos, pesquisas usando o que há de mais farto em material de pesquisa *online*.

Torna-se uma maneira diferente e divertida de proporcionar a produção de conteúdos e conhecimentos que não se limitam ao momento de sua criação, elaboração e execução.

Além do mais, também serve de apoio à professores, crianças, jovens e adultos como fonte de sabedoria e conhecimento, e uma proposta diferente para ensinar e aprender.

E usando, no ambiente escolar, o espaço da Sala de Recursos e Sala da Diversidade, cuja função é justamente possibilitar que se enxergue o mundo não pela perspectiva da dificuldade, da deficiência ou mesmo da incapacidade: um convite para ver o mundo com todas as cores, potencialidades e desafios. Local perfeito para criar alternativas para a Inclusão e discussão sobre as diferenças.

Na junção de tentativas e parcerias na escola e em outros espaços, no anseio de dar outro sentido para a escola, na vida destes pequenos e jovens, a possibilidade de recontar a vida e proporcionar uma participação protagonista veio através da Produção de Vídeo Estudantil.

A convergência de esforços, com muitas ideias e sonhos na cabeça, junto de câmeras e celulares nas mãos, partimos em uma viagem sem volta ao fantástico mundo do cinema.

Produções como "Preto, Pardo ou Negro" e a Adaptação do "Menina Bonita do Laço de Fita", tem o caráter de discutir o papel de negros e negras nas cidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo, consideradas "Berço da Colonização Alemã", pelo ponto de vista de crianças da Educação Infantil (Menina Bonita do Laço de Fita) e Adolescentes da S.R.M. e S.D. (Preto, Pardo ou Negro).

O roteiro adaptado deu a oportunidade aos professores envolvidos de discutir de forma lúdica o papel de personagens negros nas histórias, ampliando o horizonte infantil permeado por Barbies e Princesas cheias de padrões irreais para nós brasileiros.

Enquanto isso, o Preto, Pardo ou Negro, parte com um roteiro escrito pelos adolescentes e ainda é composto por um documentário onde foi reproduzido o "Teste das Bonecas" (experiência onde crianças pequenas ficavam em frente a duas bonecas, uma negra e outra branca, e quando questionadas, elas atribuíam valores às bonecas, como: feia, bonita, boa e má).

O resultado foi constrangedor aos estudantes e lhes permitiu debater entre seus pares, professores e com certeza levar para a vida a compreensão da necessidade de fazer a diferença por um mundo melhor.

A sensibilização provocada pela atividade e pelo filme proposto, possibilitou aos estudantes, perceber o mundo pelos olhos dos outros.

E, em um mundo onde a dificuldade de sentir compaixão e ver no outro um ser de direitos e capacidades, a empatia e a vontade são chaves para a construção de uma realidade de maior respeito e consideração do outro como alguém próximo, merecedor de consideração e sujeito de direitos tanto quanto nós.

E a escola, composta por seres humanos que assumem os papéis de ensinantes e aprendentes, é o celeiro que pode propiciar a partir de suas experiências, iniciativas para uma sociedade mais justa, onde cada um possa ensinar o que sabe (pois todos sabem algo) e aprender com o outro.

Referências

ANTUNES. Celso. http://www.celsoantunes.com.br/educacao-infantil. Acessado em 20/06/2017
BRASIL. Ministério da Educação. Educação inclusiva : v.1 : a fundamentação filosófica / coordenação geral SEESP/MEC; organização Maria Salete Fábio Aranha. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Casa Civil. Lei 10639 de 9 de Janeiro de 2003.

BRASIL. Casa Civil. Lei 11645 de 10 de Março de 2008.

CARDOSO, Fabrício Bruno. CARNEIRO, Rosângela Rabello. Estimulação do desenvolvimento de competências funcionais hemisféricas em escolares com dificuldades de atenção: uma perspectiva neuropsicopedagógica. Revista Psicopedagia, volume 26, nº81, São Paulo. 2009.

CROCHÍK, José Leon. Preconceito e Inclusão. WEBMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. V.3, nº1 (Jan-Jul). 2011

DUK, Cynthia. Educar na diversidade : material de formação docente. 3. ed. /edição do material Cynthia Duk. – Brasília : [MEC, SEESP], 2006. 266 p.

FACION, José Raimundo (org). MATOS, Carmen Lúcia Gumarães. Inclusão escolar e suas implicações. Curitiba: Ibpex. 2007.

GOMES, Nilma Lino. Indagações sobre currículo : diversidade e currículo / organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

KOLLER, Sílvia Helena. PALUDO,Simone dos Santos. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. 2007.

MEC. Educação inclusiva : v. 1 : a fundamentação filosófica / coordenação geral SEESP/MEC; organização Maria Salete Fábio Aranha. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

NEVES, Maria da Graça Gonçalves Cunha. Neuropsicopedagogia: O que é isso? Entendendo a Psicopedagogia e a Neuropsicopedagogia. Acessado em http://www.revistatanto.com/materiaDetalhe&id=310 em 14/02/2014.

SABBAG, Paulo. Resiliência, segundo o olhar do especialista Paulo Sabbag. 08/05/2012. http://casadegfilo.blogspot.com.br/2012/05/resiliencia-segundo-o-olhar-do.html. Pesquisado em 03/08/2013.

VARELLA, Dráuzio. Mulheres intuitivas, homens autistas. Acessado em http://drauziovarella.com.br/sexualidade/mulheres-intuitivas-homens-autistas em 14/02/14.

VARGAS, Cláudio Pellini. O desenvolvimento da resiliência pelas adversidades da escola. 2009. http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7671/4700. Pesquisado em 03/08/2013.
http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticadeinclusao.pdf em 10/02/2014
http://unicrio.org.br/img/DeclU_D_HumanosVersoInternet.pdf em 20/12/2013

PROGRAMA ULBRA FOME DE LER
INCENTIVANDO A LEITURA ATRAVÉS DAS MÍDIAS DIGITAIS

Andréa Rodrigues[1]
byandrea@gmail.com.

Iniciado em 2013, o programa Fome de Ler da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, vem ao longo destes 4 anos fomentando e incentivando a leitura nas escolas da rede. Na época, a meta estipulava a aproximação dos acadêmicos do curso de Letras da Universidade e seus alunos com os autores e suas obras literárias. Com o tempo, ele foi se desenvolvendo e hoje toma proporções maiores. No início do programa o Festival contava com apenas 2 escolas, hoje já são cerca de 118 escolas em 26 municípios do Rio Grande do Sul.

Incentivar crianças e adolescentes a criarem o hábito pela leitura vem sendo atualmente uma tarefa cada vez mais difícil, visto que as mídias digitais estão cada vez mais presentes no tempo e na vida deles. No entanto, ao invés de tornar a tecnologia inimiga da leitura, pretende-se com o programa aliar seus usos ao incentivo à leitura nas escolas.

Na prática, um book trailer é uma síntese do assunto tratado no livro, de forma a contar parte da história, sem revelar toda a trama e aguçando no aluno a curiosidade por saber o desenrolar da história. Assim com um trailer de um filme é feito para levar o público mais uma vez ao cinema, o book trailer é feito para levar o leitor a comprar ou a se interessar pela leitura do livro na íntegra.

A iniciativa tem por objetivo mostrar aos alunos que é possível integrar a leitura com os dispositivos digitais e trazer esse hábito para o ambiente escolar, como explica sua idealizadora, a professora Angela da Rocha Rolla. "O trabalho é riquíssimo, pois, além de explorar os recursos tecnológicos que temos hoje em dia para estimular a leitura e a literatura, ainda é capaz de despertar nos alunos o interesse profissional pelas áreas audiovisuais", afirma a coordenadora. Ela destaca que o processo promove conhecimento também para os educadores envolvidos. "Os professores emergem nessa nova forma de aprendizado, pois participam de oficinas que os capacitam sobre edição de vídeo, produção com dispositivos móveis, entre outras atividades que contribuem para melhorar o desempenho dessas novas formas de trabalhar", completa Angela Rolla.

A proposta do Festival de Book Trailer é produzir um vídeo de duração entre 20 segundos a 3 minutos, inspirado em alguma obra literária lida pelos alunos durante o ano letivo, dando preferência a um autor gaúcho.

Na escola em que leciono, o autor escolhido foi Moacyr Scliar e as obras selecionadas foram Ataque do Comando PQ, Ciumento de Carteirinha e O Mistério da Casa Verde.

Os alunos participaram da produção do roteiro, filmagens, criação e decisão de espaços, locações e figurinos, bem como edição dos vídeos.

A obra de Moacyr Scliar tem uma peculiaridade interessante. Ele faz sempre uma referência a um clássico da literatura brasileira. Ciumento de Carteirinha faz referência a Dom Casmurro de Machado de Assis. Ataque do Comando PQ, fala de o Triste Fim de Policarpo Quaresma de Lima Barreto e O Mistério da Casa Verde menciona o Alienista também de Machado.

---

[1] Professora Especialista em Informática na Educação e Mídias na Educação.

Após a produção dos vídeos, os mesmo são enviados para a universidade e são direcionados para algumas escolas onde é feita a mostra e votação popular. Após o término deste período, há uma cerimônia de premiação onde os mais votados são homenageados.

O programa já integrou a Feira do Livro de Canoas.

Um dado interessante ao realizar este trabalho com os alunos foi que alguns se envolveram tanto, gostaram tanto do livro que acabaram procurando também a obra que o autor faz referência, pra poder entender um pouco mais o porquê da inspiração de Scliar. Assim como um trailer de filme tem por objetivo levar as pessoas ao cinema, o trailer de um livro incentiva o espectador a ler o livro. Em um momento em que os alunos estão cada vez mais interessados em mídias digitais, séries e filmes, uma iniciativa que os faz ler mais é sempre bem-vinda. O trabalho realizado na escola tem dado resultados muito satisfatórios.

Segue os links dos vídeos produzidos pelos alunos das turmas do sétimo e nono anos do ensino fundamental e do primeiro ano do Ensino Médio.

O Mistério da Casa Verde https://www.youtube.com/watch?v=r0e9zY_ehhc

Ciumento de Carteirinha https://www.youtube.com/watch?v=DjgypbI6FE4

Ataque do Comando PQ https://www.youtube.com/watch?v=y_dGCOWBNZA

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado, O Alienista. Porto Alegre, L&PM, 1998

ASSIS, Machado, Dom Casmurro. São Paulo, Ática, 2012

BARRETO, Lima; Triste Fim de Policarpo Quaresma. São Paulo, Editora Penguim, 2011

PEREIRA, Josias; JANKHE, Giovana. A Produção de Vídeo Nas Escolas; Educar com Prazer. Pelotas: Erdfilmes, 2012.

SCLIAR, Moacyr. Ataque do Comando PQ. São Paulo: Ática, 2009

SCLIAR, Moacyr. Ciumento de Carteirinha. São Paulo: Ática, 2006

SCLIAR, Moacyr. O Mistério da Casa Verde. São Paulo: Ática, 2000

RELEITURA, DISCUSSÃO, ADAPTAÇÃO E TEATRO DE SOMBRAS

SOBRE O TEXTO
"UM CASO DE AMOR OU UMA TRAGÉDIA MATEMÁTICA"

José Francisco Duran Vieira
jf.duran1963@gmail.com

Maurício Mailan Lange
mauriciomlange@gmail.com

Este trabalho teve como foco a participação no Projeto Doce Leitura desenvolvido pela SMED/Pelotas-RS em 2016, no qual o objetivo principal é "fomentar mais atividades de leitura significativa, em toda a rede municipal de ensino, proporcionando o domínio, a interpretação, a compreensão e a produção de textos pelos alunos e, consequentemente, aumentar o índice de leitores assíduos, críticos e autônomos com prazer em realizar leituras na escola e em casa".

A proposta foi desenvolvida com a turma 18A/2016 (18A), envolvendo a disciplina de Matemática com o professor titular Maurício Mailan Lange e o professor do Laboratório de Informática Educativa José Francisco Duran.

A turma deveria realizar um Teatro de Sombras utilizando o texto de autor anônimo "Um caso de amor ou uma tragédia matemática". O trabalho tinha por finalidade:

- ler e interpretar a história;
- identificar termos desconhecidos e pesquisar seus significados;
- discutir gênero e o papel social pré-estabelecidos pela sociedade;
- reelaborar outro final para a história em decorrência dos debates estabelecidos e contar a readaptação da história através da utilização do Teatro de Sombras.

As metas propostas foram alcançadas já que os educandos apresentaram melhora no interesse e desempenho nas aulas subsequentes.

Conclui-se que a utilização deste procedimento aumenta o interesse dos(as) alunos(as) pela disciplina, aumentando os índices de aproveitamento e tornando as aulas mais atrativas. Portanto, utilizar metodologias_que valorizem a participação ativa dos(as) alunos(as) no processo de ensino e que contribua de forma especial para uma aprendizagem mais significativa, conduz a um entrosamento maior entre alunos(as) e entre alunos(as) e professores, além de promover momentos de aprendizagem interdisciplinar e elevando os índices de aproveitamento.

Sinopse do filme:

O curta-metragem baseia-se na releitura do texto anônimo "Um caso de amor ou uma tragédia Matemática". Trata-se da história de amor entre a incógnita e o quociente. Um amor quase sem fim. Até que entra um terceiro personagem, sim, o amante MDC, na qual muda surpreendentemente o final desse amor, mas que os alunos e alunas da turma dão outro desfecho a triste história original de autor desconhecido.

TEXTO ORIGINAL

UM CASO DE AMOR OU UMA TRAGÉDIA MATEMÁTICA

Nas folhas tantas de um livro de matemática, um quociente apaixonou-se doidamente por uma incógnita. Ele, o quociente, produto notável de uma família de importantíssimos polinômios e ela, uma simples incógnita de uma mesquinha equação literal. Mas, como todos sabem, o amor vai de mais infinito a menos infinito. Amor não tem limites nem derivadas.

Foi numa maravilhosa noite de promissor diedro de setembro que ele a encontrou. Ela, uma seção circular no meio de inequações, punha-se em evidência com seu vestido "linha trapézio".

Ele a olhou do vértice à base, de todos os ângulos possíveis e impossíveis, agudos e obtusos: uma figura ímpar, olhar romboide, boca trapezoide e corpo ortogonal.

– Quem é tu? – Perguntou ele com ânsia radical.

E ela, com uma expressão algébrica de quem ama, respondeu docemente:

– Sou a raiz quadrada da soma dos quadrados dos catetos. Mas pode chamar-me de Hipotenusa.

Ele fez de sua vida uma paralela à dela, até que se encontraram no infinito. E se amaram ao quadrado da velocidade da luz, numa sexta potência traçando ao sabor do momento e da paixão, retas, curvas e linhas convencionais nos jardins da quarta dimensão.

Ele a amava. E a recíproca era verdadeira. E por um teorema anterior concluímos que eles se adoravam numa proporção direta em todo intervalo aberto da vida. Finalmente, resolveram se casar, isto é, formar um lar, ou mais do que isso, uma perpendicular.

Convidaram para padrinhos o poliedro e a bissetriz e traçaram planos, equações e diagramas para o futuro, sonhando com a felicidade integral e diferencial.

Três quadrantes depois, quando ela estava com todas as coordenadas positivas, eles se casaram e tiveram uma secante e dois diametrozinhos muito engraçadinhos. Depois de casados, quando se conheceram mais, descobriram que eram primos entre si. Ela já havia sofrido quatro operações e algumas simplificações, mas ainda continuava bela e esbelta. O amor entre eles crescia em progressão geométrica. Eram felizes e tudo corria às mil maravilhas, até que tudo tornou-se uma constante.

Foi aí que surgiu um outro: sim, ele o máximo divisor comum, frequentador de círculos concêntricos viciosos. Ofereceu a ela uma grandeza absoluta e induziu-a a simples denominador comum.

Ele o quociente, consciente dessa regra de três, viu que não formavam mais um todo, uma unidade. Era o vértice de tal triângulo, também chamado amoroso. E desse problema, era ela uma simples fração. E a mais ordinária.

Foi então que o quociente resolveu determinar um ponto de descontinuidade na vida deles, dele o máximo e dela o mínimo.

Numa noite fria do primeiro semi-período, quando os amantes estavam em colóquio amoroso, ele em termos menores, ela em combinação linear, transformou-se no ponto de acumulação de raiva e vingança. Pegou o seu 45º deu um giro determinante e aplicou a solução final.

Foi essa a condição necessária e suficiente para que os dois amantes passassem, para o espaço imaginário e ele, o quociente, foi parar no intervalo fechado onde só se via a luz solar através de pequeninas malhas quadriculadas, onde passou o resto de sua existência desgraçada e melancólica.

(Autor: Anônimo)

OLHE EM DIVERSOS ÂNGULOS

Filme gravado em 2017 - Turmas: 7A2 e 8A2 (Sétimo e Oitavo Ano).

Nara Regina Locatelli Schitezky[1]

Pensar nas aprendizagens e suas metodologias requerem energia, tempo e dedicação. A professora Nara vem desenvolvendo um trabalho audiovisual com a comunidade escolar que requer estes e tantos outros ingredientes. A certeza fica no campo da troca, pois todos os envolvidos aprendem e ensinam a cada ação.

Luzes, Câmera, Ação: Aprendendo e trocando experiências e sensações.

O início do segundo trimestre do ano de 2017 foi o marco inicial do projeto de trabalho audiovisual com uma proposta para aperfeiçoar a formação dos alunos na produção de vídeos estudantis e também possibilitar a inserção em um mesmo filme de estudantes de turmas diferentes.

A professora executava sua HALE (Hora Atividade em Local de Livre Escolha) nas terças-feiras, portanto, neste dia não atendia turmas em sua sala de aula de Arte. Como a escola trabalha com salas temáticas e não há turmas de sexto a nono ano no contra turno, a professora propôs para a equipe diretiva usar esta sala como recurso para os encontros dos estudantes selecionados e interessados em gravar um filme. Teve apoio e foi desta maneira que iniciaram os encontros.

O roteiro já havia sido votado pela turma e ficou sendo o da estudante Vitória Osório da turma de sétimo ano. A maioria não entregou o texto no prazo combinado.

Brenda da Silva de Queiroz:

"Eu e minha colega já fizemos um roteiro, sobre uma amizade perfeita, mas só iremos gravar ano que vem. O roteiro que nós fizemos deu muito trabalho, mas infelizmente não tivemos tempo para gravar o filme esse ano".

Antes do recesso escolar de Julho os estudantes passaram por uma seleção de atores com uma estudante de teatro que foi como voluntária nas turmas e fez exercícios teatrais com uma oficina de duas horas por turma. Mesmo assim alguns casos avaliados com bom potencial para atuação nas oficinas não tiveram interesse em participar e outros sem aparente potencial insistiram e participar, se propondo a trabalhar e realizar o solicitado, como foi o caso da estudante Brenda da Silva de Queiroz, a qual reconhece ter experimentado um comportamento diferente do seu para atuar no filme:

"[...] Esse ano eu acabei participando da gravação de outro filme o "Olhe em Diversos Ângulos", eu gostei bastante de participar desse projeto. Neste filme fiz o papel de uma valentona que fazia bullying com uma das colegas da minha turma. Ficou legal, fazer este papel exigiu um pouco da minha energia, o que acabou me deixando um pouco nervosa por ter que fazer algo bem diferente da minha personalidade, mas no final eu consegui vencer essas barreiras e deu tudo certo".

[1] Professora Licenciada em Educação Artística- Habilitação Artes Plástica e Desenho pela ULBRA em 2006. Atuando na Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Salgado Filho, situada na Rua Bom Jesus, 60 – Santo André – São Leopoldo – RS - Telefone: 3588- 1722 - E-mail: salgadofilho.emef@saoleopoldo.rs.gov.br.

A estudante Nalanda, citada abaixo, iniciou as gravações de um filme a partir de um roteiro de sua autoria, e quando percebeu que não daria conta sem a presença da professora, deixou seu projeto na espera e juntou-se a esse filme, e ensina uma lição importante.

Nalanda Mazeto Pereira:

"Eu fiz um roteiro, digamos que não ficou muito bom eu acho pelo menos, por que a professora falou que precisava de muito tempo pra elaborar ele. Mas eu participei de um filme, foi legal participar dele, não tive muitas cenas para eu fazer, então fiz apenas duas uma que o menino xinga a menina e eu estou sentada ao lado dele e depois eu faço uma substituta de uma agencia de modelos, pra mim foi meio estranho me olhar na televisão, ou melhor dizendo no "São Léo em Cine", eu acho que não sou muito boa com essas coisas, por que não sei me expressar direito digamos assim. Ano passado eu também participei do "São Léo em Cine" no filme "Sempre Acreditar", Não tive muita participação também. Tinha um filme que eu ia ser a Atriz principal, mas não ia dar tempo de enviar para o "São Léo em Cine" fiquei bem triste, pois gosto de ser a principal nas coisas."

A humildade de Nalanda ao reconhecer que suas tentativas e seus desejos não a impedem de contribuir com o projeto dos colegas vem construindo a possibilidade de logo ser uma atriz principal, pois no ano passado não tinha coragem de falar e neste ano fez uma fala muito boa.

A professora conversou com a turma falou de suas impressões e questionou a todos sobre seu real interesse em participar, pois seriam aulas extras que o elenco e direção do filme teriam. Também foi necessário falar sobre a responsabilidade com a filmadora da professora, o tripé, que era emprestado e todos os espaços da escola. Que tudo exigia comprometimento e responsabilidade, que não era possível desistir, pois todo o grupo perderia.

A Secretaria Municipal de Educação forneceu, através do Núcleo de Educação Audiovisual, orientações através de oficinas, reuniões e dicas *online* para professores e estudantes, pois os filmes produzidos nas escolas do Município participam de um Festival chamado São Léo em Cine em São Leopoldo.

As gravações iniciais foram todas perdidas, precisaram regravar, deu pânico no ator principal e ele ria ou olhava para a câmera, era tímido para o papel, porém suficientemente esforçado, quando assistiu ao filme pronto escreveu o seguinte comentário, onde faz uma revelação.

Gabriel Antônio Quevedo:

"[...] fiquei nervoso varias vezes, a ponto de morder os lábios pra aliviar a tensão, tive vontade de desistir. O filme relata a história de um garoto do 9° ano que gostava de uma garota que ninguém dava bola e que era a sua amiga. Na vida real eu acabei gostando dela de verdade, gostei tanto do filme que acabei me apegando a minha parceira de cena a Vitória, queria que ela também gostasse de mim, mas infelizmente a vida não é tão fácil assim. ... O filme aborda diversos assuntos como o que relatei acima, também podemos ver um pouco sobre bullying e sobre a amizade verdadeira. Uma coisa que todos nós devemos saber, é que, não precisamos mudar o que somos para agradar as pessoas."

A atriz principal que também era roteirista interferiu com os diretores, colaborando com a captação das cenas, pois dominava o roteiro; abaixo a percepção de vitória após ver o filme montado.

Vitória de Souza Osório:

"Meu nome é Vitória e eu fui a roteirista e criadora do filme "Olhe Em Diversos Ângulos" quando eu estava escrevendo eu quis abordar diversos assuntos, diferença, amizade. Amor, bullying entre outros. Eu fui a personagem principal (Bia), foi muito emocionante fazer um papel que eu mesma escrevi. Fizemos tudo na amizade, pois se não houver foco e determinação, não há filme, como a professora Nara havia falado. Aprendi muito com tudo isso, sou eternamente grata a Professora Nara, pois ela me ajudou em muitas coisas. Faz pouco tempo que mudei para São Leopoldo, mas já amo essa cidade. Nunca havia vivenciado uma experiência como essa, esse é o meu primeiro trabalho e pretendo escrever e produzir muitos outros, quero levar isso para o resto da minha vida."

Tanto na escola quanto na família há a preocupação em adaptar um estudante novo ao grupo de colegas, professores e as rotinas da escola para que o adolescente interaja socialmente e sua aprendizagem seja feliz, e quando a Vitória se declara feliz, realizada, aceita em um grupo novo todos marcam pontos.

Um adolescente feliz, produzindo conhecimento e compartilhando experiências, é a possibilidade de um adulto capaz de construir uma sociedade justa e solidária no futuro. Além da Vitória, o Natã também traz um relato cheio destes significados.

Natã Nunes de Lima:

"Eu sou o diretor e cinegrafista do filme "Olhe em Diversos Ângulos", esse foi o meu primeiro filme pela escola, mas foi uma das melhores coisas que eu já fiz, eu realmente me aprofundei naquilo que eu deveria fazer e dei o melhor. Essa experiência foi única por que eu consegui ver tudo como é cada coisa exemplo, eu vi como é ser um diretor e vi como é difícil por que você tem que ficar de olho em cada pessoa e cuidar de cada detalhe, como cinegrafista também foi difícil, pois tinha que saber cada ângulo da câmera onde cada ator deveria estar, mas tirando isso foi muito boa essa experiência."

Em algumas tardes, alguns estudantes do elenco e da produção faltaram e as cenas dependiam de todos. A inexperiência atrapalhou bastante a primeira tarde de gravação e mesmo a professora intermediando instalou-se uma situação difícil de contornar causando desolamento e cansaço em alguns. O domínio na captação de áudio foi a maior dificuldade para o grupo. E no momento da edição foi necessário usar o recurso de legendas.

Na semana seguinte estavam calmos e com a certeza que queriam enfrentar as dificuldades, pararam de faltar, se apropriaram do roteiro e os cuidados com a produção em geral funcionaram. Superar dificuldades é um passo dos mais importantes quando se trata de produção de vídeos estudantis, como trazem em suas ponderações as estudantes Nicole e Natiéle.

Nicole Ariane Bittencourt da Silva:

"Pude ver que ser diretora de um filme não é fácil, senti um nervosismo, talvez por ser a primeira experiência e fiquei estressada sem poder parar nenhum segundo daquela correria de pedir silêncio e captar o som, fazendo com que eu perdesse a paciência ficasse brava e até chorasse. Mas, o resultado foi bom e ninguém desistiu. Tudo valeu a pena quando a professora trouxe o filme pronto e eu fiquei paralisada assistindo e me deu uma vontade grande de chorar, por que apesar das dificuldades que tivemos para gravar, nos superamos e conseguimos fazer um grande e maravilhoso trabalho."

Natiéli Garcia de Quadros:

"Eu adorei participar do filme ainda mais com as minhas amigas, mesmo eu não sendo atriz eu era a diretora de artes, mas eu participei sendo a professora, gostei muito de ser diretora de artes por que eu preparava cenário e o figurino, também ajudei o diretor a gravar. Eu já tinha participado de um outro filme no ano passado, o nome do filme era "Sempre Acreditar".

Movimentar o conhecimento exige coragem, desacomodar-se. E estes estudantes que participaram da construção da ideia do filme expressam seus pensamentos depois de assistirem ao filme pronto, nos ocuparmos de usar ferramentas de audiovisual para provocar e despertar o interesse pelo aprender, ser e fazer de nossos estudantes, despertando e ensinando-os a enfrentarem e dominarem seus sentimentos.

Paola Suelen Jesus da Silva:

"Olha eu nunca havia participado de um filme ou algo parecido com isso antes, mas conforme fomos gravando cenas e rindo muito, apesar de ser bem sério e importante para nós e para a escola. Sempre ocorrem alguns erros, mas de uma maneira divertido e tudo ficou maravilhoso e os filmes ficaram bem. A edição, os figurinos, o diretor de imagem que foram importantes para que saísse uma boa gravação e um belo filme. Acompanhei quase todas as gravações observando o comportamento de todos e apesar de tantas falhas e erros, tudo foi sendo corrigido e orientado para que o filme ficasse bem elaborado."

Diogo Ferreira da Silva:

"Eu não ajudei sendo ator, gravando e nem escrevendo o roteiro, estou feliz por que mesmo sem a minha colaboração os meus amigos não desistiram, seguiram em frente e fizeram o filme que tanto queriam. Mesmo eu não mexendo nenhum musculo para ajudar, eles conseguiram, se dedicaram tanto que merecem os meus parabéns e quero dizer que sinto muito por não ter ajudado, mas no ano que vem eu prometo que vou ajudar até o filme ficar pronto."

Erick Matheus da Silva Moraes:

"A minha experiência em filmes não é muito grande, mas quando estamos gravando acontece uma emoção dentro de mim. Podermos criar personagens dentro da nossa mente é o que a arte propõe em vários caminhos. O cinema é um dos que eu mais gosto, por que ao criar um personagem e expor para o mundo, gera uma satisfação no ano passado no filme "Sempre Acreditar" durante as gravações minha turma interagiu com outra e fizemos várias amizades."

José Gabriel Lescano

"A minha experiência nesse filme foi muito boa e trouxe emoções como: diversão, riso e também tristeza. Acredito que é o que um filme trás o elenco me agradou muito e minhas tardes na escola, mesmo sendo em turno extra, ficaram com gosto de saudade."

Bruno Ezequiel

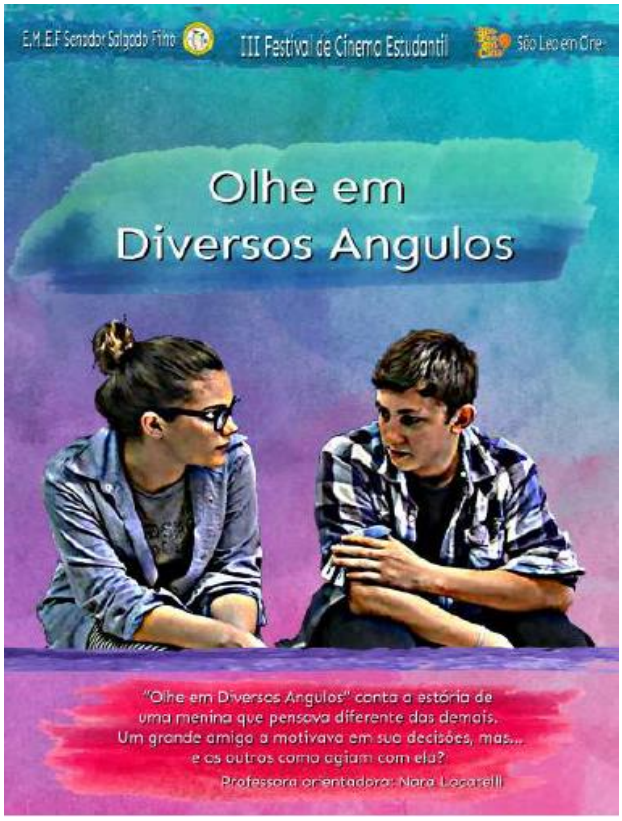
"Sou aluno novo na escola e quando cheguei o filme já estava pronto, pude perceber a expectativa e a empolgação dos meus colegas. Pra mim um vídeo precisa de um áudio bom e uma imagem boa, eu não olho muito filme, mas os que eu já olhei eram bons. E, esse filme que a minha escola fez eu gostei e achei que ficou bom, as imagens, o som, o banner, os atores, o roteiro, enfim acredito que tudo o que um filme precisa para ser bom está ali".

Também ocorreram problemas técnicos quando o computador portátil da professora apagou a tela e após a sugestão do colega professor Ricardo de História, que também estava gravando um filme, de ligar em um monitor ou tv, a Diretora trouxe de sua casa um monitor de computador para mediar a situação. Seriam dois filmes para editar e o programa estava naquele computador. Foi necessário ter o cuidado de só dar a notícia aos estudantes quando havia uma solução, com a finalidade de não causar desmotivação. E foi apresentado a eles um computador que passou a se chamar carinhosamente Frankstein.

O montador e editor de cenas procurou a professora nas duas últimas semanas de gravações e confessou que não tinha o computador e tampouco a habilidade e conhecimento sobre o assunto. Sendo ele o único a se candidatar ao cargo, a edição não foi realizada por estudantes.

A tradução das sensações e emoções que o cinema provoca nos espectadores adquire uma dimensão diferente quando os estudantes se veem como expectadores de si mesmo.

Todos aprendem o tempo todo e a Educação fica no crédito. Abaixo imagem do banner do filme desenvolvido para o São Léo em Cine:



AMOR E AMIZADE

Filme gravado em 2017 – Turma 8A1 (Oitavo Ano).

Superando Dificuldades no cotidiano Escolar a partir da Prática Pedagógica da Produção de Vídeos Estudantis.

No inicio do segundo trimestre letivo, ao qual a professora se propôs dedicar a orientar a produção de filmes para o festival São Leo em Cine, organizado pela Secretaria Municipal de Educação.

Pretende-se escrever este relato a partir da análise das falas e das avaliações sobre a produção do filme na percepção dos estudantes participantes. E a estudante Nicole fez um relato que conta como tudo começou na sala de aula.

Nicole V. B. Sarmento:

"Quando começamos a falar de cinema, eu fiquei muito animada, porque é um assunto muito legal e ao mesmo tempo muito diferente. Fizemos os filmes de 1 minuto, onde nos dedicamos e cada um deu o melhor de si. E o resultado foi melhor do que esperávamos. Tivemos também algumas oficinas sobre teatro, musica e direção de câmera, onde confesso que fiquei meio perdida. Escrevemos roteiros, eu já havia escrito histórias pra mim antes, mas quando se trata de escrever um roteiro que pode ser gravado, o assunto é outro. Quando começamos a preparar tudo para gravar o filme eu fui selecionada para dirigi-lo, e quando recebi o roteiro "amor e amizade" eu confesso que não sabia nem por onde começar. Por motivos pessoais, acabei não conseguindo dirigir o filme, mas o resultado ficou melhor do que eu esperava. Eu tenho certeza de que os atores, diretores, figurinistas e etc, deram o melhor de si. Eu realmente dou os parabéns a eles."

A responsabilidade que as produções exigem, deixam os estudantes tensos, sendo necessário trabalhar com os mesmos a maneira de pensar em relação a cada etapa, orientando para que sigam o roteiro, façam anotações, numerem as cenas com claquete verbal e palmas. Devido ao fato de que é cansativo e pode causar estresse nos estudantes, provocando sentimentos negativos em relação ao vídeo estudantil.

Gabriela Simone Quevedo:

"Eu acho o filme fofo, legal e animado gostei muito de ter participado, no começo fiquei um pouco nervosa, mas até que ficou bom adorei, poderia ter mais pessoas da nossa turma participando, nós até podemos fazer melhor ano que vem com mais pessoas, acho que me saio melhor escrevendo, mas também quero atuar, estou muito feliz por ter participado do São Leo em Cine, pois sempre quis mais não podia e até quem enfim consegui participar amei o filme no ano que vem quero participar mas ainda, acho que eles irão gostar do nosso filme."

Foi importante trabalhar a união, o comprometimento, a parceria, que a turma não exercitava no seu cotidiano escolar, a maior parte do elenco pensado e convidado pela roteirista Bianca para os papéis, não tiveram interesse, comprometimento ou disponibilidade para participar das gravações, então as colegas Lyriel e Diulia unira-se a ela para adaptar o roteiro e produzir o filme. Este fato atrasou o início das gravações.

Lyriel Azevedo:

"Foi uma experiência muito incrível para mim, pois eu tinha vergonha e com esse filme que eu tive que contracenar com colegas de outras turmas, isso me fez perder um pouco da vergonha que eu tinha. Tive a chance de ter novas amizades e de participar de outro filme 'Olhe em Diversos Ângulos'. Tive algumas dificuldades no filme, pois o diretor me pressionava e isso acabava me deixando nervosa e fazendo com que eu esquecesse das minhas falas, mas no fim deu tudo certo. Eu iria ser a editora do filme, participei de uma palestra referente a isso que teve na escola, mas como prazo era curto a Professora Nara acabou editando. O filme poderia ter sido bem mais elaborado, mas infelizmente por curto prazo, fizemos o que foi possível. Embora tenha ficado simples teve um grande significado para mim, pois abriu uma porta para novas experiências como essa. Algumas tardes acabei indo á tarde na escola para gravar, tivemos algumas dificuldades, felizmente nos unimos e conseguimos passar por isso todos juntos. No filme fui a atriz principal, fiquei feliz e com vergonha ao mesmo tempo, mas me senti um pouco insegura por de repente não ser boa o suficiente para este papel tão especifico para ser interpretado. Nos dedicamos muito á esse filme, espero sinceramente que todos gostem tanto quanto nós."

E o reflexo deste apoio que foi preciso trocarem para vencer as dificuldades surge na fala do ator principal do filme.

Jean Bittencourt da Silva:

"Foi uma experiência muito boa e foi a minha primeira vez como ator. Gostaria de ter uma nova oportunidade em um novo filme, pois os meus colegas foram atenciosos e dedicados saber que o filme vai para o "São Leo em Cine" e que podemos ser premiados faz nos sentirmos campeões em nossas vidas."

Neste dia os prazos já estavam esgotados para que as cenas ficassem prontas. Era importante argumentar com os estudantes para encaminhar a situação de que não haveria tempo hábil para regravar cenas com problemas de áudio e que talvez o projeto pudesse ficar para o próximo ano, a atriz coadjuvante, que realmente está se esforçando no trabalho, faz a seguinte fala.

Diulia de Souza Possel

"[...] vou levar essa experiência pro resto da minha vida, por que eu aprendi a fazer coisas diferentes aprendi a trabalhar em grupo coisa que eu não sabia, ontem aprendi a gravar aprendi a dirigir o filme junto com a diretora e aprendi coisas ótimas que irão me ajudar, adorei atuar e talvez eu até queira fazer isso por um bom tempo."

E na avaliação do filme a mesma estudante faz esta avaliação:

"Nós tivemos muita pressão, por que não conseguimos gravar as cenas ou o áudio não ficava bom e quem ia fazer a edição, os corações palpitando de nervoso com medo de não dar certo ou de alguém desistir, ter que começar tudo de novo, com medo de não ter alguém para nos ajudar. Tivemos muitas brigas por causa da câmera, por causa do curto prazo e espaço limitado para gravar. Tivemos que chamar outra pessoa para gravar, pois os que iriam filmar acabaram atuando, como nosso tempo era muito curto tivemos que fazer algumas adaptações no roteiro todos ajudaram, para poder sair um filme bom, mas entre os altos e baixos nós conseguimos gravar e fazer um bom trabalho."

Então se concorda com a estudante, o filme tem problemas, mas é um filme estudantil, foi preciso novamente a costumeira garra em levar o que se começa até o fim. O grupo ficou pequeno, mas sempre mostrou amor pelo filme, gostavam da estória, dizem que brigavam, mas as cenas que acompanhei estavam cordatos e dedicados, talvez tenham esgotado e referida necessidade de divergir antes de eu iniciar a captação de cenas. Regravar com prazos esgotados e um cansaço grandioso, realmente não era possível.

Gabriel Mattos, mesmo na hora da avaliação final, quando o filme já estava pronto ainda refletia sobre mudanças necessárias no filme:

"Gostaria que o filme tivesse mais cenas, que o elenco fosse maior. O melhor do nosso filme foram os cenários. Nos esforçamos para ter o melhor resultado e tivemos problemas até na hora de entregar as autorizações de imagem e voz. Que bom que deu tudo certo. Aprendemos muito sobre câmera, ângulos, interpretação, simulação e controle das emoções."

Abaixo alguns depoimentos de colegas da turma que não participaram desse filme.

Mel dos Santos Santiago:

"O titulo do filme "Amor e Amizade" tem tudo a ver com o roteiro. Eu não gostei de uma das personagens ter ficado sozinha, os atores foram bem selecionados e combinaram com o papel. Gostaria de participar, mas penso que não conseguiria atuar. Ao meu olhar de telespectadora o filme ficou muito bom."

Alexsander:

"Eu achei que foi bem feito e que poderia ter mais cenas e mais elaboradas. Por exemplo a cena da quadra com as meninas discutindo ficou muito boa. É um filme simples mas para uma primeira experiência onde em cada cena os colegas atores vão se revelando capazes de interpretar situações como se fossem verdadeiras."

Julia Kurtz:

"Foi uma experiência bacana, mas não participei muito, fiz vídeos experimentais e a escrita de um roteiro que não ficou pronto em tempo. Mesmo com essas dificuldades gostei de construir tudo junto com a turma. No vídeo de 1 minuto, gravamos varias vezes e nunca consideramos um resultado legal o que nos fez desistir. Gostaria de ter participado do filme da minha turma e no ano que vem talvez eu esteja mais preparada, por que de tudo que fiz gostei e aprendi coisas que quero colocar em pratica."

Yasmin:

"Pela experiência que eu tive com cinema eu gostei, achei interessante foi uma coisa que me fez sair da minha zona de conforto, mas não é uma coisa que eu levaria para frente porque não me chama a atenção. Foi legal porque me fez ver se queria aquilo ou não, posso dizer que valeu a experiência. Esforcei-me para sair de um jeito legal nas aulas relacionadas a isso. Acho que faria de novo, mas como uma maneira de me divertir e sair da minha zona de conforto é sempre bom conhecer coisas novas, fazer coisas diferentes".

Foto do banner do filme amor e amizade:

TUDO POR UM MOMENTO

Filme gravado em 2017 – Turmas 9A1 (Nono Ano).

Exercício da Autonomia Discente a partir de Prática Pedagógica com Criação de Vídeos.

A realização da produção de vídeos estudantis nas aulas de Arte na escola iniciou com uma provocação para pensar o áudio visual a partir do cotidiano dos aprendizes, como por exemplo, analisando propagandas de produtos e serviços que eles assistem na televisão e na internet.

As memórias são variadas, ditadas, possivelmente, pelo interesse e preferência de cada estudante. Percebe-se um olhar atento e curioso para a fala e os vídeos mostrados pela professora.

Todo início traz dificuldades, incerteza e medo (Figuras 1 e 2), como relatam as alunas Aline e Maysa.

Aline dos Santos:

"Bom, no inicio eu não queria participar do filme, por que estava com vergonha, mas depois da primeira gravação eu comecei a me interessar pelo trabalho. Foi a primeira vez que eu participei de algo assim, foi uma experiência nova e de muita aprendizagem, ainda mais como atriz principal. Cada cena gravada era um momento único e de muito trabalho e no final cada esforço valeu a pena. Nunca pensei em participar de um filme, mas depois desse trabalho eu mudei o meu pensamento sobre muitas coisas a respeito disso. Foi uma satisfação!..."

Maysa Fraga Moraes:

"Ano passado entrei neste meio de produzir curtas para o festival estudantil. Confesso que no começo duvidei que seríamos capazes de produzir qualquer cena ou roteiro qualificado para isso. Nosso primeiro filme (em 2016) não foi premiado pois não estava perfeitamente apropriado para uma premiação ou algo do gênero. Esse ano o trabalho foi dobrado, várias cenas bem complexas, que para nós aprendizes se tornariam bem complicadas de serem realizadas. Tivemos que regravar várias cenas para que fosse possível entregar um filme com boa qualidade e considerar uma boa produção. Tivemos também que gravar algumas cenas em casa, longe da professora ou qualquer tipo de profissional qualificado e com experiência no meio. Tivemos algumas dificuldades, mas ficamos bem felizes com o resultado. Esperamos que nosso filme seja premiado."

A escrita de roteiros foi variada em suas temáticas e optaram por apenas um para gravar, nas experimentações que antecederam a escrita dos roteiros quando gravaram de improviso vídeos de um minuto e nas oficinas que a escola proporcionou de encenação teatral, edição, direção e música, foram percebendo que poderiam ter mais seriedade em seu trabalho, rememoraram sua experiência do ano de 2016 e principalmente sentiram que seu trabalho tem um valor que pode ser melhorado (Figura 3).

A temática escolhida foi a dificuldade que adolescentes enfrentam nas relações de amor com o outro, procurando trazer soluções e reflexão para conflitos e possíveis danos que a falta de tato no campo das emoções pode trazer como consequência, como traz o relato das estudantes.

Tamiris da Silva Soares:

"Foi uma experiência única. Vejo no filme a realidade de alguém que troca uma vida inteira com uma pessoa amada por um momento por prazer...".

Vitoria Aparecida Fernandes:

"O filme retrata nossa realidade, a vida amorosa de um adolescente não é fácil, pois estamos aprendendo e muitas vezes não sabemos o que fazer e podemos trocar a pessoa da nossa vida por um momento! O filme ficou maravilhoso, um dos melhores."

As gravações aconteceram no turno de aula, esta escola trabalha com isonomia de carga horária e salas temáticas na área (sexto ao nono ano), sendo duas horas aula para cada disciplina, então se trabalhou duas horas por semana na aula de artes e mais duas horas na aula de história, pois a turma de sétimo ano que o professor de história também estava gravando um filme seria atendida em Arte, no mesmo dia e horário que este nono ano estaria sendo atendido em História; possibilitando assim dobrar a carga horária de gravações para os curtas. A equipe diretiva acolheu a proposta incentivando e motivando seus professores e alunos nesta prática pedagógica.

Torna-se indispensável o apoio e coleguismo de toda equipe participante da produção e quando é possível unir estudantes de uma turma, com diferentes ideias e interesse em um ideal comum nasce a confiança e amizade própria de quem convive diariamente por quatro horas em salas de aula de onze disciplinas diferentes, é o relato da estudante Ketullin Ferreira:

"Participar de um filme é muito bom, ainda mais esse que foi uma maravilhosa experiência. Eu amei e foi incrível. Tivemos erros, mas o que seria da vida sem erros. Nunca vou esquecer esta experiência que uniu nossa turma. Espero ter outras oportunidades como essa." (Figura 4 e 5).

Os estudantes ofereceram suas casas como locação para as duas cenas que antecederiam o encontro de um casal e uma cena onde a menina após ser traída pelo namorado entra em depressão e tenta o suicídio. Consideram que o ideal seria que o grupo tivesse conseguido acompanhar as gravações das cenas de casa e ficaram decepcionados com o resultado final, pois, a qualidade do filme seria melhor se todas as cenas tivessem sido gravadas com a mesma câmera. Não foi possível regravar, pois dependeriam de se encontrarem de novo fora da escola e estas cenas estavam atrasando

o filme, por terem sido as últimas a serem gravadas. A estudante Tamiris da Silva Soares faz a seguinte avaliação:

> *"... As gravações ficaram em ótima qualidade, apesar de ter alguns problemas técnicos por descuido. Na cena do quarto ficamos muito de costas para a câmera. Mesmo assim melhoramos em relação ao ano passado. Foi incrível e gostei da oportunidade de ter participado."*

A apropriação do estudante em torno do manuseio de equipamentos da prática audiovisual (Figura 6), garantirá futuros profissionais no meio e principalmente permite aos estudantes e familiares aproximarem-se e reconhecerem a ferramenta audiovisual como uma boa prática em sala de aula, como traz o relato da aluna Vanessa dos Reis Rodrigues:

> *"Minha participação foi fotografar cada detalhe das cenas e aprendi muito, com cada etapa de cenas em ver as coisas em ângulos diferentes. Estou feliz em participar deste filme. Tenho certeza que minha parte foi muito útil e se for para repetir eu me indico para ser fotógrafa de novo. Espero que nossa turma tenha sucesso por nosso esforço e a participação de todos foi essencial para a produção. Em cada cena aprendi muito com a professora Nara que a cada cena vinha olhar e ajudar, apoiando na escolha dos ângulos de melhor resultado para as fotos. Se tiver oportunidade, participo de novo."*

A estudante Gisele tornou-se uma grande parceira da professora Nara para operar a câmera de uso particular da professora e utilizar um tripé emprestado, de um parceiro da Escola na produção de vídeos, mostrando responsabilidade e cuidado necessário para que todas as cenas fossem captadas com segurança. A professora ao disponibilizar e compartilhar seus equipamentos com os estudantes motiva-os a tornarem-se pessoas de confiança e sentirem-se valorizados em seu potencial de aprendizagem ressignificando valores. (Figura 7).

> Gisele Aparecida Fernandes da Silva:
>
> *"Durante a gravação das cenas, algumas dificuldades, como mudança de tempo tiveram de ser enfrentadas. Porem, isso não nos fez fraquejar ou desistir; embora o som e imagem não tenham ficado bons em algumas cenas o empenho de todos que participaram ficou nítido, todos ajudaram com dicas de como cada cena poderia ser produzida da melhor forma. Mesmo com brigas e brincadeiras durante a gravação, conseguimos ter seriedade nos momentos certos e em minha opinião nosso resultado foi muito satisfatório."*

A troca de ideias com a professora Nara pelos aplicativos *de whatsapp* e pelo *facebook* transmitiu segurança a todos e especialmente ao aluno Kadmiel durante a montagem e edição do filme. Era possível sentir a tensão do estudante e preciso cuidar e encaminhar para que tivesse sucesso, respondendo de imediato suas questões, observando seus passos quando mandava sequencias de cenas, ou músicas para conferência de direitos autorais, pois assumiu sozinho um grande desafio que não era somente diante de uma turma, mas de toda a escola. Foi necessário comunicar-se com a família, pois seriam muitas horas de trabalho que o estudante teria que dedicar em sua casa.

> Kadmiel Tulikowski:
>
> *"Minha experiência com o filme foi maravilhosa. Fiz a edição e fiquei preocupado pensando que não iria conseguir realizar este trabalho. Tive que correr atrás de inspiração para fazer o melhor e no final foi tudo tranquilo. Apesar de meu computador ter estragado e eu ter recorrido a um familiar. Posso dizer que tive um ótimo resultado."*

Este foi o primeiro ano que uma turma de nono ano andou com autonomia e maturidade necessária para desempenhar todos os papéis dentro da produção. As orientações da professora foram apenas técnicas e de aprovação final, sendo que raramente precisaram alterar alguma situação. Percebeu-se também que se tornaram exigentes consigo mesmo, regravando cenas, mudando

locações, deixando de gravar por falta de figurino adequado para a cena, e ao relatarem sobre sua experiência todos expressam que aprenderam algo colocando sentimento em sua escrita e fazendo crítica e autocrítica.

Wesley dos Santos Batista:

"Gostei muito de atuar, foi uma experiência incrível. Eu sou envergonhado, mas consegui, pois me esforcei. As gravações em casa, ou melhor, na casa do Gabriel Mello foram as mais engraçadas, demoradas e divertidas. Assistindo o filme percebi a nossa evolução em relação ao ano passado. Isso mostra que estamos aprendendo."

João Vitor Altermann Martinelli:

"Gostei do filme e percebi problemas como áudio que ficou muito baixo. As músicas estão boas. Faltou emoção em algumas cenas, na interpretação pelos atores."

Diogo Henrique Alves:

"Achei o filme bom em vários aspectos, e em minha opinião, poderia ser melhor na qualidade de som, que varia de cena para cena, especialmente na voz dos personagens. E as músicas também, em alguns momentos atrapalharam a fala dos personagens. A qualidade das imagens também varia por serem algumas com celulares e outras com câmera da professora. Mas o esforço e a dedicação de todos em fazer o melhor resultou em um filme bom de assistir."

Rodrigo Madruga Consul:

"Minha experiência foi boa, eu já havia participado de um filme no ano passado e foram as melhores da minha vida. Gostaria de poder continuar participando sempre. Estamos aprendendo e melhorando a cada ano."

Gabriel Luiz da Silva:

"Nesse filme notamos vários pontos negativos e positivos, de fato a estória é interessante na questão do assunto depressão e suicídio, pois por trás da estória principal tem a superação. Na qualidade deixa a desejar, em algumas cenas o vídeo está péssimo, sem detalhes e cores. O áudio não está fácil de entender devido a distância da câmera e os atores deveriam botar mais vida nos personagens. Tivemos funções diferentes, e pouco participei das gravações. As músicas trazem ao filme uma emoção que completa a cena. O tempo do filme está no nível aceitável. Não está tudo ruim, mas é fato que poderia estar melhor."

Bernardo Souza:

"O filme foi perfeito para nós do Salgado. Mostramos a nós mesmos como é possível crescer e aprender sendo mais responsáveis. Colocamos esperanças no filme. Ver o filme pronto me animou, fez valer ter perdido educação física, alguns faltaram ou se atrasaram para cursos. Mas valeu muito pelo resultado maravilhoso no final. Ficou meio triste o final do filme."

Produzindo vídeos estudantis uma escola desenvolve habilidades fundamentais para que seus estudantes possam estar à frente de qualquer projeto, pois aprendem que as possibilidades se fundamentam nas teorias e se exercitam e consolidam nas práticas. Esta comunidade escolar passa a visualizar uma continuidade na aprendizagem a partir de um trabalho que já se repete desde o ano de 2014. E que vem se ampliando no tocante também a adesão de outros professores, inclusive de currículo e já em projeto de ter a participação da educação Infantil a partir dos quatro anos de idade em 2018.

Também os estudantes saem do ambiente escolar e de suas comunidades e adentram ao ambiente acadêmico e de Cinema, dimensionando suas emoções e sonhos através de uma criação sua,

levando suas ideias e criações. Aguarda-se com grande expectativa o próximo ano, pois já procuram seus professores e querem escrever novas estórias.

A equipe diretiva começa a perceber que poderá se organizar e ter um projeto de audiovisual que funcione o ano todo.

Figura 1 - Estudantes Rodrigo, Wesley e Aline aguardando instruções.

Figura 2 - Estudantes Vanessa, Kadmiel e Maysa analisando cenas gravadas.

Figura 3 – Alunos Diogo e Vitória escrevendo os créditos.

Figura 4 – Estudante Ketullin - Direção de Arte.

Figura 5 – Estudantes Ketullin e Maikell digitando créditos e listas.

Figura 6 – \estudantes Maysa e Vanessa ajustando equipamentos para captação de cena. Ao fundo alunos Wesley e Aline.

Figura 7 – Estudante Gisele captando imagens externas.

O REFLEXO DO RECURSO AUDIOVISUAL NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marina Vicentina Ribas Pinto

Resumo

Este relato de experiência apresenta o uso da metodologia audiovisual como recurso tecnológico usado na escola. Abordando e defendendo a ideia de primeira aprendizagem tecnológica na infância, com crianças da educação infantil. Associando o tema a construções de aprendizagens significativas aos alunos da rede municipal de ensino. Referenciando práticas de tecnologias, como forma de mediação, minimizando as diferenças e ressaltando as habilidades desde o início da vida escolar. Este relato a proposta é de compartilhar tais momentos vivenciados desmistificando o mal uso de vídeos para o nível de educação infantil, usando este recurso como aliado na adaptação de crianças que iniciam sua vida escolar. Abordagens audiovisuais inovam meios de aprendizagens, com a busca de formação profissional na área de tecnologia audiovisual e incentivada, o docente exercita a criatividade, qual auxilia na construção de projetos de vídeos, no sucesso e permanência dos educandos que se visualizam com uma imagem positiva neste contexto escolar, sentindo-se pertencente do local educacional que se encontra inserido.

Palavras-chave: Audiovisuais, recurso, educação infantil, aprendizagens.

1 Introdução

Desde o ingresso de uma criança na rotina escolar, necessitamos como profissionais da educação expor práticas tecnológicas. O audiovisual é um recurso explorado e muito usado para desenvolver a comunicação da linguagem oral, qual reflete da apropriação da linguagem escrita.

A ação de produzir um vídeo estudantil reflete positivamente no processo de aprendizagem. Na educação infantil as crianças aprendem brincando, a socializar e respeitar a diversidade de culturas, realizando trocas uns com os outros.

Nos vídeos e fotos a exposição visual da imagem transmite a si próprio segurança, ampliando o vocabulário nas construções orais, contribuindo positivamente na autoconfiança e autonomia na fase da adaptação escolar. Devido à árdua conquista de vínculo através destes pontos, se fez necessário inovar métodos para ter sucesso e garantir a permanência da criança no novo espaço de socialização.

O presente relatório de experiência se aplica a prática construída na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa, com turmas de educação infantil, a qual recebeu, durante todo o ano de 2016, alunos novos. Estava neste período, no cargo de professora Regente 2 (R2), esta é a "segunda" profissional responsável pela turma. Havia feito as formações do projeto São Léo em Cine, foi aí que surgiu a ideia de explorarmos a tecnologia audiovisual para adaptação destes "novos" alunos na educação infantil, um pouco ousada, que tomou proporção graças à empolgação e firmeza da colega Renata Lucas. Percebeu-se que as crianças demonstravam interesse em se visualizar nas telas dos celulares, quando eventualmente eram tiradas as fotos.

Em conjunto, com as professoras colegas da educação infantil, resolvemos através do método audiovisual, realizar um projeto construindo um "Curta-Metragem", relatando essas dificuldades de início da vida e rotina escolar. Aproveitamos o festival de filmes estudantil do município, para expor nosso trabalho, ampliando o projeto seguindo o que estava dando certo na prática.

2. A ação de Produzir Vídeo com Crianças constrói Aprendizagem

A ação de produzir um vídeo estudantil reflete positivamente, no processo de aprendizagem. Na educação infantil as crianças aprendem brincando, a socializar, expandir a aprendizagem através da diversidade, aprendendo uns com os outros.

Nos vídeos e fotos, a construção da aprendizagem não se resume apenas as atividades motoras, pois a imagem transmite a autoconfiança, o que reflete na segurança, ampliando o vocabulário nas rodinhas, quais são estimuladas construções da oralidade com as crianças.

> O processo de alfabetização passa por níveis de construção de conhecimentos e estes devem ser respeitados e considerados pelo educador durante o processo de alfabetização, pois, para que a criança chegue a ser alfabetizada ela necessita passar gradativamente e compreender cada nível. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p. 193).

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa, foi usado o recurso audiovisual para construção do Curta na Modalidade Educação Infantil, para o II Festival Estudantil, São Léo em Cine, em parceria com a secretaria de Educação de nossa cidade (SMED). Recurso que foi usado para a adaptação dos alunos em uma fase bastante turbulenta, devido a obrigatoriedade de ensino a partir dos 4 anos, as crianças deveriam ser inseridas no contexto escolar, sendo para muitos um momento de transição difícil.

Construir o filme foi um dos métodos utilizados, para abordar como é para a criança chegar à escola sem conhecer ninguém e como pode ser ótima essa experiência.

Foi o primeiro ano que a escola participou do evento. Os alunos, responsáveis e professores apoiaram com grande efetividade, tornando uma experiência única aos participantes.

Foram construídas cenas envolvendo todas as profissionais do núcleo da educação infantil. Retratou nossa experiência na hora de adaptar à rotina escolar, demonstrando que o apoio familiar no momento do ingresso escolar contribui efetivamente para evidenciar o verdadeiro sucesso e permanência da criança na escola.

> A cooperação com eles na realização das tarefas terá que substituir finalmente a dependência infantil e restrita aos pais. A criança em idade escolar frequentemente ainda não pode imaginar que um dia será capaz de enfrentar o mundo sem os pais; por esta razão deseja agarrar-se a eles além do ponto necessário. Precisa aprender a confiar que algum dia dominará os perigos do mundo, mesmo na forma exagerada em que seus medos os retratam, e que se enriquecerá com isto. (BETTELHEIM, 2002, p. 202).

Acreditamos que a educação escolar, tem início pelas experiências na educação infantil. No curta abordamos os supostos medos da criança ao entrar na escola, a insegurança da família e a experiência da troca de carinho, que faz a diferença.

Construímos e desconstruímos o sentimento de medo, unindo a fantasia, o faz de conta e muita brincadeira, afinal a educação infantil é a ludicidade com unidade de grandes aprendizagens.

> Trabalhar com cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura, ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. (NAPOLITANO, 2003, p. 11).

Uma combinação de interpretações literárias e ludicidade mistura-se a realidade, evidenciando momentos diários nas salas de aulas da educação infantil. É o que evidencia a letra da música original, criada propriamente para o filme, por Gilnei Lucas: compositor da música original para o curta; letra que expressa supostos pensamentos das criações do mundo infantil, ao imaginar a escola pela primeira vez.

Como os alunos da educação infantil, no ano 2016, estavam entre as idades de 4 e 5 anos, algumas cenas foram completamente espontâneas, sendo que em outras pedimos para usar a brincadeira do faz de conta, para ser construída.

Nas gravações, todos os profissionais do núcleo da educação infantil obtiveram participação, devido a não termos grandes recursos de tecnologia, o método usado foram de gravações em celulares, o qual não minimizou o nosso trabalho. Alcançamos o objetivo de conscientizar e minimizar o sofrimento das crianças no período de adaptação à rotina escolar.

Na edição foi usado o programa *Movie Maker*, neste processo todos os alunos e profissionais tiveram acesso enquanto projeto, para ter assim a participação ativa na escolha das cenas, corte e produção. Ao se identificarem na tela achavam engraçado, ficando atentos a cada inovação, ouvindo suas vozes e demonstrando-se ansiosos para ver o filme pronto.

Visamos por meio do filme, articular métodos de desenvolver lúdico, aprendendo através do método "fazer", ampliando habilidades e competências, produzindo arte seguindo os princípios estéticos da sensibilidade, criatividade e ludicidade como relata a resolução CNE/ CEB nº 1/99 parecer CNE/ CEB nº22/98.

Em nossas reuniões, nos encontros pedagógicos abordávamos falas de como inserir a tecnologia aos alunos da educação infantil. Notamos que diversas vezes, por meio do faz de conta, os alunos, após a contação das histórias de literatura infantil, as encenaram de forma espontânea, discutimos meios de aproveitar esta vivência para troca de conhecimento.

Como toda ideia tem um objetivo, na educação infantil, buscamos recursos e fomos atrás de informações, como discutir a linguagem audiovisual enquanto recursos lúdicos em um ambiente formador de experiências.

A escola viveu um momento único, relato por minha experiência, unindo a equipe em prol de uma determinação. Viso continuar expandindo o projeto, usar a tecnologia como técnica de aprendizagem, tendo em vista o processo participativo de cada criança.

Sabe-se, que tudo que na prática se produz também se aprende, ou seja, investigando, pesquisando formas, tornando o aluno crítico construtivo, em conclusões formadas independentemente ou coletivamente.

A sala de cinema deveria ser uma extensão da sala de aula, funcionando como uma ferramenta pedagógica auxiliar para os educadores, firmando pensamentos e propostas para a realização de discussão de temáticas históricas, lúdicas e construtivas para o aluno, desde a educação infantil.

A cultura das telas do cinema transforma idealizações, interagindo com diferentes linguagens. O uso do material audiovisual permite a construção da liberdade de expressão, essa arte expressa oportunidade de autonomia e da segurança, incentiva a criança, desde os seus primeiros anos de vida. A criança já convive com a linguagem tecnológica, cultura trazida de casa, a televisão, a internet e o recurso de rádio, estes influenciam a criança em suas vivencias, sendo que não podemos ignorar isto, pois são saberes adquiridos no núcleo familiar.

No cotidiano escolar nos deparamos com crianças de diferentes realidades sociais. Nesta comunidade escolar, a reciclagem se torna uma fonte de renda para muitas famílias, sendo que, para algumas chega a ser o único meio de sobrevivência, mas isso não garante um conhecimento consciente de interação e preservação do meio ambiente; pois estão focados nos lucros, ao invés de se preocupar com a sustentabilidade, conhecimento que evolui a realidade quais vivem.

Na escola, são realizados projetos com objetivos de desenvolver a conscientização e mudanças de hábitos desde a educação infantil, na qual consideramos o início da vida escolar. Com influências

da mídia e da cultura familiar, as crianças vão formando seus valores e desenvolvendo habilidades, com o projeto de criar filmes, as crianças viram um novo método de aprender.

Existem diversas formas de elaborar e executar projetos, porém os únicos que serão significativos para a criança são aqueles que partem de seus interesses, citação vivências, curiosidades e realidades que sejam voltados para uma transformação possível de ser atingida, isso usando uma abordagem lúdica, promovendo experiências significativas.

> A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

No ato simbólico, inovamos conceitos, instigando curiosidades, revelando que o conhecimento interage com troca de diferentes informações, desmistificando definições impostas pela sociedade. Que é possível adaptar crianças através de recursos e métodos que eles conheçam e gostem.

Quando envolvemos a criança com diferentes projetos, estes precisam estar condizentes com sua realidade, assim ampliamos um mundo de possibilidades, ampliando seu processo de maturidade cognitiva, contribuindo para que a criança se torne um adulto, seguro e responsável pelo ambiente em que está inserido.

3 Conclusão

Usar o audiovisual para estímulos de aprendizagens na educação infantil funciona, pois a experiência adquirida neste projeto foi satisfatória. Constata-se que ao planejar atividades com recursos de filmagens, necessita-se de um projeto, roteiro e um objetivo para o trabalho, valorizando as vivências de cada criança, construído com base lúdica.

Vivemos em um tempo qual, observamos a fragilidade de nosso sistema de ensino, falta de profissionais capacitados, carência de materiais e apoio aos trabalhos planejados, mesmo assim conseguimos realizar projetos tecnológicos usando o mínimo de recurso. As formações continuadas se fazem necessárias para evolução profissional, aprendizagens que norteiam o processo de ensino/aprendizagem, algo que incentiva o professor a aventurar-se, para chegar ao objetivo de concluir projetos dentro da escola.

O nosso curta, foi inscrito no II festival estudantil de São Leopoldo, RS, onde foi realizada uma seção de filmes no cinema de nossa Cidade, esperávamos com este filme não chegar a receber troféus, mas que os nossos alunos pudessem observar que tudo é possível.

Ao final do festival estudantil houve a grande surpresa, fomos premiados em primeiro lugar, como melhor curta da educação infantil, melhor trilha sonora original, segundo melhor roteiro e ficamos entre os cinco mais votados pelo voto popular.

O que se percebe sobre o uso de filmagens na educação infantil, que é uma questão ainda muito complexa, pois muitas vezes, pode parecer uma "matação" de tempo, ou enrolação, isso é o que lutamos para desmistificar e comprovamos através de nosso projeto. Utilizando este recurso, aos poucos será minimizado, até ser extinto, este pré-conceito, da antiga visão de usar os filmes somente para ocupar o tempo ocioso, algo que com a prática do recurso audiovisual, para estimular a aprendizagem na educação infantil, caminha para a mudança.

O início da adaptação é uma conquista diária, que pode ser de curto prazo ou longo prazo. O audiovisual contribuiu na fase da adaptação escolar com os nossos alunos, algo que deve ser

considerado, pois se a adaptação for construída e consolidada na base da confiança, esta evoluirá construindo o vínculo, abordagens planejadas que serão lembradas pelas crianças, momentos bons ou outros nem tanto, isso vai depender das atividades planejadas para este período.

As experiências lúdicas planejadas com objetivo, pensado para a criança promovem aprendizagens. Nosso papel é permitir a exploração vinculada ao afeto, como um fio condutor, permitindo a socialização, isso só torna-se possível se evidenciarmos momentos de qualidade, nesta fase da educação infantil, usando os recursos que as crianças conhecem e apresentando novas experiências.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. (1999). **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**.
Goiânia, 2005.

NAPOLITANO, M. (2003). **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto.

QUANDO EU CRESCER: MOVIMENTOS EM REDE E APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL ESCOLAR

Cristina Domingues Lemos [1]
cristinadlemos@gmail.com

Luciana Domingues Ramos [2]
ludomingues_sl@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo relata o processo de produção de um documentário que envolveu alunos de diferentes séries da EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff, como parte do projeto FEIRA DAS PROFISSÕES, que trabalhou as diversas possibilidades profissionais e perspectivas pessoais para o futuro dos estudantes e da comunidade escolar.

Palavras-chave: narrativas; profissões; curtas escolares; produção audiovisual.

1. O Projeto

"Não deixe de acreditar.
Empilhe sonhos, não deixe escapar um de você.
Desembarque para a realidade tudo
aquilo que for possível para você."

Wirley Contaifer

O que você quer ser quando crescer? Essa foi a pergunta feita aos estudantes da EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff durante a Feira das Profissões promovida pela escola em um dos sábados letivos de maio de 2016.

A ideia de fazer um curta surgiu em uma das turmas de séries iniciais e logo as professoras do EVAM[3] foram acionadas. A proposta da turma seria gravar as respostas, de forma espontânea, com uma edição linear para ser apresentada durante a Feira. Uma ideia simples, que agradaria aos alunos e às famílias convidadas para o evento. Desencorajada pela Direção da escola – Exibir filme na quadra esportiva?! O som é ruim, ninguém presta atenção, é muito claro... -, a professora desistiu.

Realmente é difícil produzir vídeos na escola: falta tempo, não há recursos, não há horários disponíveis, o espaço é restrito, não há apoio financeiro, não tem onde exibir, e tantos outros problemas que só quem produz um curta com seus alunos poderão saber!

O problema é que nem sempre escolhemos o caminho fácil! No dia da Feira das Profissões, conversando com alguns alunos, comentamos sobre como seria legal fazer esse vídeo sobre as profissões e os sonhos de cada aluno e, naquele momento, a ideia do documentário Quando eu Crescer germinou.

---

[1] A professora trabalha na EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff – São Leopoldo.
[2] A professora trabalha na SMED – São Leopoldo.
[3] Espaço Virtual de Aprendizagem e Multimídia, com as professoras Luciana Domingues Ramos e Cristina Domingues Lemos.

2. A Realização

Três alunos abraçaram a ideia e o trabalho de produção começou efetivamente: Gabriel Medeiros Biegelmeyer (7a2), Guilherme William Castro (9a2) e João Vítor Soares (9a2).

O roteiro era breve: gravar os alunos respondendo a pergunta O que você quer ser quando crescer? E assim, durante todo o evento, os alunos e as professoras ficaram envolvidos, trabalhando nas gravações.

Num primeiro momento, os alunos perceberam as profissões mais pedidas e, na sequência, observaram a diversidade de escolhas e também e a curiosidade de algumas delas. Todo o material foi visitado e os alunos fizeram um levantamento de todos os entrevistados e as profissões escolhidas.

As escolhas vinham acompanhadas de uma justificativa, afinal, um sonho nasce de um desejo. E todos tinham uma história, uma experiência, um dia ou uma pessoa especial... Ouvindo tantas histórias, de tantas pessoas que inspiraram as escolhas, surgiu a ideia que promoveu o desdobramento do roteiro inicial. Para cada profissão, o grupo gravaria um depoimento, um recado nominal para cada aluno, de um profissional reconhecido em sua área e, em seguida, faria a gravação da reação dos alunos ao assistir o recado.

Alguns critérios foram decididos para o contato com os profissionais:

1) que fossem ex-alunos da escola;
2) que morassem na comunidade ou na cidade;
3) que fossem reconhecidos pelo seu trabalho.

Assim, começou uma etapa de levantamento e de contatos com os diferentes profissionais. Os alunos organizaram uma mensagem básica para ser enviada por e-mail, *WhatsApp* ou *Facebook* ou apresentada pessoalmente, em visitas informais ou agendadas.

Ao todo, foram 37 estudantes entrevistados, com a escolha de 18 diferentes profissões: policial, médico, professora, taxidermista, ilustrador, veterinário, veterinário do quartel, judoca, ator, cantor, designer de games, skatista, caminhoneiro, musicista, químico, jogador de futebol e Homem-Aranha. (Sim, o aluno Felipe quer ser Homem-Aranha!).

Esse processo foi ao mesmo tempo desafiador e divertido, pois através das redes sociais muitos contatos foram realizados. Em alguns momentos o esforço não era recompensado, mas em outros, a empatia e a solidariedade falavam mais alto.

Neste momento, as redes sociais e as tecnologias serviram para mostrar a capacidade do ser humano em promover a interação e o encontro. E a cidade ficou pequena para encontrar tantos profissionais e os alunos descobriram que, se o médico do posto de saúde do bairro não pôde nos encontrar, o Presidente do Instituto da Criança com Diabetes conseguiu mandar um recado pelo *WhatsApp* para quem sonha em ser médico. Assim, com encontros e desencontros, os muros da escola já não existiam e a conversa sobre escolher uma profissão se espalhou pelo Brasil e até para fora dele. Tivemos depoimentos de várias cidades da região metropolitana do Rio Grande do Sul, de Brasília, do Rio de Janeiro e uma mensagem especial, que veio dos Estados Unidos, da Georgia, de uma ex-aluna da escola que hoje é musicista. E foi realmente emocionante receber uma gravação vinda de outro hemisfério de nossa ex-aluna, que se tornou uma profissional reconhecida internacionalmente e que se importou em compartilhar seus conhecimentos conosco.

Como professoras, presenciar a emoção do trio João, Gabriel e Guilherme, a cada recepção de mensagem foi um presente e compartilhar essa emoção também. As palavras eram analisadas e as diferentes formas como elas chegavam até nós foram objeto de estudo e de espanto. Ao final desta etapa, programamos como seria a gravação das reações dos alunos ao assistirem ao recado a eles

dedicado, muitos vindos de tão longe, de pessoas tão solidárias e amigas, com lindas palavras e que continham um grande segredo.

Como já estávamos em julho, os alunos foram chamados separadamente para a gravação e foram questionados sobre a entrevista que havia sido feita em maio e qual teria sido a resposta para a pergunta: O que você vai ser quando crescer? Ao responderem, os alunos eram convidados a sentar diante de um notebook, com um fone de ouvido, para assistir ao depoimento enviado pelo profissional correspondente ao seu sonho. Ao final da mensagem, os alunos eram questionados sobre o que acharam e o que gostariam de dizer ao profissional como agradecimento. Esses agradecimentos foram editados e encaminhados para que os profissionais recebessem um retorno personalizado.

As gravações foram feitas em três ambientes da escola, de acordo com a disponibilidade dos espaços: biblioteca, auditório ou EVAM.

Figura: Edição das imagens.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Tanto material reunido gerou um número muito grande de horas de gravação, o que rendeu, ao final das edições, uma série de oito episódios, com sete capítulos e um epílogo, organizados de acordo com as profissões, somando um total de aproximadamente 40 minutos, e uma versão enxuta do documentário (com 10 minutos), com a inserção de todos os participantes, para ser exibido no Festival São Léo em Cine de 2016. Para o Festival Brasileiro de Produção de Vídeo estudantil de 2017, essa mesma versão reduzida foi inscrita, em função do limite de quinze minutos de duração por curta.

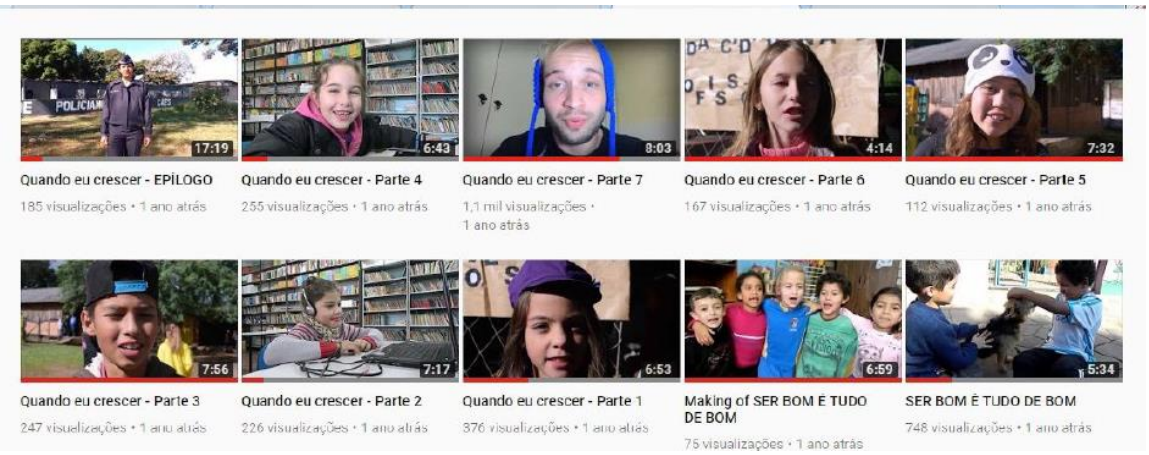


Figura: Canal da Escola Hohendorff[4] no Youtube exibe todos os episódios 2
Fonte: Arquivo pessoal das autoras

[4] Disponível em <https://www.youtube.com/user/escolahohendorff/>.

O curta Quando eu crescer foi premiado no São Léo em Cine 2016, como melhor documentário, e recebeu uma menção honrosa no FECEA – Alvorada 2016, como Melhor projeto pedagógico.

Figura: Noite de premiação do Festival São Léo em Cine
Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Ao realizar a auto avaliação a partir da divulgação dos curtas, os estudantes constataram que poucos profissionais entrevistados eram ex-alunos, e que a distância não foi barreira para a comunicação. Fazer um curta a tantas mãos é possível, pois tantos entrevistados, de tantos lugares, demonstraram um sentimento de solidariedade e um compromisso com a educação de nossas crianças e jovens, como comunidade e sociedade.

Eles também descobriram os segredos, revelados em todos os depoimentos: "Estudem! Estejam preparados! Estudem todas as matérias!" E, em especial, um dos recados que foi impactante para os alunos, de Wirley Contaifer, dublador do Homem-Aranha: "Não deixe de acreditar. Empilhe sonhos, não deixe escapar um de você." Todo o depoimento dele é uma aula de amor à vida, ao conhecimento e ao nosso próximo, afinal, ele é um super-herói "Amigo da Vizinhança". Para completar, ele contou outro segredo: "Os professores também são super-heróis, sabia?"

3. Os Resultados

A produção do documentário QUANDO EU CRESCER promoveu a experiência de produção audiovisual a várias mãos e o compartilhamento intenso de experiências e conhecimentos. Tantos os estudantes envolvidos na produção do curta quanto os alunos entrevistados, participaram ativamente dessa ação pedagógica, protagonistas de sua aprendizagem e produtores de conhecimentos e de conteúdos para outros jovens estudantes, através do domínio de ferramentas de mídia e comunicação, revisitando os processos de ensino e aprendizagem e ressignificando os papéis dos atores na sala de aula.

Alunos autores, produtores de conteúdo, integrados às ferramentas de comunicação, ampliando significativamente os horizontes e os espaços em que estes jovens têm vez e voz, representam um dos resultados positivos da produção de curtas como este na escola. É difícil e trabalhoso, mas emociona, mobiliza e transforma.

Ao enviar os agradecimentos aos profissionais que se envolveram no projeto, todos retribuíram com muitos elogios e palavras de incentivo. O ilustrador do Jornal zero Hora, Gabriel Renner, destacou:

> Isso mostra o resultado da batalha tua e da escola com essa gurizada, indo além dos muros do colégio! (...) Nossa, fico muito feliz com tudo isso. Jamais imaginaria que esse projeto fosse render tantos frutos assim. Parabéns pela garra e motivação que fizeram isso tudo acontecer, e fico realmente feliz em ter participado disso e ter colaborado!

Todos os retornos recebidos foram tão ou mais calorosos e vibrantes! Realmente, a colaboração nesse processo representou uma troca intensa de saberes e emoções.

A ideia é continuar com esse projeto, daqui a uns vinte anos, quem sabe? Educação se faz em longo prazo. Talvez a escola reencontre estes alunos, reviva este momento revendo o documentário e registre o que aconteceu na vida de cada um. Que novas histórias poderíamos contar? Isso seria bem difícil, mas quem disse que escolhemos o caminho mais fácil?

4. Referências

QUANDO eu crescer. Cristina Domingues Lemos e Luciana Domingues Ramos. São Leopoldo: EH! Produções, 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LaGcyMfxkPc&t=17s>. Acesso em: 28 set. 2017.

ANEXO I

PROFISSIONAIS ENTREVISTADOS

1. Delegado Emerson Wendt - Chefe de polícia do Rio Grande do Sul
2. Doutor Balduíno Tschiedel - Presidente do Instituto da Criança com Diabetes-RS
3. Luciana Domingues Ramos - Professora da EMEF Prof. João Carlos Von Hohendorff
4. Ana Mastela - Taxidermista - PPG-UFRGS BIOLOGIA ANIMAL
5. Gabriel Renner - Ilustrador da Zero Hora e Diário Gaúcho
6. Felipe Formento - Veterinário
7. Major Graciany Batista Pires - Veterinária do Batalhão de Policiamento com Cães - PMDF - Brasília
8. Sensei Batista - Faixa Coral 8o Dan-Judô - Academia Gaba
9. Antônio Lima - Ator e diretor de teatro - Novo Hamburgo
10. Jader & Gustavo - Cantores
11. Tiago Rech - Designer de games - Behold studios - Brasília
12. Diogo Silva - Skatista
13. Marco Aurélio Barth - Caminhoneiro
14. Cláudia Amaral - Contrabaixista - Geórgia-EUA
15. Sílvio Sandro de Souza - Violinista de orquestra Unisinos – São Leopoldo
16. Wirley Contaifer - Ator e dublador – Rio de Janeiro
17. Nei Sebastião Domingues Jr. - Gerente de Tecnologia e Qualidade – Artecola – Novo Hamburgo
18. Cristian Corrêa Dionísio - Jogador de futebol

PRIMEIRAMENTE: RESPEITO À DIFERENÇA

Gerusa Cristina de Souza
Núcleo de Apoio e Pesquisa ao Processo de Inclusão
ge.brasileira@gmail.com

Resumo

Jeremia é um curta-metragem baseado no livro de Tainara de Souza Stumpf. A estória conta sobre um sapinho (Jeremia), com baixa visão, que se alimenta de mosquitos mortos, que estão pelo chão. Os demais sapos do grupo achavam estranho seu comportamento e resolveram criar um jogo compartilhado para auxiliar Jeremia comer mosquitos fresquinhos. Dessa forma, todos se divertiam, se alimentavam e incluíram seu amigo no grupo. O desafio de tornar esse livro um curta produzido com os alunos foi para utilizá-lo como recurso didático, com a temática da educação inclusiva como foco principal.

Palavras-chave: Jeremia, Diversidade, Diferença, Inclusão, Interação Social.

O curta-metragem Jeremia foi baseado no livro escrito por Tainara de Souza Stumpf. O livro conta a estória de Jeremia, o único sapo aparentemente diferente do seu grupo. Ele tem baixa visão, o que dificulta alimentar-se como os demais. Kike, um dos sapos do grupo, encontrou uma alternativa para Jeremia sentir-se incluído. Assim todos conseguiram se divertir e Jeremia sentiu-se incluído. O curta foi produzido por profissionais e estagiário do NAPPI - Núcleo de Apoio à Pesquisa e ao Processo a Inclusão e alunos da Sala de Recursos Multifuncional da rede municipal de São Leopoldo. A ideia foi retratar possibilidades de viver bem com as diferenças.

Para tanto, antes do produto final, foi oportunizada aos participantes a contação da estória, pela própria autora. A partir disso, as professoras da Sala de Atendimento Educacional Especializado – SRM trabalharam o conteúdo do livro e promoveram um debate com os alunos. Assim foi lançado o desafio de tornar o Jeremia um curta para ser utilizado como recurso didático.

Os alunos participantes são da educação infantil e ensino fundamental e possuem as seguintes necessidades especiais especificas: deficiência visual, deficiência auditiva e altas habilidades. Todos com seus direitos de atendimento estão garantidos, nas SRM, como previsto na legislação da Educação Inclusiva.

O Decreto n.º 7.611, em seu artigo 1º, descreve as diretrizes que obriga o Estado com a educação para pessoas público-alvo da educação especial, ou seja, às pessoas com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (BRASIL, 2011). A educação especial vem para garantir o ensino e a aprendizagem em serviços especializados, que disponham de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos de forma complementar e suplementar.

No recorte referente à educação especial, amparado por documentos que norteiam as ações, existe um serviço que está disponível para as crianças e adolescentes com deficiência, que é a Sala de Recursos Multifuncionais - SRM, equipada com material pedagógico e equipamentos de informática, que oportuniza aos alunos suporte para a inclusão educacional, e neste espaço acontece o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Ainda, existe a SRM, tipo 2, que é específica para deficientes visuais. Que tem como recursos didáticos: máquina de datilografia em Braille, impressora em Braille, calculadora sonora, entre outros.

Em relação ao público-alvo do AEE, a Resolução CNE/CEB n.º 4, de 2 outubro de 2009 (BRASIL, 2009), considera:

- alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial;
- alunos com Transtorno Global de Desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações de desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotipias motoras. Incluem-se alunos com Autismo Clássico, Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância (psicoses) e Transtornos Invasivos sem outra especificação;
- e alunos com Altas Habilidades/Superdotação: aqueles que apresentam potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade.

Ainda nesta Resolução, o artigo 10º prevê: o plano AEE com a identificação das necessidades educacionais específicas dos alunos, definição dos recursos e atividades necessários, profissional com formação específica para a docência AEE.

Em São Leopoldo, atualmente há vinte duas SRMs que atendem à demanda de Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA – Educação de Jovens e Adultos, uma SRM do tipo 2 escolas municipais de todo o município. A Secretaria Municipal de Educação (SMED) de São Leopoldo tem no município o Núcleo de Apoio e Pesquisa ao Processo de Inclusão (NAPPI), um serviço que atende alunos com deficiência, transtorno global de desenvolvimento, altas habilidades e superdotação. O NAPPI conta com atendimentos psicológicos, psicopedagógico, psicomotor e fisioterapêutico na sede. Nas escolas as psicólogas e psicopedagogas realizam o atendimento institucional, junto às professoras das SRM e supervisoras.

Os participantes do curta-metragem compõem a rede acima mencionada. São profissionais e alunos com destinos que se cruzam na vida. Os alunos trazem consigo a necessidades especiais, que gritam por atenção e respeito e profissionais dispostos a ouvi-los. As diferenças estão em todos os lugares, com a maioria das pessoas, estão na pele das pessoas, na religião, no gênero, na identidade sexual, nos desejos, nas escolhas, enfim, por onde trilhamos encontramos diferenças. A pergunta é por que não as respeitar? Ninguém é obrigado a aceitar a diferença do outro, mas precisa respeitá-las.

Batista (2015) refere Foucault (1998), quando diz que nossa sociedade, de forma crescente, encarcerou, excluiu e escondeu pessoas anormais, enquanto mais do que nunca as observava, examinava e questionava cuidadosamente. Para Carvalho (2010) constata-se na história odisseia do sujeito com deficiência, que uma das formas de enfrentamento de sua diferença como fator de exclusão social, tem sido a busca da "normalidade", em vez da defesa de seus direitos de ser "autorizado", socialmente, como diferente, sem preconceitos e discriminações.

Jeremia apresentava baixa visão por isso comia mosquitos do chão, ao invés de caçá-los no ar com a língua como os demais sapos. Inicialmente o fato curioso, foi de grande estranheza para os demais sapos do brejo. Alguns riam, outros fizeram piadas de mau gosto, a admiração foi geral. Kike, sapinho esperto! Foi o único que não desperdiçou o tempo com sentimentos inúteis a situação. Tratou logo de pensar em uma alternativa para acolher Jeremia em seu grupo, sem que o pobre sapinho se sentisse excluído.

Os personagens da estória de Jeremia assemelham-se aos alunos, estagiários, professores da Sala de Recursos Multifuncional e profissionais do NAPPI. Nossos alunos com necessidades especiais, que frequentam as escolas regulares e no contra turno participam da SRM, são os Jeremias do município de São Leopoldo. Os profissionais envolvidos na garantia da defesa de uma educação inclusiva digna e de qualidade, são os Kikes.

Diariamente Jeremias mostram que são diferentes e que apenas querem ser felizes, que têm potencial para muito mais do que o senso comum imagina, que o problema nem sempre é de aprendizagem e sim de "ensinagem". Ahã, "ensinagem"! Quanta gente envolvida, que precisa rever seus conceitos! Além disso, Jeremias mostra aos seus pais que o ideal e real são distantes. Logo, ideal e real não caminham juntos! E o real pode ser diferente, mas não menos interessante do que o idealizado. É apenas diferente! E dá para ser feliz como se é, com o que se tem, sem *make*, sem máscara!

E diariamente há Kikes pesquisando, estudando, criando alternativa, que traduzem o grito: "Primeiramente, respeito a diferença". Esse grito clama pelo o fim da discriminação à diferença. Os Kikes ouvem os desejos e potencialidades dos Jeremias. Os Kikes são desafiados a qualificar a vida dos Jeremias, proporcionando alternativas, possibilidades que eliminem as barreiras que impeçam os de participar de atividades e de interagirem, nas melhores condições possíveis.

E com Jeremias e Kikes, se produziu o curta com intuito de utilizar essa ferramenta para atentar as pessoas quanto à necessidade de olharmos para a educação inclusiva com muita atenção e carinho; para auxiliar na quebra das barreiras do preconceito e das diferenças; para mostrar que é possível incluir adaptando a realidade do mundo e que o diferente é o novo pedindo para entrar. Então vem novo, vem leve e devagar. Deixa esse mundo saber, deixa o mundo acreditar, que quem traz o novo apenas quer viver feliz. – Primeiramente, respeito à diferença.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, C.R. (org): Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas. Porto Alegre, Mediação, 2015, 2ed.

BRASIL. Decreto n. 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a Educação Especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 18 nov. 2011, p. 12, rep. 18 nov. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução n. 4, de 8 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade de Educação Especial. Diário Oficial da União, Brasília, 5 out. 2009, p. 1.

CARVALHO, R.E. Educação inclusiva: como os pingos nos "is". Porto Alegre, Mediação, 2010.

EU FAÇO CINE NA ESCOLA - ESCRITA E REESCRITA A PARTIR DA PRODUÇÃO DO AUDIOVISUAL EM AMBIENTE DE SALA DE AULA

Ademir Bandeira Silva[1]

A produção audiovisual se mostrou ferramenta eficaz e essencial para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da expressão comunicativa no ambiente de sala de aula. O resultado que os alunos vêm demonstrando é satisfatório e mostra que estamos no caminho certo.

Para essa apresentação, usarei os relatos referentes aos anos de Dois mil e dezesseis e Dois mil dezessete. Para inicio de conversa, vou me apresentar: sou professor Ademir Bandeira, formado em LETRAS – Português/Espanhol e suas respectivas Literaturas. Especialista em Língua Espanhola. Sou efetivo do quadro de professores de Línguas da rede Municipal de Educação da cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins. As experiências tratadas neste relato foram vivenciadas em duas turmas do Ensino Fundamental II, da Escola de Integral do Campo Sueli Pereira Reche, situada na zona rural do município de Palmas.

A ideia de trabalhar o vídeo nasceu a partir da necessidade de incutir nos alunos do 7o e 9o ano do Ensino Fundamental o desejo pela leitura e escrita. Já trabalhava com as duas turmas a produção textual, mas por encontrar dificuldade em leva-los a produzir textos pelo texto, após pesquisas, descobrir na produção de vídeo como um aliado poderoso para alcançar os objetivos que tinha com as aulas de produção e pesquisa textual. No principio, iniciamos com trabalhos bem simples e com o passar do tempo fomos adquirindo mais conhecimento a respeito dos recursos que o audiovisual poderia nos proporcionar.

Para chegar às primeiras produções audiovisuais, foi preciso estudar a fotografia e a sua composição. Ministrei uma série de aulas-oficinas com o intuito de forma-los a respeito da composição da fotografia, seja ela estática e/ou animada. Para entender o processo da animação, os estudantes criaram pequenos estúdios a partir de materiais como embalagens plásticas, livros antigos, revistas, jornais etc. De posse dos estúdios prontos, o segundo momento foi fotografar. Com essa etapa tinha como proposta levar os alunos a compreender que o "filme" não passava de fotografias rodadas sequencialmente a velocidade de 24 f.p.s. Isso na base original do cinema. Com esse trabalho, produzimos o primeiro vídeo animado, que foi batizado com o nome de "O terem da tristeza". Segue foto para exemplificar o momento.

O vídeo com o trabalho foi publicado no canal da escola no YOUTUBE com o seguinte endereço: https://www.youtube.com/watch?v=o2kjItma0Ts.

[1] Professor Especialista em Língua Espanhola pela Faculdade João Calvino.

Ao longo do ano de Dois mil e dezesseis fomos produzindo outros trabalhos, bem simples. Quando sentimos mais confiantes, passamos mais um degrau. Após conversa com os alunos, nasce então o programa permanente de entrevista, denominado "Alteridade – eu e o outro". A proposta era ter um espaço onde um apresentador se colocava como mediador para dialogar com determinados convidados sobre um assunto relevante vivenciado na comunidade local. A ideia do programa deu certo, produzimos o primeiro trabalho. Fomos para o segundo, sempre com assuntos relevantes aos anseios da comunidade escolar e local. Para exemplificar o momento, seguem fotografias.

Para divulgar as ações, criamos um blog (http://eufacocinenaescola.blogspot.com.br/) neste espaço virtual está alocada toda a produção feita pelos alunos. O programa de entrevista segue como carro chefe do projeto. Fechamos o ano de Dois mil e dezesseis com um acervo gratificante.

Dois mil e dezessete já no primeiro semestre produzimos o documentário "O sol se pôs, vamos à escola". Nele os alunos do 8o ano buscaram documentar os motivos pelos quais os alunos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA tinham deixados de estudar no período regular e qual motivo os fizeram retornar a sala de aula. Para exemplificar a situação, segue fotografia.

O documentário foi muito satisfatório, conseguimos imprimir a verdade relatada pelos "senhores e senhoras" do INCRA. O resultado do trabalho está disponível no endereço eletrônico: https://youtu.be/-jZ_sUHIweA no canal da escola no YOUTUBE.

Confesso que para chegar ao nível de trabalho de hoje, muito foi preciso fazer. Muitas revisões, muitos rabiscos. Os alunos por muitas vezes se entediavam, eu me cansei muito, mas sempre me valia do propósito inicial. Promover a leitura e produção textual através do vídeo. Isso me segurava e me dava força para animar os meus alunos.

Iniciamos o ano de Dois mil e dezessete com muita garra e vontade e produzir. Tínhamos produzido um documentário muito satisfatório, mas precisávamos ir além. Foi então que nasceu uma meta ambiciosa, produzir um curta-metragem. Não tínhamos roteiro até então. Mas logo surgiu uma situação que serviria como base para o curta. Algumas alunas do sétimo ano me relatavam que não suportava mais o assédio dos meninos. Depois de repassar a situação para a coordenação, eu as chamei e as convidei a escrever o que elas sentiam ao serem assediadas. Elas aceitaram o pedido e depois algumas semanas me trouxeram os relatos. Fiz a leitura e propus a elas que criassem personagem dentro da situação, e, que esses personagens tivessem vozes.

Começamos a escrever o roteiro para o curta "O mundo de Jéssica". Feito as correções necessárias e sem citar nomes, li o texto para as duas turmas. Alguns ficaram assustados, não sabiam que aquilo estava ocorrendo na escola. Para os garotos a surpresa foi maior, pois não imaginavam que as meninas não estavam a fim de "ficar", mas sim se dedicar ao estudo. O curta precisava ter uma mensagem central, para isso chegamos ao consenso que trabalharíamos a ideia do namora precoce. Nas aulas seguintes dividimos os personagens e começamos a passar as falas. Levamos umas duas semanas para iniciar as gravações. Decidimos que o espaço seria o escolar e sem descaracterizar o cotidiano dos alunos.

Seguem algumas fotografias.

Produzir o curta nos trouxe muitas experiências. Vale salientar que sempre estou usando o pronome na primeira pessoa do plural, pois me ponho no aprendizado também. Nada foi fácil. A repetição das falas, das cenas trouxe muito cansaço aos atores e consequentemente ao pessoal da equipe, que por ventura eram os alunos também. Para divulgar o filme, foi gravada entrevista com os atores do curta. Não podíamos deixar de usar o carro chefe do projeto, o programa de entrevista "Alteridade – eu e o Outro". Para explorar as gravações do programa, falarei no próximo parágrafo. Enfim o curta ficou pronto. O resultado está disponível para acesso no endereço eletrônico: https://youtu.be/FPlxTdDlweY.

O programa de entrevista "Alteridade – eu e o Outro", desde sua criação foi o motor do projeto. Como não poderia passar em branco, a equipe que cuida do programa elaborou uma série de perguntas e convidou os dois atores principais do curta para um bate-papo bem descontraído. Bruno Carvalho, que interpreta Daniel e Hendria Camila, que faz o papel de Jéssica, aceitaram o convite e gravaram com a apresentadora Raylane Ribeiro. Segue fotografias tiradas no dia das gravações.

O resultado da entrevista pode ser acessado através do endereço eletrônico:
https://www.youtube.com/watch?v=kzZPfQD3pY4, disponível no canal da escola no YOUTUBE.

Ao longo desses dois anos, venho observando o comportamento dos alunos com relação ao trabalho desenvolvido. A produção audiovisual requer estudantes com espírito de equipe. Não há como produzir, sem que seja em grupo. Desde o auxiliar de iluminação ou apresentador, os trabalhos são produzidos por mais de um aluno. Nesse sentido podemos assegurar que o estudante desenvolve o espírito de equipe. O projeto lança as sementes para o universo do cinema, porém não tem pretensão que saia todos voltados a esse mundo profissional. Mas busca formar cidadãos conscientes, conhecedores de seus direitos e deveres, que saibam opinar se posicionar na hora certa.

Para acessar outros trabalhos que não foram citados nesse relato, acesse o blog (http://eufacocinenaescola.blogspot.com.br/) lá está disponível todo acervo produzido pelos alunos durante o ano de Dois mil e dezesseis e Dois mil e dezessete.

"MAL ME QUER & BEM ME QUER":

ESTIMULANDO O DEBATE LGBT POR DENTRO DA ESCOLA

Nelson Peres Garcia Júnior
EMEF Padre Orestes João Stragliotto.
São Leopoldo/RS

O presente artigo articula uma síntese organizacional de um dos trabalhos desenvolvidos no projeto RPO, da EMEF Padre Orestes João Stragliotto, no que se refere a produção de um curta metragem: "Mal me quer & Bem me quer". O objetivo central do filme era debater amplamente a pauta LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) a partir do recorte dos adolescentes da escola, juntamente com olhar desse material em audiovisual.

Antes de perpassarmos os aspectos sugeridos como ponto de debate no curta metragem, propomos uma breve contextualização do projeto RPO e da escola onde o trabalho foi desenvolvido. O projeto RPO iniciou suas atividades no ano letivo de 2014. Inicialmente, uma "rádio poste" com perspectiva de ampliação para o modo "web". Rapidamente a RPO tornou-se um coletivo de protagonismo estudantil, com uma equipe focada em novas tecnologias e proponente no desenvolvimento de atividades com mídias da escola, como por exemplo: conteúdo para o site, cobertura dos eventos com fotos e vídeos, construção do jornal, organização dos eventos e produções audiovisuais.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Orestes João Stragliotto, localiza-se no bairro Santos Dumont, mais conhecido como Chácara dos Leões, na cidade de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul. Foi inaugurada em 2008, o que torna a escola relativamente nova. Uma comunidade que necessita muito debater temas como: direitos sociais básicos, moradia (habitação), saneamento básico (pavimentação), alimentação, mundo do trabalho, segurança, entre outros. Uma comunidade extremamente carente, em uma região de alta vulnerabilidade social, com rotatividade permanente de moradores e altos índices de várias violências. Nessa conjuntura supracitada, com casos emergentes, a pauta LGBT não poderia ficar de fora dado os relatos das(os) estudantes sobre alguns "discursos preconceituosos" que surgiram nesse contexto.

Assim o curta-metragem se propôs a cumprir o papel de promover a discussão sadia, principalmente, dentro da escola, tentando provocar outras instâncias em que tal temática estivesse sendo abordada, como, por exemplo, em instituições de ensino, organizações não governamentais, grupos de amigas(os) e dentro do ambiente familiar.

A metodologia para a concepção do conteúdo que gerou a produção ocorreu com a proposta de encontros nos quais a equipe da RPO mediou "bate-papos" presenciais entre sessenta estudantes convidados. Na sequência, propomos um segundo encontro para dar continuidade a coleta de materiais nesses "bate-papos". O terceiro encontro foi marcado por pesquisas em legislações ligadas a área de direitos humanos, alguns diálogos virtuais com lideranças nacionais da pauta LGBT e relatos das(os) participantes. E seguimos, com amplos debates coletivos e, as convergências dessas narrativas iam direcionando os rumos do nosso roteiro. No quarto encontro construímos um roteiro pautado nas principais narrativas que se assemelhavam entre nossas (os) participantes. O curta-metragem "Mal me quer & Bem me quer" traduz as múltiplas narrativas de estudantes do ensino fundamental da escola Padre Orestes e suas experiências de vida ligadas aos problemas enfrentados frente ao preconceito. Nossa síntese cinematográfica abordou micro pautas como: dinâmica da juventude, relacionamentos, afetividade, negação, homossexualidade, cura gay, direitos humanos, respeito as escolhas individuais das pessoas, o respeito acima de qualquer coisa, discursos de ódio e violências.

Tão breve anunciamos nosso curta e rapidamente recebemos os primeiros discursos de contrariedade a nossa ideia. Eram manifestações negativas do corpo docente da escola, comunidade do entorno, grupos religiosos e assim por diante... Agimos com uma intensa articulação e o lançamento do filme, já foi com sua primeira agenda de "cine debate". Atividade que contamos com lideranças LGBTs, representantes de ONGs (Organizações não governamentais) que atuam com a juventude da cidade, gestores públicos da secretaria de educação de São Leopoldo e pessoas envolvidas no "Mal me quer & Bem me quer". Essa estratégia de fortalecimento da proposta do filme conseguiu legitimar nossa produção. E com esse coletivo, criamos uma facilidade na distribuição gratuita do curta-metragem, principalmente por sua aceitação junto a muitas(os) palestrantes da área LGBT.

"Mal me quer & Bem me quer" chamou atenção de críticos de cinema, festivais estudantis da área, suas exibições ganharam cada vez mais alcance, o curta foi incluído nos materiais de palestrantes da pauta LGBT, o processo de visibilidade superou as expectativas. Avaliamos positivamente o trabalho que desenvolvemos, pois nossas(os) estudantes elevaram sua autoestima, quadro esse um tanto depreciado anteriormente, seja pelas características de vulnerabilidade social já elencados sobre a localidade onde residem, seja por vídeos antigos que retratavam brigas na saída da escola ou por sentirem-se oprimidos por suas escolhas ligadas a questão de gênero.

O "Mal me quer & Bem me quer" possibilitou o enfrentamento a algumas violências sofridas por nossas (os) estudantes, pautou a garantia de direitos, o respeito aos seres humanos e minimizou atos de preconceito principalmente no ambiente escolar. Vale a pena destacar que a nossa principal "bandeira" foi sempre destacando: o respeito.

Constatamos que a EMEF Padre Orestes João Stragliotto é uma plataforma efetiva de uma infinita diversidade de conflitos, dessa forma, pensamos em utilizar os trabalhos em audiovisual como forma de trabalhar boas práticas de convivência. Assim, tentamos fazer com que a escola conseguisse, através dessa iniciativa, mostrar essa sua produção com uma conotação positiva ao invés de veiculações de relatos negativos, como narrativas de discursos de ódio, por exemplo.

Finalizamos, destacando que sentimos muitas mudanças comportamentais positivas após perpassarmos todos esses processos educacionais conectados a metodologia da produção em audiovisual. Não só nos aspectos do "passo a passo" para concretizarmos o material, mas também, esse "pós-proposta". As rodadas de cine debate a partir do curta-metragem "Mal me quer & Bem me quer" foram fundamentais para possibilitar a ampliação das narrativas daqueles que muito sentiram a necessidade defensiva de combater didaticamente alguns atos de preconceito referentes a questão de gênero.

AUTONOMIA E INCLUSÃO: UMA VIA TORTUOSA

Luciane Benites Hersing
EMEF Dr. Jorge Germano Sperb
bhersing@gmail.com

Resumo

O relato a seguir apresenta uma experiência de prática de ensino, realizado nas aulas de Artes de uma Escola de Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Ensino. Este trabalho descreve uma possibilidade de utilizar a leitura de contos, debates, improvisação teatral, dramatização de histórias, produção de cenas e vídeos, buscando a inclusão dos alunos com necessidades especiais; propondo realizar um processo onde todos independente de sua forma de contribuição produzissem cinema na escola.

Palavras-chave: Autonomia. Inclusão. Interação. Cinema.

1. Introdução

Desenvolver a produção de audiovisual numa escola pública de educação básica torna-se um desafio diário, buscar formas que propiciassem a autonomia do aluno, a inclusão de cada indivíduo e de suas potencialidades foi a força motriz para a realização deste trabalho. Através da leitura de contos, debates, improvisação teatral, dramatização de histórias, produção de cenas e vídeos, realizamos um processo onde todos independente de sua forma de contribuição pudessem participar e fazer cinema na escola.

O trabalho foi desenvolvido em uma turma de oitavo ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, com vinte e três alunos, faixa etária 13 a 16 anos, sendo três alunos portadores de necessidades especiais: Uma aluna com Deficiência Intelectual Leve, uma aluna com Deficiência Múltipla (física e intelectual leve) e um aluno com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade. O principal objetivo do trabalho foi desenvolver uma produção audiovisual onde todos colaborassem de alguma forma com suas habilidades, incluindo todos os alunos da turma.

Não possuo formação específica na área de Educação Inclusiva, os três alunos são atendidos na escola por uma profissional habilitada em Psicopedagogia, minha formação e área de atuação é teatro e uso de tecnologias. Durante as aulas de Arte proponho que os alunos tenham contato com todas as linguagens da Arte, que experienciem o corpo, a arte, o fazer teatral e audiovisual; portanto meu objetivo foi proporcionar um ambiente com possibilidade de integração de habilidades e competências de cada aluno envolvido no processo para juntos contarmos uma boa história.

"No processo de interação de linguagens artísticas o aluno é convidado a experimentar o fazer teatral e o 'faz de conta" das narrativas. Quando lemos em aula um conto, uma aventura, refletimos sobre nossa própria trajetória pessoal. Cada aluno desenvolve suas percepções e *insigths* sobre o conto lido e debatido.

Propiciar momentos de leitura, debates e conversas sobre contos é necessário, nossa sociedade atual visual e informativa, com aplicativos e facilidades a um botão de distância, distancia cada vez mais nossos alunos do texto literário. Estamos formando leitores de informações, não de conhecimento.

Como fazer um aluno ler, expressar-se em debates e através do seu corpo? Ainda não possuo a resposta ou a receita perfeita, mas almejei e almejo através da Arte e da Tecnologia oferecer aulas práticas e experimentais onde todos independentes de suas deficiências, possam se expressar e aprender.

O presente trabalho relata uma experiência de ensino realizado nas aulas de Artes de uma Escola de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino. Durante o ano letivo de 2017, os alunos participaram de atividades envolvendo a leitura de contos, a prática teatral, a criação de narrativas e o uso de tecnologias. O relato Autonomia e inclusão: Uma via tortuosa descreve uma possibilidade para unir o trabalho de artes cênicas desenvolvendo narrativas no processo de ensino-aprendizagem envolvendo toda a turma, buscando a expressão pessoal de cada aluno.

2. Objetivos:

2.1. Objetivo Geral:

Criar um curta estudantil a partir de contos lidos e encenados nas aulas de Artes com o auxílio dos recursos audiovisuais do Ambiente Virtual de Aprendizagem/Laboratório de Informática da Escola.

2.2. Objetivos específicos:

- Identificar as características dos textos dramatúrgico e narrativo.
- Analisar as etapas da produção da leitura, textos, cenas teatrais e as etapas de gravação e edição do vídeo.
- Criar o roteiro a partir dos contos lidos.
- Improvisar as cenas descritas no roteiro.
- Ensaiar as cenas e organizar as marcações.
- Gravar as cenas.
- Editar vídeo e áudio.
- Avaliar cada etapa do projeto e verificar se os objetivos foram atingidos ao final do processo.

3. Desenvolvimento

A primeira etapa do trabalho começou com o uso de jogos teatrais e improvisações em aula. Do processo de improvisação passamos a leitura de contos e debates; seguido da escolha do conto e da forma como seria transformado em uma produção audiovisual. Os contos lidos em aula pertencem ao livro Mulheres inevitáveis, do escritor gaúcho Leandro Lemes do Prado. A escolha por um autor gaúcho foi um objetivo ímpar, devido a possibilidade de recebermos o autor na escola para conhecer os alunos e assistir a produção da turma. As aulas foram práticas, utilizando o Laboratório de Informática para pesquisas e aulas teóricas sobre audiovisual e cinema.

Começamos com a leitura do conto, primeiro individual, não houve sucesso, poucos realmente liam, então modifiquei a técnica, passei a ler os contos em aula, oralmente. A turma foi organizada em três grupos. Cada grupo foi formado por escolha dos próprios alunos, sem condução ou imposição específica: Um grupo ficou sem nenhum aluno de inclusão, um grupo escolheu dois alunos portadores de deficiência, e o terceiro grupo ficou com uma das alunas com deficiência intelectual leve.

Integrar alunos na fase da adolescência torna-se uma tarefa delicada, onde o diálogo e a interação são constantes para que ocorra o processo de "colocar-se no lugar do outro", perceber-se como indivíduo único e capaz de colaborar com o grupo. Um dos alunos portadores de necessidades especiais, TDHA, durante os debates confidenciou ao grupo sua opção de gênero, assumindo para turma sua homossexualidade. As meninas da turma acolheram o colega de forma tranquila, os meninos ainda estão no processo de adaptação ao novo posicionamento do colega.

O debate realizado depois da leitura do conto gerou polêmicas: A depressão e a tentativa de suicídio presentes no conto trouxeram discussões e relatos viscerais para aula. Os dois alunos de inclusão, a menina com deficiência física e intelectual e o menino com TDHA revelaram durante os debates suas frustrações e dificuldades de serem aceitos com suas peculiaridades. Ainda percebo resistência e algumas atitudes de *bullying* por parte dos meninos da turma. O caminho para a inclusão total é longo, segundo a LDB, nº 9.394/96, art. 58, da educação nacional, a educação especial deve ser entendida como "modalidade da educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais", porém nossas escolas ainda engatinham quando a inclusão é posta em prática diariamente ao longo do ano letivo escolar.

A busca por contar uma história aqui e agora foi o objetivo das aulas com jogos e improvisações, cada grupo dispôs de tempo para contar a história da sua maneira. O jogo teatral rompe as barreiras físicas do belo, errado ou feio. O processo de "faz de conta" do jogo de improvisação traz para sala de aula a liberdade de brincar de contar histórias de forma segura, "não sou eu, é o personagem que estou representando em cena".

O uso de tecnologias e a teoria sobre cinema foram os processos mais lentos, nossos alunos apesar de muitos adeptos as tecnologias muitas vezes utilizam apenas redes sociais, jogos e aplicativos. Pesquisar, ler, observar e analisar pareceu a eles um processo longo, pois queriam logo filmar, gravar e ver o filme pronto.

Seguindo com o trabalho veio o grande desafio: Quem faria cada personagem? O conto possuía poucos personagens e todos queriam fazer algum papel. Resultado do impasse: Decidimos por uma proposta ousada, cada grupo faria o seu filme. Cada grupo contaria a história da sua maneira e depois faríamos a análise das três histórias. Parecia que o problema estava resolvido, muito pelo contrário, mais problemas a resolver, três equipes de filmagem, três personagens principais, três narradores enfim, superamos quase todos os obstáculos juntos com algumas lágrimas e suor típico da escola pública brasileira onde fazemos o melhor que podemos com o pouco que temos.

Ao longo das filmagens uma das alunas portadora de necessidades especiais ficou doente e faltou por várias semanas, como ela fazia uma das protagonistas nosso prazo chegou ao limite, e no último dia programado para as filmagens conseguimos que ela participasse e fizesse todas as cenas.

A edição contou com uma equipe de três alunos e seus computadores pessoais, pois os computadores do laboratório da escola estavam alguns em manutenção e outros sem possibilidade de usar editores de vídeo.

4. Resultados e Discussão

Estamos aguardando a visita do escritor na próxima semana, e a estreia do conto "Algo como o entardecer ao seu lado" em três versões de produções audiovisuais. O processo foi uma via tortuosa, em determinados momentos questionei minhas escolhas: Trabalhar com a turma com tantas inclusões, sem ter formação específica e demais ferramentas que eu julgava necessárias.

Essa jornada me trouxe questionamentos, angústias e alegrias. Meu principal receio e medo era não oportunizar a autonomia dos alunos. No processo do fazer escolar, de querer o melhor

rendimento possível dos conteúdos e objetivos propostos a linha entre orientar e conduzir é muito tênue, nosso ego como educador é testado. Nossas escolhas de deixar de conduzir e observar o processo se desenvolvendo de forma difusa, por vezes caótica, bela e emocionante fez toda a diferença.

Eu queria propor inclusão, queria que todos participassem, hoje percebo que foi eu quem fui incluída na história de vida deles, e isso é a melhor das recompensas. O melhor resultado preliminar inovador até o momento foi ouvir dos alunos a seguinte pergunta: "Qual conto usaremos para fazer o filme ano que vem profe"?

5. Referências bibliográficas

PRADO, Leandro Lemes do. Mulheres inevitáveis. Porto Alegre, RS: Pradense, 2010.

BROOK, Peter. A Porta Aberta: Reflexões sobre a interpretação e o teatro. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2005.

GERBASE, Carlos. Cinema Primeiro Filme. Descobrindo. Fazendo. Pensando. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2017.

ESTÉS, Clarissa Pikola. Mulheres que correm com os lobos. Rio de Janeiro, RS: Rocco, 1994.

Documentos eletrônicos

Portal do Professor. MEC Acessado em 01 agosto 2017. Online. Disponível em: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html

MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação LEI 9.394/96 versão 2016. Acessado em 01 agosto 2017 Online. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

PROTAGONISMO JUVENIL – MOSTRA MÁRCIA DE CINEMA

Tânia Cristina Medeiros Cardoso
E. M. Prof.ª Márcia F. Pereira
tania.crist@yahoo.com.br

Marilete Boy Oliveira
E. M. Prof.ª Márcia F. Pereira
elher_boy@yahoo.com.br

Mostra Márcia de Cinema, projeto que visa socializar aquilo que se fez, que se produziu, que se quis mostrar.... Márcia vem da Escola, mais precisamente Escola Municipal Prof.ª Márcia Francesconi Pereira, Instituição Pública, espaço que possibilitou a semeadura de ideias, vontades do querer fazer, forças motrizes do Projeto "Cinema: experimentar, conhecer, realizar" desenvolvido desde 2013, através de oficinas.

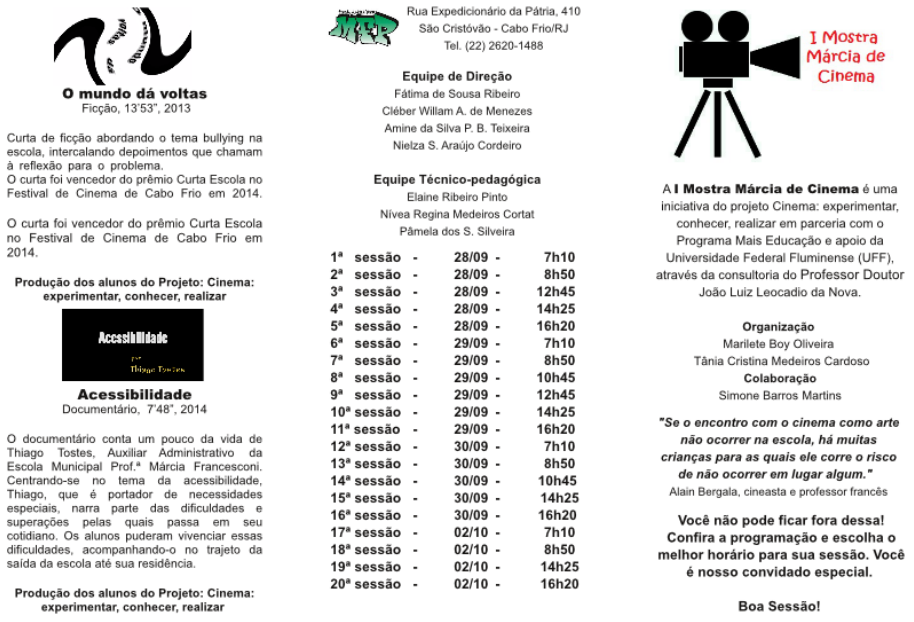
As sementes germinaram e com elas muitas histórias, encontros, desencontros, construções. Exercícios que induziram ao despertar da sensibilidade foram postos em prática. A teoria se fez presente e se alicerçou no conhecimento. Aprender a experimentar, assistir, analisar, admirar, apreciar filmes foi mais um evento explorado, embasamento da criação. E assim, surge a I e II Mostra Márcia de Cinema.

E foi assim que se deu o aprendizado contínuo e inovador, o que levou as mãos às máquinas e "REC"... e com elas se fez, se construiu, produziu de forma eficiente, consciente.

Pretendemos, nesse relato de experiência, expor o protagonismo dos alunos participantes da oficina de realização do Projeto de produção de curtas-metragens, através da realização de mostras de trabalhos na Unidade Escolar (UE) e da inscrição desses trabalhos em festivais estudantis de audiovisual, em especial, nas mostras em que marcaram presença, expondo o processo de produção e seu resultado.

A presença na I e II Mostra Márcia de Cinema evidencia o protagonismo dos estudantes no contexto escolar, o que permite dar visibilidade ao trabalho desenvolvido à comunidade escolar e aos convidados, registrando um momento ímpar, com a participação dos familiares dos alunos. Na programação da primeira edição, que ocorreu em 2015, foram exibidos oito curtas, sendo sete destes filmes realizados por alunos da oficina, em vinte sessões que contemplaram todas as turmas da UE.

As temáticas foram variadas e dialogaram diretamente com os jovens e seus desafios na contemporaneidade: acessibilidade, respeito ao idoso, *bullying*, meio ambiente e redes sociais. Destaca-se, ainda, no programa da Mostra o curta "É preciso transver o mundo; como?", produto de parceria com professor regente de turma. Após as sessões, os alunos participaram de debate expondo à plateia a experiência de produção de seus filmes e, ao final, receberam certificados de participação na oficina.



O mundo dá voltas
Ficção, 13'53", 2013

Curta de ficção abordando o tema bullying na escola, intercalando depoimentos que chamam à reflexão para o problema.
O curta foi vencedor do prêmio Curta Escola no Festival de Cinema de Cabo Frio em 2014.

O curta foi vencedor do prêmio Curta Escola no Festival de Cinema de Cabo Frio em 2014.

Produção dos alunos do Projeto: Cinema: experimentar, conhecer, realizar

Acessibilidade

Acessibilidade
Documentário, 7'48", 2014

O documentário conta um pouco da vida de Thiago Tostes, Auxiliar Administrativo da Escola Municipal Prof.ª Márcia Francesconi. Centrando-se no tema da acessibilidade, Thiago, que é portador de necessidades especiais, narra parte das dificuldades e superações pelas quais passa em seu cotidiano. Os alunos puderam vivenciar essas dificuldades, acompanhando-o no trajeto da saída da escola até sua residência.

Produção dos alunos do Projeto: Cinema: experimentar, conhecer, realizar

Rua Expedicionário da Pátria, 410
São Cristóvão - Cabo Frio/RJ
Tel. (22) 2620-1488

Equipe de Direção
Fátima de Sousa Ribeiro
Cléber Willam A. de Menezes
Amine da Silva P. B. Teixeira
Nielza S. Araújo Cordeiro

Equipe Técnico-pedagógica
Elaine Ribeiro Pinto
Nívea Regina Medeiros Cortat
Pâmela dos S. Silveira

1ª sessão	**-**	**28/09**	**-**	**7h10**
2ª sessão	**-**	**28/09**	**-**	**8h50**
3ª sessão	**-**	**28/09**	**-**	**12h45**
4ª sessão	**-**	**28/09**	**-**	**14h25**
5ª sessão	**-**	**28/09**	**-**	**16h20**
6ª sessão	**-**	**29/09**	**-**	**7h10**
7ª sessão	**-**	**29/09**	**-**	**8h50**
8ª sessão	**-**	**29/09**	**-**	**10h45**
9ª sessão	**-**	**29/09**	**-**	**12h45**
10ª sessão	**-**	**29/09**	**-**	**14h25**
11ª sessão	**-**	**29/09**	**-**	**16h20**
12ª sessão	**-**	**30/09**	**-**	**7h10**
13ª sessão	**-**	**30/09**	**-**	**8h50**
14ª sessão	**-**	**30/09**	**-**	**10h45**
15ª sessão	**-**	**30/09**	**-**	**14h25**
16ª sessão	**-**	**30/09**	**-**	**16h20**
17ª sessão	**-**	**02/10**	**-**	**7h10**
18ª sessão	**-**	**02/10**	**-**	**8h50**
19ª sessão	**-**	**02/10**	**-**	**14h25**
20ª sessão	**-**	**02/10**	**-**	**16h20**

I Mostra Márcia de Cinema

A **I Mostra Márcia de Cinema** é uma iniciativa do projeto Cinema: experimentar, conhecer, realizar em parceria com o Programa Mais Educação e apoio da Universidade Federal Fluminense (UFF), através da consultoria do Professor Doutor João Luiz Leocadio da Nova.

Organização
Marilete Boy Oliveira
Tânia Cristina Medeiros Cardoso
Colaboração
Simone Barros Martins

"Se o encontro com o cinema como arte não ocorrer na escola, há muitas crianças para as quais ele corre o risco de não ocorrer em lugar algum."
Alain Bergala, cineasta e professor francês

Você não pode ficar fora dessa! Confira a programação e escolha o melhor horário para sua sessão. Você é nosso convidado especial.

Boa Sessão!

Figura 1: Folder de divulgação da I Mostra Márcia de Cinema - parte 1

É preciso trasver o mundo; como?
Animação, 3', 2015

O curta apresenta um recorte das animações produzidas por alunos de 8º ano em uma atividade proposta pela professora de Língua Portuguesa em parceria com o Laboratório de Tecnologias Educacionais, respondendo através do contorno de uma mancha, rachadura ou descascado de uma parede e outros, ao questionamento: "É preciso transver o mundo; como?". Um convite proposto pelo poeta Manoel de Barros a ser percorrido pela imaginação e percepção dos alunos.

O curta foi selecionado para Mostra Educação da 10ª Mostra de Cinema de Ouro Preto – 10ª CINEOP e I Cine Fórum – Cabo Frio.

Produção dos alunos das turmas 800 e 801, professora de Língua Portuguesa Aline Monteiro

CAMINHO DA ÁGUA

Caminho da Água
Documentário, 9'38", 2014

O documentário nos leva a uma reflexão sobre a escassez da água. Os alunos saíram à campo fazendo parte do caminho das águas da Bacia Hidrográfica do Rio São João (bacia que abastece a Região dos Lagos), partindo de Cabo Frio e finalizando na Lagoa de Juturnaíba, município de Silva Jardim.

Produção dos alunos do Projeto: Cinema: experimentar, conhecer, realizar

Zumbi
Ficção, 8'23", 2014

O filme convida para uma reflexão sobre o cuidado com o meio ambiente numa perspectiva surreal: num cenário de devastação o mundo é assombrado por zumbis.

Produção dos alunos do Projeto: Cinema: experimentar, conhecer, realizar

Redes Sociais
8'22", ficção, 2014

O filme aborda a utilização inadequada da Internet por dois adolescentes enamorados sem mensurarem as consequências para os seus atos. A narrativa chama a atenção para o problema de autoexposição e alerta para as responsabilidades do exercício do poder familiar.

O curta foi selecionado para Vídeo Fórum - Mostra Geração 2015, segmento infanto-juvenil do Festival do Rio, o maior evento audiovisual da América Latina.

Produção dos alunos do Projeto: Cinema: experimentar, conhecer, realizar

Respeite o idoso
Ficção, 6'30", 2014

O curta conta a história de uma menina que se sente injustiçada pela mãe na infância. Já adulta, a menina coloca a idosa em um asilo. Com o passar do tempo ela se arrepende, pois se sensibiliza com a situação da mãe doente e abandonada e tenta reverter a situação livrando-se do fantasma do passado.

Produção dos alunos do Projeto: Cinema: experimentar, conhecer, realizar

Figura 1: Folder de divulgação da I Mostra Márcia de Cinema - parte 2

Figura 2: Debate com os realizadores

Figura 3: Entrega de certificados aos realizadores

A segunda edição ocorreu em 2017, com a cerimônia de abertura em um sábado letivo que marcava uma data especial: aniversário de 19 anos de existência da UE. Foram realizadas duas sessões, a primeira voltada para turmas de 6° ano, num pedido especial da professora de Língua Portuguesa regente e, a segunda, para alunos participantes do Projeto e seus convidados. Na programação, oito curtas realizados nos anos de 2015 e 2016 com temáticas tão envolventes como as apresentadas na primeira edição, ou seja: diversidade, meio ambiente, preconceito, *bullying*, papel da mulher na sociedade, esporte, drogas e pichação. Para a segunda edição, novamente foram realizadas vinte sessões da Mostra de forma que todas as turmas da UE tiveram a oportunidade de conhecer o trabalho desenvolvido no Projeto.

Figura 4: Folder de divulgação da II Mostra Márcia de Cinema – parte 1

Figura 5: Folder de divulgação da II Mostra Márcia de Cinema – parte 2

Figura 6: Exibição da II Mostra Márcia de Cinema

Figura 7: Entrega de certificado aos realizadores

A realização dessas sessões é de primordial importância para legitimar e consolidar a existência do Projeto e suas contribuições para o enriquecimento do aprendizado dos estudantes e momento também para seduzir novos alunos a participarem da oficina de realização.

Os projetos audiovisuais marcaram presença em diversos festivais estudantis, como: Mostra de Cinema de Ouro Preto - Fórum da Rede Kino: Rede Latino-americana de Educação, Cinema e Audiovisual; Festival do Rio - Mostra Geração; Mostra Audiovisual Estudantil Joaquim Venâncio - Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde – NUTED (EPSJV/Fiocruz); Festival de Cinema Curta Cabo Frio - Prêmio Curta Escola; Cinestudantil Guaíba - Festival Nacional de Cinema Estudantil de Guaíba/RS; Festival Internacional de Cinema Estudantil – CinEst/RS; MacacuCine - Festival Internacional de Cinema de Cachoeiras de Macacu; FestCine - Festival Estudantil de Cinema de Barra do Piraí; Congresso Brasileiro de Vídeo Estudantil, Pelotas, RS; FECEA – Festival de Cinema Escolar de Alvorada/RS), compartilhando o protagonismo desses jovens para além do contexto escolar.

Vale ressaltar a iniciativa proposta pela Mostra Audiovisual Estudantil Joaquim Venâncio, quando houve a participação dos alunos em debates após exibição, fato relevante e de muito aprendizado com a troca de conhecimentos com outros estudantes, quando também foi possível expor os sucessos e dificuldades dos alunos, ao realizarem seus filmes. Além disso, foi um momento de conhecer outros projetos audiovisuais, o que concedeu aprimoramento e propiciou mais

conhecimentos para realização de novas produções. Esse espaço para falarem de suas produções, recebendo da plateia questionamentos, elogios, críticas construtivas, é um exercício de estar e fazer parte do mundo. Essa vibração se deu também nas edições em que estiveram presentes no Festival do Rio - Mostra Geração, Programa Vídeo Fórum.

Figura 9: Mesa de debate 7ª Mostra Audiovisual Estudantil Joaquim Venâncio

Figura 10: Debate durante Vídeo-fórum, Mostra Geração, Festival do Rio

PROJETO CINECRAS: O CINEMA COMO FERRAMENTA NO FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS

Pedro Henrique dos Santos Bertoldi
CRAS – MORRO REUTER
pedrobertoldieducavideo@gmail.com

Iniciar este relato de experiência é, antes de tudo, assistir a um filme. Centenas de imagens são projetadas nas paredes da minha memória. Tentarei selecionar algumas delas para expressar parte do que se tem aprendido com a utilização do cinema no espaço do CRAS.

Era uma tarde quente, de dezembro de 2015, quando recebi uma mensagem pelo *Facebook*. Do outro lado da tela estava Daniele Becker Gaedicke, assistente social do município de Morro Reuter, cidade localizada a cerca de 60 km de Porto Alegre/RS. Dani, como carinhosamente passei a chamá-la, estava à procura de alguém que se disponibilizasse a dar oficinas artísticas no CRAS do município. Aceitei o convite, pois vi que ali estava uma grande oportunidade de inserção no mercado de trabalho, além de usar os conhecimentos adquiridos no curso de Teatro da UFRGS, onde eu havia acabado de ingressar. Porém, o tempo me revelou que não seria só isso.

Meses depois, em fevereiro de 2016, lá estava eu iniciando as oficinas de Teatro. Tudo ali era novidade. Para mim, que havia tido poucas experiências pedagógicas e sempre amparado por colegas, era um desafio enorme estar sozinho diante dos alunos. E para eles, a novidade e o desafio eram de igual tamanho, afinal havia um mundo desconhecido que se descortinava diante deles e o teatro precisava conquista-los, e convidá-los para embarcar na aventura.

Costumo nomear esta primeira fase do trabalho desenvolvido de Arquipélago, pois era isso que aquele momento representava para mim: um conjunto de ilhas. Cada aluno possuía características únicas e se dividiam em pequenos grupos unidos por afinidades. O desafio residia nos membros de cada grupo ou ilhas não se comunicarem com os demais. Os jogos teatrais, que nesse primeiro momento, tinham a finalidade de desinibir e aproximar os membros dos grupos não aconteciam. Os alunos ficavam soltos, pareciam entediados, reclamavam da demora em aprender teatro e aos poucos desistiam da proposta. Fiquei frustrado. Sentia-me um capitão navegando em águas desconhecidas, buscando, desesperadamente, a terra firme. A volta à Porto Alegre era sempre acompanhada de reflexões. O que eu estava fazendo errado? Por que eu não conseguia encantar meus alunos? Por que era tão difícil criar uma dinâmica de engajamento dos alunos? Eu, que tinha passado a minha vida inteira ansiando em ser um bom professor me via totalmente perdido diante dos educandos. Após várias reflexões e questionamentos, as respostas de minhas inquietações começam a surgir.

Percebi que as aulas que eu estava dando haviam sido planejadas antes mesmo de eu conhecer os alunos. Até aquele momento o "eu-capitão" estava preocupado apenas em navegar e encontrar terra firme, sem perceber que as ilhas deveriam ser conhecidas.

Na aula seguinte fui disposto a fazer escutas. Era hora de ouvir, acolher e se deixar conduzir. O "eu-capitão" morria ali e dava lugar a um tripulante daquela embarcação. Éramos estranhos uns aos outros, mas sabíamos que para a aventura que nos aguardava precisaríamos de união. Perguntei aos meus colegas tripulantes que me ensinassem jogos, afinal eles poderiam nos ajudar de alguma forma. E assim começamos a nos conhecer. Durante uma aula, jogamos um jogo de bola trazido por um grupo de tripulantes. Percebemos quem eram os líderes, quais eram as dificuldades da equipe, quais as maiores qualidades e os maiores defeitos do time. Na aula seguinte outros grupos foram trazendo seus jogos e cada um deles revelava algo sobre nós.

Apesar do sucesso alcançado, foi percebida a necessidade de encontrar algo que desafiasse os colegas de jornada. Era necessário sair do espaço conhecido e embarcar para o desconhecido, assumir novos desafios. Foi então que me lembrei da educação artística que tive. Sempre fui um aluno agitado,

inquieto e talvez por isso o teatro tenha me encantado. No ensino médio, participei de um projeto de cinema estudantil de Gramado-RS, chamado EDUCAVÍDEO. Fiz um estágio de um ano e tive a oportunidade de participar de técnicas usadas pelos professores. Propus aos meus alunos a realização curtas-metragens. Todos ficaram muito empolgados, mas na verdade essa decisão era um grande desafio que encarávamos.

Para eles, o desafio residia em se expor frente às câmeras e colocar, através delas, o seu olhar. Para mim, o desafio era "ensinar" algo que eu tinha apenas um conhecimento parcial.

A fase da concepção e produção do filme passou, por várias etapas. A primeira foi selecionar ideias. Muitas foram as que surgiram na daqueles jovens cheios de vida e vontade. Mas uma delas se sobressaiu: a guerra. A guerra se mostrou um assunto fascinante para eles. Porém, observei que eles tinham uma imagem banalizada do tema. Para eles, a guerra era algo distante geograficamente, temporal e socialmente falando. A banalização do tema me acompanhou durante o retorno à Porto Alegre. Fiquei pensando de que maneira poderia desconstruir estes conceitos na mente dos alunos. Lembrei do livro "O diário de Zlata", guardado na estante de casa. Na semana seguinte, sem que os alunos soubessem, organizei uma espécie de sarau com o diário da menina Zlata, que tinha a idade de muitos deles. A personagem tinha gostos parecidos aos dos meus alunos, porém tem sua rotina interrompida por uma guerra. As narrativas da obra questionar a violência urbana, o tráfico, as crises políticas e familiares e começamos a nos dar conta de que a guerra é muito presente em nossas vidas, e que somos mais responsáveis por elas do que supomos. A partir daí criamos a sinopse do filme. Com o passar dos dias, alguns alunos abandonaram o acompanhamento do CRAS, o que prejudicou o andamento do trabalho. Com isso, os remanescentes mudaram a ideia original e criaram um filme de terror e suspense sobre um abandono.

Foi na produção do curta "Ninguém Vai Embora" que o gosto pela oficina se consolidou. Logo que começamos a criar o filme, os alunos trouxeram lendas e acontecimentos sobrenaturais supostamente ocorridos na cidade. Essas histórias foram utilizadas para alimentar o enredo. Definido o roteiro e os personagens partimos para a parte prática. Na semana marcada para iniciarmos as gravações, fui surpreendido pelo empenho dos tripulantes da aventura. Cada um trouxe seu figurino de casa e todos se revezaram na organização dos materiais necessários.

E assim partiu-se para a gravação. O filme começava com a viagem de um casal por uma estrada deserta. Um dos alunos sugeriu que essa cena fosse gravada em uma estrada próxima à sua casa, já que essa se localizava em uma zona rural do município e o tráfego de veículos e pedestres não era intenso. Chegando ao local, os alunos precisaram resolver o primeiro desafio técnico: como fazer parecer que o motorista do carro era o aluno? Com a ajuda da assistente social, resolvemos o problema. Enquanto ela dirigia o veículo, gravamos o plano em que mostrava apenas a personagem dialogando com o motorista, no caso o aluno, que respondia em *off*. Quando o carro freia bruscamente, por uma falha mecânica, mostramos o aluno saindo do carro e dando sequência a ação. Toda essa cena e problema mecânico demorou uma manhã para ser executada. Os alunos perceberam a importância da concentração durante o processo, afinal uma cena curta demora muito para ficar pronta, além de exigir disponibilidade de toda a equipe.

Na semana seguinte, o local escolhido para a gravação foi o Morro da Embratel, maior ponto turístico do município. No "morro" como o lugar é chamado pelos moradores locais, os passageiros do veículo e dois transeuntes que se ofereceram para ajuda-los passam a noite em uma floresta e são surpreendidos por uma criatura assombrada.

Chegando ao local, avistamos um lindo cenário, coberto por uma neblina espessa. Apenas as pontas dos morros podiam ser vistas. Ao ver essa imagem, um dos alunos comentou:

- Parece o mar, né "sor"? Um mar cheio de ilhazinhas...

Foi necessário sorrir com aquela observação. Impossível não lembrar que os primeiros meses de trabalho foram como estar de frente para um grande arquipélago.

Durante as filmagens, os olhares permaneceram atentos. Todos preocupados e envolvidos com o projeto. Tinha que dar certo. Os alunos queriam pegar a câmera, gravar uma cena, dar dicas aos colegas. Impossível creditar a direção a um aluno, apenas. Todos, sem exceção, contribuíram com as gravações.

No final da manhã, a neblina havia desaparecido, e foi possível visualizar toda a região. Já não haviam mais ilhas naquela paisagem. E nem naquela turma. Finalmente éramos uma equipe.

Filme pronto. Hora de se assistir. E se deixar assistir.

No dia da exibição para os colegas da escola e para as autoridades do município, os alunos não escondiam a ansiedade. Era o momento de serem reconhecidos por aquilo que sabiam fazer. No semblante de cada um, eram sorrisos e mais sorrisos.

Durante o 44º Festival de Cinema de Gramado, o Projeto Educavídeo organizou uma mostra de cinema estudantil. Era o momento de os jovens, moradores de uma cidade que não possui sala de cinema e nem edifício teatral, participar de um festival de cinema reconhecido internacionalmente. Foi de uma alegria sem tamanho! Afinal o trabalho estava sendo reconhecido, não só pelas autoridades da cidade, mas por muitos profissionais do cinema, do país. Tal fato fez com que e o projeto fosse destaque na imprensa local, que enfatizou a importância de trabalhos realizados com os adolescentes.

Nas semanas seguintes a turma recebeu mais integrantes, devido à repercussão do trabalho, na cidade. Era o momento de assumir novos desafios e novas experiências com o grupo, que naquele momento já havia o dobro de integrantes. Começamos então a elaborar o roteiro de um novo curta-metragem. O novo grupo retomou a ideia de falar sobre a guerra, desta vez sobre uma nova roupagem.

Os alunos criaram a partir de improvisações e conversas que tivemos ao longo do ano o roteiro do filme "A Resistência", uma guerra entre homens e mulheres em busca da igualdade de gênero. A história dos personagens ganhou elementos da vida real. Assim, cada um participou relatando seus medos, abandonos, sonhos e planos. Como cenário escolhemos homenagear os artistas locais e então gravamos cenas no Casarão do mágico Eric Chartiot e no atelier do artista plástico Flávio Scholles, ambos no interior do município. A experiência de gravar em dois locais - que pulsam arte - foi enriquecedora. O trabalho sensível, de ambos os artistas, se espalhou feito um vírus, fazendo com que os alunos usassem o clima daquelas construções e obras de arte, para narrar a história de seus personagens.

Percebeu-se como o título do filme produz efeitos sobre o processo de produção. O primeiro desafio foi falar sobre um tema espinhoso e atual: a desigualdade de gênero que vitima milhares de mulheres todos os anos no Brasil e no mundo. Em um país que discute um projeto de lei que amordaça a escola, colocar alunos adolescentes para discutir o machismo e como ele destrói a sociedade é um processo de desenvolvimento da consciência sobre a desigualdade de gênero.

Foi muito interessante perceber como o machismo está arraigado na sociedade e como ele se manifesta de maneira devastadora no ambiente escolar. Utilizar o cinema como ferramenta de denúncia e reflexão foi importante para que os alunos pudessem expor sua concepção sobre o tema. Foi possível perceber como os alunos possuem maneiras únicas e sublimes de expressão: com as ferramentas que eles possuíam (bem precárias, diga-se de passagem), conseguiram exprimir de forma leve, e não menos potente, tudo que eles pensam sobre o machismo e sua estrutura.

Por conta do filme, os alunos pesquisaram sobre o movimento feminista, a estrutura machista e patriarcal e todos os aspectos inerentes ao tema proposto. Poderiam ter aprendido isso de outra forma? Com certeza. Existem milhares de ferramentas pedagógicas, mas creio que nenhuma delas teria tanta capacidade de envolver os alunos de hoje, como o cinema. Numa era onde os adolescentes tomam os espaços de produção audiovisual através de canais no *YouTube* e atingem milhões de visualizações, a linguagem audiovisual não pode mais ser vista como mero entretenimento ou atividade extracurricular. A escola ou espaços de educação não formal precisam entender e utilizar o

audiovisual como ferramenta pedagógica. É preciso que saibamos aliar as tecnologias acessíveis aos alunos ao seu processo de ensino-aprendizagem. É preciso que, enquanto educadores, saibamos reconhecer que o audiovisual pode ser a ferramenta em que os alunos revelem qualidades e aptidões nem sempre valorizadas pela educação tradicional. É preciso que saibamos, ainda, abrir o espaço necessário para o desenvolvimento desses alunos.

Ainda sobre a produção dos filmes, é preciso destacar a participação dos alunos no 2º FECEA (Festival de Cinema Escolar de Alvorada), onde foram indicados a 8 prêmios. Foram elas: MELHOR MIX DE SOM, MELHOR PRODUÇÃO e MELHOR DIREÇÃO para Ninguém Vai Embora. MELHOR ATRIZ COADJUVANTE para Djuly Fischborn, MELHOR ATOR COADJUVANTE para Luís Felipe K. Pereira, MELHOR ATRIZ, para Indiara Ferreira, MELHOR ROTEIRO e MELHOR FILME para A Resistência.

O fato de termos sido indicados em tantas categorias já havia nos deixado muito feliz, mas na noite do dia 19 de novembro de 2016, tivemos muitas surpresas. Recebemos três prêmios, além de uma menção honrosa pelo uso da linguagem audiovisual, no ambiente escolar. Os prêmios foram para Djuly Fischborn como Atriz Coadjuvante, Melhor Roteiro para A Resistência e Melhor Desenho de Som para "Ninguém Vai Embora". Mas o maior prêmio foi ter a presença dos pais na premiação. Sim, a presença e o apoio dos pais é algo que os adolescentes atendidos pelo CRAS sentem muita falta e o fato de ter seus familiares prestigiando o êxito de seus trabalhos foi uma honra e uma alegria para aqueles alunos que finalmente puderam mostrar suas aptidões. Além disso, mais uma vez a arte mostrou que a saída para os nossos desafios é a educação e a valorização da cultura como ferramenta de transformação social.

O ano de 2016 foi encerrado com dois curtas produzidos, participação em duas mostras, oito indicações e três prêmios. Foi um ano promissor e muito produtivo.

Em 2017, os trabalhos foram reiniciados com uma turma maior. Para isso, foi necessário estabelecer uma missão: aumentar a participação dos alunos em todas as partes do processo, para que os filmes tenham cada vez mais o estilo dos alunos.

Nesta nova realidade, foi preciso criar um calendário de aulas teórico-práticas para que os novos alunos tivessem acesso ao conteúdo todo. Assim organizamos alguns workshops temáticos. No primeiro deles, sobre roteiro, foram apresentadas algumas teorias sobre o assunto, como A Regra dos três atos, os Beats, entre outras. A partir disso, formaram-se três grupos, que começaram a criar os seus roteiros. Nos workshops seguintes foi introduzindo os conteúdos de direção de arte, fotografia e etc; e, em cada rodada, os alunos planejaram seus curtas.

Ao final dessa etapa, os alunos desenvolveram três curtas-metragens. Um de comédia, denominado "Recrutando Babacas"; um de drama, denominado "Milagres Acontecem?" e outro de suspense, chamado "Horror Story".

Percebeu-se, com esses curtas, que a missão almejada no início do ano foi cumprida. Houve um grande aumento na participação dos alunos em todas as etapas da produção e através deste esquema foi possível identificar as aptidões de cada aluno para cada função. Alguns demonstraram grande interesse em roteirizar e dirigir os curtas. Já outros preferem mesmo atuar, enquanto existem aqueles que preferem o trabalho de bastidores, auxiliando na confecção de cenários e figurinos, bem como na maquiagem. De uma forma ou de outra, se percebe que todos exercitam o aprendizado de maneira eficiente.

Com este trabalho, foi possível reafirmar que o cinema é um importante agente no fortalecimento de vínculos, uma vez que a colaboração mútua que o cinema exige e um meio facilitador neste processo. Hoje, já no segundo ano à frente deste projeto, tem-se a clara percepção do papel do professor, que é muito mais no sentido de facilitar o acesso do aluno ao aprendizado do que professar propriamente dito. O Projeto CINECRAS me mostra a cada novo plano que a saída é realmente a educação básica e pública de qualidade que acredite no trabalho e no potencial dos alunos, que valorize e respeite cada indivíduo a partir de sua história e da história do país.

O TEOREMA DE PITÁGORAS E A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Camila da Silveira Silvério
prof.camila.silverio@gmail.com

A Matemática é uma das disciplinas mais temidas pelos alunos. Pensando em trazer o conteúdo para perto deles e usar as ferramentas que os jovens têm mais acesso hoje em dia, além de tornar o aprendizado mais significativo, resolvi utilizar a produção de vídeo em 2014 com minhas turmas de 9º ano, após realizar um curso de vídeo no NTM (Núcleo de Tecnologia Municipal) em São Leopoldo.

Como tenho pós-graduação em Mídias Digitais, achei interessante unir esses conhecimentos e propus a eles que criassem vídeos sobre o Teorema de Pitágoras.

O tema foi dividido em 3 tópicos:

- Quem foi Pitágoras;
- Demonstração do Teorema de Pitágoras;
- Aplicações do Teorema de Pitágoras.

As turmas foram divididas em grupos de no máximo 4 componentes e os temas foram sorteados entre eles. Obviamente os assuntos se repetiram nas turmas, mas com certeza os trabalhos seriam diferentes. As orientações sobre como fazer o vídeo foram:

- Duração dos vídeos entre 5 e 8 minutos, pois vídeos muito longos são cansativos;
- Ser claro e criativo;
- Ter informações corretas.

Eles tiveram total liberdade de como fazer e o que fazer e tinham três semanas para entregar o trabalho. Durante esse tempo, fui trabalhando com os alunos o Teorema de Pitágoras juntamente com exercícios. Assim eles teriam uma base para produzirem o vídeo.

Na data prevista, eles entregaram os vídeos por Bluetooth, pen drive ou por e-mail. O que me impressionou foi a criatividade de alguns grupos e o esforço de outros para realizarem a tarefa.

Percebi muitas diferenças no trabalho: alguns grupos nunca haviam produzido um vídeo. Já outros tinham experiência em edição, pois usavam aplicativos de celular.

Tivemos grupos que não atingiram os objetivos propostos: fazendo vídeos onde eram simplesmente lido o texto; outros filmaram com o celular virado, gravando de lado, ou então, erros nas explicações.

Após a entrega de todos os vídeos, fizemos uma sessão com todos os alunos e debatemos sobre o assunto:

- Quais foram os pontos positivos e negativos dos vídeos?
- Foi difícil produzir o vídeo?
- O que vocês aprenderam?
- Se alguém de fora da turma assistisse os vídeos, entenderiam o conteúdo?

O mais importante foi a fala dos alunos afirmando que nunca mais esqueceriam o Teorema de Pitágoras e que isso ficaria para sempre na mente deles, depois de tudo que fizeram.

Os vídeos foram exibidos na feira de conhecimentos da escola em que eu estava lecionando naquele ano e foram elogiados pelos demais professores pela criatividade e trabalho diferenciado.

Este ano estou lecionando na EMEF João Belchior Marques Goulart e como a escola já trabalha com o projeto de curtas-metragens, resolvi fazer esse mesmo trabalho com os nonos anos da escola. Em outubro eles entregarão os vídeos e poderei acrescentar no meu relato, como foi essa experiência com alunos que já tem prática na edição de vídeo.

Penso que tornar a matemática algo mais atrativo e dentro da realidade deles, pode contribuir com o aprendizado e com a desmistificação de que a disciplina é tão temida e odiada pela maioria dos alunos.

O QUARTETO GUASCA – APRENDIZAGENS COM OS HERÓIS DE GALPÃO

Roberto Silva da Silva[1]
cineastaroberto@gmail.com

Simões Lopes Neto é considerado o decano da literatura rio-grandense. Fato. Mas, um século após sua morte, suas personagens gauchescas ainda povoam o imaginário do antigo continente de São Pedro do Rio Grande do Sul. Na verdade eles se encontram latentes por uma chama crioula virtual. A literatura como um todo vive uma situação assim, basta ver os super-heróis do cinema e notaremos referências diretas os clássicos da literatura.

Para produção fora necessária uma pesquisa que começou com os contos gauchescos, perpassou pela historiografia do Rio Grande do Sul e as lendas gaúchas que fundamentaram a obra "Lendas do Sul" do autor pelotense. Por fim, o vocabulário fronteiriço foi o último desafio.

Dentro uma proposta de promoção da leitura regionalista, propusemos a produção de um curta que dialogasse com esta. Aproveitando a estrutura do Núcleo de Vídeo Terra Cambará, do Colégio Estadual Augusto Meyer, nasceu o argumento para o curta-metragem "O Quarteto Guasca". Trata-se de uma história antes da história. O encontro de Blau Nunes, João Cardoso, Tudinha e o Negro Bonifácio num galpão no meio do nada no interior de Pelotas, dez anos antes da proclamação da República.

Nossos protagonistas se deparam com um pobre frade atormentado pela alma de Nhgapitã, secular demônio guarani. A produção começou no início do ano letivo com a montagem da equipe de produção; seguido de ensaio do elenco; após a seleção das locações para gravação; as gravações em si e finalmente a edição e exibição pública do curta. Ao todo, foram 26 estudantes envolvidos na realização do filme e dois professores.

No início do mês de março, com o início das aulas, o grupo fora montado para a produção. Estudantes dos três turnos foram convidados. No elenco estava o maior desafio, uma vez que um dos atores tinha que ser negro. Surpreendentemente esta foi à primeira questão resolvida. Em abril foi feita uma intensiva formação em cinema. Oficinas de roteiro, de direção de arte, de fotografia para cinema, de edição e de atuação. Seguidas por mini seminários sobre a vida e obra de Simões Lopes Neto.

Nos mês de maio foi realizada a preparação do elenco. Era preciso preparar os alunos para se comportar como indivíduos do século XIX. Na verdade, indivíduos rurais do desta época. Partindo do pressuposto das peculiaridades de cada personagem – que têm especificidades que precisavam remeter à obra original – fundamentais para o convencimento na tela no produto final. Para isso, havia um horário especial somente para preparação do elenco. Orientados pelo professor com leitura dramática e debate sobre cada cena e sua relação com o texto que originou a história.

Em junho dedicou-se mais à produção propriamente dita. Primeiro a confecção de figurinos e na agenda de gravações. Tivemos aqui dois grandes desafios: fugir do clichê tradicionalista da pilcha estilizada e equacionar os tempos extras dos integrantes do grupo com as locações, principalmente as que eram fora da escola. Foi convidado um cenógrafo do grupo de teatro local para ajudar os alunos de figurino para compor as roupas. A equipe de direção de arte queria uma roupa personalizada para cada um. Decidiram isso porque queriam os protagonistas como super-heróis do pampa. Blau Nunes

---

[1] Professor do Colégio Estadual Augusto Meyer, Coordenador do Núcleo de Vídeo Terra Cambará.

deveria lembrar um mensageiro, ou chasqueiro, João Cardoso um peão com um pala grosso para lhe proteger das longas viagens e uma mateira rústica a tira colo, Tudinha como uma bandoleira com um sobrevestido de couro para encarar a lida do campo e Bonifácio um lanceiro negro desgarrado, com um pala vermelho que remetesse a este período da historiografia gaúcha.

No tocante à produção executiva, os alunos conseguiram dois *set's* importantes para locação: o galpão crioulo da escola e um sítio na zona rural de Barra do Ribeiro. Sensibilizados pelo projeto, os proprietários da fazenda liberaram os cavalos para que fossem usados nas filmagens. Ainda assim, a variável tempo ainda incomodava, porque os alunos eram de três turnos diferentes. Decidiram, por votação de assembleia, que gravariam as internas de galpão nas férias de inverno e na primeira semana de volta das aulas as cenas externas em Barra do Ribeiro.

As gravações duraram, em média, dez horas nos dois dias. Era preciso montar o cenário, preparar o elenco, afinar a luz e posicionar as câmeras. Além de elementos cênicos que precisavam passar veracidade. Por exemplo: o fogo de chão deveria estar sempre aceso e a segurança do galpão deveria ser cuidada. Todas estas conclusões de prevenção de incêndio e de continuidade de cenas foram tiradas dos alunos.

O processo de edição teve duas etapas: de vídeo e de áudio. A edição de vídeo foi feita em dois sábados, durante o dia inteiro. Os alunos puseram efeitos especiais e equilíbrio de cor. Foram usados os programas *Adobe Premiere Pro CS5* e *Adobe After Effects*. O professor ensinara os comandos básicos e os estudantes desbravaram as outras ferramentas. A edição de áudio foi feita em um estúdio terceirizado que os estudantes custearam.

Fazer o *Quarteto Guasca* proporcionou aos estudantes uma imersão única no imaginário de Simões Lopes Neto. Foi possível entender os meandros e os perfis psicológicos que caracterizaram estas personagens basilares da literatura rio-grandense. Notamos uma valorização da identidade gaúcha por parte dos alunos que se aprofundaram mais na literatura gaúcha. Indo além do que o tradicionalismo ensina. Por fim, O *Quarteto* teve o reconhecimento do público sempre que exibido, sendo ovacionado desde o lançamento do seu trailer, no festival de Gramado.

"O Quarteto Guasca" ganhou um total de treze prêmios em festivais estudantis. Também é usado como referência para as aulas de neo regionalismo no pré-modernismo nas aulas de literatura.

TIME F

Edson Dionísio[1]

Eu sou Edson Dionisio e trabalho como professor da rede pública da cidade do Rio de Janeiro. Em outubro de 2015 comecei a trabalhar como professor de Ciências na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, mais precisamente na Escola Municipal Finlândia, no bairro de Jacarepaguá.

Ano passado durante uma aula de Estudo Dirigido com uma turma de 9° Ano, decidi filmar um dos alunos que estava realizando um experimento. O vídeo ficou muito bom e por isso eu falei com a coordenadora pedagógica da escola, dizendo que seria interessante colocar o vídeo no blog. Entretanto, a coordenadora me explicou que não era possível colocar o vídeo no blog e que seria necessário criar um canal no *Youtube* para poder postar o vídeo. Sendo assim, ela então criou o canal.

Após a criação do canal eu fiz a publicação do vídeo e algum tempo depois decidi juntar as fotos das aulas do ano anterior para poder criar um vídeo de fotografias. Dessa forma, eu criei um vídeo de fotos sobre uma avaliação prática sobre Reino Animal que eu havia feito com as turmas do 7° ano.

Esse foi o primeiro vídeo de fotos que eu fiz para o canal. Depois de criar o vídeo contendo fotos dessa avaliação prática, eu passei a filmar os demais alunos fazendo experimentos com mais frequência. Com o passar do tempo a qualidade das aulas e das produções foi aumentando cada vez mais.

Com a intenção de realizar a divulgação dos trabalhos realizados na escola, eu criei as redes sociais (página do *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*). O trabalho foi crescendo e resolvi montar uma equipe, formada pro 6 alunos que, juntamente comigo, realizavam a administração das mídias de divulgação dos trabalhos da escola.

Esta equipe passou a ser chamada de TIME F. Após alguns meses o TIME F, além de administrar as redes sociais da escola também passou produzir vídeos para o canal da escola no *youtube* e vídeos para outros professores também.

Pensei que seria interessante criar vídeos contendo entrevistas acerca de alguns projetos diferenciados desenvolvidos pelos colegas. Dessa forma, escolhi duas alunas do grupo para atuarem como entrevistadoras e dei início aos trabalhos. Alguns vídeos já se encontram no canal da Escola Municipal Finlândia. O último trabalho realizado nessa linha de atuação foi uma série de 3 vídeos sobre os espaços temáticos da Escola.

Antes do TIME F ser formado o canal da Escola Municipal Finlândia no *youtube* já existia. Entretanto, havia apenas vídeos das aulas de Ciências do Prof. Edson. Após a formação do Time F, o professor achou que seria interessante usar os alunos da equipe para produzir vídeos de entrevistas para divulgar as atividades da escola de forma audiovisual também e não apenas através de fotos. Dessa forma, os vídeos do canal são filmados, editados e apresentados pelos integrantes do Time F.

---

[1] Professor de Ciências Unidade Escolar: Escola Municipal Finlândia. Emails: dionisiobqm@gmail.com e edson_dionisio.1988@hotmail.com.

No 2° trimestre deste ano o canal da escola passou a ter um quadro semanal chamado DICAS DA GABBIE. Neste quadro, toda semana a aluna Gabrielle Souza, membro do Time F, dá dicas relacionadas a higiene, ao meio ambiente, a preservação do espaço escolar, fala sobre a importância do respeito as leis de trânsito, entre outras dicas. Enfim, o quadro contém mensagens que buscam conscientizar as pessoas acerca de questões diversas tendo como público alvo não apenas as pessoas vinculadas à escola, mas a comunidade como um todo.

Outro quadro semanal presente no canal da escola é quadro FATO OU BOATO com a aluna Laiane Marinho. Neste quadro a Laiane aborda questões que muitas vezes são bastante difundidas, mas não esclarecidas, como por exemplo, a ideia que muitas pessoas têm de que comer doce demais causa verminose ou a visão de que achado não é roubado. O quadro ajuda a desmistificar muitos equívocos.

Além dos dois quadros semanais mencionados o canal do *Youtube* da escola possui muitos outros vídeos apresentados pelos integrantes do TIME F. Confira abaixo:

CANAL DA ESCOLA MUNICIPAL FINLÂNDIA:
https://www.youtube.com/channel/UCjMNHvO7Vvkno7e2wbj-E8A

PUBLICAÇÃO A RESPEITO DO TRABALHO
http://www.rioeduca.net/blogViews.php?id=6579

REPORTAGEM DA TV BRASIL
http://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2018/07/alunas-viram-youtubers-e-divulgam-conteudos-de-sala-de-aula

TV CAMARA (RJ)
https://www.facebook.com/escolafinlandia/videos/2087640944835851/

A PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Mariana Linck Wasum[1]
marianalinckwasum@gmail.com

O presente relato tem como objetivo descrever o trabalho desenvolvido pela autora deste relato, professora de Língua Inglesa da rede pública municipal de São Leopoldo, na produção de um curta-metragem estudantil, intitulado "Amores Impossíveis", em 2016.

Visto que o ensino de uma língua estrangeira em escolas regulares, principalmente públicas, vem sendo um grande desafio para os educadores no que se refere à motivação, interesse e participação efetiva dos alunos durante tais aulas; torna-se evidente a necessidade destes em visualizar e conseguir relacionar o que estão aprendendo com o ambiente em que vivem, é como se eles transferissem tudo o que aprendem para o seu próprio conhecimento de mundo, fazendo assim uso de seu *background*. Sendo assim, pensou-se em propor para os alunos um projeto na aula de Componente de Inglês, no qual eles foram desafiados a produzir um "filme" baseando-se no clássico "Romeu e Julieta", de William Shakespeare.

Então, como já mencionado anteriormente, o intuito deste projeto era oportunizar um maior contato com a língua inglesa de uma maneira diferente e contextualizada, para que os alunos percebessem a importância da língua em um uso real, no caso em questão, através de uma atuação. Diante disto, cabe ressaltar a maneira com que Wicks (2000) refere-se ao trabalhar com projetos:

> [...] Criando algo, os alunos usam o Inglês como uma ferramenta e veem o quão flexível e útil ele pode ser. O mais importante de tudo, os projetos oferecem uma chance de acharem sua própria voz e fazerem alguma coisa significativa e divertida com a língua que eles estão aprendendo. (WICKS, 2000, p.09). (tradução livre)[2]

A partir desta visão que o trabalho referido foi desenvolvido, dando voz e autonomia para que os alunos produzissem suas histórias, e também levando em consideração todos os desafios pré-existentes para a realização de uma produção audiovisual em língua inglesa, tendo para isto apenas dois períodos semanais. Como eram alunos de 7º ano do Ensino Fundamental, foram necessárias várias aulas com conversas e debates para que chegássemos a um entendimento comum da real proposta do projeto. Enfim, quando conseguimos decidir sobre qual história de Shakespeare iríamos nos embasar, a turma foi divida em grupos para que cada um criasse, em português primeiramente, uma narrativa com o tema "um amor impossível". Logo após estas produções, foi disponibilizado um espaço para que houvesse um compartilhamento entre os grupos e para que, na mesma aula, fossem eleitas as duas melhores histórias; as quais, na aula seguinte, foram traduzidas no grande grupo com o auxílio da professora. Segundo Douglas H. Brown (2001), essa interação é de extrema importância no processo de aprendizagem dos alunos, pois toda interação é uma troca colaborativa e recíproca entre duas ou mais pessoas.

Sendo assim, continuou-se com a produção do roteiro para as gravações, levando em consideração: local, figurino, ensaios, dentre outros aspectos necessários para que pudéssemos dar início às filmagens. Como eram duas histórias de contextos bem divergentes, foi decidido que seriam gravadas em dias diferentes. Como esta foi a primeira experiência em uma produção audiovisual em

---

[1] Professora da EMEF João Carlos Von Hohendorff, situada na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

[2] [...] By creating something, students use English as a tool and see how flexible and useful it can be. Most important of all, projects offer teenagers a chance to find their own voice and do something meaningful and entertaining with the language they are learning.

inglês, na primeira história que gravamos, foi decidido que esta seria toda narrada, não contendo falas. Já na segunda, houve um pouco de cada, narração e falas de alguns personagens. A parte mais técnica da produção, quais sejam captação de imagens e edição do filme, foi realizada em parceria com a professora Cristina Domingues Lemos, responsável pelo Espaço Virtual de Aprendizagem Multimídia (EVAM) da escola.

Cabe ressaltar que durante todo o processo de desenvolvimento de nossa produção foi levado em consideração o trabalhado sob uma perspectiva sociocultural, a partir da visão de Vygotsky (1991), que denomina de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) a distância entre o nível de desenvolvimento real, no qual o aluno consegue resolver os problemas sem o auxílio de outra pessoa; e o nível de desenvolvimento potencial, no qual o problema é resolvido com o auxílio de outra pessoa, geralmente mais experiente.

Então, torna-se pertinente afirmar que a produção audiovisual desenvolvida neste projeto contemplou um processo de aprendizagem que priorizou o crescimento dos alunos, oportunizando que estes explorassem a língua inglesa através de um viés mais divertido e descontraído, podendo, desta maneira, desenvolver uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. No mesmo ano da produção (2016), nosso resultado final, ou seja, o curta-metragem "Amores Impossíveis" participou do *II São Léo em Cine*, festival de vídeo estudantil das escolas municipais de São Leopoldo, recebendo o prêmio de "ator revelação" para o aluno Gabriel Lottermann. A partir disto, também fomos convidados (eu, professora Mariana, e o aluno Gabriel) a participar de uma palestra sobre inclusão na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), através de um relato oral, visto que este aluno que fez o ator principal tem Síndrome de Down.

Ao que versa uma aprendizagem situada, fica evidente que o legado deixado por este projeto foi de extrema importância na relação ensino-aprendizagem dos alunos envolvidos, bem como um grande crescimento para mim, pois este foi apenas o primeiro contato com produções audiovisuais que tive em minha carreira profissional. Baseado neste crescimento destaca-se a citação de Santos e Gherardi (2009):

> […] é de se concordar que o aprender não é apenas um exercício de ler e recitar fatos, mas em ganhar um profundo "insight" de eventos e situações. Isto é onde a dramatização torna-se uma ferramenta inestimável. Através do uso da dramatização, um professor não apenas ensina e aprende o "o que" mas também o "por quê" e o "como". (GHERARDI, 2009, p.95). (tradução livre)[3]

Diante do exposto, fica claro que o ganho com todo este trabalho realmente torna-se incalculável, uma vez que o projeto atingiu seus objetivos primários em relação ao efeito causado no envolvimento destes alunos com a língua inglesa. Seguindo esta motivação, neste ano, 2017, duas turmas quiseram participar do mesmo projeto de criação de um curta-metragem na disciplina de Componente de Inglês.

Referências

BROWN, D. H. *Teaching by Principles: an Interactive Approach to Language Pedagogy.* Addison Wesley Longman. San Francisco State University. 2001.

[3] […] it has been agreed that learning is not only an exercise in reading and reciting facts, but in gaining a deeper insight of events and situations. This is where drama becomes an invaluable tool. Throught the use of drama, a teacher does not only teach and learn the "what" but also the "why" and "how".

SANTOS, C. M. C. da C.; GHERARDI, M. R. M. Teachers on Stage – That Is Still In Vogue! In: SARMENTO, Simone; FREITAS, A. L. (org.). *O Ensino do Inglês como Língua Estrangeira: Estudos e Reflexões II*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, P. 95.

VYGOTSKY, L. S. A *Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 4ª ed. – 1991.

WICKS, M. *Imaginative Projects*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 9.